

**LEONI MASSOCHINI FRIZZO**

**INDUSTRIALIZAÇÃO DE CAXIAS DO SUL:  
DA GÊNESE ÀS EXPORTAÇÕES**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
SÃO PAULO**

**1997**

**LEONI MASSOCHINI FRIZZO**

**INDUSTRIALIZAÇÃO DE CAXIAS DO SUL:  
DA GÊNESE ÀS EXPORTAÇÕES**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Geografia.

Orientador: Professor Doutor Armen Mamigonian

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
SÃO PAULO**

1997

## **Ficha catalográfica**

FRIZZO, Leoni Massochini

Industrialização de Caxias do Sul: da gênese às exportações.

Tese - Universidade de São Paulo.

Curso de Pós-Graduação em Geografia.

493 p. 1 v.

1. - A origem e desenvolvimento do Setor Industrial de Caxias do Sul e as transformações econômico - espaciais. 2. A competitividade das firmas líderes em exportação em Caxias do Sul. 3. Exportações e principais mercados.

LEONI MASSOCHINI FRIZZO

**INDUSTRIALIZAÇÃO DE CAXIAS DO SUL:  
DA GÊNESE ÀS EXPORTAÇÕES**

Tese submetida à aprovação como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Geografia, pela comissão formada pelos professores:

---

Professor Doutor

---

Professor Doutor

---

Professor Doutor

---

Professor Doutor

---

Orientador: Professor Doutor Armen Mamigonian

*Ao meu pai e à memória de minha mãe.  
Aos meus mestres, que ao longo dos anos de estudo  
incentivaram e acreditaram no meu trabalho.  
A todos eles dedico, com carinho, o esforço na busca  
contínua da superação das minhas limitações.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu filho Samuel pela digitação dos meus “hieróglifos”, á Tânia pela revisão no português, á Kelly Bessa pela revisão das normas da ABNT e elaboração dos gráficos, ao Celso pela elaboração dos mapas.

Ao Sr. Luiz Carlos Baguinski, consultor de negócios internacionais da CIC, pelo apoio ao facilitar a obtenção de entrevistas com empresários e outros executivos das firmas locais.

Aos empresários e executivos das firmas estudadas, pelo tempo e atenção dispensados.

Aos funcionários do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Aos dirigentes de sindicatos e outras instituições locais.

Agradecimento especial ao professor doutor Armém Mamigonian, pela dedicação e seriedade com que orientou esta tese, demonstrando confiança em meu trabalho e compreensão para com minhas limitações.

Por fim, não poderia esquecer de agradecer ao Programa da CAPES pela bolsa de estudos que viabilizou a elaboração deste estudo e á Universidade de Caxias do Sul pelo apoio financeiro à pesquisa.

A todos o meu reconhecimento e agradecimento.

## SUMÁRIO

Dedicatória .....	v
Agradecimentos .....	vi
Lista de Figuras .....	xi
Lista de Tabelas .....	xiii
Lista de Quadros .....	xv
Lista de Gráficos .....	xvii
Resumo .....	xviii
Summary .....	xxi
Introdução .....	01
I- A Gênese e Evolução da Indústria em Caxias do Sul .....	38
1.1- As Fases do Processo de Industrialização .....	39
1.1.1- Os Imigrantes e suas Oficinas e Fábricas .....	39
1.1.2- A Consolidação das Indústrias Ligadas a Bens de Consumo Não-Duráveis .....	72
1.1.3- A Transição para a Constituição do Pólo Metal- Mecânico .....	89
1.1.4- Os Impactos do Novo Padrão Tecnológico sobre as Indústrias Caxienses .....	98
1.2- A Evolução dos Principais Gêneros Industriais de Caxias do Sul .....	114

1.2.1- A Produção de Bebidas e de Alimentos .....	115
1.2.1.1- A Produção de Vinho .....	115
1.2.1.2- A Produção de Cerveja .....	131
1.2.1.3- A Suinocultura .....	133
1.2.1.4- Os Moinhos de Trigo e de Milho .....	139
1.2.2- A Produção de Madeira .....	142
1.2.2.1- As Obras em Vime .....	153
1.2.3- A Indústria Têxtil e de Confecção .....	155
1.2.4- As Indústrias de Pólo Metal-Mecânico .....	172
1.2.5- A Indústria Química .....	210
1.3- Considerações sobre a Gênese e a Evolução da Industrialização de Caxias do Sul .....	212
II- A Concorrência e a Dinâmica e Industrial de Caxias do Sul....	216
2.1- Estratégias Adotadas na Concorrência Intercapitalista....	217
2.1.1- O Pioneirismo dos Imigrantes Italianos .....	219
2.1.2- As Estratégias de Acesso às Tecnologias de Ponta	242
2.1.3- A Busca de Eficiência pela Fragmentação das Empresas em Firms Especializadas .....	249
2.1.4- A Certificação da Série ISO 9000: O Passaporte para as Exportações .....	261
2.1.5- Mudanças nas Relações entre Firms .....	273
2.1.6- A Valorização do Saber-Fazer Técnico pelo Capital .....	288

2.1.7- A Dominação do Capital sobre o Trabalho e as	
Instituições Civis .....	305
2.1.7.1- Ideologia e Fraqueza Sindical .....	305
2.1.7.2- A Organização Sindical dos	
Trabalhadores Caxienses .....	315
2.1.7.3- Articulação dos Empresários em	
Instituições da Sociedade Civil .....	329
2.1.7.4 Os Eventos como Marketing do	
Econômico e da Cultura da Região ..	353
2.2- Considerações sobre a Dinâmica Industrial de Caxias do	
Sul .....	357
III- Firms Caxienses no Rumo da Internacionalização .....	360
3.1- Firms Caxienses Líderes em Exportação .....	397
Considerações Finais .....	437
Referências Bibliográficas .....	456
Anexos .....	475
Anexo 1- Caxias do Sul: importações e exportações em US\$ mil .	476
Anexo 2- Incentivos municipais à entidades indústrias em Caxias	
do Sul .....	477
Anexo 3- Exportação das firms de Caxias do Sul em 1992 .....	478
Anexo 4- Os setores líderes em exportação - 1992 .....	478
Anexo 5- Firms líderes de Caxias e diversificação de	
investimentos econômicos .....	479

Anexo 6- Participação do valor da produção industrial de Caxias sobre o valor da produção do Rio Grande do Sul - 1937 a 1935 .....	480
Anexo 7- Firms caxienses líderes em exportação no período de 1989 a 1995 .....	481
Anexo 8- Firms caxienses relacionadas entre as maiores e melhores do país pela Revista Exame - 1995 .....	482
Anexo 9- Firms caxienses relacionadas pela Revista Amanhã entre as principais em vendas no Estado do Rio Grande do Sul .....	482
Anexo 10- Firms caxienses relacionadas no ranking setorial no país pela Revista Gazeta Mercantil - 1995/1996 .....	483
Anexo 11- Posição das firms caxienses no ranking setorial de 1980 pela Revista Gazeta Mercantil .....	484
Anexo 12- Evolução da média mensal do pessoal ocupado no setor industrial de Caxias do Sul - 1951 a 1989 .....	485
Anexo 13- Origem das principais indústrias exportadoras de Caxias do Sul .....	486
Anexo 14 - Questionário .....	487

## LISTA DE FIGURAS

1- Caxias no início da colonização .....	42
2- A arquitetura rural .....	56
3- Funilaria Abramo Eberle em fase de expansão .....	174
4- Estabelecimentos Industriais da Eberle Atualmente .....	175
5- Vista aérea do centro de Caxias do Sul .....	182
6- Marcopolo SA .....	186
7- A Randon na década de 50 .....	192
8- A Randon hoje .....	193
9- A Fras le na década de 50 .....	204
10- Unidades industriais da Fras le atualmente .....	205
11- Randon - rede de vendas e serviços (1996) .....	252
12- Caxias do Sul: Centro Tecnológico de Mecatônica do SENAI .....	302
13- O Centro Tecnológico de Mecatônica do SENAI .....	303
14- Réplica da Abramo Eberle, localizada no alto do edifício sede, centro de Caxias do Sul .....	310
15- Loteamentos irregulares na zona rural .....	356
16- Área de ocupação ilegal .....	356
17- Caxias do Sul - RS: Firms líderes em exportação com filiais e associações, com outras empresas, no exterior .....	387
18- Caxias do Sul - RS: firms líderes em exportação e número	

de ligações com os países .....	415
19- Caxias do Sul - RS: firmas líderes em exportação, com filiais no país .....	421

## LISTA DAS TABELAS

1- Caxias do Sul: evolução da população - 1878/1920 .....	41
2- Localização das atividades econômicas na sede da Colônia Caxias - 1895 .....	42
3- Principais culturas, produtos e número de estabelecimentos rurais em 1920 e 1940 .....	47
4- Caxias do Sul: evolução das fábricas e oficinas - 1892/1926 .	50
5- Estrutura produtiva de Caxias: número de atividades .....	70
6- Evolução do número de estabelecimentos no setor industrial da sede e município de Caxias do Sul .....	85
7- Situação industrial de Caxias em 1937 .....	87
8- Firms vinícolas por forma jurídica e quantidades comer- cializadas em 1973 .....	126
9- Caxias do Sul: exportações de produtos suínos - 1912/1929 ..	137
10- Evolução do setor madeireiro no período de 1899 a 1945 .....	143
11- Investimentos das firmas na qualificação dos trabalhadores	298
12- Grupo de sugestões para o melhoramento do ambiente Marcopolo (SUMAM) .....	298
13- Trabalhadores associados aos sindicatos em 1996 .....	321
14- Participação do setor industrial no emprego em Caxias do Sul - 1980 a 1996 .....	323
15- Cursos promovidos pela Câmara de Indústria, Comércio e	

Serviços de Caxias do Sul - CIC .....	351
16- Evolução das exportações de Caxias do Sul (em US\$ mil) ...	368
17- Destino das exportações da Marcopolo .....	417

## LISTAS DE QUADROS

1- Firmas caxienses líderes em exportação e principais produtos	36
2- O transporte em Caxias do Sul - 1895/1910 .....	61
3- Participação relativa no valor da produção dos 10 principais municípios do Estado do RS em 1937 .....	84
4- Firmas líderes em exportação e diferenciação dos produtos ...	100
5- Incorporações e alterações no controle acionário das firmas líderes em exportação .....	101
6- Caxias do Sul: Firmas com filiais no exterior .....	104
7- Número de empresas por município, relacionadas entre as 100 maiores do Estado pela Revista Amanhã .....	108
8- Exportações do Setor da Madeira em 1912 e 1928 .....	144
9- Grupo De Zorzi .....	147
10-Caxias do Sul: primeiras oficinas e indústrias têxteis e de confecções .....	156
11-Primeiras firmas caxienses do setor têxtil que continuam atuando em 1995 .....	166
12-Empresas líderes em exportação e certificação - Série ISO Série 9000 .....	263
13-Terceirização nas firmas líderes em exportação .....	278
14-Subcontratação internacional no setor da madeira .....	283
15-Emprego: relação entre encaminhamento do SINE e contratações efetivadas pelas firmas de Caxias .....	327

16-Duração dos periódicos locais .....	333
17-Linha editorial dos periódicos locais que circularam até 1988	334
18-Caxias do Sul: situação dos Sindicatos das Indústrias .....	352
19- Principais municípios exportadores do Estado Gaúcho no período de 1989 a 1992 .....	366
20- Investimentos diretos no exterior das firmas líderes em exportação .....	385
21- Investimentos recentes das montadoras de veículos no Brasil.....	392
22- Montadoras de veículos e autopeças de Caxias e região - 1996 .....	393
23- Prestação de serviços e fornecedores potenciais para as montadoras de veículos .....	394
24- Início das exportações nas atuais firmas líderes em exportação .....	405
25- Principais mercados nas exportações da Randon em 1991 e 1994 .....	414
26- Situação no mercado interno e externo das firmas líderes em exportação de Caxias do Sul .....	420
27- Estrutura de comercialização das firmas líderes em exportação .....	429

## LISTA DE GRÁFICOS

1- Caxias do Sul: evolução na participação relativa dos gêneros industriais ligados a bens duráveis e não-duráveis no valor da produção - 1945/1985 .....	81
2- Caxias do Sul: Evolução na Participação Relativa dos Gêneros Industriais no valor da produção - 1950/1985 .....	113
3- Caxias do Sul: evolução no valor da produção na indústria de material de transporte em relação ao Estado do Rio Grande do Sul .....	195
4- Caxias do Sul: importação e exportação (US\$ mil) .....	367
5- Caxias do Sul: setores líderes em exportação - 1992 .....	399
6- Caxias do Sul: média das exportações das firmas líderes .....	400
7- Evolução no valor das exportações da firmas líderes em relação ao total das exportações de Caxias do Sul - 1989/1995.....	432

## RESUMO

As raízes do processo de industrialização de Caxias do Sul - RS estão entrelaçadas com a transposição, via imigração italiana, de um tempo histórico moderno, em uma formação econômico-social ainda dominada por relações de produção atrasadas; com a virtualidade técnica de boa parte destes imigrantes e com a forma de organização de produção nas colônias com base na pequena propriedade fundamentada na forte competição intercapitalista. A forte competição entre as produções locais e regionais resultou na busca contínua de novas técnicas, as quais foram sendo aplicadas ao processo de produção e sua forma de organização, possibilitando ao setor industrial acompanhar, de perto, o ritmo de expansão do sistema capitalista no seu centro. O crescimento das firmas *pari-passu* com as mudanças no sistema garantiu-lhes as condições para competir e se firmar no mercado nacional, o que resultou em alguns municípios industrializados que passaram a constituir-se em enclaves dinâmicos no conjunto. Acompanhando a trajetória do movimento cíclico do desenvolvimento do capitalismo brasileiro, o setor industrial de Caxias tem, até o presente momento, respondido favoravelmente às necessidades de realização da formação econômico-social brasileira, com a incorporação das alterações da estrutura produtiva devidas às mudanças e às alterações no padrão de consumo. Na evolução do processo de industrialização muitas oficinas e fábricas

surgiram em Caxias do Sul, porém poucas foram as que sobreviveram e apenas algumas dentre elas assumiram uma posição de destaque no ranking do seu respectivo segmento. Para estabelecer as transformações pontuais no setor e nos respectivos gêneros industriais foi necessário inserir a economia local no movimento mais amplo de evolução do sistema como um todo, de onde provêm os impulsos e as tendências vigentes em cada momento histórico. Estes, por sua vez, devem ser relacionadas com as particularidades assumidas pela estrutura técnico-produtiva e com as formas históricas assumidas pelas relações de produção ao longo do processo de evolução industrial. Portanto, as metamorfoses sofridas pela economia local vinculam-se, em cada período histórico, com o processo mais amplo de reorganização da economia em função do avanço no processo de industrialização do país e com a especificidade das estratégias de competição desenvolvidas pelas firmas locais. As necessidades de realização de um novo padrão de acumulação encontraram no lugar as condições favoráveis à sua reprodução ampliada, criando uma base para a constituição de fortes grupos econômicos ligados ao padrão de acumulação vigente em cada momento histórico. A localização de um conjunto de condições econômicas, político-ideológicas e sociais favoráveis à reprodução do capital industrial passaram a influenciar nos momentos subsequentes através do crescimento das firmas locais, da atração de novos investimentos e da concretização de associações com grupos econômicos

externos. Por outro lado, os constrangimentos conjunturais dificultaram a expansão da demanda no mercado interno e isto, aliado à política de incentivar as exportações, empurrou parte das firmas para a conquista de novos mercados no exterior. A inserção relativamente precoce de firmas locais no mercado internacional permitiu o desenvolvimento de uma certa logística comercial, o que tem garantido a colocação de boa parte da produção em mais de 80 países do mundo. Com a globalização da economia e a recente tendência de regionalização do mercado mundial, importantes mutações estão ocorrendo na nova ordem em construção, com a mudança na posição relativa dos lugares e dos oligopólios no ranking mundial. As estratégias de acumulação das empresas locais estão se estendendo para espaços geográficos, cada vez mais atingindo os cinco continentes. A mudança na escala de competição tem exigido o desenvolvimento de acordos de cooperação entre empresas para facilitar a entrada em mercados específicos e ter acesso à tecnologias de ponta desenvolvidas no centro do sistema. A necessidade de preservar e ampliar a participação desses novos mercados está sendo acompanhada pela instalação de filiais de produção, comercialização e assistência técnica, facilitada pela remoção das barreiras comerciais, a partir da maior abertura do mercado mundial. Resta acompanhar essa redefinição das estratégias do capital e as formas adotadas na apropriação das condições presentes nos diferentes lugares do espaço geográfico para estabelecer melhor as mudanças em processo na sociedade.

## SUMMARY

The roots to the process of industrialization in Caxias do Sul - RS are intermingled with the transposition from a modern, historical time (through the Italian immigration), when the social and economical structure was still dominated by outdated means of production, to a moment characterized by the technical virtuousness of a great number of those immigrants and by the organization of production in the colonies. Such organization was based in the small property, appropriate for a strong intercapitalist competition. The harsh competition among the local and regional producers resulted in a continuous search for new techniques, gradually applied to the production process and organization. Thus, it permitted the industrial sector to catch up with the expansionist rhythm of the capitalist system in its center. The improvement of the outfits *pari-passu* to the changes in the system assured them the proper conditions to compete and get established in the national market. It led to the foundation of industrialized towns, which started to be dynamic parts in the unit. Tracing the way made by the cyclical movement of the development of capitalism in Brazil, the industrial sector in Caxias has so far been favorably meeting the demands to the Brazilian social and economical formation, by incorporating the changes of the productive structure resulting from the market's novel habits of consumption. In the evolution of the industrialization process, many workshops and factories (only some among them) assumed a

detached position in their segment ranking. So as to establish such qualitative transformations in the sector as well as in their industrial produce, it was necessary to lead the local economy into an ampler movement of evolution, namely, the evolution of the system as a whole. This is where the impulses and trends pertinent to each historical moment come from. And they should be related to the particularities assumed by the technical and productive structure, and to the historical forms assumed by the production relations throughout the process of industrial evolution. Therefore, the metamorphoses through which the local economy passed are connected, in each historical period, to the ampler process of economical reorganization, owing to the steps ahead in the Brazilian industrialization process, and are also connected to the exclusiveness of competition strategies developed by local firms. The necessity of coming up with a new accumulation pattern found favorable conditions in that place for their large reproduction, creating basis to constitute strong economical groups linked to the accumulation pattern characteristic of each historical moment. The placement of a number of economical, political-ideological, and social conditions favorable for the reproduction of the industrial capital started to influence the subsequent moments through the growth of the local outfits, the attraction of new investments and the establishment of associations with foreign economical groups. On the other hand, the embarrassment due to the state of affairs made it difficult for the internal market demands to expand, and this, together with the policy of export encouragement, pushed a certain amount of those outfits

to conquer novel markets abroad. The relatively precocious engagement of such firms in the international market allowed the development of a certain commercial logistics, and that has assured the exportation of a good amount of their production to more than 80 countries in the world. With the globalization of economy and the recent trend for the *sectorization* of the world market, important changes have been occurring in the emerging “new order”, as for the altering of positions of places and oligopolies in the world ranking. The accumulative strategies of local companies spread in a way that, each day, they reach more and more of the five continents. The changes in the competition rates have demanded agreements of cooperation among companies so as to ease their entrance in specific markets, as well as to give them access to modern technologies developed in the center of the system. The necessity of preserving and increasing their participation in those new markets has been accompanied by the installation of branches viewing production, trade and service, which were made easier by the removal of commercial barriers because of the greater opening of the world market. The remaining task is to accompany the redefinition of capital strategies and the attitudes adopted so as to make the present conditions appropriate in the different spots of the geographical space, in a way to better establish the changes in progress in society.

## **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo estudar as estratégias que regem a dinâmica das firmas líderes em exportação localizadas em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul e, ao mesmo tempo, estabelecer as múltiplas determinações do processo mais amplo de concentração e especialização industrial assumida pelo lugar no âmbito do estado e do país.

Apesar do tema central tratar da situação presente e estar delimitado pela investigação de um número reduzido de firmas, privilegiando apenas as líderes em exportação, entendemos que a posição de Caxias do Sul, de segundo pólo industrial do Estado, remete à necessidade de estabelecer o processo mais amplo de sua industrialização. Isto exige uma volta às origens e a tentativa de reconstruir, ainda que de forma resumida, a trajetória da industrialização de Caxias do Sul e a sua inserção na economia nacional e mais recentemente internacional.

Entendemos que para isso é necessário analisar a produção do espaço social local, como forma de avaliar as grandes transformações impostas em todo o território pelo avanço do sistema capitalista e estabelecer como estas se concretizaram de forma particular em Caxias

do Sul.

A análise do tema escolhido pressupõe a necessidade de adotar um método e uma teoria para estabelecer a dinâmica da sociedade em seu processo contínuo de reestruturação no seu desenvolvimento histórico. Com a contínua transformação histórica, métodos e teorias foram sendo superados e outros reconsiderados ou criados pelas novas situações encarnadas ou realizadas na vida social.

Apesar da nova visão “*teórica*” do social, fundamentada na fenomenologia, estar abrindo uma nova perspectiva de análise na investigação da sociedade, o método proposto por MARX<sup>1</sup> permanece verdadeiro, e suas contribuições indispensáveis para pensar a sociedade na sua totalidade.

Embora não se encontre consenso entre os autores na definição precisa do método de Marx, que passou a ser aplicado por alguns de forma a estabelecer autonomização das instâncias em si e entre si com a fragmentação do social, a exemplo do positivismo, isto acabou enriquecendo o debate e criando a necessidade de aprofundar e avançar em novas direções, recorrendo à ajuda da filosofia e epistemologia para superar as ambigüidades que reinam na interpretação de Marx.

---

<sup>1</sup> - MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

Apesar das duras críticas ao marxismo<sup>2</sup>, acreditamos que o método dialético e a teoria marxista ainda se constituem num esquema com categorias capazes de orientar a elaboração do conhecimento e da pesquisa científica, quando devidamente contextualizados no tempo e no espaço.

Para MARX<sup>3</sup>, o conhecimento resulta da construção pelo pensamento e suas operações, de uma “*representação*” mental do concreto (parcela da realidade exterior ao pensamento conhecedor e por ele considerada), através de idéias e conceitos. O ponto de partida para a interpretação e compreensão do método científico está em determinar as relações entre os elementos e o todo, buscando identificar as regras que comandam as transformações da sociedade.

Para PRADO<sup>4</sup> a expressão relação foi utilizada por Marx no sentido de estabelecer como os elementos e situações da realidade exterior do pensamento conhecedor, e que constituem o objeto do conhecimento, se dispõem e compõem em si, no espaço e no tempo.

É essa disposição respectiva, na simultaneidade e na sucessão das relações presentes na realidade, e nela incluídas, que o pensamento busca através de idéias e de conceitos, que constitui a parte

---

<sup>2</sup> - Ver em especial, CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Trad. Guy Reynand. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>3</sup> - MARX, op. cit., p. 15.

<sup>4</sup> - PRADO, Caio. Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista. **Seleção de Textos**. São Paulo: AGB, nº 6, fev. 1979. p. 10.

sistematizada e deliberadamente elaborada do conhecimento científico.

Para MARX<sup>5</sup> o conhecimento não está nas coisas, a exemplo do que ocorre na teoria especulativa tradicional, mas sim nas relações que se estruturam e integram em sistemas de conjunto e que vão constituir, na sua expressão, “*a síntese de numerosas determinações (...) a unidade na diversidade*” o que é, da natureza das relações.

Em suas obras, Marx concebeu a realidade como uma totalidade de partes internamente relacionadas entre si, onde cada uma das partes é considerada como desenvolvendo relações abertas à contingência. Ao adotar uma perspectiva de abordagem a partir da economia política, ele buscou analisar o homem integral determinado por seu ambiente social e histórico concreto.

Autores e interlocutores de Marx têm entendido e interpretado essa totalidade de diferentes modos. Com isto, a teoria marxista integra em seu bojo diferentes influências como a do empirismo, do racionalismo histórico, do funcionalismo, estruturalismo, dentre outras.

HARVEY<sup>6</sup> classifica essas diferentes formas de interpretar a totalidade em três grandes modelos.

---

<sup>5</sup> - MARX, Karl. **Fundamentos de la critique de l'Economie Politique**. Paris, vol. 1, 1967. p. 31. (Publicado pelo Instituto Marx - Engels - Lenin, de Moscou).

<sup>6</sup> - HARVEY, David. **A Justiça social e a cidade**. São Paulo: HUCITEC, 1980. p. 249.

No primeiro, os autores pensam a totalidade como sendo um agregado de elementos, uma simples soma de partes, que se combinam sem serem construídas por alguma estrutura preexistente dentro da totalidade. Neste caso, a estrutura emerge da totalidade e pode ser explicada como algo contingente ao modo pelo qual ocorre a combinação dos elementos.

Para outros autores, *“a totalidade é vista como algo “emergente” que tem existência independentemente de suas partes, ao mesmo tempo que domina o caráter das partes que contém.”*<sup>7</sup>

Esta segunda forma de interpretar a realidade fundamenta-se nas leis que regem o comportamento da totalidade, o que pode ocorrer sem ter referência com as partes.

Na terceira vertente, os autores adotam o princípio da perspectiva relacional, de acordo com a qual não são nem as partes, nem o todo que se explicitam, de um modo que ainda não se conhece, mas são as relações entre as partes que contam.

Nesta proposta de análise o ponto de partida é o de estabelecer a forma como a totalidade está estruturada e como essas estruturas mudam. Para lidar com o problema de mudança não explicitado por Marx, HARVEY<sup>8</sup> introduziu na sua proposta de análise do urbano o conceito de

---

<sup>7</sup> - Ibid., p. 249.

<sup>8</sup> - Ibid., p. 249.

estrutura em transformação desenvolvido por PIAGET<sup>9</sup>, através do qual tornou-se possível analisar a totalidade em estruturação pelas relações que se estabelecem entre elementos dentro da estrutura.

HARVEY<sup>10</sup> situa Marx como adotando esta última perspectiva, que pensa a totalidade enquanto um conjunto de relações entre os elementos, e entre os elementos e o todo. No capitalismo, por exemplo, as relações são interpretadas dentro da totalidade de acordo com o modo pelo qual elas funcionam para preservar e reproduzir o sistema em si. Dessa forma cada estrutura (elemento) reflete dentro de si todas as características da totalidade enquanto instância de uma série de relações dentro do sistema.

Como nem sempre as relações estão em harmonia, as contradições surgem tanto dentro como entre as estruturas, originando os conflitos, que são considerados como molas que impulsionam o movimento de reestruturação, que por sua vez altera a definição, significado e função dos elementos e as relações dentro do todo, originando com isto novas formas de contradição e conflitos.

Porém MARX, ao estabelecer que a base econômica determina as superestruturas jurídico-política e ideológica, estabeleceu a

---

<sup>9</sup> - PIAGET, Jean. *Structuralism*. Nova Yorque: 1970. p. 12.

<sup>10</sup> - HARVEY, op. cit., p. 249.

possibilidade de fragmentação na análise da totalidade e de hierarquização com a priorização da dimensão do econômico sobre os demais.

CASTORIADIS<sup>11</sup>, criticando os marxistas, afirma que a importância central atribuída por Marx ao fator econômico deve ser contextualizada à medida que retrata a realidade histórica do nascimento do capitalismo no século XVII e sobretudo do século XVIII, quando a economia teve, de fato, o seu momento dominante na vida social.

CASTORIADIS<sup>12</sup>, considerado como sendo um pensador pós-moderno em sua obra - **A instituição imaginária da sociedade** -, propõe uma nova visão “*teórica*”<sup>13</sup> do social, que busca conceitualizar as interações e os fluxos que se estabelecem de forma não linear e descontínua entre o todo e as partes.

A exemplo de Marx, ele também coloca a sociedade como objeto central da sua investigação, porém considerando-a como produto de uma instituição imaginária. O imaginário para o referido autor significa a “criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é

---

<sup>11</sup> - CASTORIADIS, op. cit., p. 23.

<sup>12</sup> - Ibid., p. 14.

<sup>13</sup> - A idéia de teoria, no sentido herdado, é considerada por ele como sendo uma ficção incoerente. O que ele se propõe fazer é elucidar o fazer social - histórico. O que ele denomina de elucidação “*é o trabalho pelo qual os homens tentam pensar o que fazem e saber o que pensam*”. (Ibid., p. 14).

possível falar-se de “*alguma coisa*”. Aquilo que denominamos “*realidade*” e “*racionalidade*” são, para ele, seus produtos.<sup>14</sup>

Para CASTORIADIS<sup>15</sup> o agente transformador e criador na história é a consciência humana. “*São as idéias que fazem com que a história avance, idéias acima de tudo técnicas que se tornam operantes a partir do momento que são encarnadas em instrumentos e métodos de trabalho por elas determinada.*”

Essa visão da técnica diverge da de MARX, que a considerou como sendo uma produção relativamente autônoma que resulta de inventos e de inovações casuais.

Hoje, segundo CASTORIADIS<sup>16</sup>, o que se observa é a crescente participação do Estado e de instituições privadas na pesquisa tecnológica, a qual tem assumido, cada vez mais, um caráter de planejada e orientada para objetivos definidos pelas classes dominantes da sociedade.

Novamente CASTORIADIS<sup>17</sup> afirma que a posição de Marx sobre a técnica foi válida para representar um período encerrado da História, que correspondeu ao início do capitalismo, marcado por grandes inventos e

---

<sup>14</sup> - Ibid., p. 13.

<sup>15</sup> - Ibid., p. 33.

<sup>16</sup> - CASTORIADIS, op. cit., p. 31.

<sup>17</sup> - Ibid., p. 42.

inovações casuais e pontuais.

Na sua crítica aos marxistas o autor acima mencionado afirma que, para eliminar o economicismo e fragmentação que dominam nessas análises, não basta considerar as instâncias econômica, política e ideológica condicionando-se reciprocamente de igual para igual. A fragmentação na análise permanece através do alicerce sobre o qual foi construído o esquema de análise da sociedade, dividida em níveis independentes entre si. Também afirma não ser suficiente, pela mesma razão, multiplicar, subdividir ou acrescentar instâncias para tornar menos simplista a análise do atual. Considera a economia, a política e a ideologia como sendo máscaras de um todo indivisível, que escondem atrás de si o pluralismo e as particularidades, que por vezes são específicos de uma sociedade e por isso não encontrados nas demais.

No entanto, CASTORIADIS<sup>18</sup> considera que a distinção entre as dimensões do econômico, do político e do ideológico continuam indispensáveis para o conhecimento da realidade social. O que ele alerta é para o cuidado crítico que se precisa ter quando do contato com as distinções, as quais devem ser contextualizadas e entendidas como produtos da lógica, que o autor batizou de identitário-conjuntistas (fragmentadoras da realidade em partes perfeitamente distintas e definidas e, por vezes, com funcionamento autônomo entre si), que

---

<sup>18</sup> - Ibid., p. 27.

aprisiona e que reina absoluta no imaginário capitalístico.

CASTORIADIS<sup>19</sup> levanta a seguinte questão: em que princípio os autores baseiam-se para estabelecerem uma determinada dimensão como sendo mais “*importante*” que as demais na análise da sociedade?

Para ele o que existe é uma realidade social como um todo, semelhante a um complexo magma com suas diversas faces, historicamente criadas e fluidas, com suas dimensões fundamentais e mutantes de um real socialmente construído.

Mesmo discordando dos marxistas, CASTORIADIS<sup>20</sup> é o primeiro a reconhecer a importância fundamental da obra de Marx para a ciência, no que diz respeito à relação profunda que une a produção e o resto da vida de uma sociedade. Segundo ele

*ninguém, depois de Marx, pode pensar a história “esquecendo” que toda a sociedade deve assegurar a produção das condições materiais de sua vida, e que todos os aspectos da vida social estão profundamente ligados ao trabalho, ao modo de organização desta produção e à divisão social que lhe corresponde.*

Por tudo isso, a reflexão desse autor torna-se um importante alerta para evitar adotar o método e a teoria de Marx como algo acabado, o que petrificaria a realidade social, ocultando-a na sua dimensão de criação continuada. Portanto, uma permanente autocrítica do saber e do fazer

---

<sup>19</sup> - Ibid., p. 27.

<sup>20</sup> - Ibid., p. 30.

científico são indispensáveis a qualquer estudioso da sociedade.

Apesar das duras críticas de CASTORIADIS<sup>21</sup> ao marxismo enquanto método, teoria e conteúdo, muitas das quais consistentes, as propostas fundadas na epistemologia pós-moderna também são ainda insuficientes para dar conta de interpretar a realidade social, na sua crescente complexidade.

Os estudos dos pensadores pós-modernos estão embasados na suposição de que a realidade está estruturada e organizada com base numa trama dinâmica (interações e fluxos) entre o todo e as partes.

Pelos fundamentos desta perspectiva é impossível existir um modelo definitivo de relações ou de “*determinações*” que sejam válidas para toda a sociedade, porque os pontos de ligação destas relações são fluentes e o movimento da história reconstitui e redesenvolve de forma diferente as estruturas sociais no tempo e no espaço.

Na realidade os estudos dos pensadores classificados de pós-modernos ainda estão pouco desenvolvidos, mas já estão sendo seriamente criticados por segmentos de cientistas, sob a alegação de ausência de rigor intelectual nos estudos produzidos, que estariam repletos de indefinidas categorias filosóficas, com o cruzamento de conceitos e especulações ininteligíveis e, quando inteligíveis, implausíveis. Diante desta perspectiva, que privilegia a não linearidade e

---

<sup>21</sup> - Ibid., p. 23.

a descontinuidade, alguns cientistas estão classificando a atual situação da ciência de caótica.

Apesar dos problemas de interpretação do método dialético e das lacunas existentes em muitos aspectos da teoria de Marx, como por exemplo no da concorrência intercapitalista, atualmente essa proposta ainda se constitui no melhor esquema para a análise da dinâmica das firmas líderes em exportação localizadas em Caxias do Sul-RS, especialmente quando se considera a necessidade de uma abordagem interdisciplinar da Geografia, envolvendo assuntos como desenvolvimento econômico, industrialização, concorrência intercapitalista e organização do espaço.

Torna-se indispensável reconhecer que a teoria de Marx, além de incompleta, apresenta alguns problemas de conteúdo e de determinismos no tipo de relação que se estabelece entre as partes, com a priorização do econômico em detrimento das superestruturas. No entanto, é necessário considerar que esta teoria foi construída tendo como cenário um outro momento histórico, e que segundo o próprio MARX<sup>22</sup> *“cada período histórico possui suas próprias leis”*.

Certamente Marx foi o estudioso que mais avançou na tarefa de estabelecer as leis econômicas do movimento do sistema capitalista de produção, considerando-o em sua tonalidade. As proposições contidas

---

<sup>22</sup> - MARX, op. cit.

especialmente na sua obra - **O Capital** - constituem a matriz da formulação das leis econômicas do movimento e das tendências do capitalismo.

De maneira esquemática, as leis apontadas por Marx como sendo as que dão movimento à economia capitalista são:

- a **lei da acumulação**, que exprime a necessidade do capital valorizar-se continuamente, através da geração permanente de uma massa crescente de lucros, como condição de sobrevivência no mercado altamente competitivo e exigente;
- a **lei do aumento da produtividade do trabalho**, que emerge da necessidade do capital aperfeiçoar continuamente sua base tecnológica, como mecanismo de obter lucro extraordinário. A concretização dessa lei se manifesta através das inovações nos produtos, técnicas de produção e de organização do processo de trabalho;
- a **lei da concentração e centralização de capitais**, que tem sua origem a partir da coexistência no mercado de unidades de produção operando com bases tecnológicas diferentes e/ou produzindo para mercados em diferentes ritmos de expansão. Em razão disto, o ritmo de crescimento dos capitais será diferenciado, ocorrendo nos casos bem sucedidos o processo de absorção e/ou eliminação dos

concorrentes no mercado;

- a **lei do padrão cíclico de flutuações da atividade econômica**, que exprime o fato do crescimento da economia capitalista ser instável e oscilar de forma regular e com certa periodicidade.

Essas leis fundamentais surgem a partir do funcionamento da forma social de organização da produção no capitalismo, e dão origem a movimentos que permeiam todos os segmentos produtivos organizados de forma capitalista, ou seja, que utilizam predominantemente o trabalho assalariado e produzindo para o mercado.

Esses movimentos emergem como resultado das contradições nas relações de produção básicas que caracterizam a economia capitalista. As contradições nas relações de produção se dão tanto a nível de trabalhadores e capitalistas, bem como entre outros produtores privados competindo entre si em um mesmo ramo produtivo e, por fim, entre diferentes grupos de capitalistas atuando simultaneamente em uma sociedade capitalista.

A partir dessas contradições básicas, que emergem da interação entre agentes econômicos, surgem as diferentes formas concorrenciais ao nível da produção, da realização e distribuição do excedente econômico.

POSSAS<sup>23</sup> em seu estudo considera que, de modo geral, as leis

---

<sup>23</sup> - POSSAS, Mário Luiz. **Dinâmica e concorrência capitalista**: uma interpretação a partir de Marx. São Paulo: HUCITEC/Campinas: Editora da Unicamp, 1989. p. 53.

econômicas de tendência e movimento do capitalismo descritas por Marx se mantêm sólidas e devem ser consideradas seriamente em qualquer teoria da dinâmica capitalista. No entanto, alerta que estas não podem ser tomadas como “*essências*” das determinações teóricas desta dinâmica, e sim, como referências básicas fornecidas pela dimensão “*histórica*” do tempo econômico.

POSSAS<sup>24</sup> chama a atenção para a necessidade de distinguir entre as leis de movimento ao nível do capital em geral e entre a “*dinâmica*” econômica capitalista específica. Esta última pressupõe a análise dos modos de atuação da concorrência, ao nível do enfretamento dos capitais entre si, no mercado.

O autor acima referido considera que Marx empregou a noção de concorrência apenas no seu sentido mais amplo, isto é, ele não realizou uma análise da concorrência em si. Na sua visão isto torna a interpretação de Marx incompleta, na medida em que omite da sua análise o papel impulsor da concorrência na busca permanente de inovações, as grandes responsáveis pelas transformações contínuas dos produtos e da base produtiva na busca de lucros extraordinários.

Ao reconhecer que Marx “*não disse tudo*” sobre a concorrência, em seus escritos, POSSAS<sup>25</sup> atribui a SCHUMPETER<sup>26</sup> o mérito de ter

---

<sup>24</sup> - Ibid., p. 16.

<sup>25</sup> - Ibid., p. 70.

definido contornos mais precisos para a noção de concorrência ao colocá-la como sendo um processo de ruptura e transformação responsável pelo dinamismo capitalista.

SCHUMPETER<sup>27</sup> ao referir-se à natureza e implicações do processo de inovações, definiu com nitidez a importância que a concorrência ocupa na análise da dinâmica do capitalismo.

Para MARX<sup>28</sup> a concorrência foi vista como estando na base do processo de acumulação e, mais especificamente, de concentração e centralização do capital, enquanto que para SCHUMPETER<sup>29</sup> o motivo fundamental desta é a da busca de vantagens monopolistas (mesmo que temporárias) através da introdução de novos produtos, nova tecnologia, novas fontes de suprimento, abertura de novos mercados ou novos tipos de organização no processo de produção. Isto representa, para SCHUMPETER<sup>30</sup>, uma vantagem decisiva de custo ou qualidade que atinge não só as margens de lucro e o volume de produção das firmas, mas sobretudo garante a sua permanência no mercado. A noção de

---

<sup>26</sup> - SCHUMPETER apud POSSAS, op. cit., p. 70, reconhece em várias passagens a influência que teve de Marx na sua visão de capitalismo como sendo um sistema em movimento, onde o processo de inovação é o seu motor.

<sup>27</sup> - Ibid., p. 70.

<sup>28</sup> - MARX, op. cit., p. 728.

<sup>29</sup> - SCHUMPETER apud POSSAS, op. cit., p. 70.

<sup>30</sup> - SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultura, 1988. p. 48.

concorrência expressa dois aspectos fundamentais: os lucros diferenciais e competitividade a eles associada e o progresso técnico responsável pelas mudanças estruturais nas diferentes dimensões e, em particular, na dinâmica industrial.

Neste sentido fica evidente a necessidade de realizar uma análise microeconômica, considerando-se as decisões dos agentes envolvidos no processo de valorização do capital, a nível de firmas, de mercado e concorrência, sem perder de vista a necessidade de articular a mesma com as formas históricas concretas que as leis de acumulação assumem no tempo e em diferentes lugares. Neste último caso o Estado, enquanto mediador dos conflitos, com certa autonomia de ingerência na economia, constitui-se em agente de intervenção relativamente arbitrário, podendo interferir na definição dos padrões de acumulação e especialmente enquanto alocador de investimentos em infra-estrutura, crédito, incentivos setoriais, dentre outros.

Portanto, o entendimento da dinâmica das firmas líderes em exportação pressupõe pinçar o comportamento do setor industrial daquelas firmas que assumiram uma posição de destaque no plano da *concorrência*, através da colocação de boa parte da sua produção em outros países, e realizar uma análise das estratégias adotadas pelos empresários e da política praticada pelo Estado em diferentes momentos.

Neste caso a escala de análise da concorrência não se limita ao

espaço do território nacional e se transfere para o nível da economia globalizada, onde a constituição dos blocos econômicos de poder constituem-se em mecanismos de defesa do mercado nacional dos países membros contra a invasão de produtos externos.

Portanto torna-se indispensável contextualizar a obra de Marx e evitar prender-se a esquemas rígidos que impeçam de captar as transformações em processo na sociedade no seu desenvolvimento histórico.

A questão é, o esquema de relações aplicado por Marx para analisar a sociedade de seu tempo continua válido hoje?

É incontestável que a realidade histórica atual é outra e que muitas das suas premissas até hoje não se confirmaram, como a do inevitável desmoronamento do sistema capitalista. As contradições, ao invés de implodirem o sistema, foram internamente resolvidas, o que derruba algumas “*verdades*” de Marx - mas, ao mesmo tempo reafirma a força do capital na transformação da sociedade na superação das crises periódicas de superprodução, na criação de novos mecanismos para controlar os conflitos entre capital e trabalho e na melhoria relativa das condições de vida do proletariado em geral.

Hoje, com a extensão do sistema capitalista em escala mundial, pela globalização da economia, é exigido de nós um olhar diferente para

captar as novas configurações que estão sendo desenhadas a partir da superação das distâncias e do tempo, graças aos avanços tecnológicos atingidos pelos meios de comunicações e pela ciência.

Com base nestas ponderações julgamos prudente não definir “*a priori*”, a adoção de um esquema teórico dentro do marxismo, buscando com isso evitar “*vestir uma camisa de força*” e correr o risco de, inconscientemente, adequar o conteúdo a uma teoria já definida para explicar uma realidade específica e não conhecida ainda.

A princípio, buscaremos analisar a sociedade enquanto síntese de múltiplas determinações, o que remete para a necessidade de um contínuo vaivém entre teoria e conteúdo, na medida em que o que se busca é desvendar a realidade, livre de armadilhas ideológicas, que segundo CASTORIADIS<sup>31</sup> o sistema arma no nosso imaginário.

Portanto, será a partir da construção do conhecimento que consideraremos a possibilidade ou não de romper com esquemas pré-estabelecidos e por vezes impregnados de vícios que nada acrescentam para o avanço na análise das atuais transformações do capitalismo.

Para evitar partir de pressupostos rígidos, consideraremos a realidade social em suas várias dimensões como coexistindo entre si através de uma rede de relações sociais nos diversos momentos ou aspectos das atividades sociais.

---

<sup>31</sup> - CASTORIADIS, op. cit., p. 33.

No entanto, a justificativa principal para adotar o marxismo é a de que este método e teoria permitem realizar introspecções importantes a respeito da dinâmica do capital e de sua geografização desigual no espaço.

Porém, considerando que a evolução do sistema capitalista apresenta, em cada sociedade, um quadro específico, de acordo com as relações econômicas e sociais dominantes num determinado momento, é necessário distinguir entre modo de produção e formação econômica e social.

O conceito de formação econômica e social permite traçar um quadro de conjunto da realidade, na medida em que expressa a unidade e a totalidade da instância econômica, política, social e cultural da vida de uma sociedade, no seu desenvolvimento histórico determinado por condições específicas.

O Brasil, enquanto país integrante do sistema capitalista, teve sua articulação com o centro do sistema através das exportações de produtos agrícolas, especialmente com o café, principal produto na pauta de exportações até a primeira metade deste século.

O desenvolvimento do capitalismo brasileiro não seguiu a trajetória das formações econômicas sociais européias clássicas (francês, inglês). O processo de construção do capitalismo teve um cunho agrário,

com a manutenção da estrutura colonial de produção, onde o latifúndio escravista sustentou a economia agroexportadora do café, o que tornou o modelo brasileiro semelhante a que Lenin chamou de "*via prussiana*" de desenvolvimento capitalista. A articulação do Brasil no mercado mundial se deu através da exportação de produtos agrícolas e não de produtos industrializados.

A grande lavoura do café, explorada pelo trabalho escravo, coexistiu com áreas reduzidas, onde se desenvolviam as pequenas explorações agrícolas independentes, como no caso das áreas de colonização na qual Caxias do Sul se insere. Estas áreas de colonização foram responsáveis pela implantação de relações de produção mais próximas das desenvolvidas em países centrais, o que contribuiu para acelerar a expansão das forças produtivas em regiões específicas do país.

Para RANGEL<sup>32</sup>, o Brasil, enquanto formação periférica, sofre mudanças a partir do centro dinâmico do sistema capitalista, em torno do qual gravita a sua economia. Como é a partir do centro do sistema que são gerados os movimentos periódicos, considera necessário inserir a economia do país neste movimento mais amplo, na medida em que é ele o responsável pelas flutuações cíclicas da economia mundial (ver ciclos de Konratieff). A partir do comércio de importação e exportação as economias periféricas são chamadas a participar mais ou menos da

---

<sup>32</sup> - RANGEL, Ignácio. A história da dualidade brasileira. **Revista Economia Política**. São Paulo: EDUSP, vol. 1, nº 4, out./dez. 1981.

divisão internacional do trabalho.

No entanto, RANGEL<sup>33</sup> alerta para o fato de que esta periferia não deve ser considerada como sendo uniformemente passiva, privada de dinamismo. No caso do Brasil a sua economia costuma reagir às flutuações da economia mundial de forma ativa, através da exportação de excedentes nas fases de expansão da economia e através da substituição de importações nas fases recessivas.

Segundo RANGEL<sup>34</sup>, no Brasil a evolução do capitalismo assumiu características próprias, a partir da coexistência de diferentes modos de produção dialeticamente unidos entre si, os quais foram sendo superados sob a pressão das forças produtivas em expansão que vão adotando, com uma importante defasagem, as relações de produção vigentes no resto do sistema.<sup>35</sup>

A metamorfose na superação dos interesses hegemônicos da classe dos barões do café foi lenta e só suplantada de fato a partir da década de 30, quando os interesses do capital industrial passaram a assumir um destaque crescente com a consolidação dos principais setores da indústria leve de bens de consumo não-duráveis, especialmente

---

<sup>33</sup> - Ibid., p. 13.

<sup>34</sup> - Ibid., p. 10.

<sup>35</sup> - Sobre a defasagem do engajamento da economia brasileira nas Revoluções Industriais ler a obra de CANO, Wilson. **Reflexões sobre o Brasil e a nova (des)ordem internacional**. Campinas: Ed. da UNICAMP/São Paulo: FAPESP, 1993.

concentrados nos estados das regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Para CANO<sup>36</sup>, a Primeira Revolução Industrial se consolidou no Brasil com a Revolução de 1930, com cerca de 100 anos de atraso em relação ao centro do sistema. O primeiro período, 1880 a 1930, correspondeu, portanto, à fase de implantação da indústria de bens de consumo leves, a qual esteve completamente subordinada à dinâmica da economia primário-exportadora do café, que ditava a demanda de bens de consumo e a constituição do mercado de trabalho, a origem da maior parte dos investimentos econômicos necessários à produção.

O período de 1930 a 1955 representa, segundo CANO<sup>37</sup>, uma fase de transição para um novo padrão de acumulação, ao qual denominou de industrialização restringida, porque significou a *“plena consolidação da indústria leve e a implantação limitada de algumas indústrias de bens intermediários e de bens de produção, não permitindo, ainda, a reprodução autodeterminada da indústria.”*

A inserção do Brasil na Segunda Revolução Industrial se deu de forma restringida e incipiente no período de 1939-1955, e de forma mais decisiva nos períodos de 1956-1962 e 1968-1980; quando se concluiu a instalação dos setores de bens de consumo duráveis, de bens intermediários e de capital, através da instalação no país de filiais de

---

<sup>36</sup> - Ibid., p. 16.

<sup>37</sup> - Ibid., p.17.

firmas multinacionais e com a participação do Estado na constituição dos setores pesados da indústria.

As rápidas mudanças pelo lado das transformações técnicas, ocorridas a partir da década de 70, inauguraram a Terceira Revolução Industrial. Com base num novo padrão tecnológico, esta nova fase caracteriza-se pelo aperfeiçoamento qualitativo dos produtos, maior simplificação, informatização e automação dos processos de produção, economia de energia na produção e substituição de insumos convencionais por outros com novas vantagens, promovendo com isso uma alteração no mercado de trabalho, que passou a exigir trabalhadores qualificados.<sup>38</sup>

Desta forma, o autor destaca que a inserção da economia brasileira no sistema capitalista sempre se deu com uma certa defasagem histórica, devido a constrangimentos de ordem externa e interna, o que retardou mas não impediu que o processo de industrialização se consolidasse no país.

Portanto, a especificidade da Formação Econômica Social brasileira torna o seu estudo necessário para compreender a estrutura técnico-produtiva do país e de suas distintas áreas geográficas.

As diferenças entre as várias regiões do país, como resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares e da maneira como eles se combinam permitirá, por sua vez, estabelecer a dinâmica

---

<sup>38</sup> - Ibid., p. 24.

particular assumida por lugares específicos, como no caso de Caxias do Sul.

Com base nestes pressupostos marxistas, o estudo da reprodução espacial do capital industrial em Caxias do Sul remete à necessidade de explicitar algumas questões fundamentais relativas à concentração industrial e mundialização das relações das firmas líderes em exportação ali localizadas, e a de esclarecer o que entendemos por espaço, categoria fundamental para estabelecer as desigualdades construídas socialmente no bojo da totalidade articulada.

O que propomos aqui é elaborar um estudo sobre as condições de reprodução ampliada do capital industrial em um lugar definido do território nacional através da seleção das firmas líderes em exportação, enquanto exemplos de sobrevivência bem sucedidos na concorrência intercapitalista e responsáveis pela divisão espacial e regional do trabalho.

Portanto, o que buscamos é compor uma geografia humana crítica, fundamentada no materialismo histórico e geográfico e sintonizada com os atuais desafios teóricos na busca de elementos para explicar as desigualdades espaciais na reprodução histórica do capital.

A importância do estudo está justamente na reconstituição das condições de formação e desenvolvimento de espaços seletivos (no

conjunto mais amplo de extensão do sistema capitalista) para a reprodução ampliada do capital industrial e, ao mesmo tempo, no estabelecimento das interações do lugar nas relações mais amplas, ao longo do tempo.

O desenvolvimento do capitalismo, conjugado com a periodização induzida pelas transformações na estrutura produtiva da atividade industrial de Caxias nos 122 anos (1875 a 1997) de sua história, permitirá descortinar e explorar a interação da sucessão temporal, assim como a simultaneidade espacial do desenvolvimento desse sistema. e as condições específicas assumidas no lugar.

Neste sentido buscaremos interpretar a industrialização de Caxias do Sul como estando inscrita no processo mais amplo de extensão espacial do sistema capitalista, na sua reprodução descompassada e desigual no território nacional.

Para SOJA<sup>39</sup> a modernização, enquanto produto da lógica do capitalismo, é um processo contínuo que decorre, sobretudo, da dinâmica histórica e geográfica dos modos de produção. Portanto a modernização, como todos os processos sociais, desenvolve-se desigualmente no tempo e no espaço, originando as desigualdades entre os lugares.

Para poder captar o desenvolvimento geograficamente desigual

---

<sup>39</sup> - SOJA, Edward W. **Geografia pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 37.

BERGER<sup>40</sup> estabelece que a análise da sociedade contemporânea requer um equilíbrio interpretativo adequado entre o espaço, o tempo e o ser social. Esse autor considera que qualquer estudo contemporâneo que ignore a dimensão espacial é incompleto e adquire o caráter simplificado de uma fábula.

A falta de tradição de um debate metodológico na Geografia criou um relativo atraso desta ciência na definição do seu objeto de estudo e na incorporação do marxismo como método de análise do seu objeto de estudo, o espaço. O espaço que interessa à Geografia é o social, enquanto lugar onde o homem vive e trabalha.

Por espaço social entendemos o produto do processo de transformação, pelo trabalho social dos homens, sob determinadas relações de produção, da primeira natureza (meio físico) em uma segunda natureza.

O espaço social, enquanto segunda natureza transformada pelas relações sociais de produção, torna-se o resultado de múltiplas determinações, o que exige na sua apreensão um esforço de construção sistemática do conhecimento e uma abstração do seu funcionamento enquanto um dos elementos fundamentais da análise da sociedade.

Neste sentido, a análise do nosso objeto de estudo será construída a partir da realidade total com o emprego das noções de totalidade,

---

<sup>40</sup> - BERGER apud SOJA, op. cit., p. 33.

escala, sistema, tempo e espaço como categorias imbricadas.

A noção de totalidade será empregada como subtendendo a de tempo e a de espaço enquanto possibilidade da diferença, pelo descompasso do processo de desenvolvimento do sistema capitalista.

Como SANTOS, M.<sup>41</sup>, acreditamos que o espaço não pode estar separado do tempo, porque o “*valor relativo de cada lugar está sempre mudando no correr da história*”. Cada lugar resulta da combinação de ações particulares inicialmente localizadas em períodos diferentes. A presença de elementos com idades diferentes resulta numa combinação que torna cada lugar único.

No primeiro capítulo buscaremos, através da teoria marxista do espaço social, reconstruir a trajetória da industrialização de Caxias do Sul considerando as conexões da economia local nas diferentes escalas e as implicações disto e da presença de forças produtivas relativamente desenvolvidas a nível de país, para o desenvolvimento industrial da cidade e região.

Entendemos que, para estabelecer a dinâmica assumida pelo setor industrial, e em especial por algumas firmas exportadoras, não basta definir as relações de produção e trabalho. É necessário considerar, além da dimensão econômica, também as implicações políticas, ideológicas e

---

<sup>41</sup> - SANTOS, M. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978. p. 207.

culturais presentes no controle e gestão desse espaço social.

No segundo capítulo o objetivo é o de estabelecer as principais estratégias desenvolvidas pelas firmas líderes, no processo de concorrência intercapitalista e na criação das condições de controle e dominação sobre o trabalho e sobre as instituições civis, como formas de viabilizar a sua reprodução ampliada.

O segundo capítulo está apoiado nas idéias de Marx e na contribuição de outros autores, dentre os quais merecem destaque POSSAS<sup>42</sup>, que estuda a dinâmica e concorrência capitalista, LAZZAROTTO<sup>43</sup>, que analisa o modelo organizacional de Abramo Eberle; GRAMSCI<sup>44</sup>, que acrescenta à discussão a participação dos empresários na organização da sociedade, tendo em vista a necessidade de criar as condições favoráveis à expansão da classe em si.

O terceiro capítulo estará voltado para a esfera da circulação e realização da produção e buscará estabelecer a atual estrutura das relações comerciais das firmas líderes em exportação e apontar as

---

<sup>42</sup> - POSSAS, Mário Luiz. **Dinâmica e concorrência capitalista: uma interpretação a partir de Marx.** São Paulo: HUCITEC/Editora da Unicamp, 1989.

\_\_\_\_\_. **Estruturas de mercado em oligopólio.** São Paulo: HUCITEC, 1990.

\_\_\_\_\_. **Concorrência, inovação e complexos industriais: algumas questões conceituais.** Campinas: Editora da Unicamp, 1992. (Texto para discussão, nº 9).

<sup>43</sup> - LAZZAROTTO, Valentim. **Pobres construtores de riqueza.** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

<sup>44</sup> - GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

tendências do mercado mundial a partir do processo da constituição de blocos econômicos de poder e da globalização do mercado, viabilizada pelo desenvolvimento dos meios de comunicações de transporte nas últimas décadas.

Com o desenvolvimento de novas condições para a reprodução do modo de produção capitalista, a partir da mundialização das trocas, do mercado e da produção e do Estado criou-se a necessidade de estabelecer as novas relações entre o econômico e o político, bem como as estratégias de dominação no processo de controle e gestão das relações sociais de reprodução, executadas pela lógica das ações políticas e pelo controle sobre as técnicas e sobre o saber.

A relevância deste estudo está em estabelecer as novas relações que estão sendo costuradas entre o econômico e o político nesta conjuntura marcada pela mundialização das trocas, do mercado e do Estado e como estas relações estão se concretizando em lugares específicos do espaço global.

Estudar a espacialidade das firmas líderes em exportação é desvendar como o capital se apropria das condições presentes em Caxias do Sul-RS para reproduzir-se de forma ampliada e como ele destrói e supera os obstáculos e mundializa-se através da produção, das trocas e das associações com multinacionais, gerando uma tendência de produzir produtos cada vez mais mundializados.

Por outro lado, com a globalização da economia, a concorrência intercapitalista tem-se acirrado, criando contradições entre grupos concorrentes, o que torna conveniente estudar esse movimento e sua conexão com a evolução da técnica e crescimento econômico.

Como todo estudo científico, este também apresenta suas limitações, que estão representadas especialmente pelo critério quantitativo adotado para selecionar as firmas líderes em exportação, o que resultou num conjunto de 13 firmas onde nem todos os setores da indústria local estão representados.

O curto período estabelecido, que vai de 1989 a 1992, para selecionar as firmas líderes em exportação, estipulando-se para todos os anos o mínimo de 500 mil dólares, excluiu da amostra alguns gêneros e firmas industriais que passaram por crises conjunturais nesse período, e por vezes logo superadas pela retomada das exportações. Neste caso estão situadas firmas do setor têxtil, do vestuário e autopeças, que embora não figurem na amostra serão consideradas quando necessário para entender o setor industrial no seu conjunto.

A esta limitação somam-se muitas outras, dentre as quais a dificuldade de aprofundar o conteúdo pelas dificuldades de acesso a dados e informações que permitam estabelecer em maior profundidade e extensão as relações, conexões e tendências do setor industrial local e de seus segmentos, enquanto concretização da mundialização da produção,

do comércio e da tecnologia.

Na investigação foram adotados diferentes procedimentos e fontes por vezes empregados de forma combinada, e que estão constituídos pela revisão da bibliografia ligada de forma direta e indireta ao tema, levantamento de dados e informações em documentos históricos do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, aplicação de questionário e realização de cerca de 50 entrevistas com dirigentes de firmas, entidades de classe e outras instituições de Caxias do Sul.

Foram ainda levantados dados e informações em revistas de economia de circulação nacional, estadual e local bem como em jornais, informativos das firmas, depoimentos transcritos, entre outros. Os dados quantitativos foram organizados em tabelas, quadros e gráficos, os quais foram relacionados com outras fontes na sua interpretação.

A escolha apenas das indústrias líderes em exportação para ser objeto deste estudo vinculou-se com a inviabilidade de estudar as cerca de 200 firmas exportadoras de Caxias do Sul, mas sobretudo com o interesse de analisar as estratégias adotadas pelas mesmas para assumirem uma posição de destaque no plano da concorrência intercapitalista enquanto líderes de exportação no município.

O corte no universo das firmas exportadoras foi efetivado tomando-se por base o conceito de desempenho exportador adotado por

LÓES<sup>45</sup>, que considera como sendo competitiva toda a firma que apresenta um desempenho satisfatório no mercado internacional (do seu produto) durante um certo período de tempo.

Apesar da proposta metodológica de LÓES<sup>46</sup> restringir a análise ao nível das firmas e dos dados quantitativos, não considerando as mudanças no sistema capitalista e as repercussões disto na dinâmica das diferentes economias e atividades, utilizaremos esse conceito apenas para fins de selecionar a amostra das firmas a serem estudadas.

O corte no universo do total das firmas exportadoras de Caxias do Sul foi realizado a partir da seleção daquelas que exportaram regularmente acima de 500 mil dólares/FOB entre 1989 a 1992, período para o qual dispúnhamos de dados completos quando do início do estudo.

O valor de 500 mil dólares foi estipulado a partir do surgimento de uma dificuldade posterior, representada pelo tamanho dos arquivos a serem fornecidos pelo Ministério da Indústria, Comércio e Turismo-SECEX-DTIC-RJ, que dispõe apenas de dados para o conjunto do país, sendo necessário realizar uma posterior seleção manual das indústrias de Caxias do Sul pelo endereço das mesmas.

Para facilitar o fornecimento dos arquivos em disquete com o

---

<sup>45</sup> - LÓES, André Arantes. **Identificação das forças competitivas atuantes nas empresas líderes exportadoras do complexo metal-mecânico brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto de Economia Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990. (Dissertação, Mestrado).

<sup>46</sup> - Ibid., p. 8.

cadastro das firmas exportadoras e o trabalho de seleção dos dados, optamos por receber os dados apenas para as firmas que exportaram acima de 500 mil dólares/ano.

Da aplicação deste critério resultou um conjunto de 13 firmas atuando na produção de produtos distintos entre si, nenhuma portanto sendo concorrente direta da outra, como pode ser constatado pelo QUADRO 01.

Do total das firmas exportadoras, menos de 20% delas exportaram mais de 500 mil dólares, mas apenas cerca de 7% delas mantiveram uma regularidade no valor exportado no período considerado.

Apesar do reduzido número de firmas que resultou da adoção desse critério, essa amostra representa cerca de 80% do total exportado pelo conjunto das firmas de Caxias do Sul, como pode ser constatado pelos dados do ANEXO 03 e ANEXO 04 .

No conjunto das firmas que lideram as exportações em Caxias do Sul distinguem-se dois segmentos distintos em relação à competitividade e estratégias adotadas: um segmento de indústrias dinâmicas ligadas especialmente ao pólo metal-mecânico, onde a competitividade se fundamenta basicamente no domínio tecnológico, e outro segmento ligado ao setor tradicional da madeira, onde a competição ocorre especialmente em função do acesso à matéria-prima escassa.

**QUADRO 01 - Firmas caxienses líderes em exportação e principais produtos**

<b>FIRMA</b>	<b>GÊNERO</b>	<b>PRINCIPAIS PRODUTOS PRODUZIDOS</b>
Marcopolo S.A.	Material de transporte	Carrocerias para ônibus rodoviários, urbanos, micros, articulados/especiais
Randon Ltda.	Material de transporte	Implementos rodoviários, caminhões fora de estrada, tratores florestais.
Frasie S.A.	Material de transporte e autopeças	Lonas e pastilhas de freios (12 mil itens).
Agrale S.A.	Material de transporte e mecânica	Motos, ciclomotores, caminhões, motores, tratores.
Enxuta S.A.	Mecânica	Eletrodomésticos compactos, secadora, lavaroupa, lavalouça, ar quente, condicionador de ar, toast grill
Eberle Indústria e Tecnologia Ltda.	Metalúrgica e mecânica	Fundição, motores elétricos, componentes de fixação.
Gazela S.A.	Metalúrgica	Talheres, baixelas, panelas, e ferramentas
Controles Robertshaw do Brasil S.A.	Material elétrico e de comunicações	Termostatos a gás e elétrico para refrigeração e ar condicionado, termostatos, interruptores de luz, válvulas, chaves seletoras, pressostatos, etc.
Plásticos Pisani S.A.	Material plástico	Embalagens pesadas para bebidas, contentores para transporte e armazenamento de diversos produtos, móveis de plástico para jardins e lazer, etc.
Indústria Caxiense de Molduras Ltda.	Madeira	Molduras de madeira em vara quadros em stilo.
Reflorestadores Unidos S.A.	Madeira	Madeira Serrada (cercas para residências, esquadrias)
Cia Sul Americana de Madeiras e Compensados S.A. (Mazedorzi S.A.)	Madeira	Chapas de madeira, compensados, portas
Indústria Madetorno Ltda.	Mobiliário	Camas beliches.

Fonte: Pesquisa direta. Organizado pela autora, 1993.

Esse conjunto de firmas está representado por estabelecimentos de grande, médio e pequeno porte e que adotam uma política diferenciada entre si na comercialização dos seus produtos. No primeiro segmento

predominam firmas oligopolistas. Estas se destacam pelo seu tamanho absoluto, refletindo economias de escala, pela liderança ou forte presença no mercado nacional e, em alguns exemplos, no internacional, e pelo reduzido número de concorrentes atuando no segmento dominado, em muitos casos, por multinacionais.

No segundo grupo, constituído por firmas ligadas ao setor tradicional da madeira, a concorrência se dá mais a nível da disputa pela matéria-prima escassa no mercado mundial. O forte movimento ecológico que hoje domina especialmente a Europa tem criado mecanismos de controle do desmatamento de florestas naturais, reduzindo a oferta de madeira na economia mundial.

O segmento da madeira está preferencialmente voltado para as exportações, enquanto os outros, como de material de transporte, mecânica, material elétrico e de comunicações e material plástico têm uma participação variável nas exportações, mas com uma clara opção por privilegiar o mercado interno.

**1 - A GÊNESE E A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA EM  
CAXIAS DO SUL**

## 1.1 - AS FASES DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO

### 1.1.1 - OS IMIGRANTES E SUAS OFICINAS E FÁBRICAS

No Rio Grande do Sul o processo de imigração italiana teve início a partir de 1875, quando foram estabelecidos vários núcleos coloniais em áreas devolutas localizadas no interior do Estado, dentre os quais o que seria mais tarde a cidade de Caxias do Sul.

Os primeiros imigrantes italianos, procedentes especialmente do norte da Itália<sup>47</sup>, ocuparam inicialmente as terras devolutas localizadas a nordeste do Estado, na encosta do Planalto Meridional, situada entre os campos de cima da “*serra*”, ao norte, e as colônias alemãs, ao sul.

O projeto de colonização italiano no país foi implantado sob as diretrizes da Lei de Terras 601/1850<sup>48</sup>, a qual proibia a doação de terras pelo governo, bem como a utilização do trabalho escravo na produção das colônias. Esta foi a forma encontrada para dificultar o acesso à terra, especialmente nas regiões do cultivo do café e obrigar os imigrantes a trabalharem, pelo menos por algum tempo, como assalariados, antes de

---

<sup>47</sup> - Maiores detalhes consultar FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Emigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edição Movimento, 1975.

<sup>48</sup> - Esta lei só foi regulamentada em 1854.

conseguirem recursos que pudessem transformá-los em camponeses independentes.

O objetivo principal da política de promover a imigração no país foi o de fornecer mão-de-obra para substituir o trabalho escravo nas lavouras do café, na região sudeste, para onde foi dirigido o maior volume de imigrantes.

SANTOS, J. V. T.<sup>49</sup> afirma que as elites brasileiras não pretendiam apenas resolver o problema de escassez de mão-de-obra, mas ansiavam também pela renovação das práticas de trabalho e pelo “*branqueamento*” da população do país. A colonização feita por homens livres, proprietários e brancos foi a opção escolhida.

O projeto de colonização do sul foi secundário na política de imigração e teve, dentre outras intenções, a de servir de propaganda para atrair novos imigrantes e a de promover a policultura para fornecer gêneros alimentícios para os centros urbanos em formação no país.

Os imigrantes italianos destinados à colônia de Caxias eram pequenos proprietários, agricultores, arrendatários e em menor número operários; por isso se fixaram predominantemente no meio rural.

Em menor número, os imigrantes estabeleceram-se na sede da vila, atuando desde logo como comerciantes, sapateiros, alfaiates, ferreiros,

---

<sup>49</sup> - SANTOS, José Vicente T. **Colonos do Vinho**: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: HUCITEC, 1978. p. 20.

carpinteiros, funileiros, dentre outras profissões.

Com uma população reduzida nas primeiras décadas, a vila de Caxias teve pouca expressão inicial nas atividades de transformação dos produtos agropecuários, à medida que a produção orientou-se especialmente para o valor de uso, tendo a comercialização da produção excedente importância secundária.

**TABELA 01 - Caxias do Sul: evolução da população - 1878/1920**

<b>ANO</b>	<b>POPULAÇÃO TOTAL</b>
1878	3.880
1884	12.540
1890	18.506
1900	24.997
1910	32.000
1920	33.773

Fonte: AZEVEDO (1975: 212), DE BONI (1982: 218), ADAMI (1971); Censos Demográficos: FIBGE, 1890, 1900, 1920.

Inicialmente a vila constituía-se de poucas ruas empedradas, traçadas em forma de xadrez, que foram implantadas sobre um sítio de topografia fortemente ondulada, o que dificultava a circulação das pessoas, das carretas e das carroças nos dias chuvosos, quando se formavam verdadeiros lodaçais (ver FIGURA 01).

O centro da vila era representado pela praça principal, em torno da qual foram instalados os principais prédios da sede, tais como: a Catedral (concluída em 1899), Casa Episcopal, Intendência Municipal, Hotel, Agência Postal, Banco da Província (1910), intercalados em meio a estabelecimentos comerciais, industriais e residências da elite local.



FIGURA 01 - Caxias no início da colonização.  
Fonte: Arquivo histórico municipal de Caxias do Sul.

Em 1911 a área urbana era constituída por 30 ruas, 4 praças e uma população de aproximadamente 5 mil habitantes, o que representava cerca de 15% do total da população do município. Aproveitando a madeira extraída das florestas existentes na região, as construções em madeira dominaram a paisagem urbana por décadas.<sup>50</sup>

**TABELA 02 - Localização das atividades econômicas na sede da Colônia Caxias - 1895**

ATIVIDADES LOGRADOURO	INDÚSTRIA	COMÉRCIO	SERVIÇOS	TOTAL
Av. Júlio de Castilhos	32	61	9	102
Rua Sinimbu	10	8	1	19
Rua Alfredo Chaves	1	3	-	4
Rua Lafayette	5	4	-	9
Rua Dr. Montaury	1	4	1	6
Rua Visconde de Pelotas	2	1	-	3
Outras Ruas	8	7	13	28
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>59</b>	<b>88</b>	<b>24</b>	<b>171</b>

Fonte: Imposto sobre indústrias e profissões de 1895. Arquivo histórico municipal de Caxias do Sul.

Muitos destes imigrantes, denominados na Itália "*contadini*" (camponeses), eram na realidade também artesãos nas comunidades rurais de origem. Isto era comum antes que a indústria penetrasse em todo o mercado italiano e desorganizasse essas atividades; outra parte dos imigrantes eram operários e até técnicos de indústrias, com vasta experiência em trabalhos que exigiam habilidades específicas, na utilização de ferramentas e máquinas.

<sup>50</sup> - O código administrativo de 1927, no seu artigo 207, passou a proibir a construção de prédios de madeira na área central, delimitada em lei. A medida atingiu especialmente as pessoas de menor renda, que passaram a ser impedidas de construir casas de madeira, que tinham um custo bem inferior às de alvenaria. A medida proibia inclusive a reforma das casas já construídas, forçando com isto a renovação urbana e reforçando o processo de segregação sócio espacial, já evidente nas fotos da época.

Na origem da burguesia industrial não se pode colocar em primeiro plano a situação social dos imigrantes em seu país de origem ou mesmo a questão da virtualidade técnica. A expansão das atividades artesanais só pode ser corretamente explicada quando associada com a dinâmica interna do próprio desenvolvimento do capitalismo no Brasil.<sup>51</sup>

Portanto, a constituição dos núcleos de colônias italianas no Sul do país coincidiu com o período em que se iniciava no Brasil o processo de industrialização com base na produção de bens de consumo corrente.

De acordo com CANO<sup>52</sup> e MELLO<sup>53</sup> o processo de industrialização do país se consolidou de fato entre as décadas de 1920 e 1930 e ganhou impulso decisivo na crise de 1929. A grande depressão econômica e seus reflexos negativos sobre às exportações brasileiras resultaram em sérias restrições as importações. Esses efeitos, no entanto, foram em parte neutralizados pelos ajustes promovidos pela política econômica adotada pelo Estado brasileiro, em defesa do nível de renda, que permitiram uma rápida retomada da produção industrial destinada a atender a demanda do mercado interno.

O desenvolvimento das relações assalariadas, o intenso movimento

---

<sup>51</sup> - Ler: SILVA, Sérgio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. 5. ed. São Paulo: 1981.

<sup>52</sup> - CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.

<sup>53</sup> - MELLO, João Manuel Cardono. **O Capitalismo tardio**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

de imigração, a crescente urbanização dos centros urbanos e a melhoria dos meios de transportes, ocorridos até as primeiras décadas do século, criaram uma demanda crescente por produtos industrializados e o desenvolvimento do comércio interno.

Portanto, a expansão de mercado consumidor e o nascimento da indústria no Brasil fazem parte do processo de desenvolvimento das relações capitalistas, que giravam inicialmente em torno da economia cafeeira.

Segundo SILVA<sup>54</sup> a economia cafeeira foi o motor do desenvolvimento do capitalismo no Brasil e a forma concreta de sua inserção na economia mundial.

A demanda crescente de produtos industrializados viabilizou, desde o final do século XIX, o surgimento de oficinas e fábricas, em diferentes pontos do país, atendendo inicialmente as necessidades localizadas de reprodução das atividades agropecuárias.

O crescimento da eletrificação e da urbanização constituíram-se em condição e o resultado do posterior desenvolvimento industrial.

Neste cenário a economia gaúcha desempenhou a função de fornecedora de produtos agrícolas para os estados do centro do país, complementado as necessidades de expansão do café, principal produto

---

<sup>54</sup> - SILVA, op. cit., p. 96.

de exportação.

Acompanhando essa tendência mais ampla, Caxias e a região de colonização italiana fundamentaram a sua economia na produção agropecuária, o que teve um forte apoio entre os políticos, defensores da idéia da vocação agrícola do país.

A implantação do projeto de colonização no sul do país voltado para a produção agropecuária teve, dentre outros, o objetivo de suprir a demanda de alimentos para a população dos centros urbanos em rápida expansão.

No setor de bens de consumo a primazia esteve por décadas baseada na produção de vinho, na de alimentos, na extração da madeira, na indústria têxtil, metalúrgica, dentre outras. As unidades de produção doméstica concentradas no interior do município produziam a matéria prima e a transformavam em produtos manufaturados como o vinho, banha, salame, salsichas e outros derivados.

No censo agrícola de 1920 e 1940 observa-se que a maioria dos estabelecimentos rurais cadastrados em Caxias<sup>55</sup> dedicavam-se à produção vitivinícola, á cultura de cereais e à criação de animais.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> - Em 1920 o número de estabelecimentos rurais era de 2350, e em 1940, 2222 estabelecimentos.

<sup>56</sup> - Os principais produtos agrícolas cultivados eram trigo, milho, arroz, feijão, batata, cana-de-açúcar, linho, amoreira e outros. Na fruticultura dedicaram-se especialmente ao cultivo da videira, que se transformou desde o início do século no principal produto da economia local. Cultivaram também o pêssego, ameixa, laranja, tangerina, limão, nozes, castanha, cereja, figo, oliveira e outros mais. Na criação de

Já a produção da graspa e do queijo era limitada a poucos estabelecimentos rurais. A moagem do trigo e do milho era realizada pelos inúmeros moinhos espalhados pelo interior e estava voltada para atender a demanda local, ao passo que os poucos moinhos de maior porte localizados na zona urbana destinavam boa parte da sua produção para a exportação.

**TABELA 03 - Principais culturas, produtos e número de estabelecimentos rurais em 1920 e 1940**

ANO Culturas e Produtos	1920		1940	
	Nº de Estabelecimentos Rurais	Produção	Nº de Estabelecimentos	Produção
Vinho	1.755	77.897 hect.	931	7.210 ton.
Aguardente	328	10.515 hect	-	-
Milho	2.233	14.420.7 ton	2.090	5.765 ton.
Trigo	2.108	3.259.6 ton	1.835	1.787 ton.
Feijão	8.880	810.7 ton	1.316	171 ton.
Leite	164	62.772. l.	1.297	22.507 l.
Queijo	164	4.702 Kg	107	14.312 Kg

Fonte: FIBGE, Censo Agrícola de 1920 e 1940.

Até meados da década de 50 a produção do vinho e a de alimentos constituíram-se nas principais atividades de Caxias e da região. À sua sombra as oficinas buscaram desenvolver instrumentos e equipamentos para desenvolver o setor em seu próprio proveito. As funilarias, ferrarias e oficinas mecânicas são um exemplo disto.

O excedente produzido na região encontrou, desde o início, colocação nos grandes centros do país. Apesar da concorrência do vinho importado e do produzido em São Paulo, a demanda crescente garantiu

---

animais se destacou a criação de suínos, galinhas, bovinos e cavalos. Com exceção dos suínos, que eram produzidos em maior número (em média de 15 a 30 suínos por propriedade), os demais animais eram criados apenas para satisfazer as necessidades de consumo da família.

ao Estado a posição de maior produtor de vinho do país.

O vinho era produzido até o início do século, em pequena escala, em áreas da região de colonização alemã e municípios da fronteira. Com a chegada dos imigrantes italianos, estes passaram a cultivar a videira em toda a região e no Estado.<sup>57</sup>

Fundamentada inicialmente na policultura, associada com a criação de suínos e outros animais, gradativamente a economia local vai assumindo uma certa especialização na viticultura, através da ampliação da sua área cultivada, em detrimento dos demais cereais.

Sem dúvida a produção do vinho foi a responsável pela inserção da economia local no mercado nacional. Na esteira da vinicultura outros produtos agrícolas, como o trigo, farinhas, produtos suínos e produtos industrializados complementavam a pauta das exportações para o centro do país. A partir de mudanças nas relações de produção, a formação gradativa de um mercado consumidor tornou-o sedutor e viabilizou que muitos imigrantes italianos se estabelecessem na sede do município e nas vilas do interior, atuando em diferentes atividades, aplicando os conhecimentos técnicos e em alguns casos economias trazidas do país de origem. Isto explica, em grande parte, a grande participação dos

---

<sup>57</sup> - No censo agrícola de 1939, dos 88 municípios do Estado, em todos encontramos estabelecimentos produzindo uvas. No entanto, mais de 50 % da produção estava concentrada nos municípios de Flores da Cunha (14.164 ton.), Bento Gonçalves (9.525 ton.), Farroupilha (9.479 ton.), Garibaldi (7.537 ton.) e Caxias do Sul (7.210 ton.).

imigrantes na produção artesanal e manufatureira nas regiões onde se estabeleceram.

A maior parte das unidades de artesanato doméstico ou pequenas empresas de origem familiar surgiram fora da sede do município, com destaque para as ferrarias, cervejarias, cantinas, alambiques, moinhos, serrarias, olarias, selarias, curtumes, moagem de pó-inseticida, dentre outras (ver TABELA 04).

A localização predominante das unidades de transformação no interior vincula-se, em alguns casos, à necessidade de alguns tipos de produção que exigiam a força da energia hidráulica no processo de transformação dos produtos.

A inexistência de energia elétrica, até 1913, levou algumas unidades de produção a instalarem-se junto a quedas de água para aproveitar a energia hidráulica, como nos casos de moinhos Germani e Lanifício São Pedro. Mesmo antes da implantação da energia elétrica, essas firmas importaram turbinas para a geração própria de energia elétrica.

Outra vantagem obtida por alguns tipos de produção localizadas no interior foi a de que estas pagavam até 50% a menos do valor em impostos pagos pelas congêneres localizadas na sede do núcleo.

**TABELA 04 - Caxias do Sul: evolução das fábricas e oficinas  
1892/1926**

GÊNERO	ANO	1892		1895		1899		1905		1910		1915		1926*	
		MUN.	SEDE	MUN.	SEDE	MUN.	SEDE	MUN.	SEDE	MUN.	SEDE	MUN.	SEDE	MUN.	
Funilaria		5	4	1	3	3	3	2	4	6	2	8	4	2	
Ferraria e metais	e	14	6	14	3	32	5	34	8	30	14	44	18	15	
Metalúrgica e cutelaria	e	-	-	-	1	-	4	-	6	-	3	-	7	-	
Oficinas Mecânicas		-	1	1	2	-	-	2	7	-	-	1	24	2	
Têxtil		1*	-	1	-	1	1	2	2	2	-	2	2	1	
Alfaiataria		12	6	-	3	6	8	5	12	9	23	18	15	11	
Fábrica de chapéus		3	1	-	2	1	4	1	5	-	-	-	2	-	
Sapateiro		25	-	4	1	-	1	10	-	-	-	-	1	-	
Cerveja		7	5	9	4	8	5	2	2	5	-	-	1	2	
Gasosa/licor		4	2	-	2	1	1	1	1	-	-	-	3	4	
Depósito de vinhos		Neste período as cantinas eram registradas junto com os estabelecimentos comerciais									3	-	20	-	
Alambiques		26	1	62	-	65	-	64	-	136	-	191	209	119	
Produtos suínos		-	-	-	-	-	5	-	3	6	15	-	9	2	
Alimentares		-	5	-	6	1	5	1	10	-	8	2	19	8	
Moinhos		52	1	67	1	70	1	71	-	72	1	56	25	29	
Charqueada e matadouro	e	7	4	-	5	-	-	-	-	-	-	-	1	-	
Serrarias		13	1	36	1	47	1	30	-	37	-	76	11	20	
Marcenaria e carpintaria	e	8	6	1	5	8	10	4	7	2	14	16	31	9	
Tanoarias		1	-	-	1	-	1	-	2	-	4	2	10	1	
Obras vime		1	-	1	-	1	1	-	7	2	6	-	1	-	
Olarias		-	4	2	4	2	3	4	3	-	4	4	12	2	
Selaria		4	3	3	2	5	10	6	6	13	-	3	12	3	
Curtumes		7	3	7	4	6	5	6	4	6	2	5	7	2	
Pó-inseticida		1	-	2	-	3	-	2	-	3	-	-	-	-	
Química		-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	
Diversas		2	5	2	3	4	7	3	1	18	39	26	15	1	
<b>TOTAL</b>		<b>193</b>	<b>58</b>	<b>213</b>	<b>53</b>	<b>264</b>	<b>81</b>	<b>250</b>	<b>90</b>	<b>347</b>	<b>139</b>	<b>454</b>	<b>460</b>	<b>233</b>	

Fontes: Livro de Impostos de Indústrias e Profissões de 1892, 1895, 1899, 1905, 1910. Arquivo Histórico de Caxias do Sul/Relatório dos Intendentes 1915, 1926. Arquivo Histórico Municipal Caxias do Sul. PELLANDA e ERNESTO, 1950: 57.

\* Em têxteis foi considerado, em vez de três teares, um estabelecimento que corresponde à cooperativa de lã de Galópolis.<sup>NOTA</sup>

NOTA - Em **Diversas** constam: escultor, fogos de artifício, obras de barro, miudezas, tipografia, colchões, velas, cola, pedreiras, malas, gelo, ladrilhos, caixas de papelão, coroas fúnebres, telas, chumbo, filtros para vinho, bombas, arame, pólvora, fábrica de cestos e vassouras, erva mate e fábrica de sabão.

Em **oficina mecânica** foram consideradas a produção de máquinas agrícolas, fábrica de balanças, oficinas de fundição, fabrica de caldeiras e oficinas mecânicas.

O número de atividades não corresponde ao número de estabelecimentos. Diferentes atividades funcionavam num mesmo estabelecimento, tais como "*butiquim*", comércio e freqüentemente algum tipo e atividade artesanal e industrial.

As primeiras oficinas e fábricas caracterizavam-se por serem tecnologicamente diversificadas, combinando vários graus de desenvolvimento e diferentes estágios históricos da industrialização. A combinação de diferentes fontes de energia como a gerada por água, a vapor e a eletricidade, viabilizou a dispersão geográfica das atividades ligadas à transformação. Dessa forma, as primeiras oficinas e fábricas surgiram inicialmente junto à residência do empresário, que geralmente atuava também na produção, junto com familiares, e por vezes associado ao emprego de mão de obra assalariada.

O imigrante agricultor, ao chegar às áreas destinadas à colonização, passou a dispor das condições materiais necessárias, embora mínimas, para iniciar a produção de bens necessários à sua subsistência e da família. Recebeu alguns instrumentos básicos de trabalho, sementes, ajuda monetária no primeiro ano e, o mais importante, um lote de terra para ser pago em até cinco anos.

Nesta nova situação o produto do trabalho do agricultor passou a ser seu; acabou a relação de dependência a que estava submetido na

---

A diversificação de atividades em um estabelecimento era comum neste período. Além disto, a forma de cobrança do imposto sobre indústria e profissões obrigava o contribuinte ao pagamento de acordo com o(s) tipo(s) do negócio(s).

Para 1905 foi considerada uma lista de aditamentos, impostos cobrados com atraso. Sabe-se que os atrasos eram comuns e que freqüentemente as dívidas eram perdoadas através de decretos. Devido a esse fato, certamente o número de atividades deve estar subestimado e refere-se apenas aos empresários que pagavam em dia os impostos de indústrias e profissões.

As indústrias de lã não aparecem nos livros de impostos do ano de 1912 a 1920 porque estavam isentas do imposto pela lei 21/1912. Os casos conhecidos foram acrescentados nos dados.

Itália, onde tinha que pagar com produto ou renda ao senhor das terras, sem contar com os altos tributos pagos ao Estado. Este talvez seja o elemento mais importante para explicar a dedicação e interesse pelo trabalho demonstrados pelo imigrante, envolvendo na produção todos os membros da família. Estes deixaram de ser servos e passaram a ser proprietários plenos dos meios de produção, motivo suficiente para buscarem melhorar e ampliar o cultivo da terra, produzindo os mais variados tipos de cereais, frutas, e promovendo a diversificação também na criação de animais. O imigrante procurou, de todas as formas, conseguir rapidamente recursos financeiros para pagar a dívida com o Governo e acumular economias para atingir a sonhada independência econômica e, para muitos, acalentar o sonho de retornar à pátria com o futuro garantido.

A dinâmica desenvolvida no lugar pelo significativo número e variedade de atividades ligadas à agropecuária, indústria e serviços deram à região de colonização italiana uma feição diferente da dominante na economia nacional.

Enquanto no país imperava a grande propriedade agrícola explorada com base no trabalho escravo e produzindo produtos tropicais para exportação, no sul implantavam-se núcleos coloniais fundamentados na pequena propriedade, no trabalho familiar e na policultura, sensível às demandas do mercado interno.

Portanto, essa produção camponesa surgiu baseada em um processo de trabalho pré-capitalista, à medida que a relação social capitalista pressupõe a separação entre o trabalhador e as condições objetivas da produção. E, neste caso, o colono tornou-se proprietário da terra pela compra; detinha os meios de trabalho e empregava o trabalho familiar na produção dos meios de vida necessários à sobrevivência da família, comercializando apenas o excedente. Desta forma, na unidade produtiva do colono combinavam-se a produção de meios de subsistência (fundo de consumo da família) e a produção de mercadorias, o que permite caracterizar o processo de trabalho como sendo “*não especificamente capitalista*”.<sup>58</sup>

A extensa área de influência de Caxias sobre a região de colonização italiana e sobre a região dos campos de cima da serra certamente viabilizou a instalação de uma diversificada estrutura produtiva.

Em depoimentos contidos nos estudos de DE BONI<sup>59</sup> fica evidente a existência de um expressivo comércio de trocas de produtos das estâncias dos Campos de Cima da Serra, tais como: queijo, couro, crinas, charque, por produtos adquiridos na vila, como o sal, o querosene, os instrumentos de trabalho e os objetos de uso pessoal e doméstico. Os

---

<sup>58</sup> - SANTOS, J. V. T. op. cit., p. 23.

<sup>59</sup> - DE BONI, Luiz A. **Os Italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Vozes, 1982, p. 206.

comerciantes locais exerciam o papel de intermediários na comercialização dos produtos vendidos pelos estancieiros e na venda de produtos importados e produzidos na região. Essa intermediação representou uma forma de drenagem do capital excedente do campo em favor dos comerciantes da vila. Com isto o capital comercial local pode se reproduzir de forma ampliada.

Além das atividades ligadas à agropecuária, muitos imigrantes se dedicaram também à exploração de recursos naturais como a extração de madeira do pinheiro (*Araucária angustifolia*) e outras espécies de madeira de lei abundantes na região e à exploração da erva mate, que era secada e vendida em Porto Alegre, de onde era exportada para a Argentina e outros países latinos, onde se cultivava o hábito de se tomar o chimarrão.

As técnicas empregadas no cultivo da terra eram primitivas. Inicialmente utilizavam a enxada e depois o arado puxado a bois. Com o uso intensivo da terra, logo a produtividade baixou e os colonos passaram a adotar a técnica de rotação de terras, ao invés da rotação de cultura, prática da Europa.

A participação do setor agrícola na economia local foi dominante até a primeira metade deste século. A ocupação das terras foi rápida devido ao fluxo intenso e contínuo de imigrantes, até a primeira década deste século, e ao elevado índice de natalidade. Era comum famílias

numerosas com mais de 14 filhos. Certamente o forte caráter religioso dos imigrantes e as orientações da Igreja, contrária ao controle da natalidade, tiveram e ainda têm importante influência sobre o tamanho das famílias de origem italianas.<sup>60</sup>

O imigrante italiano era ao mesmo tempo um agricultor e um artesão. No interior das unidades agrícolas havia uma diversificação nos tipos de atividades que as tornavam relativamente auto-suficientes, na medida em que ali eram cultivados os mais diversos cereais, frutas e produzidos vinho, salame, queijo, banha, conservas, graspa e outros produtos necessários à subsistência da família.

O imigrante italiano era acostumado a fazer suas próprias coisas, acumulando outras funções, como a de confeccionar cestos de vime, chapéus de palha, vestuário, colchão de palha, dentre outras.

O trabalho era realizado pelos membros da família e incluía o trabalho da mulher e o das crianças. O emprego da mão-de-obra assalariada era esporádico e pouco significativo.

O trabalho manual dependia da força, habilidade, aptidão e rapidez com que o trabalhador manjava a ferramenta de trabalho. O imigrante italiano trouxe consigo o conhecimento de diferentes ofícios e passou a

---

<sup>60</sup> - Ainda hoje subsiste, em alguns lugares, a crença entre as mulheres simples do povo de que é necessário ter no mínimo 7 filhos para atingirem o reino do céu, após a morte.

ter o domínio dos meios de produção, mas dependia do comerciante para vender o excedente que produzia.

Dentre as atividades inicialmente desenvolvidas no interior pelos imigrantes do sul destacou-se o cultivo da videira e a fabricação do vinhos na cantinas domésticas<sup>61</sup> (ver FIGURA 02).



FIGURA 02- A arquitetura rural: residência típica do interior, com porões na parte inferior, onde funcionavam as cantinas rurais e o depósito de produtos agrícolas.

Fonte: Revista Amanhã. Porto Alegre: Plural Comunicações Ltda., 1996. (Encarte especial).

---

<sup>61</sup> - As cantinas domésticas ocupavam, com poucas exceções, os porões das residências dos colonos. Estas eram construídas em blocos de basalto e tinham a função de armazenar as pipas de vinho e os instrumentos necessários à sua fabricação. O porão servia também como depósito para outros produtos, tais como salame, queijo, banha, dentre outros. A partir de 1929 a legislação estadual passou a dificultar a produção domiciliar de vinho para o comércio, criando uma série de exigências legais com relação às instalações, alegando a necessidade de melhorar as condições técnicas e sanitárias de sua produção.

Com base nos estudos realizados, dentre outros SANTOS<sup>62</sup>, CAVAGNOLLI<sup>63</sup>, EBERLE<sup>64</sup>, é possível descrever o processo histórico da constituição da indústria vinícola concentrada na região de colonização italiana (corresponde à micro - região vinicultora de Caxias).<sup>65</sup>

Inicialmente a produção de vinho orientava-se basicamente para o consumo da família e caracterizava-se pelo emprego de métodos empíricos na sua elaboração.

À medida que a produção de vinho foi aumentando, o excedente passou a ser comercializado na região e noutros estados, tendo como intermediários os comerciantes, localizados geralmente na sedes dos povoados e da vila.

O comerciante constituía-se numa personalidade de destaque na colônia, na medida em que concentrava as últimas informações enquanto elo de ligação da cidade com o interior.

---

<sup>62</sup> - SANTOS, J. V. T. op. cit.

<sup>63</sup> - CAVAGNOLLI, Amelise. **Os parceiros do vinho: a vinicultura em Caxias do Sul (1911-1936)**. Curitiba: Departamento de História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, 1989. (Dissertação, Mestrado em História).

<sup>64</sup> - EBERLE, Maria Elizabeth. **Produção Vitivinícola em Caxias do Sul**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1985. (Monografia, especialização em Geografia).

<sup>65</sup> - Os municípios que constituem a microrregião vinicultora de Caxias do Sul são: Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos e Veranópolis.

A função dessas vendas era a de comprar produtos agrícolas e vender artigos não produzidos pelos colonos, tais como: tecidos, óleo, sal, ferramentas, louças, lampiões e outros produtos de uso doméstico.

De acordo com GOBATTO<sup>66</sup>, inicialmente o comerciante limitava-se a comercializar o vinho produzido pelo colono, efetuando apenas o tratamento para uniformizá-lo devido às diferentes procedências e qualidades.

Para CAVAGNOLLI<sup>67</sup>, estabeleceu-se assim uma relação de complementaridade de função entre colono viticultor e comerciante vinicultor. O comerciante comprava o vinho diretamente dos produtores autônomos, não interferindo no modo de produção deste, limitando-se a distribuir o produto na capital, de onde era exportado para os estados do centro do país.

O preço do vinho e de outros produtos agrícolas era fixado pelo comerciante, que monopolizava não só a compra mas também a venda de mercadorias. As casas de comércio tinham também a função de bancos e de hospedarias para os tropeiros e os caixeiros-viajantes. O "*lucro*" do colono com a venda dos produtos coloniais era depositado nas mãos dos comerciantes, que pagavam juros insignificantes. Isto permitia aos

---

<sup>66</sup> - GOBATTO, Celeste. **Il Colono italiano ed il suo contributo nello sviluppo dell'industria riograndense**. Porto Alegre: Livraria Globo, 1925. p. 24. (1º cinquantenario o della colonizzazione italiana nello stato 1875-1925).

<sup>67</sup> - CAVAGNOLLI, op. cit., p. 53.

comerciantes disporem de maior capital de giro, facilitando transações de maior volume e melhores preços.<sup>68</sup>

Lançava-se desse modo as bases para a acumulação de capital no interior do pequeno modo de produção, dando origem a um processo de diferenciação de classes sociais.

A ampliação do capital comercial possibilitou, em pouco tempo, que alguns comerciantes rurais e da sede construíssem em alvenaria sua própria cantina, ao lado da casa de comércio. De comerciantes passaram também a ser fabricantes de vinho e por vezes de outros produtos como queijo, salames, etc., o que pode ser facilmente constatado nos anúncios e notícias dos jornais das primeiras décadas do século.

Como o comerciante e o industrial eram freqüentemente a mesma figura, os preços pagos ao agricultor foram sendo comprimidos. A partir da exploração do trabalho do colono passou a ocorrer a transferência da renda da agricultura para o comércio e indústria, com o seu fortalecimento.

Com a diversificação de atividades, as oportunidades de acumulação do capital são crescentes, devido à velocidade imprimida às operações de comercialização dos diferentes produtos.

---

<sup>68</sup> - Ler: GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do Littorio*. Porto Alegre: Parlenda, 1994. p.35.

PESAVENTO<sup>69</sup> em sua obra - **História da Indústria Sul-Rio Grandense** - identifica e distingue pelo menos três instâncias no circuito de acumulação do capital comercial, que são: os comerciantes rurais localizados no interior, junto aos lotes coloniais, que recolhiam os produtos agrícolas para vendê-los aos comerciantes no núcleo ou das colônias centrais, os quais atuavam como intermediários entre o comerciante da venda rural e o grande comércio da capital. O comerciante de Porto Alegre, por sua vez dedicava-se especialmente às atividades de exportação e importação com outros estados do país e até com o exterior.

Para a autora acima citada o poder de acumulação entre esses três níveis do circuito era variado. A acumulação de capital concentrou-se especialmente nas mãos do comerciante intermediário da sede e nas dos comerciantes da capital.

Até a chegada da ferrovia em Caxias do Sul, em 1910, o escoamento da produção era realizado através do porto fluvial da cidade de São Sebastião do Caí. A chegada da ferrovia ligando Caxias a Porto Alegre eliminou a intermediação de comerciantes alemães, o que beneficiou os comerciantes intermediários locais.

Os poucos dados disponíveis para o serviço de transporte não

---

<sup>69</sup> - PESAVENTO, Sandra J. **História da indústria Sul Rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985. p.29.

deixam dúvidas de que o número de cargueiros, carretas e tropeiros ligados ao transporte da produção<sup>70</sup> era expressivo quando da chegada da ferrovia (ver QUADRO 02).

São Sebastião do Caí era, nessa época, uma cidade muito movimentada. Pelo seu porto, distante 43 Km de Caxias, escoavam os produtos locais e de toda a região próxima. Na cidade localizavam-se algumas poucas grandes firmas atacadistas de comerciantes alemães, que intermediavam a comercialização do vinho e de outros produtos agropecuários.

**QUADRO 02 - O transporte em Caxias do Sul - 1895/1910**

ANO	SEDE	INTERIOR DO MUNICÍPIO	TOTAL	OBSERVAÇÕES
1895	6 carretas	34 carretas	40	-
1899	19 carretas	70 carretas	89	1232 animais
1903	20 carretas	78 tropeiros	98	-
1905	17 tropeiros	57 tropeiros	74	consta 1 diligência e 5 carros.
1906	24 carretas	57 tropeiros	81	consta 1 diligência e 1 carro
1907	34 carretas	58 tropeiros	92	consta 2 diligências e 1 carro.
1910	32 carretas	186 carretas	218	consta 4 diligências e 1 carro

Fonte: Livro de contribuintes de Impostos de Indústrias e Profissões de 1895, 1899, 1903, 1906, 1907. Relatório do Intendente 1910. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

A partir do processo de acumulação de capital comercial e da necessidade de diversificar os investimentos, surgiram as manufaturas e poderosos grupos empresariais tanto na região de colonização italiana como na de colonização alemã.

<sup>70</sup> - Com a chegada do trem, os tropeiros continuaram atuando no transporte das cargas dentro da área urbana e para os lugares onde o trem não passava. Só na década de 20 é que o transporte por carretas passou a ser substituído pelo transporte do caminhão. O avanço tecnológico no transporte barateou o custo e agilizou o comércio e o processo de acumulação de capital.

Segundo PESAVENTO<sup>71</sup>, o dado básico para a compreensão da origem do processo de industrialização, no Rio Grande do Sul, está no capital comercial. Contudo, a forma como este capital acumulado se transformou em capital industrial foi variável nos diferentes lugares.

Em alguns casos o comerciante aplicou altas somas em capital na montagem de uma empresa que já surgiu como indústria propriamente dita, em um estágio que se denominaria “*fabril manufatureiro*”. Este caracterizou-se pelo uso de máquinas, associado ao emprego de ferramentas, significativo capital inicial e com a utilização do trabalho assalariado.

Os exemplos mais representativos estão em indústrias da capital e da região de colonização alemã, tais como: grupo Renner, Ritter, Trein, Mentz, Oderich, com destaque na produção de tecidos, cerveja, banha e produtos suínos. Esses grupos econômicos estavam ligados entre si por laços de parentesco e de negócios.

Em outros casos, a indústria resultou da evolução da unidade artesanal para a empresa fabril manufatureira, ou da pequena empresa com origem familiar para a grande fábrica.

Em Caxias do Sul foi comum a associação da atividade comercial como a do trabalho de transformação na unidade artesanal doméstica, proporcionando assim ao mesmo agente social um capital acumulado que

---

<sup>71</sup> - PESAVENTO, op. cit., p. 30.

pôde ser aplicado na ampliação e melhoria da atividade de transformação. Os exemplos mais conhecidos são os de Abrano Eberle e Antônio Pieruccini. Ambos conseguiram romper com a intermediação alemã existente, colocando eles próprios sua produção no centro do país. A atividade comercial paralela à de transformação possibilitou a adição de capital dinheiro na atividade de produção de mercadorias. *“Pieruccini tornou-se proprietário de uma das mais importantes cantinas de vinho, e Eberle, da conhecida e destacada metalúrgica Eberle Ltda.”*<sup>72</sup>

Nestes dois exemplos a autora não explora outro aspecto importante que ajuda a explicar a expansão inicial de algumas indústrias: o da diversificação de investimentos e a associação com outros capitalistas. No caso de Abrano Eberle este atuou desde o início em diferentes atividades e ligado a vários sócios, a saber:

- Em 1905 constituiu a firma Eberle, Triches & Cia, que atuava no comércio de ferro em geral;
- No mesmo período criou a firma Eberle, Bochenborger & Cia, voltada para o setor de joalheria;
- Em 1920, instituiu a firma Eberle, Mosele & Cia, especializada na produção de ferramentas;
- Em 1923 passou a atuar também na especulação imobiliária. Eberle

---

<sup>72</sup> - Ibid., p. 32.

associou-se a outros capitalistas e constituíram a firma Mosele, Eberle, Ghihardi & Cia, que teve por objetivo executar um projeto de assentamento de 2 mil famílias de italianos gaúchos em mais de 50 mil hectares de terra em Santa Catarina, junto à ferrovia que ligava Santa Catarina a São Paulo, próximo à divisa do Rio Grande do Sul.

Como se observa, vários empresários locais juntaram seus escassos recursos e criaram novas firmas em atividades por vezes inexploradas ainda, o que ampliou as possibilidades de obter lucros de diferentes atividades.

Antônio Pieruccini, por sua vez, além de agricultor e vitivinicultor, dedicou-se também à transformação de produtos suínos, tais como salame tipo italiano, mortadela, presunto e outros, com uma produção de 100 mil quilos em 1925.

Outro exemplo de firma que se originou do artesanato e que se expandiu utilizando a estratégia de diversificar a produção e diferenciar os produtos foi a de Evaristo De Antoni. Em 1894 seu pai fundou, na terceira légua, a primeira fábrica de trilhadeiras do Estado. Evaristo De Antoni aprendeu com o pai a profissão e deu continuidade ao seu trabalho, após a sua morte. Além da fábrica produzir 4 tipos de trilhadeiras, tinha uma seção de fundição, outra de máquinas para serrarias, serras circulares e uma terceira dedicada a parte de carpintaria e fabricação de carroças.

Em menor número de casos, PESAVENTO<sup>73</sup> afirma que ocorreu a associação do capital comercial com uma pequena manufatura já constituída. É o exemplo do Lanifício São Pedro, de Galópolis. Fundado em 1898 por um grupo de imigrantes italianos, operários especializados no setor têxtil na Itália, a firma só se expandiu em termos de produção e máquinas a partir da associação, em 1906, com o técnico Hércules Galló, e em 1912 com a firma Irmãos Chaves Barcellos, influente empresa no setor têxtil da capital.

Outro exemplo é o de Matteo Gianella, ex-funcionário do Lanifício São Pedro, que resolveu fundar em 1907 o seu próprio lanifício. Com pouco capital associou-se a Domenico Vieiro e especializou-se na produção de cobertores, mantas para cavaleiros, feltros para botas e na fiação e tintura de lã.

LAGEMANN<sup>74</sup> tem razão ao afirmar que a acumulação comercial não é a única variável que explica a origem da industrialização no Estado, mas concorda que é, sem dúvida, a mais importante.

Na fase de implantação das primeiras indústrias, muitos outros fatores estiveram presentes e de modo geral muito interligados entre si. Para mostrar esta complexidade basta lembrar o caso das indústrias que

---

<sup>73</sup> - Ibid., p. 32.

<sup>74</sup> - LAGEMANN, Eugênio. Imigração e industrialização. In: CANO, Aldair M. et al. **RS: Imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 114-134.

surgiram a partir de iniciativas de técnicos (sem ou com capital trazidos do exterior). Como exemplo podemos citar a fundação do moinho Germani (1905), cervejaria Leonardelli (1878), Panceri & Comp - Indústria têxtil de seda (1907), dentre outros.

Por outro lado, a localização relativamente privilegiada da colônia de Caxias em relação ao porto fluvial do Caí, localizado a 43 Km de distância, por onde era realizada a exportação, e a posterior implantação, em 1910, da ferrovia<sup>75</sup> ligando a região diretamente com a capital, viabilizaram as condições necessárias para a reprodução ampliada das atividades nela localizadas.

Com a implantação da ferrovia os custos da produção puderam ser rebaixados, diminuindo os gastos com transporte, até então feitos por tropas muares. A ferrovia contribuiu também para elevar economicamente a produtividade. Antes, por deficiência dos transportes, parte da produção agropecuária perecia nas colônias mais distantes, e outra parte era perdida ou estragada durante o longo período necessário para chegar até o mercado consumidor, devido à precariedade das condições vigentes.

Porém, o mais importante dos efeitos da ligação ferroviária foi o de acelerar o tempo da comercialização dos produtos, pela redução

---

<sup>75</sup> - A ligação ferroviária de Caxias com a capital coincidiu com a inauguração da ligação ferroviária do Estado com o centro do país, o que criou uma nova opção para o escoamento da produção gaúcha.

relativa das distâncias, criando uma das condições básicas para a reprodução ampliada do capital local.

Analisando-se o relatório escrito em 1905 pelo Professor ANCARINI<sup>76</sup>, em visita à colônia de Caxias, é possível ter-se uma idéia da produção e exportação locais vigentes na virada do século. Da produção total, onde se destacavam os produtos agrícolas, cerca de 48% era exportada, com destaque para os produtos agrícolas. Por ordem de importância econômica constam, na pauta das exportações: tijolos, milho, banha, trigo, feijão, telhas, farinha de milho, dentre os principais. Alguns produtos industrializados como chapéus, cadeiras, cestos, tábuas cerradas, cerveja e vinho também constam na pauta dos produtos exportados. No início do século o valor da produção e exportação da cerveja era em torno do dobro da do vinho, e a soma dos dois não passava de 0,5% da produção total.

A produção da cerveja não só teve início antes como foi também, a princípio, mais importante. Só após a chegada da ferrovia é que a produção e exportação do vinho, da madeira e de outros produtos aumentaram consideravelmente.

Na relação dos 22 produtos exportados, 15 passaram por um processo de transformação e apenas 7 eram produtos agrícolas. Neste relatório não consta nenhum item relacionado com a exportação de

---

<sup>76</sup> - ANCARINI, Umberto. A colônia de Caxias do Sul (1905). In: DE BONI, Luiz. *A Itália e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983. p. 27.

produtos da indústria de metais.

A produção diversificada de produtos agrícolas, produtos alimentares, extração da madeira e da erva mate, tecelagem, ferrarias, funilarias, dentre outras, gradativamente vai sendo suplantada pela produção comercial do vinho. Com a chegada da ferrovia a produção do vinho cresceu rapidamente e se transformou num dos principais produtos na pauta da exportação e o principal responsável pela inserção do lugar no mercado nacional.

No entanto, boa parte das atividades de transformação industrial permaneceu ligada ao mercado regional, o que limitou as possibilidades de uma maior expansão inicial. Como exemplo podemos citar as atividades ligadas à indústria têxtil (especializada em fios e tecidos de lã de demanda regional), ferrarias, fabricação de carretas, carroças e instrumentos de trabalho agrícola, funilarias (objetos e instrumentos de uso doméstico e agrícola), confecções, dentre os principais.

Se comparada a estrutura industrial dos municípios colonizados por alemães com os de origem italiana, constata-se que a diversidade de atividades é favorável aos últimos.

É necessário lembrar que, quando do início da imigração alemã, em 1924, a Alemanha ainda não tinha sofrido a influência da Revolução Industrial, ao passo que a situação dos imigrantes italianos foi diferente.

Em 1875, o norte da Itália estava passando pelo processo de industrialização e um número significativo de imigrantes tinha sido técnico ou operário de diferentes setores da indústria italiana. Ao emigrarem para o Brasil trouxeram consigo esses conhecimentos e o reproduziram através da criação de máquinas e instalação de atividades ligadas à transformação de produtos agropecuários e de artigos de metal, madeira, dentre outros.

Durante o período da Primeira Guerra Mundial as limitações às importações possibilitaram o surgimento e a expansão de muitas oficinas e indústrias ligadas à produção de bens de consumo corrente. As necessidades de reposição de peças das máquinas existentes e as de novas ferramentas viabilizaram o surgimento de oficinas ligadas à produção de artigos de metais para atender a demanda regional. Por outro lado, a redução na concorrência dos produtos importados garantiu o surgimento de novas unidades de produção similares às preexistentes. (ver TABELA 05).

Portanto, a primeira fase da industrialização de Caxias caracterizou-se pela presença de uma estrutura produtiva diversificada, mas com algumas produções já assumindo destaque. Esta era composta por um número elevado de pequenas oficinas e fábricas adotando uma base tecnológica de tempos diferentes que coexistiam num mercado em expansão.

**TABELA 05 - Estrutura produtiva de Caxias: número de atividades**

ANO	LOCALIZAÇÃO	OFICINAS E INDÚSTRIAS	COMÉRCIO	SERVIÇOS	TOTAL
1895	Sede	58	88	24	170
	Interior	213	-	34	247
	Total	271	88	58	417
1899	Sede	53	64	50	167
	Interior	264	187	95	546
	Total	317	251	145	713
1905	Sede	81	185	65	331
	Interior	250	104	57	411
	Total	331	289	122	742
1910	Sede	90	64	99	253
	Interior	347	135	238	720
	Total	437	199	337	973
1912	Sede	69	71	53	193
	Interior	386	187	57	630
	Total	455	258	110	823
1915	Sede	139	149	82	370
	Interior	454	252	65	771
	Total	593	401	147	1141
1926	Sede	460	350	280	1090
	Interior	233	113	94	440
	Total	693	463	374	1530
1929	Sede	208	298	229	735
	Interior	685	104	199	988
	Total	893	402	428	1723

Fonte: Livro de contribuintes de impostos de Indústrias e Profissões de 1895, 1899, 1905, 1910, 1912, 1915, 1926 e 1929. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Relatórios dos Intendentes 1910, 1915, 1926 e 1929. Os dados de serviço de 1895 e 1905 para o interior referem-se apenas ao serviço de transporte por meio de carroças e carretas.

Obs.: A partir de 1912 não constam mais na relação de impostos de indústrias e profissões as carretas e carros e outras contribuições consideradas de menor importância econômica na arrecadação.

O cenário local era de firmas em franca expansão. Estas buscavam, em várias regiões do país e até mesmo no exterior, técnicos para aperfeiçoar seus métodos no processo de produção. A indústria têxtil buscou tecelãs no Vale do Itajaí, a indústria vinícola trouxe tanoeiros de Portugal, e a indústria metalúrgica contratou técnicos da Itália para atuar nas novas linhas de produtos. A melhoria dos meios de comunicação permitiu que os produtos industrializados alcançassem áreas cada vez

mais extensas, chegando ao interior dos municípios com rapidez e preço relativamente inferior, o que vai provocar o desaparecimento de muitas atividades artesanais (ferrarias, sapatarias, marcenarias, alfaiatarias) ligadas à produção domiciliar de uso pessoal, utensílios domésticos, ferramentas e outros. Por outro lado, instrumentos mais aperfeiçoados e novos produtos penetraram no meio agrícola e criaram novas necessidades, o que exigiu que o camponês se dedicasse cada vez mais à produção do vinho, produto com colocação garantida no mercado, especialmente nas cidades onde se concentravam os imigrantes de origem européia.

A exportação de produtos agropecuários e industrializados, tendo o vinho, tecidos, artigos de metais e madeira como principais produtos da pauta de exportação de Caxias dependiam, em especial, do comportamento da demanda regional e dos estados do centro do país.

O início da industrialização de Caxias e da região esteve ligada à expansão do mercado regional e à do centro do país o qual teve, por sua vez, o seu impulso atrelado ao crescimento das exportações brasileiras, fundamentadas no café.

Até o início deste século, as firmas de comércio e de transformação de propriedade de alemães ou de seus descendentes dominavam o mercado no Estado. Ao lado destas sobreviviam poucas grandes firmas de luso-brasileiros. Com a implantação de núcleos de

colonização italiana, logo teve início o processo de ascensão de firmas de italianos que gradativamente foram se destacando em alguns setores antes dominados pelas alemãs, tais como na produção do vinho, da aguardente, da madeira e de derivados de produtos suínos tais como salame, presunto, toucinho defumado, dentre os mais importantes. No entanto, o comércio da banha continuou sob o domínio de poucas grandes empresas de propriedade de imigrantes alemães.

Por outro lado, muitas firmas italianas tentaram estabelecer-se com curtumes e oficinas de produtos de couro, mas não conseguiram competir com as firmas já estabelecidas e consolidadas na região de colonização alemã. Por isso o número de estabelecimentos e o valor da produção neste setor sempre foi inexpressivo e subsistiram apenas poucos estabelecimentos ligados a selarias e alguns pequenos curtumes.

### **1.1.2- A CONSOLIDAÇÃO DAS INDÚSTRIAS LIGADAS A BENS DE CONSUMO NÃO-DURÁVEIS**

Para MELLO<sup>77</sup>, a segunda fase da industrialização brasileira iniciou com a crise de 1929, responsável pela ruptura nas condições vigentes até então. *“Os sucessivos estrangulamentos externos*

---

<sup>77</sup> - MELLO, op. cit., p. 93.

*promoveram e, ao mesmo tempo foram promovidos pelo crescimento industrial interno”*

O dinamismo da economia do país passou a depender dos investimentos aplicados à produção, o que deu início ao processo da industrialização por substituição de importações designada por MELLO<sup>78</sup> de industrialização extensiva.

Inicialmente esta fase caracterizou-se pela substituição de bens de consumo, produtos intermediários e bens de capital, cuja tecnologia exigia baixa densidade de capital, com o emprego elevado de mão-de-obra.

No caso de Caxias do Sul, os reflexos da recessão provocada pela quebra da bolsa americana refletiram-se imediatamente na economia local, já sacudida pelas profundas mudanças em processo no setor vinícola, em fase de estruturação dentro dos padrões de organização capitalista.

No livro de registro do Imposto de Indústrias e Profissões de 1929, o número de anotações registradas na coluna de observações indicando a solicitação de baixa no registro de contribuinte junto à prefeitura atingiu o número de 170, o que corresponde a aproximadamente 19% do total geral. Dessas solicitações, 88 estavam ligadas a oficinas e indústrias, 54

---

<sup>78</sup> - Ibid., p. 93.

a estabelecimentos comerciais e 28 a estabelecimentos de prestação de serviços.

Outras anotações no mesmo documento apontam que um grande número desses contribuintes solicitaram, através de requerimento, isenção do pagamento dos tributos, alegando dificuldades financeiras em função da crise econômica.

A redução drástica do preço internacional do café, principal produto de exportação do país, provocou uma imediata redução do capital circulante e uma queda no consumo na economia em geral. No entanto, a política econômica adotada pelo Estado de proteção ao nível de renda da população resultou na rápida retomada do crescimento da produção interna, agora reestruturada e mais concentrada.

A crise econômica provocada pela recessão atingiu especialmente as atividades menos capitalizadas e ligadas ao mercado local e regional, tais como produtos de couro, carpintaria, serrarias, moinhos, ferrarias dentre outras.

As atividades locais ligadas à exportação para o mercado do centro do país sofreram um impacto menor e em alguns casos até se expandiram, como no caso da produção do vinho.

Segundo FURTADO<sup>79</sup>, a contração da renda monetária e real fez

---

<sup>79</sup> - FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1982.

subir os preços relativos das mercadorias importadas. Com isto a demanda interna passou a ser atendida pela oferta das indústrias já instaladas, que passaram a aproveitar de forma mais intensiva a sua capacidade instalada.

Com a depreciação cambial e encarecimento brusco das importações, estabeleceu-se um novo nível de preços relativos para os artigos de produção nacional. Com base nestas transformações o setor industrial pôde se desenvolver rapidamente, após o primeiro impacto da recessão, que atingiu seu ponto culminante em 1929, através da produção de artigos destinados a substituir as importações.

O impacto da recessão provocou de imediato a eliminação do mercado dos produtores menos eficientes e capitalizados e favoreceu especialmente as atividades ligadas à exportação de produtos destinados ao consumo em expansão nos principais centros urbanos do país.

O desaparecimento total dos alambiques e o parcial das cantinas domésticas dos colonos e a concentração dessas produções nas firmas organizadas de forma capitalista (vinícolas urbanas e nas cooperativas); a redução significativa no número de serrarias, moinhos, ferrarias e outras atividades localizados no interior consolidou, de vez, a divisão do trabalho entre cidade e interior.

Com a crise econômica de 1929 ocorreram mudanças estruturais na

economia do país, que passou a ter um crescimento voltado para atender a demanda do mercado interno, dando início a uma nova fase na economia, com a consolidação do setor industrial ligado a bens de consumo não duráveis. As restrições impostas a partir de então às importações, devido às dificuldades na balança comercial do país, acabaram atuando como uma reserva de mercado para as produções desse setor.

Por outro lado, a crise econômica coincidiu com a fase de ascensão do movimento fascista, difundido via governo italiano, nas regiões de colonização italiana do país.

Segundo GIRON<sup>80</sup>, a ação da diplomacia italiana organizou, através de seus agentes consulares, um movimento que promoveu uma “*nova imigração*” de italianos tutelados incumbidos de aliciar associados entre os elementos mais representativos da sociedade, objetivando com isto difundir o fascismo nas colônias de imigração italiana.

O movimento, dirigido especialmente aos comerciantes, industriais e profissionais liberais, teve um papel importante no desenvolvimento econômico da região. Este foi introduzido pelo governo italiano que, a pretexto de atender os imigrantes nas suas necessidades de máquinas e técnicos, encontrou um meio para propagar as idéias fascistas do

---

<sup>80</sup> - GIRON, op. cit., p. 81.

“Duce”, pela atuação de sua representação diplomática, os vice - cônsules; que passaram a intermediar negócios de importação e exportação, de intercâmbio técnico com a oferta de estágios e cursos em firmas da Itália e a conceder empréstimos a industriais da região para a importação de máquinas.

GIRON<sup>81</sup> afirma que, no período fascista (1928 a 1938), vários empresários locais realizaram viagens à Itália. Menciona como exemplo o caso de Duilio Gianella, filho do imigrante Matteo Gianella, que realizou um estágio e um curso de química têxtil em Biela, considerada a Manchester italiana. Cita ainda o nome de outros empresários como Zampieri, Eberle, Germani, Martinatto e Gianella como tendo realizado várias viagens a Itália nesse período.

Os empréstimos bancários concedidos aos industriais da região eram intermediados pelo Banco Francês e Italiano, o qual tinha, na sua direção, líderes fascistas.<sup>82</sup>

O intercâmbio técnico com a Itália e o financiamento das importações de máquinas foram decisivos, na época, para a implantação de um novo modelo de produção fundamentado na ciência, em substituição ao empirismo que ainda dominava. Com isto, cada vez mais, a produção artesanal cedeu espaço para a produção organizada de forma

---

<sup>81</sup> - Ibid., p. 111.

<sup>82</sup> - Ibid., p. 106.

científica. Máquinas modernas são importadas, outras são copiadas, adaptadas e, em alguns casos, novas são criadas para atender as necessidades específicas da produção local.

A partir do fortalecimento dos laços com a Itália, os empresários locais puderam acompanhar de perto o progresso técnico-científico que ocorria naquele país e conseguiram manter grande parte das firmas da região relativamente atualizadas em termos do emprego de técnicas modernas no processo de produção, condição importante para a posterior instalação na década de 50, de “*novas*” indústrias ligadas ao novo padrão de acumulação do capital, com base na produção de bens duráveis.

Os agentes do governo italiano, ao atenderem as necessidades dos empresários locais, conseguiram espaço na região para difundir as idéias de nacionalismo e culto ao “*Duce*”. E como bem afirma GIRON<sup>83</sup> “*os italianos no exterior passam a ter além de dupla nacionalidade, um duplo governo*”.

Com a implantação do Estado Novo ocorreu a reação contra os grupos estrangeiros localizados no Brasil. O período de 1941 a 1943 foi marcado por um conjunto de ações punitivas tomadas contra os grupos estrangeiros de diferentes etnias, e que culminou com a determinação da obrigatoriedade destes optarem por uma única nacionalidade.

---

<sup>83</sup> - Ibid., p. 148.

*O facismo percorreu a região colonial como um incêndio, as cinzas projetaram as raízes do sentimento facista. Ao serem remexidas, afloram como pontos sensíveis ainda doloridos, quando expostos. O tempo ainda não conseguiu apagar a pequena chama facista que se abriga no coração daqueles que ainda acreditam no Estado facista.<sup>84</sup>*

Como os interesses dos empresários da região de colonização italiana estavam localizados no Brasil, a decisão da maioria destes se orientou pela nacionalização, única forma de manter os privilégios políticos e econômicos, garantidos na constituição aos brasileiros.

Os cargos administrativos que o Estado mantinha na região foram, até o final da década de 20, com algumas exceções, ocupados por políticos nomeados ou indicados pelo governo do Estado. A partir dos anos 30 os interesses da elite local passaram a ser defendidos diretamente por seus representantes mais esclarecidos, formados por indústrias, comerciantes e/ou seus representantes.

Esse conjunto de situações favoráveis foram devidamente apropriadas pelos empresários locais, que tradicionalmente sempre souberam se organizar através de associações fortes e coesas, capazes de garantir-lhes vantagens e a preservação de seus interesses econômicos enquanto grupo social.

Assim, as condições favoráveis à importação de máquinas e o fortalecimento do intercâmbio técnico com países como a Itália resultaram na implantação de uma base física e técnica importante, o que

---

<sup>84</sup> - Ibid., p. 154.

viabilizou a ampliação da produção quando a demanda no mercado interno estava em fase de expansão.

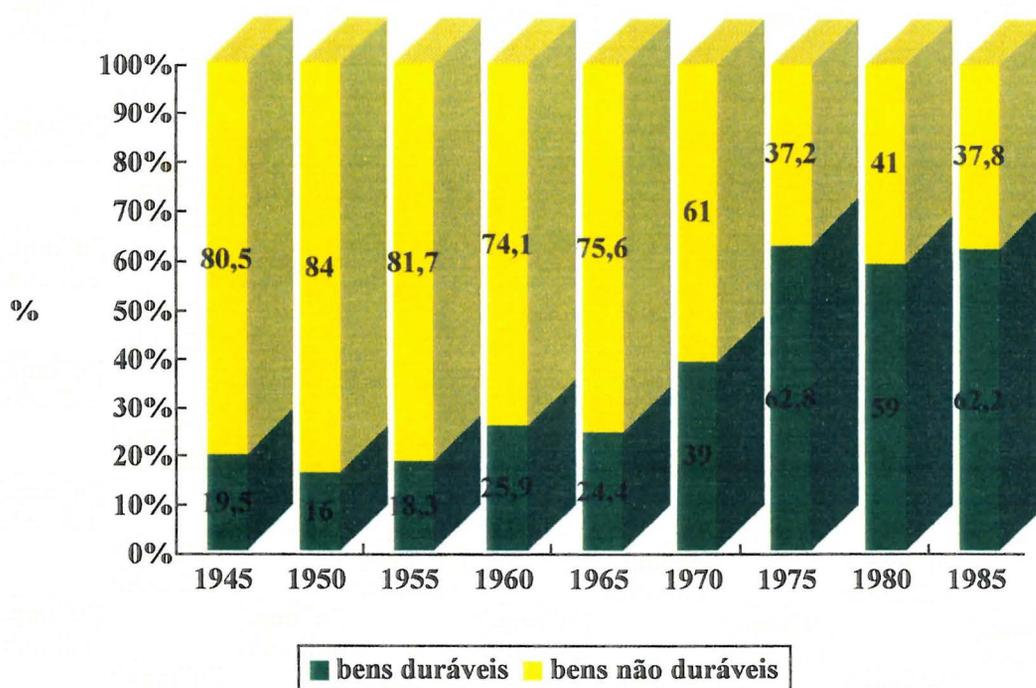
O aperfeiçoamento dos meios de comunicação, com a melhoria e ampliação no número de estradas, a expansão do transporte por veículos motorizados, o correio, os jornais e o rádio facilitaram o acesso as informações, mercadorias, aos novos produtos e instrumentos aperfeiçoados, tornando mais ativas as relações entre os lugares. As modernizações desta fase encurtaram as distâncias e aceleraram o tempo, criando condições mais favoráveis para o processo de concentração do capital industrial na área urbana, onde as modernizações foram primeiro instaladas (luz, telefone, correios, transportes, etc.). Isto resultou na destruição de muitas das atividades artesanais existentes, que atendiam a uma demanda das vilas do interior. Cada vez mais o colono torna-se um agricultor puro, enquanto na cidade ampliam-se as relações do trabalho assalariado.

As mudanças no processo de produção dos produtos agropecuários provocaram o êxodo rural, o que fortaleceu a oferta de mão-de-obra barata e disciplinada para o trabalho nas indústrias urbanas. A área urbana cresceu através de loteamentos que proliferaram em torno do núcleo inicial.

Com a penetração do capitalismo no campo, representado pela subordinação do camponês à indústria, a agropecuária colonial vai

perdendo espaço na economia do Estado em favor da lavoura empresarial da soja, trigo e arroz que tem, a partir da década de 50, invadido áreas até então ocupadas pela pecuária extensiva.

**GRÁFICO 01 - Caxias do Sul: evolução na participação relativa dos gêneros industriais ligados a bens duráveis e não-duráveis no valor da produção - 1945/1985**



Fonte: Estatística Industrial do Rio Grande do Sul, 1945, 1950, 1955, 1960. FIBGE - Censo Industrial, 1965, 1979, 1975, 1980, 1985.

Na década de 30 a redução das barreiras espaciais, com a melhoria das estradas e generalização do uso de veículos automotores, facilitou o

acesso aos “*novos*” produtos importados ligados a bens duráveis, tais como geladeiras, rádio, etc. A existência de um mercado consumidor importante levou à proliferação de agências e distribuidores de aparelhos elétricos, veículos automotores, autopeças, combustível, confecções e cervejas (Bopp, Sassen, Ritter, indústrias com sede na capital do Estado).

Muitos dos comerciantes de Caxias tornaram-se representantes ou distribuidores locais de firmas e marcas nacionais e estrangeiras de “*novos*” produtos importados. A obtenção dessas concessões implicava na disponibilidade de capital relativamente importante para atender às exigências do concedente. Observa-se no registro de Indústrias e Profissões que as concessões foram fornecidas para nomes de destaque no meio econômico local, como o de Amadeu Rossi, distribuidor da “*Philco*”, De Carli & Cia - Agente da “*Standar Oil*” e das confecções Rener de Porto Alegre, dentre outros.

Na estatística industrial de 1937 referente a Caxias constata-se a permanência relativamente elevada do número de pequenas oficinas, coexistindo com poucas médias e algumas grandes indústrias atuando, por vezes, com produtos similares, o que denota que a concorrência sempre foi intensa não só na cidade, mas na região.

No início do século, em Caxias, a indústria do vinho, conjuntamente com a de produtos alimentícios e têxteis, teve um

desempenho superior aos demais segmentos. A produção do vinho foi, sem sombra de dúvidas, a mais importante atividade até a década de 60. Se associada com a produção de alimentos, a sua dominância permanece até meados da década de 70, quando o conjunto das produções ligadas a bens não duráveis são suplantadas definitivamente pelos segmentos de indústrias ligadas à produção de bens duráveis, com destaque para a produção de material de transporte, mecânica e metalúrgica.

O crescimento da produção agrícola e das indústrias de bens de consumo nas regiões de colonização alemã e italiana, especialmente a partir do início do século, foram responsáveis pela diversificação e crescimento das exportações do Estado gaúcho.<sup>85</sup>

A partir da instalação dos núcleos coloniais iniciou-se o deslocamento do eixo econômico da Região da Campanha e Litorânea para a de Porto Alegre e entorno, estendendo-se para nordeste e envolvendo os municípios do Vale do Rio dos Sinos até a encosta do planalto, onde se localizam os municípios de colonização italiana.

A produção de charque e couros foi perdendo participação relativa na pauta das exportações para os produtos agropecuários e depois para os industrializados, mudando gradativamente o perfil do Estado, de celeiro

<sup>85</sup> - Participação nas exportações do Rio Grande do Sul

<b>PARTICIPAÇÃO EM %</b>	<b>1861</b>	<b>1890</b>	<b>1923</b>	<b>1927</b>
Economia Pastorial (charque) couro.	74,9	54,7	33,5	24,5
Economia colonial (arroz, banha, farinhas, fumo, feijão, vinho, etc.)	5,4	29,2	31,9	43,9

do Brasil, para o de Estado industrial, na década de 70, quando este setor superou de vez a produção agrícola, acompanhando a tendência da economia brasileira.<sup>86</sup>

Na estatística industrial realizada em 1937, entre os 10 principais municípios do Estado, Caxias já ocupava a quinta posição na economia, superando os municípios de Pelotas, São Leopoldo e Novo Hamburgo, onde se concentravam as atividades ligadas a curtumes e produção de calçados. (ver QUADRO 03).

**QUADRO 03 - Participação relativa no valor da produção dos 10 principais municípios do Estado do RS em 1937**

MUNICÍPIO	% NO VALOR DA PRODUÇÃO
1 - Porto Alegre	26,0
2 - Rio Grande	10,5
3 - Bagé	5,6
4 - Livramento	7,0
5 - Caxias	4,0
6 - Pelotas	3,8
7 - São Leopoldo	3,6
8 - Novo Hamburgo	2,7
9 - Tupaceretã	2,2
10 - São Gabriel	2,0
<b>SUBTOTAL</b>	<b>67,4</b>
<b>Outros 76 municípios</b>	<b>32,6</b>
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Estatística industrial do Rio Grande do Sul de 1937 - Órgão Regional do IBGE.

<sup>86</sup> - Evolução da estrutura setorial do produto no Rio Grande do Sul e no Brasil - 1950 a 1985.

Anos	Rio Grande do Sul			Brasil		
	Agricultura	Indústria	Serviços	Agricultura	Indústria	Serviços
1950	38	18	44	29	21	50
1960	28	21	51	23	25	52
1970	21	22	57	10	36	54
1980	18	24	58	13	34	53
1985	19	22	59	11	34	55

Fonte: 1950 a 60 FEE - 25 Anos de Economia no RS. Porto Alegre, 1975, v.1., p.59.  
1970 a 85 FEE - Indicadores Econômicos RS. Uma análise da Economia RS. Porto Alegre, v.10, dez. 82 e v.13 dez. 85 apud Carrion Jr. 1986, p. 27.

O levantamento estatístico realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 1937, onde foram consideradas todas as fábricas e oficinas<sup>87</sup> existentes permite que se tenha uma visão da situação do setor industrial naquele ano. (ver TABELA 06).

**TABELA 06 - Evolução no número de estabelecimentos no setor industrial da sede e município de Caxias do Sul**

Atividades	1929		1935		1940		1945	
	Sede	Município	Sede	Município	Sede	Município	Sede	Município
<b>Bebidas:</b>								
Cerveja	1	2	1	-	1	-	1	-
Gasosa/licor	4	3	5	-	2	1	2	1
Vinho	17	10	8	4	11	2	10	3
Alambique/álcool	3	432	-	5	lei graspa e do vinho		2	3
<b>Madeira:</b>								
Serraria	1	33	-	13	1	20	3	18
Carpintaria/Marcenaria	18	20	9	7	7	4	8	6
Fábrica de móveis	4	8	4	5	5	4	3	3
Tonoarias	8	2	10	3	7	-	8	1
<b>Alimentos:</b>								
Moinhos	5	46	4	30	3	26	4	33
Produtos suínos	13	5	2	4	Dados constam especialmente no imposto agrícola			
Padarias	8	3	4	2	3	2	4	4
Moagem de café	4	1	6	1	-	-	4	1
Diversas	3	4	4	1	4	-	7	3
<b>Vestuário:</b>								
Malhas	7	-	2	-	2	-	4	-
Alfaiataria/modista	10	18	19	15	18	6	21	11
Chapéus	2	1	5	3	3	-	1	-
Têxtil	2	2	3	1	2	2	4	3
Curtume/peles	2	6	1	4	2	1	5	-
Selaria	9	7	6	8	2	5	4	5
Calçados	2	-	3	-	1	-	-	-
<b>Metais:</b>								
Metalúrgica	3	-	3	-	5	-	3	-
Ferraria	3	37	8	14	3	14	5	19
Funilaria	5	4	6	2	4	1	4	2
Fundição/ofic. mecânica	10	4	8	1	1	4	1	-
Diversas	4	-	4	3	2	-	3	2
<b>Química:</b>								
	1	-	1	-	1	-	1	-
<b>Extrativas:</b>								
Pedras	5	2	3	6	1	5	2	8
Olaria	3	16	3	3	-	7	1	17
Areia	1	5	-	4	-	-	-	5
Erva mate	4	7	Constam especialmente nos dados do imposto agrícola					1
Diversas	46	7	23	4	12	4	27	15
<b>Total</b>	<b>208</b>	<b>685</b>	<b>155</b>	<b>143</b>	<b>103</b>	<b>108</b>	<b>142</b>	<b>164</b>

Fonte: Livro de Contribuintes de Impostos de Indústrias e Profissões 1929, 1935, 1940, 1945. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

Em 1937 os segmentos mais importantes em Caxias eram o de fiação e tecidos, metalúrgica e produção de vinho. Esses três segmentos,

<sup>87</sup> - No censo de 1937 só foram excluídas as indústrias de caráter genuinamente rural.

representados por apenas 21 estabelecimentos, eram responsáveis por cerca de 65% dos empregos na indústria local, por 58% do valor da produção e mais de 90% da força motriz empregada.

Com a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália, em agosto de 1942, as opções de importações diminuíram e os setores ligados à metalúrgica, mecânica, têxtil, alimentos e bebidas, dentre outros, expandiram-se rapidamente.

As dificuldades de importação de bens de produção levou firmas locais a construir suas máquinas e equipamentos. Como exemplo temos o caso da metalúrgica Abramo Eberle, que em 1939 produziu o primeiro motor elétrico para seu uso. O sucesso no empreendimento fez com que, em 1940, a firma iniciasse a produção comercial dos motores. Atualmente esse produto se transformou no carro-chefe da empresa.

Passada a crise os setores tradicionais ligados ao vestuário, alimentação, bebidas e mecânica continuaram se expandindo acima da média dos demais segmentos. Os únicos que tiveram um crescimento modesto foram os ligados ao couro e à indústria química. No primeiro caso, a forte concorrência na produção de calçados e artigos de couro das firmas concentradas na região de colonização alemã no Estado e em Franca, no Estado de São Paulo, restringiram a expansão desse setor.

Ao se interpretarem os dados da TABELA 07, constata-se que

houve uma redução importante no número de estabelecimentos após a crise de 1929, especialmente na rede dos distritos do interior do município.

**TABELA 7 - Situação industrial de Caxias Do Sul - 1937**

<b>Situação Industrial de Caxias em 1937</b>						
	Gênero	Nº fábricas ou ou oficinas	Capital	Nº de operá- rios	Força Motriz HP	Valor da Produção
<b>Bebidas</b>	Cerveja	6	151500	34	150	950000
	Vinho	14	7305000	378	115,5	9054684
	Gazozos e des	2	45000	9	3	93818
<b>Alimentação</b>	Moinho	3	2350000	22	295	3298000
	Produtos suín	1	450000	28	18	1101919
	Padaria	6	151500	34	9	816612
	Moagem de c	1	5000	2	1	15960
	Doces	2	35000	5	6	247800
<b>Madeira</b>	Tonoaria	4	66000	19	-	777050
	Serraria	3	265000	68	126	1101000
	Marcenaria e	8	1062000	144	216,5	3418000
	Fábrica de m	6	92000	23	4,5	215250
	Fábrica de es	3	48000	10	5,5	89000
<b>Têxtil e vestuário</b>	Fiação e tecid	5	8078000	713	619	10405000
	Malharias	3	183000	44	4	293500
	Alfaiataria	8	106500	30	-	385800
	Confecção	4	75000	26	-	751000
	Fábrica de ch	2	5500	-	-	13500
<b>Couro</b>	Selaria	2	25000	3	-	47500
	Curtume	3	3019000	137	150	3040000
	Calçados e s	21	225700	32	-	497600
	<b>Subtotal</b>	<b>107</b>	<b>23743700</b>	<b>1761</b>	<b>1723</b>	<b>36612993</b>
<b>Metalúrgica</b>	Metalúrgica	2	6350000	481	13,5	10200000
	Ferraria	15	65000	19	-	285400
	Funilaria	8	97000	11	2	178500
	Fábrica de tel	1	5000	1	-	12000
<b>Material de transporte</b>	Oficina mecân	16	295000	48	33	616687
	Fábrica de ca	1	18000	3	-	24000
	Ferraria e car	1	48000	5	3	165000
<b>Mecânica</b>	Fábrica de ba	1	40000	7	3	130000
	Fábrica de ma	1	25000	3	2	60000
<b>Química</b>	Química	1	415000	35	45	1110000
	Diversas	17	1445300	73	67,5	1407227
	<b>Subtotal</b>	<b>64</b>	<b>8803300</b>	<b>686</b>	<b>169</b>	<b>14188814</b>
<b>TOTAL</b>		<b>171</b>	<b>32547000</b>	<b>2447</b>	<b>1892</b>	<b>50801807</b>

Fonte: Estatística industrial do Rio Grande do Sul. Órgão Regional do IBGE, 1937. Porto Alegre.

A grande redução esta ligada em especial às transformações ocorridas na produção do vinho e de produtos derivados como a graspa, que passaram a ser produzidos em poucas grandes firmas capitalistas da sede do município (o assunto será desenvolvido no item 1.2.1.1 deste capítulo).

Observa-se ainda a redução no número de estabelecimentos em outras produções como moinhos, ferrarias, produtos alimentícios, dentre outros, o que indica que houve um processo de concentração e centralização do capital entre as firmas mais capitalizadas e eficientes, com condições de superar a recessão decorrente da crise conjuntural de 1929.

A origem do processo de concentração do segmento calçadista em Novo Hamburgo, São Leopoldo e áreas adjacentes remonta ao início do século XX e hoje a região é o terceiro maior pólo de calçados do mundo e a líder nas exportações no Estado.

### 1.1.3- A TRANSIÇÃO PARA A CONSTITUIÇÃO DO PÓLO METAL-MECÂNICO

Para MELLO<sup>88</sup>, a segunda fase do processo de substituição de importações teve início após 1955 e correspondeu à substituição de bens de produção “*pesados*”, bens duráveis de consumo de alto valor unitário e que exigiam a utilização de técnicas intensivas de capital e menor emprego de mão-de-obra.

Esta fase do processo de substituição de importações foi designada por esse autor “*industrialização intensiva*” e significou um reforço da dominação do capital sobre o trabalho e, ao mesmo tempo, representou a possibilidade de uma nova fase na acumulação capitalista pela expansão e constituição de atividades ligadas a um novo padrão de acumulação fundamentado em indústrias de bens duráveis.

A integração do mercado interno através da construção de rodovias tornou mais eficientes as conexões interregionais que, de um lado, favoreceram a especialização e a produção em larga escala de alguns setores e firmas, e de outro lado inviabilizaram a continuidade da expansão de outros segmentos menos eficientes, que não puderam competir com os congêneres localizados em São Paulo e Rio de Janeiro, que atuavam em maior escala e com índices de produtividade maior.

---

<sup>88</sup> - MELLO, op. cit., p. 93.

A integração do país, na segunda metade da década de 50, marca a intensificação do processo de industrialização e a viabilização da mudança na escala de atuação de muitas empresas de regional para nacional, provocando com isto um aprofundamento das desigualdades regionais. As grandes empresas localizadas no centro do país, em especial em São Paulo, puderam estender sua rede de comercialização pelo país, o que intensificou o processo de concentração e centralização do capital no setor industrial e no espaço geográfico.

Com o processo de consolidação da integração nacional a demanda de veículos, implementos rodoviários e autopeças ampliou-se rapidamente, o que favoreceu sobremaneira as indústrias ligadas a esses segmentos.

Por outro lado, a demanda crescente no setor de bens duráveis, a introdução pelo governo federal de uma série de controles seletivos às importações, a fim de corrigir o desequilíbrio da balança comercial tiveram uma importância básica na intensificação do processo de industrialização do país e da região. A criação de mecanismos de proteção contra a concorrência dos produtos importados preservou o mercado brasileiro para as indústrias do país.

Aproveitando as perspectivas favoráveis do mercado, várias firmas vinculadas a material de transporte são criadas em Caxias, a partir da reunião de pequenos capitais de vários sócios.

No final da década de 40 e início da década de 50 surgem e se expandem algumas oficinas e fábricas voltadas à reposição de peças da frota de veículos importados e produção de implementos e carrocerias para veículos. Como exemplo temos a Rodoviária (1948), Marcopolo (1949), Randon (1952) e Fras-le (1954), dentre outras. Essas firmas foram criadas para atender a uma demanda de autopeças no mercado de reposição e de carrocerias para veículos. Elas surgem justamente na fase em que ocorria a adoção pelo Estado brasileiro do modelo de circulação fundamentado no transporte rodoviário.

A partir do segundo período do Governo Getúlio Vargas (1951/1955) são gestadas importantes transformações, as quais foram consolidadas no governo Juscelino (1956/1961). A questão do transporte foi apontada pelos técnicos do planejamento como sendo um dos principais empecilhos para a continuidade do crescimento econômico do Brasil, e por isso mereceu um volume maior de recursos, em vista da sua função estratégica na integração do país e desenvolvimento industrial. Sob o *slogan* “*crescer cinquenta anos em cinco*” implantou-se no governo J. K. um novo padrão de acumulação, alicerçado em indústrias de bens duráveis (metalúrgica, mecânica, material elétrico, química, material de transporte, comunicações e outras), tendo como carro chefe a indústria automobilística.

Com o objetivo de estancar a evasão de divisas devido à crescente

importação de veículos e de autopeças<sup>89</sup>, estabeleceu-se no país uma série de incentivos para atrair o capital externo e “nacionalizar” a produção de veículos.

No jogo de interesses internacionais, congregados com os interesses nacionais, o rumo da economia brasileira foi redefinido. Para atingir esse propósito utilizou-se o mecanismo de incentivar e subsidiar os investidores internacionais ligados às indústrias de bens duráveis que se estabelecessem no país.

O Estado assumiu, através do planejamento, o papel de coordenador econômico (e empresário em setores estratégicos) do crescimento econômico, através da criação de mecanismos para elevar a escala de valorização do capital por todos os meios disponíveis, tais como: incentivo direto à produção privada por meio da criação de linhas de crédito, com longos prazos e restituição a juros negativos; facilidade de importação de máquinas, equipamentos, insumos básicos, com a concessão de taxas comerciais favorecidas, isenção fiscal e tributária e pela reserva de mercado às indústrias em implantação, via tarifas protecionistas.

A política brasileira de fortalecer o setor industrial e a de

---

<sup>89</sup> - “Em 1951, entraram no país mais de 100 mil veículos de todos os tipos que, somados aos 95 mil importados em 1952, representaram despesas superiores a US\$ 530 milhões, incluindo-se nesse valor as peças e acessórios destinados ao mercado de reposição”. (FRIZZO, Leoni M. **A indústria de material de transporte em Caxias do Sul - RS**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984. (Dissertação, Mestrado). p. 26.

transformar a estrutura de produção teve o seu impulso estabelecido pelas tendências do capitalismo internacional. A crescente integração entre países capitalistas tem-se consolidado através do processo da divisão internacional do trabalho, o qual tem sua expressão concreta na instalação de empresas em pontos seletivos do espaço mundial, onde a rentabilidade dos investimentos seja melhor numa determinada conjuntura. Impelidas pela necessidade de conquistar novos mercados e ampliar o processo de acumulação de capital, as multinacionais estabelecem-se em toda a parte, criando vínculos de integração e dependência mundial.<sup>90</sup>

No decorrer da implantação do plano de metas foram sendo estipuladas normas institucionais que obrigavam a indústria a “nacionalizar” gradativamente a produção. A meta foi atingida na década de 60, quando o setor apresentou um índice médio de nacionalização que atingiu 98,4% do peso do veículo.<sup>91</sup>

Após a II Guerra Mundial a conjuntura política interna, favorável aos investimentos estrangeiros, associada ao novo momento do processo de internacionalização<sup>92</sup> do capital, viabilizou a implantação no país de

---

<sup>90</sup> - HYMER, Stephen. **Empresas multinacionais: a internacionalização do capital.** Trad. Aloísio Teixeira. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

<sup>91</sup> - NASCIMENTO, Benedito H. **Formação da indústria automobilística brasileira.** São Paulo. Instituto de Geografia - USP, 1976. (Série teses e monografias, nº 24).

<sup>92</sup> - O processo de internacionalização da economia no país assumiu duas formas: A primeira foi representada pelos empréstimos concedidos ao Estado, os quais foram utilizados principalmente na implantação de infra-estrutura; a segunda forma

várias filiais de corporações multinacionais, que passaram a atuar especialmente na indústria automobilística, de produtos farmacêuticos, de produtos químicos, de aparelhos elétricos e de alimentos.

A partir da política do governo de “*nacionalizar*” a produção de veículos e da opção pelo transporte rodoviário, foi criado no país um conjunto de “novas” atividades que promoveram alterações qualitativas e quantitativas nas funções existentes e na organização do espaço.

As filiais das multinacionais ligadas à indústria automobilística reproduziram no país a mesma forma de organização adotada no país de origem, isto é, passaram a atuar basicamente como montadoras, aproveitando ao máximo as indústrias de autopeças aqui instaladas<sup>93</sup> - concentradas em São Paulo, que neste período eram em número reduzido e atuavam basicamente para atender o mercado de reposição.

O processo de integração do país e a difusão espacial do consumo serviu para aprofundar, ainda mais, a concentração e centralização do capital em lugares bem definidos, como no caso de São Paulo.

Por outro lado, a redução relativa das distâncias pela melhoria das rodovias dos meios de transporte e de comunicações em geral possibilitou a instalação e expansão de atividades modernas em pontos

---

corresponde aos investimentos diretos de empresas estrangeiras através da implantação de filiais no país.

<sup>93</sup> - Em 1949 existiam em torno de 100 fábricas, em 1952 o número subiu para 250 fábricas de autopeças e 7 montadoras (NASCIMENTO, op. cit.).

melhor dotados de condições necessárias à reprodução dos “*novos*” segmentos dessa produção, como no exemplo Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul.

Com a ligação, em 1956, de Caxias ao centro do país através da BR-116, completaram-se, as condições necessárias para intensificar o comércio e ao mesmo tempo reduzir o tempo de realização das mercadorias, melhorando as condições de competitividade das atividades locais, que até então dependiam basicamente do transporte ferroviário, moroso e ineficiente.

Com a conclusão dessa rodovia federal, boa parte dos antigos colonos e seus filhos passaram a trabalhar no serviço de transporte de mercadorias interestadual, o que ampliou a demanda local por implementos rodoviários e autopeças, fortalecendo esse segmento industrial.

A escassez de capital da maioria dos imigrantes e seus descendentes não impediu a instalação de oficinas e indústrias locais. A prática de estabelecer sociedades através da reunião de pequenos capitais serviu de base para o início de boa parte das atividades locais. Frequentemente as sociedades eram posteriormente desfeitas e os antigos sócios abriam, sozinhos ou com novos sócios, outras firmas, geralmente atuando como concorrentes no mesmo segmento (ex-sócios da “*Marcopolo*” fundaram depois a “*Furcare*”, ex-sócios da “*Rodoviária*”

fundaram a firma “A -Guerra”).

O GRÁFICO 01 ilustra bem a fase de consolidação dos gêneros industriais ligados a bens duráveis, na estrutura produtiva de Caxias do Sul. As transformações mais significativas iniciaram-se, em especial, a partir do final da década de 60 e assumiram um caráter dominante a partir da década de 70, coincidindo com a fase do “*milagre*” brasileiro (1968-1973), quando a economia do país entrou numa fase de crescimento acelerado.

O “*boom*” iniciado em 1968 teve seu impulso a partir da decisão política do governo Costa e Silva de liberar o crédito. A decisão favoreceu sobretudo as indústrias de material ligadas a bens duráveis, com destaque para a indústrias de material de transporte, responsável pela circulação e distribuição da produção.

Na fase do milagre brasileiro o setor industrial de Caxias ligado a bens duráveis continuou a crescer no mercado nacional através da instalação de diversas filiais de produção, comercialização e compras nos principais centros econômicos do país. É nesta fase que muitas das firmas estudadas consolidaram, de vez, a sua posição no mercado nacional e ao mesmo tempo abriram caminho para uma atuação mais efetiva no mercado externo.

Com a crise do petróleo de 1973 teve início uma fase de dificuldades para as economias dependentes da importação de petróleo,

afetando também a economia brasileira, o que se refletiu de forma mais intensa nas indústrias de Caxias no final dos anos 70 e início de 80.

Segundo CASTRO e SOUZA<sup>94</sup>, apesar do descomunal déficit na balança comercial brasileira, no início da década de 70, o governo brasileiro optou pela política de continuar promovendo o crescimento da economia, mesmo que às custas do endividamento externo.

O crescimento foi planejado e aplicado de forma autoritária pelo governo no período militar através do Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND). Este plano teve por objetivo construir uma economia moderna, competitiva e adaptada à nova realidade da economia mundial, o que exigia uma mudança da ênfase relativa entre os setores econômicos.

A correção de rota se deu através da reorientação do processo de crescimento, onde a siderurgia, fertilizantes, exploração mineral, petroquímica e indústria de base passaram a ser considerados setores vitais para o desenvolvimento econômico do Brasil. Neste sentido o II PND se propunha a superar a crise recessiva e o subdesenvolvimento através de investimentos destinados a *“substituir importações e, se possível abrir novas frentes de exportação”*.<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> - CASTRO, Antônio Barros e SOUZA, Francisco E. P. **A economia Brasileira em marcha forçada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>95</sup> - Ibid., p. 37.

O crescimento econômico após 1974 foi em “*marcha forçada*”, especialmente a partir do segundo choque do petróleo (1979), que elevou ainda mais o endividamento externo, levando as autoridades a acatar as orientações do Fundo Monetário Internacional (FMI) e a praticar uma política econômica que agravou a recessão.<sup>96</sup>

As medidas econômicas tomadas a partir do 2º semestre de 1979 (Período do Ministro Delfim Netto) estabeleceram um caráter recessivo à economia através da restrição do crédito, ampliação do corte dos gastos públicos e redução do nível de salários, tendo como objetivo sustar o ritmo de expansão da economia para equilibrar a balança comercial deficitária.

Os efeitos dessa política resultaram em um menor nível de ocupação da capacidade produtiva do setor industrial, que só não foi maior porque boa parte das firmas continuaram exportando parte da produção, incentivadas pelas medidas tomadas pelo Governo.

#### **1.1.4- OS IMPACTOS DO NOVO PADRÃO TECNOLÓGICO SOBRE AS INDÚSTRIAS CAXIENSES**

O caráter recessivo da década de 80 da economia brasileira levou

---

<sup>96</sup> - Ibid., p. 43.

muitos economistas a designá-la de a “*década perdida*”. O impacto da retração atingiu os setores da indústria de forma diferenciada, sendo que as indústrias de bens de capital e bens duráveis foram as que tiveram uma redução maior no volume de produção.<sup>97</sup>

Em Caxias, os efeitos da crise recessiva se refletiram especialmente sobre as indústrias ligadas a bens duráveis, que tiveram que reduzir sua produção e dispensar boa parte dos funcionários.<sup>98</sup>

Das firmas líderes em exportação, boa parte delas estavam saindo ou passando por uma fase de expansão física das instalações, o que agravou ainda mais a ociosidade. A queda das vendas no mercado interno e a redução de cerca de 1/3 do valor das exportações totais de 1982 a 1987 levou muitas firmas à beira da falência. Como exemplo podemos citar o caso da Randon, que em 1982 entrou em concordata (levantada em 1984); outras mudaram de ramo, como a metalúrgica Triches, que em 1980 passou a produzir eletrodomésticos na linha compacta, e a Petenatti (1984), que iniciou o processo de sua transformação de indústria de confecção passou para o ramo têxtil. No entanto, para boa parte das firmas líderes estudadas, a forma encontrada para evitar uma maior

---

<sup>97</sup> - Sobre o assunto ver estudo: MARCANTONIO, Roberto. A questão industrial: sem rumos para o crescimento: política, economia e desemprego industrial nos anos 80. In: ALMEIDA, Pedro F. C. (coord.). **A economia gaúcha e os anos 80**. Porto Alegre: FEE, 1990, p. 311-381.

<sup>98</sup> - A Randon em 1981 teve uma redução de 50% no faturamento, 40% na produção e demitiu cerca de 25% dos 6000 funcionários. Em 1983 a Marcopolo e a Randon estavam atuando com cerca de 60% de ociosidade na capacidade instalada (pesquisa direta em 1983).

ociosidade na capacidade instalada foi diversificar a linha de produtos, conquistando novos nichos de mercado (ver QUADRO 04). A Agrale, por exemplo, iniciou a produção de caminhões em 1981 e de motos em 1983.

**QUADRO 04 - Firmas líderes em exportação e diferenciação dos produtos**

<b>FIRMA</b>	<b>DIFERENCIAÇÃO DO PRODUTO</b>
Marcopolo S.A.	Ônibus urbano, rodoviário, micro-ônibus, carros especiais e articulados.
Randon Ltda.	Caminhões articulados, carrocerias, reboques, semireboque, caminhões, guindastes, telescópio, trator florestal, plataforma autopropelida hidráulica, autopeças.
Fras-le	Auto-peças na linha de material de fricção, principalmente lonas e pastilhas para freios. Em 1980 produziu 4500 itens e hoje produz cerca de 12000 itens.
Eberle-Indústria e tecnologia Ltda.	23 tipos de motores elétricos monofásicos e trifásicos de até 500 cv. Peças para a indústria automobilística, eletrobombas, timers, produtos eletrônicos, fios esmaltados. Componentes de fixação (botões, ilhoses, rebites, enfeites para a indústria do vestuário e calçados e estampados metálicos de precisão).
Agrale S.A.	Tratores nas potências de, Motores diesel nas potências de Ciclomotores, Caminhões (1981), Motos (1983).
Enxuta S.A.	Eletrodomésticos na linha compacta: lavalouças, lavaroupas, secadora de roupas, ar quente, condicionador de ar, toas grill.
Gazola S.A.	Baixelas, panelas, talheres, utilidades domésticas e ferramentas manuais. Em torno de 280 referências.
Plásticos Pisani S.A.	Embalagens pesadas para bebidas, móveis para jardins, gaiolas para transporte de frangos, caixas para o transporte em diversos modelos, contentores, pisos, multipisos, etc.
Robertshaw do Brasil S.A.	Termostatos de refrigeração e ar condicionado, termostatos a gás, termostatos elétricos, termostatos para motores e veículos, pressostatos, autostatos, interruptores de luz, válvulas de reversão, chaves seletoras, válvulas solenóides, válvulas de água.

Fonte: Entrevistas realizadas em 1994 e 1995 e prospectos de propaganda das firmas.  
OBS.: O ano entre parênteses indica o início da produção do produto.

Por outro lado, a crise recessiva possibilitou que algumas firmas locais incorporassem algumas de suas concorrentes congêneres, em dificuldades financeiras. A Marcopolo e a Fras-le são exemplos de firmas que concentraram o seu capital nessa fase. Outras, no entanto, por razões econômicas ou disputa entre herdeiros perderam o controle

acionário para grupos nacionais ou bancos (ver QUADRO 05).

Das 13 firmas líderes investigadas, oito delas permanecem com caráter familiar<sup>99</sup> sob o controle da primeira ou segunda geração.

#### **QUADRO 05 - Incorporações e alterações no controle acionário das firmas líderes em exportação**

<b>Marcopolo</b> - assumiu o controle acionário total das concorrentes: <ul style="list-style-type: none"><li>• Eliziário S.A. de Porto Alegre - RS em 1970.</li><li>• Nimbus de Caxias, em 1977 (depois designada Invel).</li></ul>
<b>Randon</b> - assumiu o controle acionário total da concorrente local: <ul style="list-style-type: none"><li>• Rodoviária S.A. - Inc. de Implementos para transporte em 1977.</li><li>• Em 1996 assumiu o controle da Fras - le S.A. de Caxias.</li></ul>
<b>Eberle</b> - incorporou em 1979 a concorrente em cutelaria: <ul style="list-style-type: none"><li>• Metalúrgica Bellini S.A. de Caxias do Sul.</li><li>• Em 1984 a Metalúrgica Abramo Eberle foi vendida ao grupo paulista Invesplan.</li><li>• Em 1986 o controle acionário da Eberle foi adquirido pelo grupo Zive (constituído pelas empresas Hercules, Mundial) de Porto Alegre, concorrente em cutelaria.</li></ul>
<b>Francisco Stédile</b> - comprou o controle acionário da Agrisa em 1965 (tratores e microtratores de São Leopoldo), que deu origem à Agrale S.A. - (motores e motocultivadores): <ul style="list-style-type: none"><li>• Fras-le S.A. adquiriu o controle acionário dos concorrentes.</li><li>• Lonaflex de São Paulo - 1980.</li><li>• Frenblock de Buenos Aires - Argentina - 1990.</li><li>• Agrale S.A. - 1995 (empresa do grupo).</li></ul>
<b>Enxuta S.A.</b> - transfere parte de suas ações para Citibank e outros bancos, no início da década de 90: <ul style="list-style-type: none"><li>• 1993 - Presidente da Enxuta - Paulo R. L. Triches, que detinha 34% das ações da firma, adquire 40% das ações do Citibank.</li></ul>
<b>Pisani S.A.</b> - Associação com capital Belga (50%) em 1973.
<b>Industrial Madetorno Ltda.</b> Eucalixtino José Manosso (representante) assume o controle acionário da industrial Madetorno em 1982, após sinistro da firma: <ul style="list-style-type: none"><li>• 1995 - A industrial Madetorno foi desativada e sua produção integrada a móveis Toigo localizada em Flores da Cunha.</li></ul>

Fonte: Entrevistas, questionários, 1995 e 1996.

Para LODI<sup>100</sup>, o ciclo de vida das empresas familiares, de modo

<sup>99</sup> - De acordo com Lodi consideramos empresa familiar aquela cujos negócios se transmitem de uma geração a outra, mesmo que não haja membros da família em sua administração, mas apenas na holding - João Bosco Lodi. Geração, Acumulação, Dispersão: Como romper esse ciclo nas empresas familiares. (Revista Empresarial. Caxias do Sul: CIC, ano III, nº 10, 1995. p. 16. ).

<sup>100</sup> - LODI, João Bosco. Geração, acumulação, dispersão: como romper esse ciclo nas empresas familiares. **Revista Empresarial**. Caxias do Sul: CIC, ano III, nº 10, 1995. p. 16. ).

geral, é relativamente curto. De acordo com pesquisas citadas por ele, somente 1 em cada 10 empresas de caráter familiar passa à terceira geração. Os problemas se devem, de modo geral, às brigas de família e impasses nas sucessões.

Para superar essa restrição da contração e das frequentes flutuações na demanda do mercado interno devido aos sucessivos planos econômicos mal sucedidos e, ao mesmo tempo, aproveitando os incentivos à exportação dados pelo governo, boa parte das firmas locais passaram a buscar novos mercados em outros países. Para tanto, foi necessário um período de adaptação dos produtos às exigências dos novos mercados, o que exigiu altos investimentos na modernização e no controle de qualidade dos produtos destinados à exportação.

Com as exportações ocorreu uma exposição precoce dessas firmas no cenário da competição internacional, obrigando-as a melhorar a qualidade e produtividade, ao mesmo tempo que ganhavam experiência em logística de exportação.

As exportações, além de preservarem ou mesmo ampliarem o nível de produção, estão induzindo as firmas exportadoras a se modernizarem para buscar uma maior produtividade e melhor qualidade, afim de se tornarem competitivas no mercado externo.

Muito antes do movimento de abertura da economia brasileira, no

início dos anos 90, boa parte das firmas locais já geravam boa parte da sua renda com as exportações de seus produtos. Não é por acaso que o município de Caxias do Sul ocupa hoje um lugar de destaque nas exportações do Estado (este assunto será desenvolvido na terceira parte deste estudo).

Isto exigiu que as firmas criassem estruturas de apoio no exterior através de escritórios de representação, filiais na linha de produção, aquisição do controle de firmas concorrentes ou ainda associação com outras firmas que atuam no mesmo segmento, transformando-se em multinacionais.

Por outro lado, as firmas estrangeiras também estão interessadas em investir no país a fim de buscar conquistar uma fatia desse mercado de dimensões tão atraentes, especialmente quando se inclui nos números os países do Mercosul.

De acordo com BARROS, citado por SAUERESSIG<sup>101</sup>, o estoque de investimentos estrangeiros no Brasil é o maior dos países em desenvolvimento, e atualmente estes estão mudando de forma, isto é, as empresas estrangeiras tendem cada vez mais a dirigir seus investimentos para os licenciamento de tecnologias, de marcas, de coprodução e Joint-ventures, formas que exigem menor volume de recursos financeiros.

---

<sup>101</sup> - BARROS apud SAUERESSIG, Rosvita. Multinacionais assustadas, mas nem tanto. REVISTA AMANHÃ. Porto Alegre: Plural Comunicações Ltda., ano VIII, nº 79, nov. 1993. p. 26.

Essa tendência tem-se multiplicado em Caxias do Sul, através de exemplos de licenciamentos, associações realizadas entre firmas locais e multinacionais americanas, alemãs e italianas. O resultado desses acordos tem sido a criação de novas firmas de tamanho médio, produzindo concomitantemente para o mercado interno e externo (o assunto associações será tratado no segundo capítulo).

A abertura do mercado brasileiro e a estabilização da economia está atraindo novos investidores, interessados em ingressar no mercado dos países do Mercosul, o que certamente resultará numa nova fase de concentração e centralização do capital em mãos dos grupos mais fortes.

**QUADRO 06 - Caxias do Sul: firmas com filiais no exterior**

<b>FIRMAS</b>	<b>PAÍS</b>	<b>PRINCIPAL PRODUTO</b>	<b>FORMA DE REPRESENTAÇÃO NO EXTERIOR</b>
Marcopolo S.A.	Uruguai (1988*) Portugal (1990*) Ilhas Virgens Britânicas (1992*)	Carrocerias para ônibus	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escritório de negócios internacionais em Montividéu.</li> <li>• Joint Venture com o grupo Evicar de Portugal - filial de produção.</li> <li>• Trading - financiamento de clientes</li> </ul>
Randon Ltda.	Portugal Argentina (1994*)	Implementos rodoviários	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Associação com o grupo Avicar de Portugal - Montadora.</li> <li>• Associação com empresários Argentinos - Consórcio de implementos</li> </ul>
Fras-le S.A.	Argentina (1996*) New Jersey - USA Kungsbacka-Sweden	Autopeças	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aquisição do controle acionário de concorrente - filial de produção. Escritórios de vendas.</li> </ul>
Plásticos Pisani S.A.	Uruguai Argentina	Embalagens plásticas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Filial de produção</li> <li>• Filial de produção</li> </ul>
Eberle Indústria e Tecnologia Ltda.	Argentina	Componentes de Fixação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escritório e depósito de pronta entrega</li> </ul>

Fonte: Entrevistas diretas e material de divulgação das firmas.

\* Ano de Criação das filiais no exterior.

Para acompanhar o desempenho da economia caxiense é importante analisar os levantamentos efetuados por revistas de economia que divulgam anualmente a classificação das maiores e melhores empresas do país e do Estado.

Com esse propósito utilizaremos alguns dos dados para os anos mais recentes encontrados nas revistas Gazeta Mercantil e Exame, ambas de circulação nacional e da revista Amanhã, de âmbito regional (Região Sul).

Apesar das grandes diferenças na classificação, no número de setores e de empresas representadas em cada um deles, a metodologia usada por esses veículos de comunicação é semelhante, o que permite situar, de certa maneira, a posição das indústrias locais no contexto mais amplo da concorrência, no mercado interno, no segmento que atuam.

No estudo da revista Gazeta Mercantil o número de firmas caxienses listadas no ranking nacional é bem superior ao das demais revistas, devido às diferenças na classificação. Enquanto a revista Gazeta Mercantil classifica a estrutura econômica em 29 setores e 440 subsetores, a revista Exame estabelece apenas 22 grandes setores, o que resulta em um número bem menor de empresas analisadas no conjunto.

Por sua vez, a revista Amanhã adota como critério a classificação da estrutura econômica em 26 grandes setores, o que torna inviável a

pretensão de comparar os dados das diferentes fontes e, por vezes, entre diferentes períodos de uma mesma fonte, pelas mudanças de critério adotadas ao longo dos anos.

Ao compararmos os dados de 1980 com os de 1995, divulgados pela revista Gazeta Mercantil, sobre a posição das firmas no ranking setorial, constata-se que em 1980 apenas oito firmas caxienses apareciam entre as dez primeiras no seu respectivo segmento, ao passo que em 1995 essa participação se elevou para 24 firmas.

Em relação aos segmentos constantes na lista observa-se uma alteração na participação entre os diferentes segmentos, a saber, as firmas do setor de alimentos, bebidas e de madeira foram substituídas por outras ligadas ao pólo metal-mecânico (ver quadro em anexo).

Esses dados reforçam a constatação da tendência crescente de especialização do setor industrial local nos segmentos ligados especialmente com a indústria automobilística, o que coloca o município na posição de um pólo de complementação e ao mesmo tempo de concorrência das montadoras e autopeças concentradas especialmente em São Paulo.

A revista Exame, da Editora Abril, também publica anualmente um estudo das maiores e melhores empresas do país, utilizando como critério a média do resultado obtido a partir da aplicação de seis

indicadores.

Na listagem das maiores empresas do país de 1995, apenas três indústrias caxienses constam entre as 500 maiores, e são elas: Randon, Marcopolo e Eberle Tecnologia.

Na seqüência da publicação das maiores e melhores por setor, a Marcopolo e a Randon figuram entre as 20 maiores nos segmentos de automóveis e peças e entre as melhores do país em desempenho, ocupando a terceira e a sexta posição respectivamente.

As exportações, além de preservarem ou mesmo ampliarem o nível de produção, estão induzindo as firmas exportadoras a se modernizarem para buscar uma maior produtividade e melhor qualidade, a fim de competir no mercado internacional.

A melhoria na eficiência tem-se refletido na crescente participação de algumas firmas locais entre as principais do Estado e do país, algumas assumindo um caráter oligopolista, o que confirma o alto grau de competitividade atingido pelas mesmas.

O crescimento contínuo das exportações mostra que parte das firmas locais estão em condições de enfrentar o desafio da competição nesta era da economia internacionalizada, especialmente aquelas com maior experiência em exportações.

Já nos levantamentos realizados pela revista Amanhã, Caxias

aparece como sendo o município do interior que apresenta maior número de empresas entre as 100 maiores do Estado, só perdendo para a capital.

Na classificação das empresas em macrosetores, algumas das maiores indústrias de Caxias ligadas ao pólo metal - mecânico figuraram entre as primeiras no ranking estadual, deixando clara a tendência não só de especialização, mas também de concentração espacial deste segmento.

**QUADRO 07 - Número de empresas por município, relacionadas entre as 100 maiores do Estado pela Revista Amanhã**

MUNICÍPIO	ANO 1993	1995	OBSERVAÇÕES E PRINCIPAIS GÊNEROS INDUSTRIAIS
Porto Alegre	49	42	Cerca de 40% das empresas estão classificadas em comércio e serviços
Caxias do Sul	6	12	Em 1995 apenas duas empresas não eram indústrias
Canoas	5	4	Químicas e alimentares
Novo Hamburgo	4	5	Predominam indústrias ligadas a calçados.
Triunfo	3	3	Indústrias ligadas ao pólo petroquímico.
Esteio	3	2	Produtos alimentares e metalúrgicas
Gravataí	1	2	Borracha e material elétrico
Passo Fundo	2	2	Alimentares e mecânicas
Guaíba	3	2	Alimentares e papel e papelão
Farroupilha	3	-	Calçados e vestuário
Bento Gonçalves	1	2	Mobiliário e bebidas
Montenegro	1	2	Alimentares e bebidas
Municípios citados uma vez	22	17	
Localização não identificada	03	05	
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	

Fonte: REVISTA AMANHÃ. Porto Alegre: Plural Comunicações Ltda., ano IX, nº 88, set. 1994. REVISTA AMANHÃ. Porto Alegre: Plural Comunicações Ltda., ano X, nº 110, ago. 1996. FIBGE. Censos Econômicos. Região Sul. vol. 04, 1985. Elaborado pela autora.

Poucas são as indústrias tradicionais que ainda permanecem listadas entre as principais do Estado, o que leva a concluir que o dinamismo da economia local depende, cada vez mais, do comportamento dos segmentos ligados direta ou indiretamente com a

produção de bens duráveis. (ver quadro em anexo). Como se observa, as mudanças recentes na economia mundial foram decisivas não só para a consolidação do capitalismo, mas também para a eliminação das fronteiras, com a globalização dos negócios. Em decorrência disto a competição também tem assumido uma escala global, estabelecendo uma conjuntura de incertezas quanto ao futuro do setor industrial dos países de industrialização tardia, no qual o Brasil se insere.

Por outro lado, embora parte das firmas não constem na relação das maiores do país ou Estado, por vezes estão entre as melhores do Brasil, como é o exemplo da Pettenati, eleita pela revista Exame<sup>102</sup> como a melhor do setor têxtil, em 1995.

Enquanto o setor têxtil no país sofria queda de receita, a Pettenati não se amedrontou diante da concorrência asiática e continuou investindo na modernização (60 milhões US\$ nos últimos 5 anos) e na busca de eficiência, resultado obtido através do maior índice de retorno dos investimentos (21%), e maior crescimento em vendas do ano (43,2%), no setor.

Outro componente do sucesso obtido está relacionado com a diversidade na linha de produtos (moletom, plush, cotton lycra, meia malha, cotelê, piquê, atoalhado, crepe, jacquard, gorgorão, microfibra, etc.). *“São cinquenta tipos diferentes de tecidos, coisa que pouca*

---

<sup>102</sup> - REVISTA EXAME. São Paulo: Editora Abril, ago. 1996. p. 210. (Edição Especial).

*empresa no mundo consegue fazer”*.<sup>103</sup>

Problemas de concorrência, especialmente no mercado americano, levaram a firma Pettenati, em 1984, a promover uma diversificação no ramo de atuação. De confecção passou a produzir os tecidos utilizados na sua produção. Posteriormente abandonou o ramo de confecção e passou a atuar somente na produção de tecidos, numa fase em que a concorrência dos asiáticos no país já era marcante. A questão que emerge é como uma firma relativamente pequena, que não consta da lista das maiores do país, consegue obter o prêmio de excelência empresarial a nível de país?

Em entrevista à revista Exame<sup>104</sup> o fundador da firma, Otávio Pettenati, aponta para a resposta: modernização, inovação, diversificação na linha de produtos, qualidade do produto e investimento na qualificação da força de trabalho.

Para Cláudio Rossi<sup>105</sup>, diretor administrativo e financeiro da Pettenatti, as décadas de proteção do mercado brasileiro no setor têxtil fez pessoas milionárias e indústrias obsoletas. Por ocasião da abertura do mercado brasileiro este setor estava tecnologicamente defasado, com máquinas de idade média superior a dez anos, o que permitiu a “*invasão*

---

<sup>103</sup> - Ibid., p. 210.

<sup>104</sup> - Ibid., p. 210.

<sup>105</sup> - Ibid., p. 210.

*silenciosa*” dos tecidos chineses no mercado brasileiro, concretizada através de missões empresariais e mais recentemente de feiras como a realizada em São Paulo, no Anhembi, no mês de novembro de 1996.

A Pettenati, ao se instalar no ramo, investiu em equipamentos novos de alta tecnologia (média de 2,5 anos), o que tem garantido a competitividade no mercado. Segundo Rossi, outra diferença da firma em relação aos concorrentes chineses está na qualidade superior dos produtos e na assessoria prestada aos clientes sobre como melhor aproveitar os tecidos.

Para concluir podemos constatar que a trajetória do processo de industrialização de Caxias do Sul só pode ser entendida a partir da sua inserção no processo mais amplo do desenvolvimento do sistema capitalista no Brasil, e da posição deste na divisão internacional do trabalho.

No entanto, ao longo dos 122 anos da história de Caxias do Sul, o capital industrial local soube apropriar-se das situações e das condições favoráveis presentes no país e no lugar para expandir sua atuação, gerando com isto uma dinâmica particular, que resultou na constituição de um dos mais importantes pólos industriais do Estado e do país.

A especificidade da industrialização de Caxias está duplamente determinada: por seu ponto de partida, marcado pela pequena produção

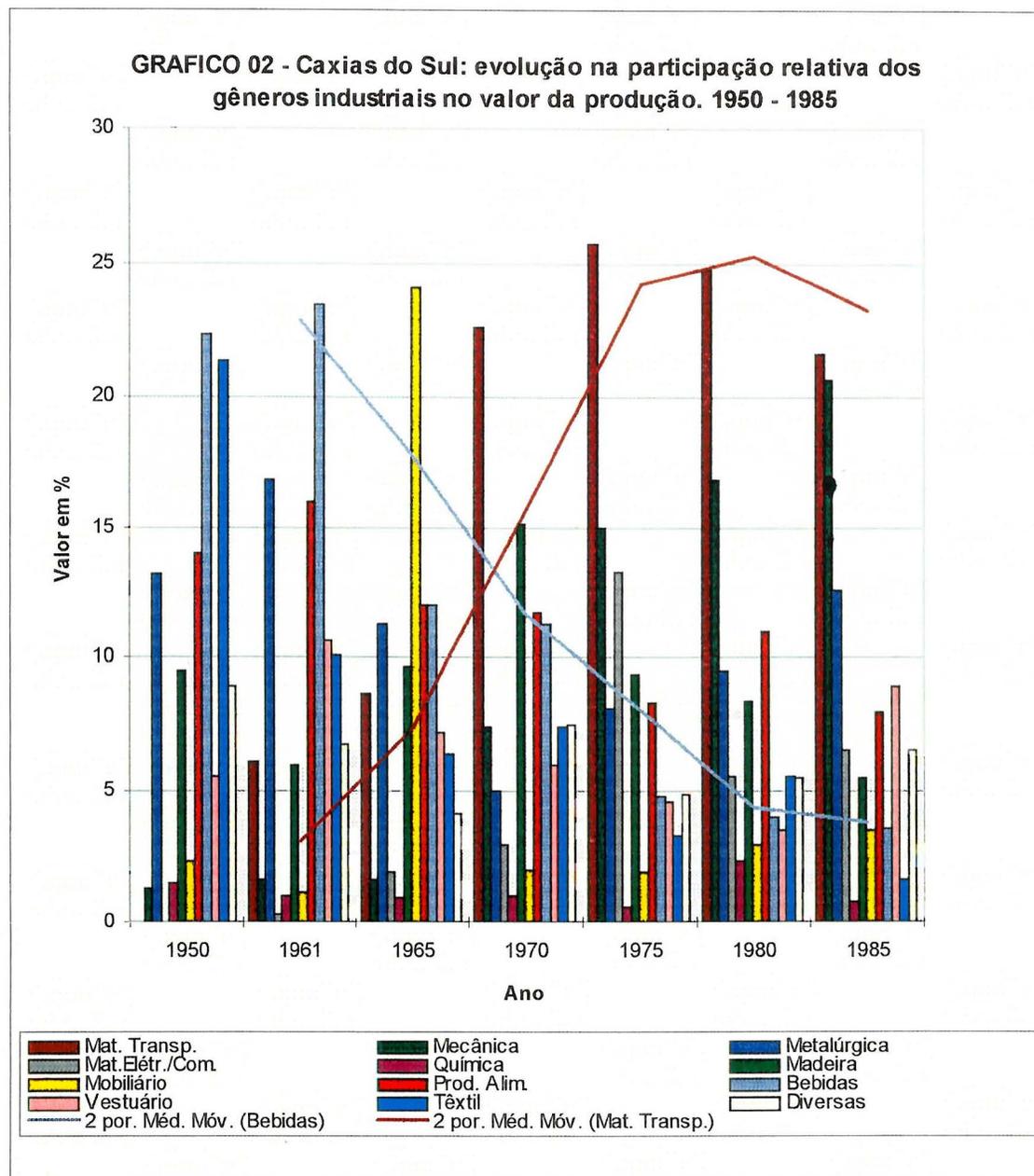
mercantil concorrencial e pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas, que viabilizaram a inserção precoce do lugar no processo de industrialização intensiva do país, através da implantação de indústrias ligadas ao padrão de acumulação implantado após 1955, com base na produção de bens duráveis.

O GRÁFICO 02, sobre a evolução na participação relativa dos gêneros industriais no valor da produção em Caxias do Sul, mostra que a reorientação da estrutura produtiva das indústrias de bens não-duráveis para a de bens duráveis consolidou-se de fato em meados da década de 70, com o “boom” verificado no crescimento da participação relativa das indústrias ligadas ao pólo metal-mecânico, responsáveis pela dinâmica e tendência de especialização assumida pelo setor industrial.

As médias móveis de tendências contrárias de declínio da produção de bebidas (vinho em especial) e de crescimento da produção de material de transporte encontram-se, na década de 70, marco para estabelecer a fase de alternância na posição relativa entre esses dois gêneros industriais que foram em, diferentes momentos históricos, o carro chefe da indústria local.

A produção vitivinícola e outras ligadas a bens não-duráveis foram cedendo espaço para a produção material de transporte e outras ligadas a bens duráveis. Essas últimas passaram então, a predominar de forma crescente no valor da produção e das exportações, acompanhando o

impulso mais amplo das mudanças no padrão de acumulação estabelecido pela evolução do sistema e pela ratificação desta, pelas medidas políticas tomadas pelo governo, em diferentes momentos históricos.



Fonte: Estatística industrial do Rio Grande do Sul de 1950, 1961 e 1965. IBGE - Censo Industrial do RS 1970, 1975, 1980. Censos Econômicos - Região Sul, 1985.

Dessa forma, o dinamismo econômico de Caxias é produto de

processos históricos que antecederam a industrialização intensiva e a própria integração do mercado nacional, responsáveis pela implantação de condições favoráveis às necessidades de expansão do sistema capitalista no país.

O desenvolvimento físico dos meios de comunicação viabilizaram a colocação da produção local no mercado nacional, onde é imprimido o ritmo da demanda de acordo com a política estabelecida para a economia como um todo.

A nível espacial isto resultou numa diferenciação econômica do espaço local, que ao assumir um dinamismo particular, passou a se caracterizar como sendo uma área industrial relativamente desenvolvida, um dos enclaves de crescimento da indústria nacional, que tem respondido favoravelmente às políticas e as crises cíclicas da economia brasileira.

## **1.2 - EVOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS GÊNEROS INDUSTRIAIS DE CAXIAS DO SUL**

Até esta parte do estudo a preocupação básica foi a de estabelecer as mudanças mais amplas ocorridas em torno de estrutura industrial, privilegiando as alterações a partir da evolução do sistema capitalista e

do seu desenvolvimento no país.

No entanto, a análise nesta escala impede que se observem outras transformações que ocorrem no interior de cada setor industrial, onde a concorrência intercapitalista é responsável pelas grandes mudanças organizacionais e tecnológicas. Para não perdemos o potencial de informações possíveis de serem obtidas a partir dessa escala, desenvolveremos nesta parte do estudo uma análise sobre cada segmento específico de produção, a fim de estabelecer o grau de desenvolvimento tecnológico e as estratégias adotadas pelas firmas congêneres em disputa entre si por uma posição no mercado.

### **1.2.1 - A PRODUÇÃO DE BEBIDAS E DE ALIMENTOS**

#### **1.2.1.1- A produção de vinho**

Retornando ao caso específico dos comerciantes ligados à comercialização do vinho, é necessário destacar a ligação direta destes com o surgimento da indústria vinícola na região.

Os dados sobre as exportações de vinho mostram que, até os primeiros anos deste século, o excedente comercializado era pouco

significativo, em termos de volume.

A partir de 1902 a produção no Estado cresceu rapidamente. Segundo GIRON, citada por CAVAGNOLLI<sup>106</sup>, o crescimento é explicado pelo aumento das áreas de plantio de videira em detrimento de outros produtos agrícolas como o trigo, milho, feijão, arroz e também pelo aumento do mercado de consumo da produção vinícola. O vinho gaúcho, desde o final do século XIX, era exportado para diversos estados, mas especialmente para São Paulo e Rio de Janeiro. Este destinava-se à classe popular, de origem europeia, habituada ao consumo do vinho nas principais refeições.

O crescimento na produção deu-se em detrimento da preocupação com a sua qualidade. Os documentos da época são unânimes em denunciar a má qualidade do vinho gaúcho, atribuída aos inadequados procedimentos adotados pelos colonos viticultores no processo de produção e sobretudo à falsificação do produto imputada aos comerciantes intermediários.

Como solução para o problema da vitivinicultura o governo federal, por intermédio do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, incentivou a constituição de cooperativas. Para tanto, contratou os serviços de um experiente técnico na área, o italiano Giuseppe D'Steffano Paternó, que no período de 1911 a 1913 coordenou

---

<sup>106</sup> - GIRON apud CAVAGNOLI, op. cit., p. 64.

o trabalho de criação de 16 cooperativas na região.

O projeto ambicioso, que contou com o apoio e incentivo do governo estadual, teve duração efêmera. Ao contrariar os interesses constituídos dos comerciantes, estes organizaram-se em associação de classe<sup>107</sup> e passaram a combater com astúcia o movimento cooperativista. Ao ser permitido aos comerciantes filiar-se e até mesmo ocupar cargos administrativos nas cooperativas, arditosamente sufocaram o movimento na sua origem.

A estratégia adotada foi a de inviabilizar as cooperativas, deixando-as na mais completa desorganização administrativa, o que resultou em graves problemas financeiros e no agravamento das acusações sobre a má qualidade do vinho.

Como consequência, entre 1913 e 1914 o movimento enfraqueceu e desapareceu quase por completo. Em 1916 aparece no relatório do intendente municipal apenas a Cooperativa Agrícola de Caxias, que o esforço coletivo evitou que esta caísse nas mãos de uma poderosa firma particular, apesar da crise financeira.<sup>108</sup>

No término desta fase de tentativa de implantar o cooperativismo

---

<sup>107</sup> - A associação dos comerciantes de Caxias do Sul foi criada em 1901 e em 1907 interrompeu suas atividades para em 1912 retornar as atividades, o que coincide com a fase de organização do movimento cooperativo (CAVAGNOLLI, op. cit., p. 82).

<sup>108</sup> - RELATÓRIO DO INTENDENTE MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. Caxias do Sul, 1916. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. p. 16.

na região, cinco dos comerciantes ligados ao movimento apareciam como contribuintes de impostos sobre depósitos de vinhos e tanoarias.<sup>109</sup>

Para os comerciantes, que extraíam o lucro na esfera da comercialização do produto, não interessava a quebra das relações entre eles e os colonos de quem compravam diretamente o vinho, e em alguns casos parte da uva para a produção própria do vinho.

Os comerciantes e os colonos vinicultores mantinham uma relação de parceria, com a complementaridade de funções entre ambos, não interessando alterar a organização no sistema de produção e de comercialização vigentes.<sup>110</sup>

Na avaliação das causas do fracasso do cooperativismo CAVAGNOLLI<sup>111</sup> cita ROCHA<sup>112</sup>, que fala na incompreensão por parte da “*iniciativa privada*” dos objetivos do movimento e GOBATTO<sup>113</sup>, que denuncia a integração de indivíduos no movimento cooperativista, com o interesse de sufocá-lo. Com a liquidação das cooperativas, os colonos viram-se novamente obrigados a entregar a sua produção de uva e de vinho aos comerciantes vinicultores, que continuaram submetendo o camponês na esfera da comercialização do produto.

---

<sup>109</sup> - CAVAGNOLLI, op. cit., p. 84.

<sup>110</sup> - Ibid., p. 93.

<sup>111</sup> - Ibid., p. 98.

<sup>112</sup> - ROCHA apud CAVAGNOLLI, op. cit., p. 98.

<sup>113</sup> - GOBATTO apud CAVAGNOLLI, op. cit., p. 98.

Com o fracasso do cooperativismo o governo em sintonia com os interesses dos comerciantes vinicultores, tentou eliminar o empirismo na fabricação dos vinhos criando o laboratório de Análises Enológicas e a Estação Experimental em Caxias do Sul como forma de acompanhar, avaliar e subsidiar os produtores de vinho, tanto o colono viticultor como o comerciante vinicultor, concentrados na região.

A qualidade do vinho foi melhorada, mas os problemas ligados à sua falsificação persistiram e só foram amenizados a partir do final da década de 30, quando os empresários do setor criaram entrepostos nos principais centros consumidores e passaram a estimular a venda do vinho engarrafado e não mais a granel, como até então. O vinho engarrafado passou a garantir a preservação da qualidade do produto até os consumidores.

Na década de 20 o vinho aparecia nas estatísticas como um dos principais produtos da economia da região de colonização italiana. No entanto, a forte concorrência entre colonos viticultores e comerciantes vinicultores estava afetando os interesses dos últimos, com alguns casos de falência e freqüentes crises no setor, até então altamente competitivo.

Determinados a intervir na forma de produção e de comercialização do vinho os comerciantes - vinicultores organizaram-se, e fundaram em 1927 o Sindicato Vitivinícola do Rio Grande do Sul, com sede em Caxias do Sul.

No Estado, a década de 20 foi marcada pela organização de diferentes categorias de produtores e comerciantes em sindicatos de classe. Como parte de seu programa de governo, a eleição de Getúlio Vargas à presidência do Estado, em 1928, foi acompanhada de uma política orientada para favorecer e estimular a associação de investimentos individuais em grandes empresas capazes de racionalizar a produção e tornar as empresas competitivas no mercado.

Portanto, a fundação do Sindicato Vitivinícola do Rio Grande do Sul insere-se nesta fase de estímulo do governo estadual a organização dos empresários em entidades de classe.

É importante lembrar que o vinho gaúcho sofria forte concorrência do vinho importado dos países da Europa, da Argentina e do vinho produzido em São Paulo.

O vinho gaúcho ganhou certa importância no período da Primeira Guerra Mundial, quando as limitações às importações aumentaram a demanda pelo produto nacional. Mesmo assim, relatos de autoridades municipais apontam para o problema da forte concorrência do vinho da Argentina, considerado de melhor qualidade. A melhor qualidade era atribuída ao emprego de castas viníferas européias mais apropriadas e variadas, enquanto que na região dominava o cultivo da uva Isabela. O Intendente José Penna de Moraes afirma que o setor só não foi mais afetado pela concorrência externa porque o Estado sempre dispensou

proteção ao mesmo, atendendo os favores solicitados.<sup>114</sup>

Além da concorrência do produto estrangeiro, a crise que eclodiu no transporte ferroviário, em 1916, pela insuficiência de vagões disponíveis pela Cia. Concessionário, desse serviço impediu que grande parte do vinho local fosse exportado. Com isto, perdeu-se a oportunidade de substituir o vinho importado, que no período da guerra estava com as importações suspensas.<sup>115</sup>

Além da concorrência do vinho importado, o setor vinícola do sul enfrentava a concorrência do vinho produzido em São Paulo<sup>116</sup>, cuja produção também era significativa.

*O vinho gaúcho só ganharia destaque após a “Crise de 1929” e, antes dela, suas remessas para São Paulo, eram equivalentes à própria produção paulista que somada às remessas gaúchas, não atingiam sequer 20% do volume importado por São Paulo do exterior.*<sup>117</sup>

A partir da intervenção do sindicato junto ao Estado este obteve a aprovação, no início de 1929, de um regulamento que buscava sistematizar a produção e a comercialização do vinho.

Sob a alegação de assegurar o valor e a qualidade do vinho, o

---

<sup>114</sup> - RELATÓRIO DO INTENDENTE MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. Caxias do Sul, 1918. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. p. 18.

<sup>115</sup> - Ibid., p. 25.

<sup>116</sup> - Em 1920, o Rio Grande do Sul possuía 70 estabelecimentos na produção de vinhos e licores, nos quais trabalhavam 323 operários, com uma produção de 5933:393\$000, enquanto São Paulo tinha 54 estabelecimentos, ocupando 220 operários e com uma produção de 3596:813\$000 (Recenseamento geral de 1920).

<sup>117</sup> - CANO, op. cit., p. 64.

Estado, através da Secretaria da Agricultura, passou a fiscalizar severamente as instalações e condições sanitárias dos depósitos<sup>118</sup> e das cantinas domésticas pertencentes aos colonos. O Estado tornou obrigatório o registro oficial das cantinas; a utilização de guia de autorização para vender o vinho; e o controle da sua qualidade, através de exames de laboratório. Diante da criação de tantas exigências legais o colono viticultor viu-se, na maioria, forçado a abandonar a produção doméstica do vinho, limitando-se, a partir de então, a vender a uva para as indústrias.

De colono viticultor foi convertido em um agricultor puro, um simples produtor de matéria-prima para a indústria. A separação do trabalhador de suas condições de produção deu-se através da legislação discriminatória, na qual o Estado legitimou a expropriação do camponês, impedindo que este continuasse transformando a uva em vinho para a comercialização.

Os interesses dos capitalistas do setor, defendidos via sindicato, são impostos aos colonos viticultores, tendo o Estado como intermediário e legitimador.

A seguir, a 5 de junho do 1929, os 49 exportadores de vinho da

---

<sup>118</sup> - LIVROS DE LANÇAMENTOS DOS CONTRIBUINTES DE INDÚSTRIAS E PROFISSÕES. Caxias do Sul, 1929. Arquivo Municipal de Caxias do Sul. Neste aparece, ao lado do nome de dois proprietários de depósitos de vinho, a observação de que estes estabelecimentos foram fechados pela inspeção de higiene.

região, os mesmos que fundaram o sindicato, se reúnem e criam a Sociedade Vinícola Rio Grandense. O objetivo da sociedade era o de centralizar o capital comercial em uma sociedade industrial por cotas de responsabilidade limitada.<sup>119</sup>

A nova entidade tinha por finalidade, segundo seus estatutos, fabricar, comprar e vender vinho e estandarizar a produção, promovendo a racionalização e a modernização do setor, bem como controlar a qualidade do produto através da sua análise em laboratórios.<sup>120</sup>

O associativismo do comerciante vinicultor resultou numa prática de monopólio. Os colonos viticultores reagiram à situação criada, organizando-se em cooperativas.

O incentivo e apoio do Estado brasileiro, na década de 30, ao movimento cooperativista, teve uma ampla receptividade entre os colonos da região, que no período de 1929 a 1940 criaram 16 cooperativas vinícolas.

O cooperativismo representou uma forma de organização dos pequenos produtores, que através da compra de quotas partes centralizaram suas poupanças, constituindo grupos de associados com o objetivo de continuar controlando a produção do vinho. As cooperativas, organizadas de forma empresarial, passaram a centralizar a produção

---

<sup>119</sup> - SANTOS, J. V. T. op. cit., p. 78.

<sup>120</sup> - EBERLE, op. cit., p. 19.

vinícola, utilizando técnicas modernas que aumentaram a produção e a produtividade, com a consequente queda nos preços do vinho. Essas empresas atingiram níveis técnicos e de racionalidade na produção que as tornaram competitivas no mercado, concorrendo de igual com a indústria vinícola.

SANTOS, J. V. T.<sup>121</sup> afirma que a constituição das cooperativas teve o mesmo efeito que o da formação das indústrias vinícolas na destruição da fabricação doméstica do vinho.

Para CAVAGNOLLI<sup>122</sup>, as cooperativas organizaram-se inicialmente de forma a conciliar mercado e produção doméstica. As cooperativas estabeleceram laços de dependência entre elas e os cooperados através da manutenção de determinadas fases da produção junto às cantinas domésticas e, ao mesmo tempo, impuseram o que e como produzir, estabelecendo os preços mínimos para os tipos de uva, vinhos e derivados, de acordo com a sua qualidade e prestando serviços visando melhorar a qualidade na produção dos associados.

Porém, ambos os autores concordam que as mudanças no sistema de produção e de comercialização do vinho, ocorridos na década de 30, são os marcos no processo de constituição da indústria capitalista no setor, quer seja sob a forma jurídica de indústrias vinícolas privadas ou

---

<sup>121</sup> - SANTOS, J. V. T. op. cit., p. 116.

<sup>122</sup> - CAVAGNOLLI, op. cit., p. 226.

de cooperativas.

A organização dos comerciantes vinicultores em uma sociedade industrial e a centralização da poupança dos camponeses, formando as cooperativas, destruíram definitivamente a fabricação doméstica do vinho para a comercialização.

O camponês permaneceu com a sua condição de trabalhador independente, mas agora subordinado formalmente ao capital, que passou a estabelecer as regras na compra da uva e assumiu o controle sobre o destino da sua produção.

Para SANTOS, J. V. T.<sup>123</sup> os camponeses só têm suportado a exploração a que estão sendo submetidos na comercialização da uva porque eles próprios têm produzido os meios de vida necessários à reprodução da força de trabalho familiar, através do que colhem na roça. O autor<sup>124</sup> enfatiza, na sua obra, que o processo de trabalho camponês não é especificamente capitalista, na medida em que não se realiza a separação do produtor direto das condições objetivas da produção. Destaca, no entanto, que o processo de trabalho camponês foi gerado historicamente pelo modo de produção capitalista e tem sido reproduzido por este. Conclui afirmando que o capital industrial do setor vinícola, ao se apropriar do sobretabalho camponês, cristalizado no produto uva,

---

<sup>123</sup> - SANTOS, J. V. T. op. cit., p. 131.

<sup>124</sup> - Ibid., p. 131.

tem garantido a sua reprodução ampliada ao longo do tempo, apesar das crises no setor.

**TABELA 08 - FIRMAS VINÍCOLAS POR FORMA JURÍDICA E QUANTIDADES COMERCIALIZADAS EM 1973**

FORMA JURÍDICA	ESTADO			MICRO REGIÃO VINICULTORA DE CAXIAS DO SUL		
	Nº de estabelecimentos	Quantidade (1000)	%	Nº de estabelecimentos	Quantidade (1000)	%
Cooperativas	24	72538	47,00	19	72074	48,45
Sociedades Anônimas	17	48894	31,66	17	48894	32,87
Sociedades Limitadas	92	27099	17,55	67	24595	16,53
Firmas Individuais	44	5848	3,79	23	3204	2,15
<b>TOTAL</b>	<b>177</b>	<b>154424</b>	<b>100</b>	<b>126</b>	<b>148767</b>	<b>100</b>

Fonte: SANTOS, J. V. T. (1978, p. 85). Adaptação da autora.

Da década de 30 até a década de 70 o quadro do setor vinícola não apresentou alterações substanciais. De um lado, um número limitado de firmas, representadas pela cooperativas e sociedades anônimas, concentravam a produção de vinho. De outro lado, uma centena de pequenos e médios estabelecimentos manufatureiros coexistiam na atividade de industrialização da uva, mas com uma reduzida participação relativa no setor.

Complementando essa atividade subsistiam ainda um significativo número de cantinas rurais, estabelecimentos de produção individual que escaparam ao processo de expropriação dos anos 30. Essas cantinas assumem uma reduzida e decrescente participação relativa no setor vinícola.

Para darmos uma idéia da posição que cada segmento produtivo

ocupa no setor utilizaremos os dados do estudo de EBERLE<sup>125</sup>. Em 1984 as indústrias vinícolas respondiam por aproximadamente 55 % da produção, as cooperativas por 41 % e as cantinas rurais somente com 4%.

Na década de 70, com o declínio do número de empresas individuais e especialmente com o movimento de centralização do capital, através de fusões, via penetração de empresas multinacionais nesse setor, esse quadro tem sido alterado.

Gradativamente as empresas multinacionais vêm aumentando a sua participação no setor, e em 1984 já respondiam por cerca de 15 % da produção de vinhos no Estado.<sup>126</sup>

A década de 70, que foi marcada pela crise do petróleo e a recessão, atingiu de cheio o setor vinícola, com a falência e fechamento de importantes firmas; tais como: Luiz Michelon S.A., Luiz Antunes S.A., E. Mosele & Cia e Sociedade Brasileira de Vinho (esta última fechou em 1984).

Muitas são as causas apontadas para a crise no setor; tais como: o reduzido consumo no mercado interno, as dificuldades de concorrer em qualidade e preço com os similares importados, a estrutura administrativa de caráter familiar das firmas. Mas, certamente, a

---

<sup>125</sup> - EBERLE, op. cit., p. 37.

<sup>126</sup> - Ibid., p. 37.

defasagem tecnológica do setor foi a maior responsável pela decadência e desnacionalização das firmas vinícolas. A proteção, por décadas, do mercado interno serviu, de um lado, para favorecer o setor, e de outro para criar uma situação de acomodação que culminou na perda de competitividade.

A partir da década de 60, fortes grupos oligopolistas ligados à produção de cerveja e refrigerantes souberam aproveitar a força de persuasão ideológica da televisão para modificar os hábitos de consumo em bebidas dos brasileiros. Gradativamente, o vinho foi perdendo mercado em detrimento do aumento de consumo da cerveja e dos refrigerantes, como a Coca-Cola, Pepsi-Cola e outros.

Além do custo menor, a cerveja e os refrigerantes são bebidas mais adequadas ao consumo em regiões de clima tropical.

Complementando a produção do vinho, surgiram as tanoarias, fábricas de quintos, barris e pipas para acondicionar o vinho comercializado. Parte dos barris e a madeira de carvalho utilizada na fabricação desses recipientes eram inicialmente importadas dos Estados Unidos e de países da Europa.

Com a Primeira Guerra Mundial, passou a ser incentivada a fabricação de quintos de madeira de pinho e outras madeiras da região, devido às restrições à importação. As cantinas de maior porte dispunham

de tanoarias próprias, funcionando em seção anexa. Neste caso as tanoarias não eram consideradas nas estatísticas municipais. No entanto, pelo volume de vinho exportado em quintos<sup>127</sup>, a atividade certamente foi expressiva na região.

Inicialmente, a maior parte das tanoarias era de propriedade de imigrantes portugueses, conhecidos por sua experiência na atividade. Em meados da década de 20, observa-se na relação de contribuintes do Imposto de Indústria e Profissões que a propriedade das tanoarias passou, em sua maioria, para os descendentes de imigrantes italianos, que continuaram a utilizar como assalariados os tanoeiros portugueses.

A partir de 1926, as empresas vinícolas promoveram a vinda de tonoeiros portugueses para atuarem na produção de barris nas cantinas, o que resultou de acordo com GIRON<sup>128</sup>, no primeiro conflito<sup>129</sup> registrado entre industriais e operários.

---

<sup>127</sup> - De 1º de janeiro a 31 de outubro de 1912 foram exportados 94.323 quintos, 2 bordalezas, 88 décimos e 560 garrafas de vinho. De janeiro a setembro de 1918 foram exportados 90.637 quintos e 2955 caixas com 70.520 garrafas de vinho. Na década de 30 os empresários passaram a incentivar a venda do vinho engarrafado como forma de acabar com as falsificações praticadas pelos intermediários, especialmente em São Paulo, principal mercado consumidor. Fonte: Estatística da Exportação 1912 e 1918. Intendência Municipal. Arquivo Histórico Municipal.

<sup>128</sup> - GIRON, op. cit., p. 41.

<sup>129</sup> - Caxias consta na relação das greves em 1917 com os empregados de Amadeu Rossi e em 1919 com os empregados de um curtume não identificado. No primeiro caso o motivo foi solicitação de aumento de salário e redução da jornada de trabalho, no segundo, reivindicaram a redução da jornada de trabalho para 8 horas. (PERTESEN, Silva R. F. As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919). In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (org.). **RS: Economia & Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p.278-327.).

Em 1929, esses operários fundaram a organização da União dos Tanoeiros, que serviu de matriz para a criação em 1931 da União Operária. Esta última reunia trabalhadores de vários setores, os quais promoveram neste mesmo ano a primeira greve de que se tem registro na Região Colonial.<sup>130</sup>

Nas décadas posteriores, parte da produção de barris foi terceirizada. Era freqüente observarem-se, em porões de residências localizadas na periferia, pequenas tanoarias subcontratadas pelas cantinas locais. Provavelmente esta foi a forma encontrada pelos empresários para controlar os conflitos sociais e evitar o crescimento da organização operária no segmento.

Com a evolução nos meios de transporte na década de 50 e a substituição gradativa do transporte ferroviário pelo rodoviário, o vinho passou a ser transportado por caminhões pipas até os principais entrepostos comerciais localizados nos centros consumidores, onde era engarrafado para evitar falsificações. Conjugado a isto, o vinho passou a ser vendido em garrafões e garrafas, como forma de valorizar o produto e a marca do fabricante.

Essa mudança provocou a substituição parcial dos antigos barris por caminhões-pipas, o que destruiu empregos entre os tonoeiros e aumentou-os no setor de implementos rodoviários.

---

<sup>130</sup> - GIRON, op. cit., p. 41.

### 1.2.1.2- A produção de cerveja

Outro conhecimento trazido pelos imigrantes no setor de bebidas foi a técnica de produzir cerveja e gasosa. Muitos estabelecimentos de produção dessas bebidas foram criadas no interior e nas vilas da região de colonização italiana e também na de colonização alemã.

*Em 1878 Félix Laner começou a fabricar cerveja, podendo-se dizer muito bem que antes que Caxias fabricasse vinho, já fabricava cerveja. O primeiro vinho foi fabricado por Baldo Jacomo na Sétima Léguas (...)<sup>131</sup>.*

Uma das primeiras cervejarias de Caxias foi a fundada por Ambrósio Leonardeli, em 1878, que era um técnico no ofício, conhecimento que transmitiu para os filhos, que continuaram atuando no setor. Um dos filhos substituiu o pai na direção da empresa e o outro instalou outra cervejaria, em 1921. A matéria prima necessária era inicialmente importada e toda a produção colocada no mercado local e regional.

A maior parte das cervejarias tiveram duração efêmera. Os estabelecimentos de produção artesanal e frequentemente de baixa qualidade passaram a ser eliminados pela concorrência das unidades maiores, localizadas na capital e sede das colônias centrais. A utilização de tecnologia mais desenvolvida nas cervejarias maiores e as

---

<sup>131</sup> - Memórias de Rosa Laner Curtelho. In: HARNISCH, Wolfgang Hoffmann. **O Rio Grande do Sul**. A terra e o homem. Porto Alegre: Globo, 1941. p. 436.

dificuldades de importação do malte e do lúpulo, no início do século, devido à depreciação cambial, resultaram no desaparecimento de muitas cervejarias artesanais.

As maiores cervejarias - Christoffel, Bopp, Sassen e Ritter, localizadas na capital, antes mesmo da Primeira Guerra Mundial já adotavam métodos modernos de fabricação, o que resultou na concentração de capital no setor.

No período após guerra as empresas Brahma, do Rio de Janeiro e Antártica Paulista passaram a penetrar no mercado gaúcho.

Para enfrentar a concorrência dessas empresas externas houve a fusão de algumas cervejarias maiores, a incorporação de outras e o aniquilamento das pequenas, que não tiveram como competir com os grupos oligopolistas que passaram a dominar o setor.

Em Caxias, as estatísticas revelam que na década de 20 apenas 2 cervejarias subsistiam, atendendo o mercado da região. Posteriormente a cervejaria Leonardeli também foi incorporada pela Antártica paulista. Recentemente, no início de 1996, a unidade de Caxias foi desativada e sua produção transferida para outras quatro fábricas que operam no Estado. A direção alegou razões econômicas para o fechamento da unidade de Caxias. Os equipamentos obsoletos encareciam a produção. Os 230 funcionários do setor foram dispensados e tiveram que buscar

uma nova profissão, já que em Caxias não existem outras firmas neste setor.<sup>132</sup>

As inovações tecnológicas na produção de cerveja, a intensificação da concorrência pela chegada de novas companhias multinacionais têm alterado a estratégia do capital no segmento, fechando as unidades obsoletas e se concentrando nos grandes centros consumidores, onde estão instaladas unidades cada vez mais automatizadas.

### **1.2.1.3- A suinocultura**

Além dessas atividades, a maior parte dos agricultores dedicava-se também à suinocultura. As dificuldades existentes para exportar grandes volume de milho colhido induziram os colonos a criar porcos como forma de aproveitamento da produção desse cereal. Criavam principalmente o porco da raça Macau, cuja característica é a de fornecer muita banha e pouca carne.

Os camponeses criavam, carneavam e preparavam em casa os produtos derivados do porco, especialmente a banha, salame, copa, presunto e outros.

---

<sup>132</sup> - FOLHA DO TRABALHO n° 1. Caxias do Sul: Sindicatos Reunidos de Caxias do Sul, abril de 1996, p. 8.

Parte da produção destinava-se ao consumo da família e o excedente, especialmente a banha, que tinha amplo mercado, era inicialmente comercializada para os vendistas da região. Estes encarregavam-se de remeter a produção para os poucos atacadistas localizados junto ao porto fluvial da cidade de São Sebastião do Caí.

A banha de diferentes procedências era lavada, batida, posta em latas e encaixotada pelos atacadistas, que depois comercializavam o produto no centro do país, onde o consumo era elevado. Por exemplo, a firma atacadista J. Trein & Cia comprava os produtos dos vendistas de toda a região e abastecia-os com diversas mercadorias desde louças, ferragens, secos e molhados. Em anexo a essa firma funcionava uma refinaria de banha, que originou um dos principais grupos econômicos do setor.

A intermediação exercida pelos comerciantes alemães localizados em São Sebastião do Caí foi eliminada a partir de 1910, com a chegada da ferrovia ligando diretamente Caxias a Porto Alegre.

Na década de 1910, a alta produção de banha no Sul do Brasil permitiu a total substituição da importação do produto no país.<sup>133</sup>

Na década de 20 o setor sofreu diversas crises de superprodução, o que levou a firma de Carlos H. Oderich & Cia, localizada no município

---

<sup>133</sup> - CANO, op. cit., p. 64.

de Cai, a exportar 400.000 caixas de banha excedentes no Estado para o mercado de Londres.

As sucessivas crises de superprodução no setor motivaram 30 refinarias do Estado, com o apoio do governo, a se organizarem em sindicato, com o objetivo de disciplinar a produção e a comercialização da banha.

O Estado interveio no setor criando uma lei que passou a proibir o abate doméstico de porcos e a fabricação comercial de produtos derivados. Com isto ele criou as condições para a acumulação de capital no setor organizado de forma capitalista, em detrimento da produção artesanal desenvolvida pelos pequenos produtores, por décadas.

O camponês se transformou, por força da lei, em um mero criador de porcos, doravante vendidos aos frigoríficos, que assumiram a função de abater os animais e industrializar os produtos derivados.

O processo da divisão do trabalho entre agricultura e indústria consolidou-se de vez. O colono continuou a produzir esses produtos, mas agora unicamente para atender as necessidades de consumo da família.

Como se constata, o principal produto derivado da suinocultura foi a produção de banha. No entanto, alguns imigrantes localizados na vila de Caxias dedicaram-se, desde os primeiros anos, à industrialização da carne suína através da produção de salame, mortadela, presunto, copa e

outros produtos derivados. Esse é o caso do estabelecimento de Antônio Pieruccini & Filhos, que além de produzir produtos suínos, comercializava e produzia vinhos e se dedicava também à agricultura, produzindo boa parte da matéria-prima que transformava.

De acordo com relatos de Crocetta<sup>134</sup>, os produtos dessa firma eram elaborados com máquinas modernas e técnica adiantada, sob a orientação de um técnico especializado, sobrinho do proprietário. O referido autor afirma que a qualidade dos produtos em nada diferia da dos produtos importados da Itália, o que é atestado pelas 26 medalhas<sup>135</sup> obtidas em exposições nacionais e internacionais onde seus produtos foram expostos e divulgados.

Outro fabricante de produtos suínos localizado na zona urbana era a firma de Giuseppe Festugatto, que também aparece como tendo seus produtos premiados em diversas exposições nacionais e na exposição internacional de Milão de 1906, onde recebeu o primeiro prêmio pela qualidade de seus produtos. A firma empregava poucos operários e sua produção era exportada para todo o país.

A produção de banha, presunto, salame e outros produtos suínos

---

<sup>134</sup> - CROCETTA, Benvenuto. Município di Caxias. In: **Municipi dello stato e le industrie e ed. i commerci degli Italiani e loro discendenti**. Porto Alegre: Globo, 1925. p. 28. (1º Cinquentenário della aolonizzazione italiana nello stato 1875 - 1925).

<sup>135</sup> - Dentre as medalhas recebidas, 11 foram de ouro. Dentre outros prêmios merece menção as medalhas de ouro conseguidas nas exposições: Agropecuária de Porto Alegre em 1915, Internacional de Torino-Itália, em 1911 e o Rio de Janeiro em 1922 (Ibid., p.28).

concentrava-se no interior e era registrada no livro de Impostos sobre a produção agrícola e a cobrança realizada por quilo comercializado.

Os dados contidos na estatística de exportação devem ser tomados com restrições, visto que podem estar subestimados como forma de burlar a cobrança de impostos.

**TABELA 09- Caxias do Sul: exportação de produtos suínos - 1912/1928**

PRODUTO / ANO	1912*	1928*
Banha	656.601 Kg	755.899 Kg
Salame	26.413 Kg	3.496 Kg
Toucinho	4,693 Kg	900 Kg
Outros	49.707 Kg	54.572 Kg
<b>TOTAL</b>	<b>737.414 KG</b>	<b>814.867 KG</b>

Fonte: Relatório do Intendente Municipal de 1912 e 1928.  
Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.  
Organizado pela autora.

\* 1912 - Corresponde ao período de 1 de janeiro a 31 de outubro.

\* 1928 - Corresponde ao período de 1 de janeiro a 31 de setembro.

Além do mais, os dados sobre a produção mercantil da refinação de banha não constam nas estatísticas do período de 1927 a 1932 porque estavam isentos do pagamento do Imposto de Estatística e Expediente. (ver quadro em anexo).

No período de 1934 a 1944 a isenção de impostos municipais se estendeu para todos os estabelecimentos industriais ligados à preparação de produtos de origem suína.

O maior dos frigoríficos de Caxias foi instalado em 1938, no Desvio Rizzo (hoje bairro), às margens da ferrovia. O frigorífico Rizzo S.A. era a filial 2 de uma empresa com sede em Porto Alegre. Além de

Caxias possuía várias filiais em outros municípios, atuando no setor de alimentos (carnes em conserva, frutas enlatadas e carne para o consumo imediato). Para a distribuição de seus produtos essa empresa contava com um posto de distribuição no Rio de Janeiro.

No período da Segunda Guerra Mundial essa firma exportou grande quantidade de seus produtos para abastecer os exércitos em guerra na Europa.

Em Caxias, a filial produzia charque, fiambres, patês, sabão e carne. Por estar localizada distante da cidade a empresa construiu uma vila operária com 43 casas para serem alugadas aos operários. A empresa chegou a abater diariamente 800 porcos e 500 bois neste período.

Apesar da indústria de carne seca se concentrar especialmente nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, em 1915 foi fundado por lusos um estabelecimento deste gênero nas imediações da cidade, denominado Xaqueada Caxiense (sic). No primeiro ano o estabelecimento abateu 10.000 cabeças de gado bovino. Mas, devido à poluição que estava provocando no curso de água que atravessava diversas propriedades rurais, e ao mau cheiro que exalava nos arredores da cidade, iniciou-se um movimento popular solicitando ao poder público a sua retirada do local.

A Intendência, atendendo às solicitações, “cooperou” com a

empresa e adquiriu um terreno afastado da cidade, para onde foi deslocado o estabelecimento. Após alguns anos o mesmo foi liquidado e adquirido por outra empresa.

#### **1.2.1.4- Os moinhos de trigo e de milho**

Outra atividade significativa pelo número de estabelecimentos e pela importância econômica que assumiu na economia colonial, foram os moinhos. Estes, de modo geral, utilizavam métodos primitivos e trabalhavam com base na roda hidráulica e, em menor escala, eram movidos a vapor. Os moinhos atuavam na moagem do trigo e do milho, cereais largamente utilizados na alimentação dos imigrantes italianos, fundamentada em massas e na polenta.

A localização destes era espacialmente dispersa e estavam presentes em grande número, em todo o interior e em número limitado na sede.

Os moinhos de milho tiveram pouco progresso, porém alguns dos que atuavam na moagem do trigo se transformaram em grandes ou médias empresas capitalistas, como os moinhos Germani, Andrezza e Corsetti.

Em 1889 foi instalado um dos primeiros moinhos de trigo, nas proximidades da sede da colônia de Caxias, por Aristides Germani, imigrante recém-chegado ao Brasil que tinha uma vasta experiência como moleiro e administrador de moinhos na Itália. Depois de trabalhar alguns anos como empregado arrendou um moinho e introduziu a joeira para polir manualmente o trigo e, posteriormente uma nova técnica de polimento mecânico, idealizado por ele, e que serviu de modelo para outros moinhos da região.

Em 1892 instalou o seu próprio moinho na nona légua de Caxias, a uns 3 quilômetros da cidade, às margens do Arroio Tega, junto a uma queda de água ali existente, a qual foi utilizada para fornecer energia ao estabelecimento. A partir de então este empresário vai-se notabilizar pela preocupação constante em modernizar sua firma. Em 1906 instalou a primeira rede telefônica de Caxias, ligando o moinho ao centro da cidade. Dois anos após introduziu a iluminação elétrica no seu estabelecimento, enquanto a cidade teria que aguardar por mais cinco anos para receber este serviço. Em 1912, instalou na empresa o sistema de moagem cilíndrica com máquinas importadas da mecânica Lombarda de Monza, Itália, que gozava de fama por produzir as máquinas mais modernas e completas do gênero.

Após modernizar a produção voltou a sua atenção para promover o aumento da produtividade do trigo na região. Para tanto, buscou na

Argentina sementes de trigo selecionadas e de variedades mais resistentes à praga do ferrugem. A difusão de novas variedades e de processos mais racionais ficou a cargo dos técnicos do Campo de Demonstração Experimental Agrícola de Caxias, criado e mantido pela municipalidade com o objetivo de preparar e aperfeiçoar o trabalhador do campo.

Além de empresário, o nome de Aristides Germani aparece no Livro de Impostos sobre Indústrias e Profissões como negociante, proprietário de casa de jogos e de casa de banhos (balneário instalado junto a área do moinho). Participou ativamente da vida pública, assumindo cargos, dentre os quais o de Conselheiro, no período de 1916 a 1920.

Em 1921 transferiu sua firma para a sede do município, em uma ampla área adjacente à ferrovia, para facilitar a exportação de seus produtos.

Em 1916 foi fundado na cidade outro moderno moinho a cilindro, com máquinas importadas da Itália. O moinho caxiense de Attilio e Sétimo Andreazza (hoje moinho Andreazza) iniciou com um capital de 300,000 contos de réis. A qualidade dos produtos desses dois moinhos garantiram-lhes muitos prêmios em exposições e mercado para a exportação da maior parte da produção da farinha e do farelo de trigo.

Na década de 20 o setor moageiro do Estado sofreu um processo de concentração de capital e redução no número de estabelecimentos. A chegada, em 1924, do poderoso Grupo Internacional Bung and Born, que adquiriu uma das maiores redes de moinhos do Estado, os Moinhos Rio Grandenses, estabelecido em Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, obrigou os demais moinhos a se modernizarem para poder competir com essa multinacional.

Em 1925 o empresário Aristides Germani viajou para a Itália a fim de comprar novas máquinas para modernizar o novo estabelecimento recém-transferido para a sede.

Além destes foi criado, no início deste século, o Moinho Corsetti, de Antônio Corsetti, que atuou inicialmente como descascador de arroz e fábrica de extração de óleo. Posteriormente passou a atuar também na moagem e empacotamento de cereais e outros produtos como milho, ervilha, lentilha, aveia, dentre outros.

### **1.2.2 - A PRODUÇÃO MADEIREIRA**

Outra atividade que teve expressão econômica na região foi a da exploração da madeira das matas nativas.

A existência de extensas florestas onde predominavam os pinheiros (*Araucária angustifolia*), intercalada pela mata subtropical, que apresentava uma importante variedade de espécies de árvores de madeiras de lei como o angico, o cedro, a canela, o jacarandá, o ipê, dentre outros, possibilitou o seu aproveitamento econômico com a instalação de numerosas serrarias espalhadas por todo o interior do município, localizadas junto a extensas matas subtropicais inexploradas.

Apesar das dificuldades de transporte, desde os primeiros anos encontramos um número significativo de serrarias que atuavam no corte e no beneficiamento da madeira.

**TABELA 10 - Evolução do setor madeireiro no período de 1899 a 1945**

Nº ESTABE- LECIMENTOS	SERRARIA		MARCENARIA E CARPINTARIA		TANOARIA		TOTAL
	Sede	Município	Sede	Município	Sede	Município	
1899	1	47	5	8	1	-	62
1905	1	30	10	4	1	-	46
1910	-	37	7	2	2	-	48
1915	-	76	3	2	4	2	87
1926	11	20	31	9	10	1	82
1929	1	33	22	28	8	2	94
1935	-	13	13	12	10	3	51
1940	1	20	12	8	7	-	48
1945	3	18	11	9	8	1	50

Fontes: Relatório dos Intendentes 1915e 1926. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Livro dos impostos de Indústrias e Profissões de 1899, 1905, 1910, 1929, 1935, 1940, 1945. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

Desde o início do século, antes mesmo da chegada da ferrovia, o desmatamento promovido pela extração da madeira foi intenso na região. Quando uma área era devastada a serraria se transferia para novas regiões, avançando pelo interior e penetrando posteriormente nas áreas

de pecuária, destruindo as últimas reservas de pinheiros existentes nos esparsos capões dos campos de cima da serra.

Pelos dados de exportação de 1912 e 1928 constata-se que a maior parte da madeira era vendida beneficiada, o que lhe agregava mais valor, (ver QUADRO 08) ampliando o potencial de acumulação no setor.

**QUADRO 08 - Exportações do setor da madeira em 1912 e 1928**

ANO PRODUTO	1912		1928 (de jan. a set.)		
	UNIDADE	QUANTIDADE	PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Taboinha	amarra	15.374	Cabos de vassouras	Kg	2.960
Cabos de vassouras	unidade	198.148	Madeira bruta	m <sup>3</sup>	8.753.88
Tábuas de forro	dúzia	20.402	Madeira beneficiada	m <sup>3</sup>	3.458.19
Tábuas de assoalho	dúzia	4.370	Móveis	Kg	38.909
Tábuas de forrinho	dúzia	1.850	Tabuinhas	Kg	204.697
Tirantes	dúzia	1.826			
Pranchas	unidade	4.238			
Pinheiros	unidade	261			
Caibros	dúzia	3.089			
Ripas Madeiras	dúzia	132			
Divisórias	dúzia	5.735			
Barrotes	unidade	345			
Tábuas de Cedro	dúzia	49			
Tábuas diversas	dúzia	6.916			
Caixas e caixões	unidade	2.345			

Fonte: Relatório do Intendente Municipal de Caxias de 1912 e 1928. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

Por outro lado, é necessário considerar que o consumo local de madeira era expressivo. As casas dos imigrantes eram construídas, em

sua maior parte, em madeira<sup>136</sup>, tanto na zona urbana quanto na rural. O custo menor da madeira e a escassez inicial de cal deram à região uma feição arquitetônica diferente. As residências em madeira, com adornos em lambrequis nos beirais, nas varandas e nas escadas e com arco nas portas e janelas, com a utilização de vidros coloridos, deram à região uma fisionomia particular e única, por décadas.

Algumas das primeiras serrarias estão na origem da constituição de fortes grupos econômicos. Nomes como o de Angelo De Carli, Adelino Sassi, os Giacomet, os Andreazza, Bragagnolo, Galleano Zuardi, Oliva, Gavioli, Travi e De Zorzi criaram firmas ligadas à extração e beneficiamento da madeira e produção de móveis, esquadrias, barris, pipas, e outros.

A acumulação de capital no setor permitiu aos empresários melhor sucedidos diversificar os investimentos, atuando em outros setores e criando uma rede de filiais no Estado e até fora dele. Por exemplo, a firma Irmãos De Carli & Paganelli consta no livro de contribuintes do Imposto de Indústrias e Profissões atuando em 1929 como: Depósito de erva mate; Carpintaria; Depósito de madeira; Depósito de vinho; Depósito de banha e seu refinamento; Depósito de couro; Depósito de gasolina; Depósito de fogões; e comércio de produtos coloniais.

---

<sup>136</sup> - Em 1912, cerca de 78% dos prédios da sede eram constituídos em madeira; em 1921, esse percentual ainda girava em torno de 70%. (RELATÓRIO DO INTENDENTE MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. Caxias do Sul, 1916. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul./COSTA, Alfredo R. **O Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 1922. p. 427-438.).

Este mesmo grupo era sócio de outras firmas como: De Carli, Ponte & Cia, que atuava no interior com serraria, beneficiamento de erva mate e mais tarde com tanoaria e comércio de secos e molhados.

Galleano Zuardi & Cia - atuava com 4 serrarias em São Marcos; Angelo De Carli, proprietário de serraria a vapor, associou-se ainda com outras firmas, a saber: em São Sebastião do Caí, com Toffoli, através da firma De Carli; Toffoli & Cia; em Porto Alegre com - Trein, constituindo a firma Trein De Carli & Cia; em Herval, Santa Catarina instalou filial onde atuava na produção e comércio de madeira e erva mate.

Outras firmas como Oliva, Gavioli e Cia., fundada em 1920 eram mais especializadas e verticalizadas. Esta atuava com serraria no interior e com o beneficiamento da madeira na sede, de onde enviava a madeira para a capital para ser comercializada em todo o Estado pela filial ali instalada. Com um capital de 900 contos de Réis e 128 funcionários era considerada, em 1925, uma das maiores firmas do setor no Estado.

O número de marceneiros e de carpinteiros registrados como contribuintes de impostos municipais foi significativo nas primeiras décadas da história de Caxias do Sul. Estes atuavam na produção de móveis, construção de casas e de carretas.

Muitos desses artesãos eram marceneiros, e quando escasseavam

os pedidos atuavam também como carpinteiros na construção de casas, esquadrias, portas e outras.

#### QUADRO 09 - Grupo De Zorzi

RAZÃO SOCIAL	VÍNCULO	PRINCIPAIS PRODUTOS	LOCALIZAÇÃO
Madezorzi S.A.	Controladora	Holding	Caxias do Sul
Cia Sul Americana de madeira e compensados S.A. (1988)	Subsidiária	Chapas, compensados para indústria moveleira e para portas	Caxias do Sul
Reflorestadores Unidos	Coligada	Blocos de madeira serrada	Caxias do Sul
Agropecuária Indústria e Colonizadora Rio Candeias	Coligada	Agropecuária	Porto Velho - RO
Madereira Urupá Ltda	Coligada	Serraria	Ji-Parana - RO
Cia. De Zorzi de papéis e embalagens	Coligada	Papel base para a produção de lixas Industriais (único fabricante no país)	Pinhamonhangaba - SP
Celulose Cambará S.A. (1942)	Coligada	Pasta de celulose branqueada ou não	Cambará do Sul - RS
Companhia Papeleira do Sul (1985)	Coligada	Papéis de imprimir e de escrever	Guaíba - RS
De Zorzi S.A. - Indústria Gráfica (1985)	Coligada	Material escolar, papel e papelão	Caxias do Sul - RS

Fonte: Cadastro industrial FIERGS/CIERGS - Porto Alegre 1995 e 1996. Pesquisa direta, 1995.

OBS.: No início de 1997 esta firma transferiu suas instalações para Vacaria, onde possui uma filial. A data entre parênteses indica o ano de fundação.

O que se constata é que a produção de móveis em Caxias nunca teve expressão maior neste setor, diferentemente do que ocorreu em Bento Gonçalves e Flores da Cunha. Estes municípios se tornaram importantes pólos moveleiros no país. Nossa tese é a de que a facilidade de escoamento da madeira, após a chegada da ferrovia, tornou mais lucrativo exportar a madeira beneficiada para a indústria da construção civil do que industrializá-la localmente.

Ao contrário, nos municípios que tiveram ligação posterior por ferrovia ou que permaneceram com os meios de comunicação pouco desenvolvidos, a atividade artesanal ligada à produção de móveis se desenvolveu mais como forma de compensar a falta de competitividade na exportação da madeira, pelo custo maior com o transporte. A agregação de valor à madeira, pela sua industrialização, tornou-se uma alternativa viável para o aproveitamento desse recurso, abundante na região.

No entanto, o setor moveleiro só assumiu expressão nas exportações a partir do final da década de 50, quando a ligação rodoviária consolidou a integração do mercado regional ao mercado nacional.

À medida que o desmatamento completou-se nas áreas de acesso mais fácil, as serrarias foram penetrando nas últimas reservas de matas existentes nos campos de cima da serra. Em 1956, no apogeu desta atividade no Estado, no município de Bom Jesus existiam 105 serrarias ou laminadoras, que ocupavam cerca de 10.000 pessoas.

O desmatamento intenso foi reduzindo rapidamente o número das serrarias, permanecendo apenas poucos grandes estabelecimentos. A partir de uma dessas serrarias localizadas em Bom Jesus, é que vai ter origem, em 1953, o grupo De Zorzi, considerado um dos principais da cidade, e que consta na relação das empresas que mais exportam

atualmente.

Essa firma expandiu-se rapidamente e passou a atuar também na área de reflorestamento de pinus, de onde hoje ela extrai boa parte da matéria-prima que transforma. O grupo Madezorzi constitui-se de um conjunto de empresas coligadas e subsidiárias, especializadas no plantio, extração e beneficiamento da madeira e produção de celulose e papel. O grupo se caracteriza por ser extremamente verticalizado e com atividades localizadas em diferentes pontos do país. Com a chegada da ferrovia, a extração da madeira foi intensificada pela possibilidade de exportação, crescendo o número de depósitos de madeira que buscaram se instalar nas adjacências da ferrovia.

O aumento na exportação da madeira e da sua utilização como fonte de energia para as locomotivas e algumas indústrias como olarias, padarias e outras fábricas, além da queima nos fogões aquecidos a lenha (largamente utilizados nas residências da população do Sul), promoveram um rápido processo de desmatamento em toda a região. No relatório de 1916 do então Intendente Cel. Penna de Moraes, este demonstrava a sua preocupação com a devastação das matas no município, solicitando a urgente tomada de medidas econômicas por parte do Presidente da Província e sugerindo o aumento dos impostos por metro cúbico de madeira exportada como forma de evitar o crescimento no ritmo do desmatamento. O Intendente chegou a prever que, se as

exportações continuassem com tal intensidade, em apenas uma década a madeira necessária para o consumo local teria que ser importada. O Intendente denunciou o fato em seu relatório anual, ao afirmar que:

*a derrubada dos pinheiraes segue-se a das matas marginais à linha férrea para o preparo da lenha. Em 1916 saíram para o consumo das locomotivas ferroviárias 45.457 metros cúbicos de lenha, em 1917 até 4 de outubro 11.307 metros cúbicos ou um total de 56.764 nos dois anos, como se vê, após um imposto de mil réis que votastes o ano passado diminuiu a exportação da lenha. Tal imposto, porém é indispensável que seja cohibitivo. É fácil prever quais sejam as conseqüências dessa devastação inconsiderada e, imprevidente das poucas matas que possuímos.<sup>137</sup>*

No mesmo documento o Intendente atribui ao desmatamento a causa da grande seca verificada em agosto de 1915. Na ocasião, a maioria das vertentes e dos poços secaram por completo, o que deixou a zona urbana sem água. Atribuiu ainda ao desmatamento a responsabilidade pelas alterações sensíveis observadas no volume dos cursos de água que, segundo ele, em outros tempos eram “*abundantes e correntosos*” e, naquela ocasião estavam reduzidos a pequenos córregos, em virtude da destruição das matas marginais.

Como solução o Intendente sugeriu o replantio das florestas destruídas, através do plantio de eucaliptos, espécie apropriada segundo ele para a região “*montanhosa*” (sic).

Com a chegada da ferrovia, indícios mostram que houve uma certa concentração de capital no setor madeireiro. Poucos grandes

---

<sup>137</sup> - RELATÓRIO DO INTENDENTE MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 1916, op. cit., p. 11.

estabelecimentos concentraram a produção. Um número significativo de pequenas serrarias permaneceram atuando no interior. As grandes firmas, em sua maioria, instalaram filiais na capital, com a função de comercializar a madeira para todo o Estado. Alguns desses estabelecimentos passaram a atuar não só no beneficiamento da madeira, mas também na produção de móveis, barris e caixas em geral para embalagem.

Como se percebe, era prática comum entre os primeiros empresários a de diversificar a aplicação de investimentos em diferentes setores da economia.

Na década de 30 e de 40 continuaram surgindo grandes firmas ao lado de pequenas. Como exemplo de firma grande temos a industrial Madereira Ltda. e a Cooperativa Madereira Caxiense. Esta última instalou-se em ampla área no então subúrbio da cidade e especializou-se no beneficiamento de madeira.

Nessa mesma década foram criadas várias marcenarias e carpintarias, dentre as quais se destaca a de José Tomé & Cia, registrada no livro de Indústrias e Profissões como fábrica de móveis de quarta categoria. Esta é uma das firmas que atualmente aparece entre as principais exportadoras, e que teve sua origem ligada ao artesanato de móveis, passando posteriormente para o segmento de molduras.

Outra das empresas incluídas na lista das principais exportadoras foi criada em 1972, com a razão social industrial Madetorno Ltda. A pequena firma artesanal foi fundada pelo operário do ramo madeireiro Fortunato Ottoni Cemim, que resolveu montar um negócio paralelo ao emprego e passou a produzir, à noite e nos fins de semana, componentes para móveis, tais como pés de sofás, torneados para sofás, cabos de espeto e beliches. Iniciou com um torno e uma serra manual em um pavilhão de madeira de chão batido. Em pouco tempo contratou dois funcionários, um para o turno diurno e outro para o noturno, para aproveitar ao máximo o torno. Aos poucos foi diversificando a linha de produtos e ampliando o mercado. Em 1982, essa firma passou a exportar através de um vendedor da região radicado nos Estados Unidos e que já representava os móveis Toigo, de Flores da Cunha. Nesse mesmo ano, um incêndio destruiu a fábrica. O seguro cobriu apenas parte dos prejuízos, o que levou o proprietário a admitir como sócio majoritário o vendedor dos produtos da empresa no exterior, o Sr. Eucalixtino José Manosso. A partir de então foram realizados investimentos na firma com a construção de prédios, compra de máquinas modernas, e esta se especializou na produção de camas e beliches para exportação.

A firma expandiu-se rapidamente, graças às exportações, chegando a ter até 250 funcionários, número que foi reduzido mais recentemente a partir da importação de novas máquinas da Itália, o que reduziu a necessidade de funcionários. Na década de 90 este mesmo vendedor e

empresário adquiriu o controle acionário da outra firma que representava, a Toigo S.A., de Flores da Cunha, que passava por problemas financeiros. O Sr. Manosso continuou administrando as vendas do exterior e delegou a administração das empresas a um irmão e a outro sócio. A partir do momento em que assumiu o controle acionário dessas duas empresas, passou a dirigir a produção exclusivamente para a exportação, por considerar que os riscos eram menores à medida em que os clientes são cativos e com demanda estável e programada anualmente.

#### **1.2.2.1- As obras em vime**

Desde o início da colonização outra espécie vegetal, designada de sálsio, popularmente conhecido por vime, também esteve presente na economia local, inicialmente como complemento na cultura da videira. A vime é utilizada para amarrar os galhos da videira na latada<sup>138</sup>. Foi utilizada também na produção de cestos, balaios e deu origem à indústria de empalhação de garrafões e posteriormente de móveis artesanais.

Nas estatísticas municipais das primeiras décadas constam algumas fábricas de cestos e obras de vime na lista de produtos exportados. Em 1928 aparece, além dos cestos, uma quantidade

---

<sup>138</sup> - Latada: grade de varas, canas ou arames que sustentam as videiras altas do solo.

considerável de vime vendida sem transformação.

Na década de 30, quando foi desestimulada a exportação do vinho em barris de madeira, desenvolveu-se a atividade de empalhação de garrafões, sobre a qual não localizamos dados concretos.

Certamente a atividade de empalhar garrafões desenvolveu-se inicialmente de modo informal, em porões das residências de assalariados, que buscavam complementar sua renda trabalhando nas horas de folga, com a ajuda dos membros da família.

Na década de 40 essa atividade vai-se desenvolver especialmente no então distrito de Ana Rech (hoje bairro de Caxias), a partir da criação da firma Irmãos Saccaro. Para aprender o ofício de trabalhar com vime o agricultor Albino Saccaro foi trabalhar algum tempo em Carlos Barbosa com um tio, que atuava neste setor e vendia sua produção para Porto Alegre.

A firma Irmãos Saccaro produzia inicialmente berços para bebês e bonecas, cestos, balaios, e posteriormente passou a empalhar garrafões para vinícolas da região, hoje atua na produção de móveis de rattan (cana-da-índia).<sup>139</sup>

Muitos dos antigos funcionários dessa firma, ao dominar o ofício,

---

<sup>139</sup> - Entrevista realizada em julho de 1993 com Ivo Saccaro, diretor da firma Saccaro Móveis Ltda.

passaram a se estabelecer por conta própria, criando novas indústrias no setor e diversificando a linha de produtos, o que levou à concentração de atividades ligadas à produção de artigos de vime no bairro de Ana Rech.

Na década de 70, com o surgimento da embalagem de plástico, que substituiu a de vime na cobertura dos garrafões, as firmas desse segmento entraram em crise. Como alternativa, muitas dessas firmas passaram a produzir móveis de vime, numa linha popular. O rápido desenvolvimento e a instalação de novos concorrentes no setor fez com que firmas como Saccaro buscassem desenvolver o produto para um segmento social de poder aquisitivo alto, onde o número de concorrentes fosse menor.

A utilização de insumos mais nobres como a cana-da-índia, o rattan associado ao uso de tecidos e espuma, resultaram num produto mais elaborado e personalizado, comercializado em lojas especializadas em decorações como sendo obra de arte.<sup>140</sup>

### **1.2.3 - A INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO**

No ramo da indústria têxtil as primeiras oficinas dedicadas a

---

<sup>140</sup> - Ibid.

fiação e tecelagem surgiram no final do século XIX e início do século XX e localizaram-se tanto na sede como no interior do município.

Essas oficinas artesanais, de estrutura familiar, caracterizaram-se por serem pequenas e utilizarem inicialmente teares manuais de madeira produzidos pelos próprios artesãos, reproduzindo similares em que trabalhavam na Itália.

A primeira oficina têxtil a ser criada foi a da Cooperativa de Tecidos de Lã, atual Lanifício Sebbe S.A, localizada em Galópolis (hoje bairro de Caxias do Sul).

**QUADRO 10 - Caxias do Sul: primeiras oficinas e indústrias têxteis e de confecções**

<b>OFICINAS E INDÚSTRIAS</b>	<b>FUNDAÇÃO E EXTINÇÃO</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>ARTIGOS PRODUZIDOS</b>
Cia de tecidos de lã, depois Lanifício São Pedro e atual Lanifício Sebbe S.A.	1893 - até hoje	Quinta légua - atual Bairro de Galópolis	Cobertores e tecidos de lã
Tecelagem Panceri e Cia, depois Giuseppe Panceri, Pizzamiglio & Cia	1909 - 1958	Sede	Tecelagem geral e de seda, lençóis, palas, xales echarpes e mantas
Lanifício Matteo Gianella & Vieiro, depois Lanifício Matteo Gianella	1917 - até hoje	Nona légua - atual Bairro Santa Catarina	Cobertores, feltro, fiação e tinturaria de lã, bordados
Luiz Pizzamiglio & Cia	1935 - 1958	Sede	Tecelagem de seda, pala de lã e tecidos
Bioquímica Nacional Ltda, depois tecelagem Marisa S.A. e por fim denominada Lorelay	1929 - até a década de 60	Sede	Tecelagem de seda, depois tecelagem e confecção
Tecelagem Scavino Bertuzzi & Cia Ltda.	1933 - até hoje	Sede	Colchas de seda e artigos gauchescos

Fonte: Ocorrência n<sup>os</sup> 10 e 11. Registros do museu e Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, 1990. Cadastro de Indústrias do IBGE, 1965.

De acordo com GOBATTO<sup>141</sup>, um punhado de operários expulsos, por questões trabalhistas, do famoso Lanifício Rossi de Schio - Itália - chegou ao município de Caxias, onde se reuniu em cooperativa e inaugurou em 1893 uma pequena indústria de tecidos, na quinta légua. Além desse estabelecimento, esses mesmos ex-operários inauguraram mais duas tecelagens: a sociedade de tecidos Tevere e Novitá, no interior da mesma região. No entanto estas tiveram duração efêmera. O capital inicial registrado foi de 30 contos de réis.

Conta-se que os primeiros teares eram rudimentares e que teriam sido construídos pelos próprios tecelões. Somente depois de alguns anos estes teriam conseguido reunir economias para importar alguns teares obsoletos da Itália. Alguns anos depois o viajante e ex-industrial, técnico em tinturaria, Hércules Galló, associou-se à empresa, para pouco depois tornar-se seu único proprietário. Determinado a ampliar e melhorar a produção, ele viajou para Paris, com o objetivo de adquirir novas máquinas. Foi quando conheceu o rico empresário Ismael Chaves Barcellos, de Porto Alegre, que lhe propôs sociedade.

Foi assim que a pequena produção artesanal de tecidos transformou-se, a partir de 1912, numa grande empresa organizada de forma capitalista. A nova sociedade teve o apoio e incentivo do poder público municipal que naquele mesmo ano, através do Acto 21/1912,

---

<sup>141</sup> - GOBATTO, op. cit., p. 226.

concedeu à empresa isenção de impostos municipais por oito anos (ver quadro em anexo).

O lanifício foi instalado junto a uma queda de água de 105 metros de altura existente no arroio Pinhal, o qual possibilitou o fornecimento de energia elétrica para movimentar os teares.

À medida que a empresa ampliava sua produção e necessitava aumentar o número de operários, passou a construir casas para eles com o objetivo de fixá-los no local. Com o lanifício, a vila de Galópoles cresceu à sua sombra e toda vida da comunidade dele dependia na medida em que seus moradores, direta ou indiretamente, a ele estavam vinculados.<sup>142</sup>

Ao longo de sua história a empresa sofreu diversas alterações no seu comando e organização. Atualmente continua funcionando sob o controle do grupo Sebbe S.A., instalado em Caxias do Sul. O antigo distrito hoje faz parte da área urbana de Caxias.

A segunda indústria têxtil foi criada em 1909 por Guiuseppe Panceri e estava mais voltada para a produção de seda. Como no caso anterior, o proprietário construiu o seu primeiro tear e os equipamentos necessários para dar origem à primeira fábrica de seda do Estado. Como os demais imigrantes, não tinha capital, mas apenas um grande

---

<sup>142</sup> - STUNER, Luís Nelson et al. **Rezar e trabalhar**. A história da Vila de Galópoles. Caxias do Sul: Universidade de caxias do Sul, 1991. (Monografia, História).

conhecimento profissional - era um técnico na área.

Enfrentou diversas dificuldades, dentre as quais a escassez de matéria-prima, que foi inicialmente importada da Itália e países da Europa. Mais tarde a Matarazzo e a Rhodia, de São Paulo, passaram a produzir o fio no Brasil.

A amoreira e o bicho da seda existiam nativos nas matas locais, especialmente às margens dos rios. No entanto, o baixo preço pago pelo produto não estimulou a sericultura na região.

Neste mesmo período a Sociedade de Indústrias de Seda Nacional, com sede em Campinas, S.P., enviou uma delegação a Caxias para divulgar e incentivar a sericultura na região. Distribuiu grátis muitas larvas de bicho da seda, que foram criados em cativeiro, e mais de 200.000 pés de amoreira. Os agricultores foram orientados tecnicamente e tiveram garantias de colocação da produção. Desta maneira foi reativada a atividade da sericultura, já praticada na Itália e na região, no início da colonização. Por razões não levantadas, a atividade não teve continuidade.

A empresa, ao que tudo indica, preocupou-se mais com a qualidade de seus produtos do que com o volume de produção. Produzia tecidos, lenços, xales, echarpes e mantas para senhoras. Participou de várias exposições nacionais e internacionais, recebendo várias medalhas, de

ouro e prata, pela qualidade dos produtos.

Em 1925 possuía diversos teares, entre os quais três máquinas importadas da Itália. Neste mesmo ano Giuseppe associou-se a seu genro Luigi Pizzamiglio, que passou a dirigir a empresa, a qual contava na ocasião com 30 operários de ambos os sexos.

À medida que ampliaram o mercado e aumentaram a produção, introduziram teares mecânicos importados da Itália e países da Europa. Para aproveitar ao máximo a capacidade instalada, as manufaturas e as fábricas, em sua maior parte, funcionavam em dois turnos, estabelecendo uma jornada de trabalho de até 14 horas diárias. O número de mulheres contratadas era superior ao de homens, e os salários inferiores. Fotos da época atestam que a participação de menores era significativa, especialmente até o final da República Velha, quando inexistia legislação disciplinando o trabalho assalariado.

Em 1917 Matteo Gianella, que fora técnico do lanifício São Pedro, resolveu fundar, com pouco capital, o seu próprio lanifício. Associou-se com seu sogro, Domenico Vieiro, e ambos construíram as primeiras máquinas e teares e instalaram a terceira tecelagem de Caxias na nona légua, arrabaldes da cidade, (próximo ao moinho Germani), às margens do Arroio Tega.

Com o aumento da produção foi possível instalar, em poucos anos,

máquinas e teares mecânicos. Com o passar do tempo, o estabelecimento especializou-se na produção de mantas de lã para o uso de cavaleiros, de feltro para botas e na fiação e tintura de fios de lã para diversos usos. A matéria-prima era procedente de várias regiões do Estado. Em 1925 contava com o capital de 250 contos de réis, sete empregados e cinquenta operários de ambos os sexos.<sup>143</sup>

Em Caxias do Sul, as poucas firmas do setor eram de pequeno e médio porte, pouco capitalizadas, o que as levou a sofrerem diversas alterações no seu comando e organização através da associação com outros capitalistas e/ou diversificação na linha de produtos. Esta foi a forma encontrada para sobreviver nesse setor altamente competitivo e dominado, no Estado, por poucas grandes empresas, localizadas nas cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre.

Por outro lado, o setor têxtil do Estado, especialmente o segmento que utilizava o algodão como matéria-prima, sofria com a forte concorrência das grandes firmas localizadas sobretudo em São Paulo, e com os produtos similares importados.

No início do século as importações eram beneficiadas pelo governo através de tratados comerciais, facilidades alfandegárias e mesmo através da utilização de expedientes escusos por parte de algumas

---

<sup>143</sup> - CROCETTA, op. cit., p. 36.

das multinacionais<sup>144</sup> do setor para dominar o mercado brasileiro então em franca expansão.

A concorrência acirrada, até meados da década de 20, levou à falência muitas tecelagens de pequeno e médio porte, do Estado e do país, especialmente as que utilizavam como matéria-prima o algodão.

Em Caxias, como as poucas e pequenas firmas especializaram-se na produção de artigos de seda e de lã e atuavam especialmente para o mercado regional, o impacto da concorrência das grandes firmas nacionais foi menor e estas permaneceram atuantes no mercado, embora com limitações à sua expansão.

As firmas que se especializaram na produção de tecidos de lã e de fios, como o Lanifício São Pedro e a Tecelagem Gianella, aproveitavam a matéria prima produzida no Estado. O setor não enfrentava o problema da matéria prima mas sim o da falta de capital para investir na produção e concorrer com as firmas grandes localizadas na cidade de Rio Grande e de Porto Alegre.

Constata-se que as dificuldades existentes com a concorrência dentro do Estado já eram grandes, sem considerar o caso das grandes firmas localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e as de produtos

---

<sup>144</sup> - Como exemplo temos o caso da firma Estrela, que dominava o mercado nacional e dos países vizinhos no abastecimento de fios, linhas e fitas. Seu proprietário, Cel. Belmiro Gouveia, após resistir a todos os tipos de pressões do grupo inglês Machine Cotton, foi, em 1917, misteriosamente assassinado.

importados.

O linho, outra matéria importante para a indústria têxtil, foi cultivado desde o início na região de colonização italiana. GOBATTO<sup>145</sup> afirma que o colono plantava e ele mesmo preparava a fibra e a transformava em resistente tecido, à semelhança do que faziam os agricultores italianos no país de origem.

Em 1915 e 1916 o cultivo do linho foi incentivado pela Cia de tecidos de linho Sapopemba, localizada no Rio de Janeiro. A semente foi distribuída gratuitamente e os colonos tinham a garantia da colocação do produto nas indústrias do Rio de Janeiro e São Paulo. De acordo com Gobatto várias indústrias surgiram na região, para a preparação da fibra, o linho. Uma parte das sementes<sup>146</sup> destinava-se a uma fábrica de óleo da capital, e a outra era industrializada em Caxias, na firma de Antônio Corsetti.

Em 1919 e 1920 as fábricas que preparavam essa fibra encerraram suas atividades, por razões desconhecidas. De acordo com relatos posteriores de HARNISCH<sup>147</sup> a cultura do linho foi novamente incentivada na década de 30, em Farroupilha. A firma A. J. Renner &

---

<sup>145</sup> - GOBATTO, op. cit., p. 195.

<sup>146</sup> - Nos dados de exportação a semente de linhaça e o linho nunca tiveram maior expressão em volume e valor.

<sup>147</sup> - HARNISCH, 1941, p. 462.

Cia, buscando diversificar a produção<sup>148</sup>, instalou na sede desse município um estabelecimento fabril para beneficiar o linho com moderníssimas máquinas e instalações.

No país e no Estado, até o final da República Velha, o ramo têxtil foi o principal setor industrial e o responsável pela absorção de um grande número de empregados. Em Caxias, o setor teve uma participação significativa, mas jamais foi dominante no setor industrial. A produção de alimentos, que inclui o segmento de bebidas, dominou a economia local até a década de 60. A produção têxtil aparece em segundo lugar até a década de 50, tanto no valor da produção como no número de pessoas ocupadas.

Depois desse período, a participação do segmento foi sendo gradativamente reduzida, em detrimento dos gêneros ligados à indústria de bens duráveis, especialmente material de transporte, mecânica e metalúrgica.

Na década de 60, a indústria têxtil foi profundamente abalada com a entrada de grupos estrangeiros, que chegaram com inovações tecnológicas representadas pela substituição do algodão por fibras sintéticas. Isto afetou não só as pequenas e médias empresas, mas também as grandes, com a falência de grupos fortes como o da Matarazzo, Nova Crilon S.A. e Polynor S.A.

---

<sup>148</sup> - Especializada até então na produção de fios, tecidos e capas de lã, passou a produzir também casemiras, meia estação e linho de verão.

O segmento do setor mais atingido foi o da fiação e tecelagem de fibras naturais, que passou a sofrer concorrência em preço e qualidade das fibras sintéticas, monopólio da Rhodia. O monopólio de mercado em fibras sintéticas, conjugado com o uso intensivo da mídia na persuasão de mudanças na cultura, resultou na substituição do uso de artigos de fibras naturais pelo uso de fios de polyester, de menor custo e com a vantagem de não amarrotar. Como consequência ocorreu a quebra generalizada das indústrias têxteis ligadas a fibras naturais.

Neste jogo de forças foi inevitável a concentração e a centralização do capital por grupos multinacionais. O circuito que envolve desde a compra da matéria-prima até a sua transformação acabou sob o controle de grupos oligopolistas.

Algumas firmas subsistiram, diminuindo a produção, dispensando funcionários e outras passaram a atuar em nichos de mercado, atendendo a demandas regionais específicas (ver QUADRO 11). Neste caso podem ser incluídas as firmas Lanifício Matheo Gianella Ltda. e Scavino Bertuzzi & Cia Ltda. e em parte o Lanifício Sehbe S.A. Esta última tem uma produção diversificada e fornece parte da produção para outra empresa de confecção do grupo, (Kalil Sehbe S.A. - Indústria do Vestuário, com 473 funcionários em 1994/95). Criada em 1927, Kalil Sehbe é um dos exemplos da produção artesanal (alfaiataria), que evoluiu para fábrica de confecção, com destaque no setor local e nas

exportações. Recentemente passou a perder mercado nos USA para os países do sudeste asiático.

**QUADRO 11 - Primeiras firmas caxienses do setor têxtil que continuam atuando em 1995**

FIRMAS	ANO DE FUNDAÇÃO	FUNCIONÁRIOS (1994/95)	PRODUTOS
Lanificio Sehbe S.A.	1893	430	Cachecol, capa masculina, fio acrílico, fio de lã, algodão, poliéster, acrílico, raion, viscose.
Lanificio Matheo Gianella Ltda.	1917	35	Cobertores, manta de lã, palas, ponchos, tecidos de lã.
Scavino Bertuzzi & Cia Ltda.	1933	42	Lenços, palas, faixas e tecidos de poliéster e fibra sintética.

Fonte: Cadastro industrial RS, 1994/95, FIERGS, CIERGS. Organizado pela autora.

OBS.: o ano de fundação foi considerado o de surgimento da firma e não o da troca da razão social.

No Estado, atualmente são poucas as firmas, dentre as pioneiras do ramo têxtil<sup>149</sup> que sobrevivem. Em sua maioria são de porte médio<sup>150</sup> e se dedicam especialmente à produção de tecidos e fios de lã, a qual tem sido associada à de tecidos e fios sintéticos como forma de compensar a ociosidade sazonal. Os artigos de lã têm uma demanda concentrada nos meses frios, quando o uso de roupas grossas e quentes se torna imperiosa. As limitações impostas por atuarem para o mercado do sul

<sup>149</sup> - As mais antigas são:

- Cia. Fiação e Tecidos Porto Alegre fundada em 1891 - Porto Alegre, 138 operários.
  - Lanificio Sehbe S.A. (antigo Lanificio São Pedro) 1893 - Caxias do Sul, 430 operários.
  - Lanificio do Rio Grande do Sul Tomaz Albaroz S.A. 1908 - Santana do Livramento, 410 operários.
  - Lanificio Matheo Gianella Ltda. 1917 - Caxias do Sul, 42 operários.
- (CADASTRO INDUSTRIAL DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, 1994/1995. FIERGS/CIERGS.).

<sup>150</sup> - A firma Paramount Lansul S.A., de Sapucaia do Sul, criada em 1947, é a que possui maior número de funcionários, que é de 1324, seguida da Companhia industrial Rio Guahyba, com 477 funcionários -1994/95. (CADASTRO INDUSTRIAL DO RIO GRANDE DO SUL - FIERGS/IDERGS/SEBRAE. Porto Alegre: 1994/1995).

do país, onde domina o clima subtropical, criou uma demanda específica e sazonal o que impõe limites à sua expansão, na medida em que não conseguem competir em preço e qualidade, no mercado externo, com países de clima frio, da Europa e da América do Norte.

Recentemente, nas indústrias de calçados, a substituição do couro e similares por tecidos na sua elaboração tem criado a oportunidade para o surgimento de novas indústrias no setor têxtil. Algumas pequenas firmas especializadas em tecidos especiais, cadarços e elásticos de borracha estão surgindo em municípios pertencentes ao pólo calçadista.

Para REICHEL<sup>151</sup>, o ciclo de expansão da indústria têxtil no Rio Grande do Sul encerrou-se na segunda metade da década de 20. As dificuldades de ordem estrutural e conjuntural levaram à estagnação e até mesmo à decadência do setor, que reduziu as possibilidades de acumulação e de inversão em tecnologia. Isto tem ampliado a desigualdade de condições de competição com as indústrias oligopolistas concentradas no centro do país e, mais recentemente, com os produtos importados dos países do sudeste asiático. Outro segmento ligado ao setor têxtil, que iniciou na década de 20 e se desenvolveu rapidamente em Caxias, foi o das malharias.

---

<sup>151</sup> - REICHEL, Heloísa Jochins. **A indústria têxtil Rio Grande do Sul: 1910 a 1930**. Porto Alegre: IEL/Mercado Aberto, 1978. p. 80.

*Em meados da década de 20, temos o surgimento da primeira malharia em nossa cidade. Ela começou junto ao Lanificio Matteo Gianella. Em 1922, Matteo viaja para a Itália, a fim de importar teares modernos. Nas suas buscas, um outro tipo de máquina para em suas mãos. Rapidamente uma idéia passeia em seus pensamentos: ampliar o ramo de sua atividade - fazer o fio e também a roupa.<sup>152</sup>*

Assim surgiu a primeira malharia do Estado. Pouco tempo depois as máquinas foram vendidas para um casal amigo, que fundou a Malharia Santo Antônio. Em três meses contrataram dois vendedores: Carlos Mutti e Salvador Salatino. Estes se incumbiram de distribuir as malhas em várias cidades do Estado. A firma cresceu em produção e capital, o que permitiu a importação de máquinas modernas da Europa. Em 1936 a firma foi comprada pelos dois vendedores acima mencionados, que mudaram a razão social para Malharia Caxiense. Em 1946 a sociedade foi desfeita. A Malharia Caxiense continuou com Carlos Mutti e Salvador Salatino fundou a Malharia Salatino, extinta na década de 70, após período de intensa expansão. Essas primeiras malharias serviram de escolas para as operárias adquirirem experiência e posteriormente montarem suas próprias malharias. Muitas da ex-operárias, imitando o que fizeram os inovadores criaram, ao longo das décadas, centenas de pequenas malharias, que logo proliferaram por toda a região e Estado. Com isto esse segmento tornou-se extremamente competitivo no mercado, o que explica a duração efêmera da maior parte das firmas.<sup>153</sup>

---

<sup>152</sup> - OCORRÊNCIA Nº 11. Caxias do Sul, 1990. Registro do Museu e Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. s/p.

<sup>153</sup> - Ibid., s/p.

A produção de malhas caracteriza-se pela coexistência de poucas firmas organizadas de forma capitalista, coexistindo com centenas de pequenas e médias produções de estrutura familiar, muitas das quais integrantes do setor informal da economia urbana. A produção de malhas é responsável por uma série de empregos indiretos através da subcontratação de bordadeiras, que trabalham a domicílio e recebem por peça produzida, sem nenhum vínculo empregatício.

*Hoje, na região, estão registradas 465 malharias que ocupam 4586 trabalhadores. Em menos de 70 anos, o nordeste do Rio Grande do Sul se tornou o maior parque industrial de malhas do Brasil, figurando na lista dos produtos mais exportados. Começou interligada às fiações e tecelagens, seguiu sua própria trajetória, tecendo resultados diversos (...)<sup>154</sup>*

As malharias que conseguiram se expandir foram as que diversificaram a linha de produtos e buscaram colocar parte de sua produção no mercado externo. Como exemplo temos a firma Petenatti S.A. - Indústria de Malhas e Confecções, criada em 1964, que assumiu expressão no segmento. Com várias fábricas espalhadas por outros municípios próximos, chegou a atingir o número de 1800 funcionários (a maioria do sexo feminino) e a exportar 51 % da sua produção em 1985 para países da Europa, África e especialmente Estados Unidos.

Preocupada em se manter competitiva no mercado internacional e encurralada pela recessão no Brasil, abriu escritório de vendas em Nova York e modernizou seus equipamentos. Atuando em confecção e em

---

<sup>154</sup> - Ibid., s/p.

malhas a firma chegou a atingir, em 1992, o primeiro lugar no setor estadual em faturamento e a ser considerada a maior empresa brasileira do gênero.<sup>155</sup>

No entanto, no início da década de 90, a forte concorrência dos produtos da China provocou uma drástica redução nas exportações, o que obrigou a firma a se reestruturar e concentrar sua produção em tecidos. Em 1992 os tecidos representavam 90% da produção.<sup>156</sup>

No setor têxtil da região, com poucas exceções, a grande defasagem tecnológica, representada pelo emprego de teares e máquinas com décadas de uso tem inviabilizado a competição das firmas com os produtos importados, especialmente com os da Coreia. A abertura de mercado nacional, iniciada no governo Collor, atingiu em cheio cerca de 800 firmas da região, que representam em torno de 27% das indústrias.

Das malharias que surgiram em Caxias poucas sobreviveram no tempo. Pelo cadastro industrial FIERGS/CIERGS 94/95, apenas duas malharias aparecem com data de fundação anterior à década de 60 e cerca de 80% das malharias tem sua origem entre a década de 70 e 90. Atuam, de modo geral, na produção concomitante de artigos infantis, masculinos e femininos. A diversificação na linha de produtos e a venda por atacado e varejo são estratégias utilizadas para tentar sobreviver

---

<sup>155</sup> - Petternati largou na frente. (REVISTA AMANHÃ. Porto Alegre: Plural Comunicações Ltda., nº 79, p. 55, nov.1993.).

<sup>156</sup> - Ibid., p. 55.

nesse mercado que, além dessas dificuldades, tem que competir também com a produção artesanal de blusas, blusões, suéteres e pulôveres feitos pelas tricoteiras, que produzem peças exclusivas (setor informal da economia).

Dentro do setor têxtil estão classificadas também as confecções. Desde o início da colonização o número de alfaiates e costureiras, produzindo informalmente roupas sob medida para indivíduos isolados, sempre foi muito grande. Dessas produções artesanais poucas evoluíram para indústrias. Um dos exemplos conhecidos é o da confecção Kalil Sehbe S.A., fundada em 1927 a partir de uma alfaiataria. Até a década de 40 consta no livro de Impostos de Indústrias e Profissões dois estabelecimentos em nome de Kalil Sehbe - um como sendo alfaiataria e o outro Kalil Sehbe, Soares & Cia como fábrica de terceira categoria de roupas feitas.

O segmento de confecções caracteriza-se pela predominância de pequenas firmas, atuando predominantemente com mão-de-obra feminina e mal remunerada. Mais recentemente tem-se desenvolvido o trabalho por facção. As firmas dispõem apenas de alguns operários que cortam o tecido. A roupa é montada e costurada por costureiras a domicílio, pagas por peça produzida e sem vínculos empregatícios.

#### 1.2.4 - INDÚSTRIAS DO PÓLO METAL-MECÂNICO

Na origem da indústria metalúrgica encontramos os artesãos das pequenas oficinas de ferreiros e funileiros. Os primeiros, utilizando a técnica de aquecer e reaquecer as chapas grossas de cobre e de outros metais puxando-as a martelo sobre bigornas, davam formas e linhas aos objetos produzidos como ferraduras, tachos para “*chimia*” e ferramentas para o uso agrícola (enxadas, machados, pás, dentre outros). As funilarias, empregando especialmente as folhas de flandres, deram início à produção de baldes, panelas, jarras, canecas, coadores de massa, lamparinas, a “*medida*” para o vinho e outros objetos de uso doméstico e uso agrícola.<sup>157</sup>

Atendendo as necessidades dos colonos foi desenvolvida também a produção de máquinas de sulfatar parrerais, alambiques para produzir graspa, trilhadeiras para o trigo, carroças, serras, entre outros artigos.

O surgimento das oficinas ocorreu espontaneamente, quase ao ritmo do povoamento. As funilarias multiplicaram-se, e nelas os artesãos reproduziram o seu universo cultural e a experiência herdada dos antigos bandaros italianos (funileiros). Desse modo, muitos dos costumes foram preservados e a polenta pode ser preparada da mesma forma que na

---

<sup>157</sup> - OCORRÊNCIA Nº 03. Caxias do Sul, 1997. Registro do Museu e Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. s/p.

Itália.<sup>158</sup>

Na origem das funilarias localizadas na sede encontramos os nomes Amadeu Rossi e Giuseppe Eberle. Ambos iniciaram fabricando alambiques, produtos de funilaria, talheres e objetos de uso doméstico.

O nome de Amadeu Rossi consta também na lista dos pagadores de impostos como tendo uma cervejaria e uma casa de negócios. Em 1905 ele aparece ainda como sendo proprietário de uma fábrica de lombrilhos e sellins para senhoras. Apesar da diversidade inicial de atividades acabou dedicando-se à metalurgia. Porém, a forte concorrência local fez com que, em 1938, Amadeu Rossi se transferisse para São Leopoldo, onde passou a produzir armas e munições da conhecida marca Rossi.

A metalúrgica Eberle, fundada em 1886 por Giuseppe Eberle, atuava também em funilaria, produção de alambiques, máquinas de sulfatar e objetos de uso doméstico. Em 1905 seu filho Abramo assumiu os negócios do pai, ampliou as atividades, diversificou a linha de produtos e em poucos anos evoluiu para a produção em série (ver FIGURAS 03 e 04).

Com a evolução da funilaria Eberle para a metalurgia, a preocupação foi a de exportar a produção para o mercado nacional. O espaço deixado vago na produção de artigos ligados à vinicultura foi sendo preenchido por outras funilarias, que continuaram atendendo a

---

<sup>158</sup> - Ibid., s/p.

demanda crescente verificada a partir do desenvolvimento dessa atividade em Caxias e na região. A atividade continuou sendo desenvolvida de modo semi-artesanal, com novos aprendizes ingressando no ofício.<sup>159</sup>

Das inúmeras funilarias instaladas na sede e no interior do município, a maior parte teve duração efêmera; poucas evoluíram para fábricas e algumas mudaram de ramo. Dos nomes que permaneceram por décadas na atividade merecem ser citados os de Augusto Hubner, Francisco Zatti, João Meneghini, dentre outros.

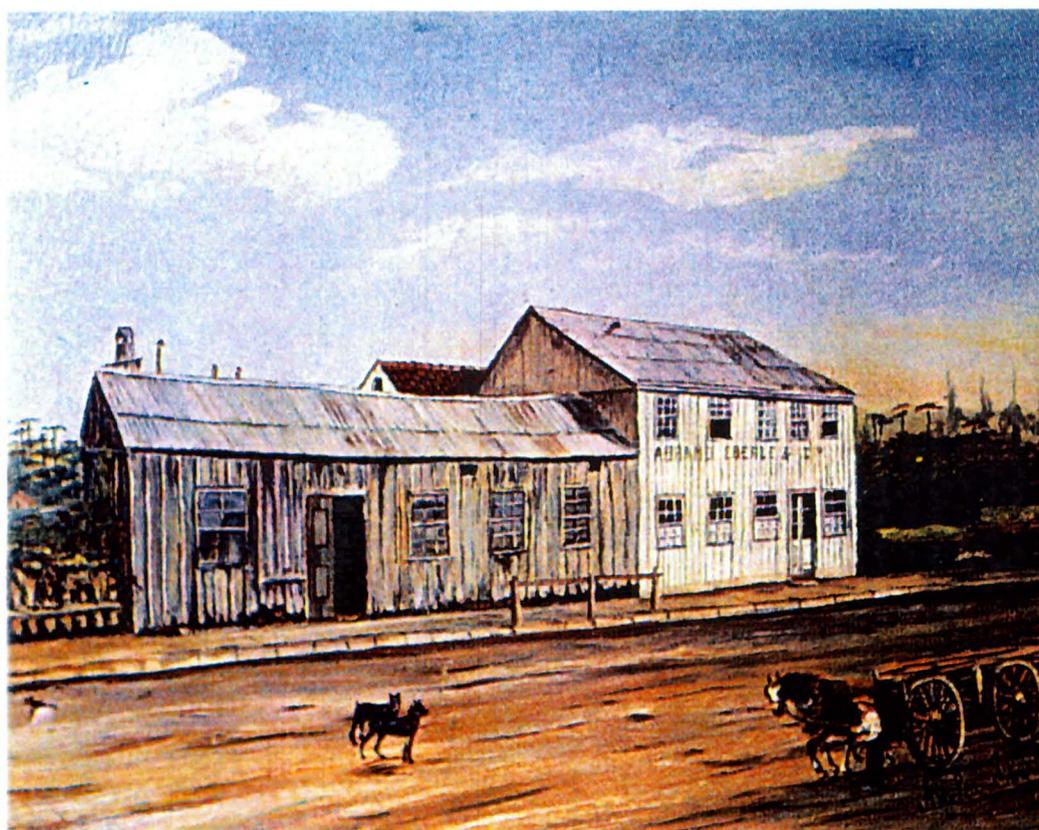


FIGURA O3- Funilaria Abramo Eberle em fase de expansão.  
Fonte: Material de divulgação da empresa.

<sup>159</sup> - Ibid., s/p.



FIGURA 04- Estabelecimentos industriais da Eberle atualmente.  
Fonte: Material de divulgação da empresa.

Com o desenvolvimento da técnica e o uso de novos materiais como o alumínio, o aço inoxidável e mais tarde o plástico, a produção artesanal desses utensílios domésticos e máquinas agrícolas foram ou desaparecendo ou sendo substituídos por novos produtos e ou materiais.

Hoje os poucos funileiros existentes executam um limitado número de serviços, como a elaboração de calhas, chaminés, colarinhos, reformas de fogões, dentre outros.

Na história da evolução da metalúrgica Abramo Eberle constata-se

uma contínua diversificação na linha de produtos, bem como a associação de Abramo com novos sócios e a criação de novas firmas locais, atuando em outros setores da economia, o que favoreceu o rápido processo de acumulação de capital e de investimentos na indústria.

As freqüentes viagens realizadas a países da Europa com o objetivo de adquirir novos lançamentos de máquinas e equipamentos no setor confirmam a preocupação contínua do empresário em acompanhar e adotar as técnicas modernas que iam surgindo nos grandes centros. A empresa adotou a política de diversificar a linha de produtos, indo desde talheres, peças para móveis, apetrechos para cavalos, até motores elétricos. Em 1940 produzia mais de 10.000 itens diferentes. A flexibilidade na produção, tão badalada hoje, já era uma prática na época. Como exemplo de aplicação do princípio da diferenciação do produto, basta mencionar que a firma produzia 72 tipos de estribos, 57 tipos de esporas para uso de cavaleiros de diferentes partes do país.

No estudo de LAZZAROTTO<sup>160</sup> sobre o caso da Metalúrgica Eberle, chama a atenção a questão das dificuldades dos trabalhadores estrangeiros de se adaptarem ao processo de trabalho nesta empresa. O autor relata comentários realizados por empregados estrangeiros que apontaram para as diferenças existentes no processo de produção desta empresa quando comparadas com as em vigor na Europa.

---

<sup>160</sup> - LAZZAROTTO, op. cit., p. 108.

Segundo depoimento de técnicos da fundição (engenheiros), o sistema europeu de produção era diferente e estes

*precisariam de dez anos para se adaptar ao estilo brasileiro de produção, no qual se produzia um pouco de tudo. Não havia trabalho em série, mas aqui se produzia desde espadas, tesouras até artigos sacros e de montaria.<sup>161</sup>*

Outro segmento que compõe o pólo metal-mecânico que esteve presente desde o início da colonização e que assumiu um dinamismo especial está ligado às firmas de material de transporte.

Desde os primeiros anos de colonização surgem as oficinas mecânicas que são uma mescla de ferraria com marcenaria e, por vezes, com fundição, como por exemplo a oficina de Bortolo Triches. Em 1882 este criou uma das primeiras fundições e oficinas voltadas para a fabricação de máquinas de fazer massa caseira, carretas, alambiques e outros artigos mais ligados a agricultura. A oficina foi instalada na nona légua (hoje bairro Santa Catarina - no local da atual chácara Triches).

Além dessas produções Triches atuava também na prestação de serviços em ferraria e conserto de carroças. No início do século importou um torno da França, o único existente na região. Passou então a prestar serviços para outras empresas, como no caso da metalúrgica Eberle. À medida que a fundição cresceu, foi diversificando sua produção e estendeu sua atuação para outros setores da economia.

As carroças e carretas foram os meios utilizados para romper o

---

<sup>161</sup> - Ibid., p. 108.

isolamento e a distância dos centros consumidores, iniciando o processo de inserção precoce do lugar no mercado regional e nacional.

O estabelecimento de outras atividades ligadas ao desenvolvimento do transporte, como a dos tropeiros, tiveram seu papel na formação da mais valia, embora de forma indireta.

MARX, citado por GOTTDIENER<sup>162</sup>, lembra bem que os produtos do trabalho só se convertem em mercadoria quando alcançam o mercado e são distribuídos.

*Consequentemente, a disposição espacial das fábricas e mercados e os elos de comunicação entre eles constituem a força de produção; e o espaço faz parte das condições gerais de produção e não apenas da circulação, como asseveram todos os economistas políticos marxistas.*<sup>163</sup>

A produção crescente de produtos agrícolas e industrializados gerou desde o início da colonização a necessidade de desenvolver um transporte rodoviário eficiente.

Já nos primeiros anos da ligação ferroviária de Caxias com Porto Alegre o Intendente Municipal de Caxias alertava, através de documento ao Presidente da Província, a insuficiência de vagões disponíveis para transportar a produção local. Colocava o aumento das exportações para o norte do país e para os países do Rio do Prata, privados temporariamente

---

<sup>162</sup> - MARX apud GOTTDIENER, Mark. **A produção social de espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.

<sup>163</sup> - Ibid., p. 186.

da importação estrangeira, como sendo causa principal da crise sem precedentes no transporte de mercadorias.

Afirmava que mais ou menos 65% da produção local de 1916 tinha deixado de ser exportada, o que estava prejudicando a indústria vinícola, por estar perdendo a oportunidade de substituir no mercado o vinho até então importado. As dificuldades de importação, em decorrência dos conflitos da Primeira Guerra Mundial, apresentavam-se como uma oportunidade para substituir o vinho estrangeiro pelo nacional.

Por fim, o Intendente denunciava a prática da exportação pelas estradas de rodagem, o que estaria favorecendo a burla da fiscalização municipal, acarretando importantes prejuízos para a arrecadação.<sup>164</sup>

Mesmo após a chegada da ferrovia continuou existindo a necessidade de desenvolver o transporte rodoviário para escoar parte da produção local. A ferrovia não representou uma solução definitiva para o problema do transporte. A insuficiência de vagões, mas principalmente a demora no transporte criaram a necessidade de buscar alternativas para reduzir o tempo de circulação. VALVERDE<sup>165</sup> afirma, em seu estudo, que as mercadorias levavam 20 dias para chegar ao Porto do Rio de Janeiro, dos quais oito, no mínimo, eram gastos nos vagões da estrada de

---

<sup>164</sup> - RELATÓRIO DO INTENDENTE MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 1916, op. cit., p. 13.

<sup>165</sup> - ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Globo, 1950. p. 269.

ferro entre Caxias e Porto Alegre. Foi a necessidade de sobrevivência das atividades locais que provocou o desenvolvimento das oficinas mecânicas. Estas iniciaram produzindo carroças e carretas e gradativamente foram se adaptando às mudanças provocadas pelo advento dos veículos automotores e passaram a produzir autopeças, implementos para o transporte e carrocerias.

Por outro lado, a localização distante dos grandes centros de consumo exigia uma redução dos custos da circulação como forma de garantir a competitividade das firmas localizadas na região. Durante a Primeira Guerra Mundial as limitações às importações possibilitaram a expansão e o surgimento de novas oficinas mecânicas. GALLO, citado por DE BONI<sup>166</sup>, afirma que nesse período ocorreu a substituição de peças até então importadas pela produção local. A necessidade de reposição de peças das máquinas e o número crescente de veículos em circulação viabilizaram a expansão das oficinas mecânicas.

A primeira metade deste século é marcada por importantes transformações nos meios de transporte e de comunicações. Com os avanços tecnológicos algumas atividades desapareceram, outras tiveram que se adaptar às novas demandas através de emprego de novos materiais e processos, e novas atividades surgiram a partir da dissolução do antigo modo de vida e desenvolvimento das condições para a emergência da

---

<sup>166</sup> - DE BONI, op. cit., p. 219.

fase do consumismo.

Esse período foi marcado pela coexistência do velho modo de vida com o novo padrão de consumo de massa. A TV foi (e continua sendo) a principal força de persuasão nesse processo de alteração sócio-cultural que busca, em função de interesses econômicos, criar novas necessidades e homogeneizar o padrão de consumo.

Na área central as casas e sobrados de madeira cedem lugar para os prédios de alvenaria, com um número crescente de andares alternando gradativamente a sua função de residencial para de comércio e serviços. O crescimento importante da indústria após a década de 60 resultou no deslocamento de grande parte delas para áreas mais periféricas, especialmente ao longo das principais vias de acesso a Caxias, o que foi acompanhado pela proliferação de novos bairros operários e pela ampliação do perímetro urbano, que tem acompanhado os vetores de expansão da urbanização (ver FIGURA 05).

No transporte de pessoas e de mercadorias eram as carretas, carroças, automóveis e caminhões<sup>167</sup> que dividiam entre si as ruas estreitas e as estradas, em grande parte, de chão batido.

---

<sup>167</sup> - Em Caxias, por exemplo, em 1928 existiam 196 automóveis, 96 caminhões e 1003 carretas, carroças e similares (RELATÓRIO DO INTENDENTE MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. Caxias do Sul, 1928. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. p. 104).



FIGURA 05- Vista aérea do centro de Caxias do Sul.  
Fonte: Material de divulgação da CIC, 1995.

No transporte de mercadorias os tropeiros foram cedendo lugar para os “*caminhoneiros*”, as pousadas para os hotéis, as ruas estreitas se transformam em amplas avenidas e se instalaram por todos os cantos serviços ligados ao transporte. Enfim, era chegado o tempo de mudanças; tudo e todos se renderam ao reino da mercadoria, que se instalou com o desenvolvimento do capitalismo, alterando a evolução particular da cultura nacional, em função de interesses econômicos.

O serviço de transporte pesado assumiu importância crescente no país e especialmente em algumas cidades da região colonial italiana. Exemplo disto está representado pela cidade de São Marcos, distante 34 Km de Caxias<sup>168</sup>.

A história do desenvolvimento do transporte na economia desta localidade se consolidou ainda na década de 30, quando vários transportadores autônomos compraram seus primeiros caminhões. A inadequação dos primeiros caminhões para as condições precárias e difíceis das estradas locais exigia certas adaptações. Cita-se como exemplo a necessidade de mudar a posição dos tanques de gasolina para

---

<sup>168</sup> - Na década de 80 a cidade de São Marcos possuía o maior número de caminhões Scania por habitante de todo o mundo, o que serviu para criar uma imagem do lugar como sendo a capital mundial dos Scania. Para uma população urbana de 15,854 habitantes, existiam em 1994 cerca de 1900 caminhões. Dessa frota cerca de 1300 caminhões pertenciam a transportadoras e os 600 restantes a carreteiros autônomos. (JORNAL PIONEIRO. Caxias do Sul: nov. 1994. Edição Especial.)

O serviço de transporte foi ao longo dos anos direcionando cada vez mais a economia de São Marcos para o transporte pesado e mais recentemente também para as indústrias ligadas a acessórios de caminhões e cabines de veículos.

permitir que o combustível alcançasse o motor em situações comuns de tráfego por locais de topografia com fortes aclives.<sup>169</sup>

Foram as dificuldades e necessidades pontuais que obrigaram, como neste caso, os motoristas e as oficinas a criarem soluções próprias, na medida em que o mercado ainda não oferecia produtos adequados para diferentes realidades. A partir de necessidades específicas da região é que foram desenvolvidos produtos diferenciados, especialmente nos segmentos de carrocerias, acessórios e auto-peças. O grande número de serrarias existentes na região levou boa parte desses motoristas a se especializarem no transporte de madeira.

Mas foi a partir do final da década de 40 e início da década de 50 que a tradição de pólo metal-mecânico vai-se desenvolver de fato. É nesse período que surgem as atuais grandes firmas como a Rodoviária (1948), Randon (1952), Marcopolo (1949), Fras-le (1954), dentre outras, ligadas ao material de transporte.

A Marcopolo, designada inicialmente Nicola & Cia Ltda. (mas conhecida na cidade como Carrocerias Caxiense), iniciou a produção das primeiras carrocerias de ônibus a partir de adaptações precárias realizadas sobre o chassis de caminhões. Inicialmente boa parte das peças necessárias eram importadas e o produto utilizava na sua estrutura muita madeira (angico, canela, açoita-cavalo, cedro, dentre outras),

---

<sup>169</sup> - JORNAL PIONEIRO. Caxias do Sul: nov. 1994. Edição Especial.

ainda abundantes na região (ver FIGURA 06).

Segundo depoimentos do Sr. Paulo Bellini<sup>170</sup>, Diretor Presidente da firma, inicialmente as dificuldades técnicas, econômicas e de mão-de-obra especializada foram enormes. A falta de mão-de-obra especializada em Caxias levou a empresa a buscar funcionários na região do Vale dos Sinos, especialmente em Novo Hamburgo, onde se localizavam algumas firmas do ramo. De lá foram contratados soldadores, ferreiros, carpinteiros e estofadores de origem alemã, que aqui se estabeleceram com suas famílias.

Os primeiros clientes da firma foram duas empresas de transporte urbano que operavam na cidade. Instalada em um pavilhão de madeira, a produção era realizada de forma artesanal, com o emprego reduzido de máquinas. O crescimento inicial deste estabelecimento vinculou-se com a inexistência inicial de barreiras à entrada no setor, constituído inicialmente por um reduzido número de firmas nacionais de pequeno e médio porte. Quando as multinacionais se estabeleceram no país, algumas firmas nacionais já tinham superado a fase artesanal e estavam se modernizando e com condições de concorrer com seus produtos no mercado em expansão. Nos anos 50, no governo Juscelino Kubitschek, com o incentivo dado à indústria automobilística, os negócios no setor expandiram-se rapidamente.

---

<sup>170</sup> - REVISTA POLO INFORMÁTICA. n°17, nov. 1987. (Encarte).

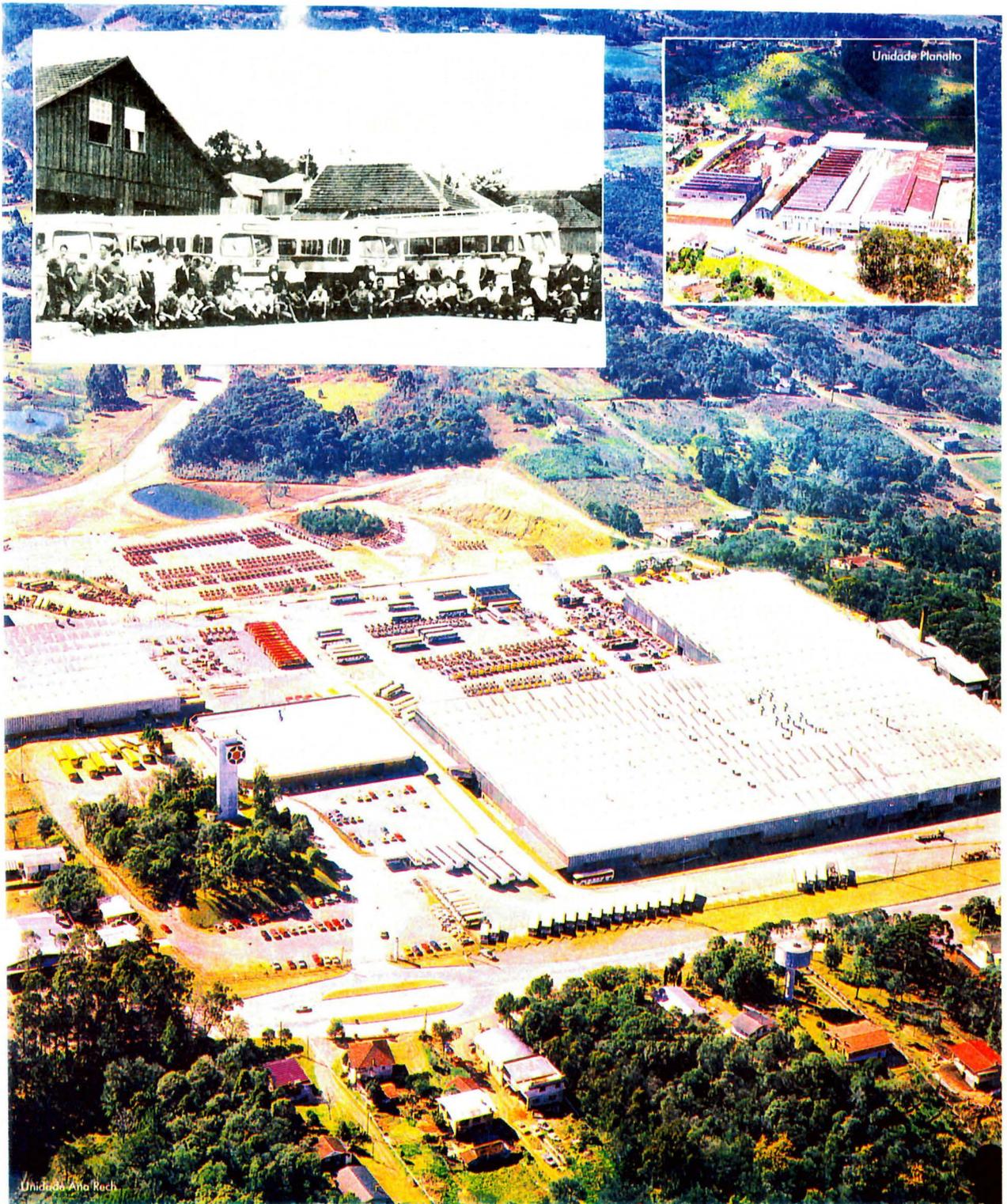


FIGURA 06- Marcopolo S.A.

1- Nicola & Cia Ltda., atual Marcopolo, no início de suas atividades, quando se localizava próximo ao centro da cidade.

2- Unidade Planalto, construída na década de 50.

3- Unidade Ana Rech

Fonte: Material de divulgação da empresa.

A multinacional Mercedes-Benz passou a produzir no Brasil chassis para ônibus, o que fez com que a produção de carrocerias passasse a ser um bom negócio para a Marcopolo.

Com isto, os negócios da firma expandiram-se rapidamente, obrigando-a a transferir suas instalações da área central para o Bairro Planalto, onde construiu uma fábrica moderna. Para conseguir recursos, a Marcopolo optou, em 1953, pela abertura do capital com a sua transformação em Sociedade Anônima, e ao mesmo tempo aproveitou o apoio do GEIA (Grupo Executivo das Indústrias Automobilísticas), oferecido ao setor, pelo Governo.

Foi nos primeiros anos da década de 50 que surgiram as primeiras estruturas de aço nas carrocerias de ônibus, marco do avanço técnico na história desse segmento.

A nova fábrica, cuja construção iniciou-se em 1954, e que foi concluída em 1957, foi projetada para operar com técnicas e métodos modernos de produção e administração e com a introdução da produção de ônibus sobre chassis especiais, produzidos no país pela multinacional Mercedes-Benz.

Nesta mesma década ocorreu o desligamento de alguns dos sócios da firma, que resolveram instalar uma firma congênere em Caxias, atuando na produção de furgões e veículos especiais. Na origem de

muitas firmas locais é comum encontrarem-se exemplos de sócios que se desligaram de sociedades e criaram novas firmas congêneres e concorrentes entre si.

A concorrência se intensificou a partir do final da década de 50, quando a Scania instalou em São Bernardo do Campo uma filial atuando na produção de caminhões e ônibus. A própria Mercedes ampliou sua participação no mercado de ônibus e passou a boicotar o fornecimento de chassis para a Marcopolo. A venda de chassis passou a ser realizada diretamente da Mercedes para os clientes da Marcopolo e não mais para a empresa. O único fornecimento direto só era realizado quando o produto se destinasse a exportação. Buscando resolver o problema de fornecimento de chassis a Marcopolo associou-se, em 1973, à Cummins Engening Company, fábrica americana de motores e à Van Holl, fábrica belga que produzia ônibus comum e ônibus monobloco de plataforma, na Bahia, onde ela instalou uma fábrica.<sup>171</sup>

Porém, com a crise econômica, as pressões da concorrência e a proibição da importação de motores levaram a Cummins a desistir de investir no país e a Marcopolo ficou sem motores para fabricação própria de chassis.

Em 1974, com a instalação no país da filial da Volvo, um novo concorrente entra no mercado de ônibus, ao mesmo tempo que se amplia

---

<sup>171</sup> - Ibid., encarte.

o leque de opções no fornecimento de chassis, à medida que esta multinacional concentra seu interesse na produção de caminhões.

A década de 60, período marcado pela expansão da economia dos segmentos ligados à indústria automobilística, foi decisiva para a consolidação da Marcopolo no mercado brasileiro. Após passar por uma reformulação total, com a adoção de novos processos de trabalho e de administração, conjugados com inovações no produto através de um novo *design*, a firma promoveu uma campanha nacional de divulgação do novo ônibus Marcopolo. O lançamento, em 1968, do novo ônibus, foi realizado em São Paulo, no Salão do Automóvel. Em pouco menos de um ano ocorreu a troca do nome da firma de Nicola & Cia Ltda. para Marcopolo SA.

Apesar da dimensão e do ritmo de expansão do mercado brasileiro, o boicote sofrido e a forte concorrência dos grandes grupos multinacionais no mercado interno obrigaram a Marcopolo a buscar nas exportações uma alternativa de crescimento. As exportações iniciaram-se em 1961 pelos países da América Latina, especialmente pelo Uruguai e Paraguai, depois pelo Chile e Peru. Posteriormente as exportações se estenderam para os países da Europa, da África e do Oriente Médio.

A política recente de exportar cerca de 50% da sua produção obrigou a firma a promover contínuas inovações no processo de produção e no produto, acompanhando de perto os avanços técnicos no segmento,

garantindo com isto a sua permanência neste mercado oligopolista, composto por cerca de dez grandes firmas a nível mundial.

A década de 70 foi marcada no país pela concentração e centralização do capital entre as firmas mais competitivas no segmento. Em 1970 a Marcopolo ampliou a sua participação no mercado através da incorporação de concorrentes, como a firma Carrocerias Eliziário de Porto Alegre, e em 1977 a concorrente local Nimbus (antiga Furcare, criada por antigos sócios da Marcopolo), e através da instalação de filiais em Porto Alegre, São Paulo, Recife, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Porém, com o ciclo recessivo que se aprofundou na economia mundial, em meados da década de 80, as vendas internas e as exportações foram drasticamente reduzidas, levando a Marcopolo a fechar as unidades de Porto Alegre, de Betim em Minas Gerais e da Invel de Caxias, concentrando a produção nas unidades Planalto e Ana Rech, em Caxias.

Em 1986, com o plano econômico denominado Cruzado I, houve o reaquecimento do mercado, com um crescimento de 194,6% no faturamento da empresa, que passou a responder por cerca de 40% da produção nacional de ônibus rodoviário (principal produto), sem contar com a sua expansão no segmento dos ônibus urbanos e micro-ônibus.

A fim de aumentar a produtividade no processo de produção e qualidade do produto, a empresa tem aplicado inovações na organização do processo de trabalho e nos produtos, acompanhando a tendência mundial do setor. Para tanto, em 1985 a firma enviou ao Japão especialistas para estudar o modelo de organização adotado pelas empresas japonesas. A Marcopolo foi a pioneira em Caxias na adoção do sistema toyotista, que envolve um complexo conjunto de inovações organizacionais, novos métodos de controle do fluxo de informações produtivas (Just-in-Time, Kanban, entre outros), associados à implantação de tecnologia de automação programável com base na microeletrônica.

Os ganhos na produtividade industrial foram imediatos e relevantes, o que levou à propagação do modelo para outras firmas locais, iniciativa que teve o apoio do órgão de representação dos empresários, a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul.

Em termos históricos, a Randon surgiu em 1947, quando Hercílio Randon fundou uma pequena oficina mecânica voltada para o conserto de freios de caminhões. Nos anos seguintes houve uma diversificação na linha de produtos e a alteração da designação social, com a troca de sócios.

Em janeiro de 1953 Hercílio admitiu como sócio seu irmão Raul

Anselmo Randon. Juntos e com um capital inicial de Cr\$ 150,00, iniciaram na mecânica Randon Ltda. a fabricação de freios a ar e depois de eixos e 3º eixos (truques). Com o passar do tempo ampliaram a produção para reboques destinados ao transporte de madeira e de implementos para o transporte rodoviário de cargas secas, líquidas e indivisíveis, atendendo a uma demanda existente na região (ver FIGURAS 07 e 08).

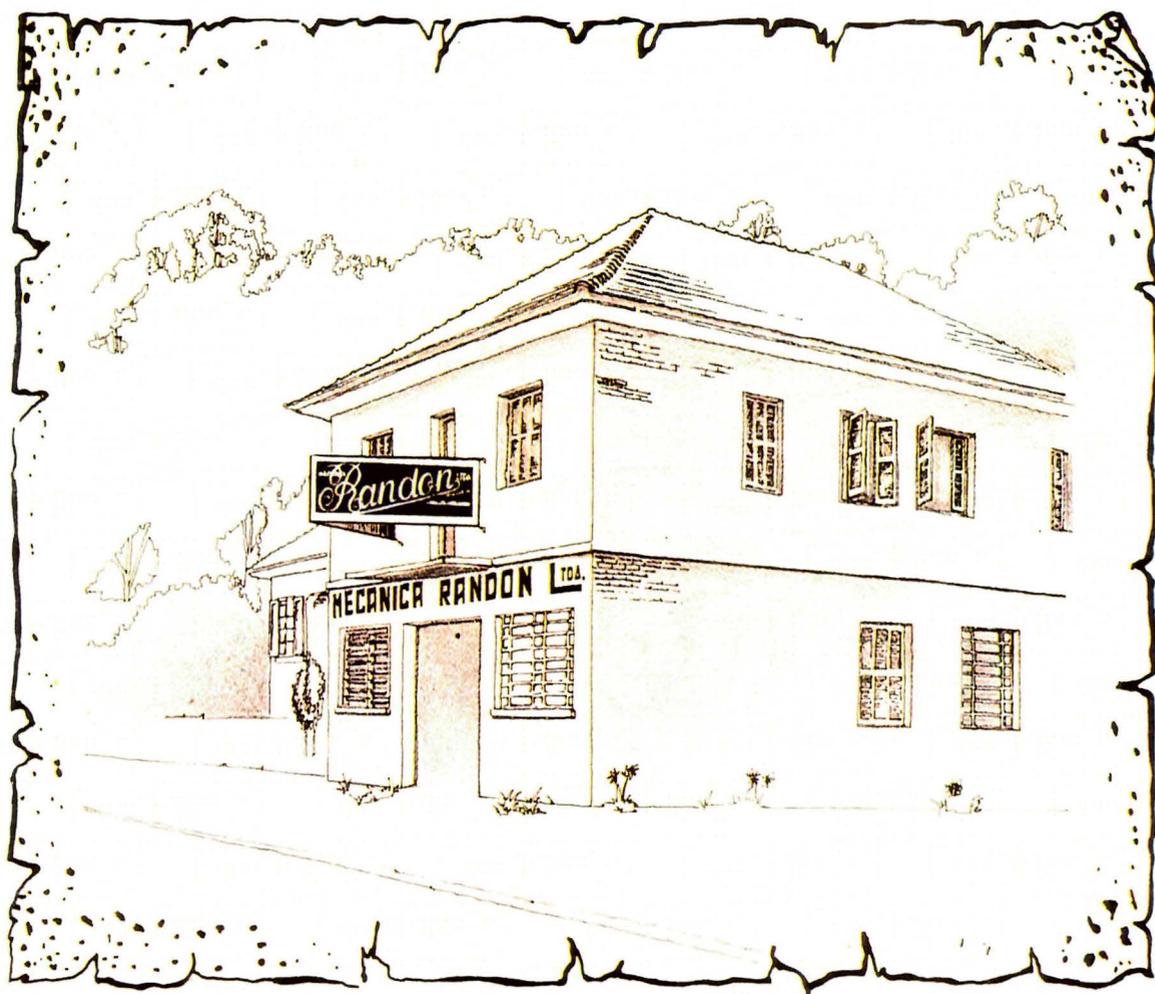


FIGURA 07- A Randon na década de 50.

Fonte: Material de divulgação da empresa.



FIGURA 08 - Randon hoje.

Fonte: Material de divulgação da empresa.

Neste exemplo, a firma surgiu como prestadora de serviço e logo transformou-se em produtora de autopeças e depois de implementos rodoviários, atendendo a uma necessidade local e regional de implementos para o transporte de madeira e estendendo sua produção para atender outros segmentos do mercado estadual, ligados ao transporte rodoviário de cargas de grãos, líquidos e outros.

Profundas transformações na economia do Estado gaúcho, a partir do final da década de 40, pela instalação de um novo ciclo na agricultura, que passou a associar a cultura do trigo com a da soja, provocou uma verdadeira revolução no campo e, em decorrência, a expansão de setores ligados a máquinas agrícolas e ao transporte da produção.

A expansão da lavoura tipo exportação favoreceu sobremaneira as indústrias desses segmentos localizadas em Caxias do Sul, as quais passaram a produzir equipamentos para atender a demanda criada pelo setor agrícola, como a Agrale (tratores); Lavrale (implementos agrícolas); De Antoni (trilhadeiras); Randon (implementos rodoviários); A. Guerra (implementos rodoviários), dentre outras.

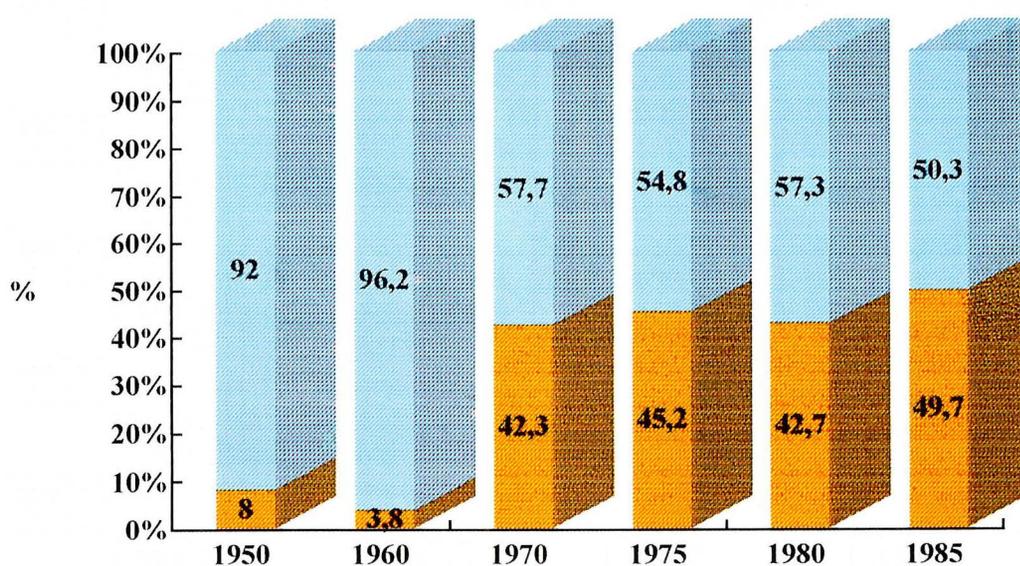
No final da década de 70, a produção de material de transporte do Estado gaúcho representava cerca de 40% da produção brasileira. Dois terços das trilhadeiras, ceifadeiras e arados em uso no país eram produzidos por fábricas gaúchas<sup>172</sup> e, destas mais de 40% estavam concentradas em Caxias do Sul, como pode ser visto no GRÁFICO 03. A década de 70 constitui-se no marco histórico da consolidação da indústria de material de transporte. A partir de então sua participação relativa no Estado permanece com tendências de crescimento, conforme os últimos dados disponíveis do IBGE para o ano de 1985.

---

<sup>172</sup> - REVISTA AMANHÃ. Porto Alegre: Plural Comunicações Ltda., ano x, nº 113, p. 76, nov. 1996. (Encarte Especial).

Na década de 50, a legislação de incentivo estabelecida pelo governo para a implantação da indústria automobilística no país estabeleceu uma reserva de mercado para a indústria nacional de autopeças, implementos e acessórios. O fato possibilitou que muitas das pequenas oficinas evoluíssem para grandes firmas, a partir de incentivos fiscais recebidos e uma demanda crescente por implementos rodoviários necessários para transportar a produção agrícola e industrial do país, em rápida expansão no governo Juscelino.

**GRÁFICO 03 - Caxias do Sul: evolução no valor da produção na indústria de material de transporte em relação ao Estado do Rio Grande do Sul - 1950/1985**



Fonte: Censo Industrial do FIBGE, 1950, 1960, 1970, 1975, 1980 e 1985.

Com o passar do tempo, à medida em que o setor industrial foi-se

modernizando, as firmas mais competitivas foram incorporando suas concorrentes menos capitalizadas e promovendo uma concentração e centralização do capital. Na década de setenta o setor de material de transporte local, composto até então por várias firmas de diferentes portes, sofreu esse processo. Em 1977 a Randon assumiu o controle acionário da sua maior concorrente local, a Rodoviária, criada em 1948 e atuando na mesma linha de produtos.

A dinâmica deste setor está intimamente subordinada às flutuações cíclicas da economia, especialmente em relação à agricultura. Nas fases de expansão da economia e de safras boas a demanda por implementos rodoviários amplia-se consideravelmente.

Nos períodos de crise, a estratégia adotada pela Randon para continuar se expandindo tem sido a de diversificar sua linha de produtos, conquistando novos nichos de mercado e, ao mesmo tempo, manter sob controle a produção de autopeças, para evitar o surgimento de concorrentes no mercado paralelo, responsável por significativa parcela do faturamento da firma.

O número de concorrentes no segmento é elevada e disseminada pelo país e geralmente restrita a produtos específicos, como no caso de tanques de aço inoxidável, onde a Randon participa em cerca de 30% do mercado.

A Randon participa com cerca 55% do mercado nacional no segmento de implementos rodoviários e, se somada a participação dos concorrentes locais<sup>173</sup>, essa participação atinge cerca de 70%, o que mostra a importância do segmento em Caxias.

No Brasil o número de fabricantes supera o número de 100. A sobrevivência dos concorrentes no mercado está vinculada à estratégia adotada de se especializarem na produção de implementos específicos, o que garante as condições para adotar tecnologia de ponta, na medida em que só se dedicam à produção de um único tipo de produto, geralmente os mais comuns, o que os torna eficientes no mercado, com condições de competir com produtos e não com firmas entre si.

Em alguns implementos, como o semi-reboque frigorífico, só existem no país dois grandes fabricantes, a Randon e a Recrosul, que dividem proporcionalmente o mercado entre si.

O que diferencia a Randon dos demais concorrentes é a diversidade de produtos oferecidos e o fato dela ser a pioneira na adoção

---

<sup>173</sup> - As principais firmas concorrentes localizadas em Caxias do Sul são:

- A. Guerra S.A. - Implementos Rodoviários, Semireboques, adaptação do 3º eixo.
- Dambroz S.A. - Implementos Rodoviários Ltda. - Semireboques, reboques, carrocerias furgão.
- Equipar - Equipamentos Rodoviários Ltda. - Semireboques, carrocerias, furgão, caçambas basculantes.
- Furgosul - Furgões do Sul Ltda. Carrocerias furgão.
- Mecânica Bortolotto Ltda. Veículos especiais, semireboques, reboques, caçambas basculantes.
- Três eixos Indústria de equipamentos para transporte Ltda. - Semireboques, caçambas, terceiro eixo. Gargopel carrocerias e furgões Ltda. - carrocerias furgão, veículos especiais.

de inovações desenvolvidas no mercado europeu, especialmente na Itália e na Alemanha, países que se destacam no setor. As exportações da Randon, que giram entre 30% a 40% do total produzido, têm atuado como laboratório para o desenvolvimento dos produtos. A necessidade de competir com os melhores e os maiores fabricantes do mercado mundial tem obrigado a empresa a se manter atualizada em termos de inovações, como condição para permanecer atuante no mercado externo.

Os implementos produzidos nos países do primeiro mundo nem sempre se adaptam às condições específicas dos países do terceiro mundo, pois foram planejados para operar em vias planas, com asfalto perfeito e bem conservadas. No entanto, as condições das rodovias do Brasil e de outros países do terceiro mundo são completamente diferentes da realidade européia e por isso exigem um implemento adequado para agüentar as condições ruins das suas estradas esburacadas, onduladas e freqüentemente traçadas em regiões de topografia irregular.

Porisso, as inovações adotadas no mercado europeu, como por exemplo o sistema de bordo, sistema ABS. (evita o travamento das rodas em freadas bruscas), sistema inteligente ECAS. (controle eletrônico do nivelamento da suspensão), só são colocados nos implementos como equipamentos opcionais, devido especialmente ao seu custo elevado. Por outro lado, os fabricantes têm que observar a legislação específica de

cada país, onde estão contidas as normas técnicas exigidas para que os implementos possam circular pelas suas rodovias.

Além da diversidade de implementos rodoviários o grupo Randon tem diversificado os investimentos em outros setores da economia. No entanto, o segmento de implementos para transporte constitui-se no carro chefe do grupo, representando cerca de 72% do seu faturamento (previsto para 1996 em 650 milhões). A seguir vem autopeças, com 16%, veículos especiais, com 5%, fruticultura, 3,5% e serviços, 3,5%.<sup>174</sup>

Recentemente, para melhorar a sua eficiência, o grupo tem adotado a política de desverticalizar a produção, através da associação com firmas líderes em componentes utilizados nos implementos rodoviários e criação de novas firmas menores. Com isto, a firma tem transferido a produção de muitas das autopeças para novas firmas independentes e com domínio da tecnologia de ponta no seu respectivo segmento, o que tem melhorado a sua eficiência.

As associações com empresas líderes do mercado mundial têm sido formalizadas através de Joint-ventures em que a Randon detém o controle acionário em todos os acordos concretizados até agora. Como exemplos podemos citar as seguintes associações:

- Em 1987 a Randon abriu mão de produzir freios e associou-se com a

---

<sup>174</sup> - JORNAL PIONEIRO. Caxias do Sul: jan. 1996. p. 5-6.

Rockwell International<sup>175</sup> (USA), uma das maiores fabricantes do mundo de freios para toda a linha de caminhões.

- Em 1993, transferiu a produção do sistema de refrigeração e ar condicionado para transporte para a associada Carrier Transicold Division<sup>176</sup> (USA), líder mundial no segmento.
- Em 1995 formalizou outra associação com a empresa alemã Jost-Werk AG para a fabricação em Caxias do Sul da linha de conexões para veículos articulados, tendo como alvo os fabricantes de reboques, semi-reboques e montadoras de caminhões, particularmente na linha pesada.
- Por fim, no início de 1996, incorporou o controle acionário da Fras-le, firma local que atua na produção de lonas de freios para veículos, da qual sempre foi cliente.

Segundo depoimento do presidente do grupo, Sr. Raul Anselmo

---

<sup>175</sup> - Rockwell International. Companhia Americana multi-industrial que aplica tecnologia avançada a uma vasta gama de produtos nos seguintes ramos de negócios: - aeroespacial, eletrônico, automotivo e de indústrias em geral. Emprega aproximadamente 120.000 pessoas em todo o mundo e de cada cinco empregados, um está envolvido na busca de avanços tecnológicos. ( Publicação de divulgação do contrato de Constituição da firma Freios Master. Caxias do Sul, 1992).

<sup>176</sup> - A Carrier Transicold é uma divisão da Carrier Corporation que se uniu com United Technologies Corporation. UTC, líder mundial em tecnologia aeroespacial, propulsão, sistemas e controles eletrônicos. A "UTC" possui 288 fábricas em 57 países e emprega mais de 190.000 pessoas. Como parte da "United technologies/Carrier", a Carrier Transicold participa de um grupo de empresas que se destacam-se pela tecnologia de ponta em helicópteros (Sikorski), turbinas de avião (Pratt & whitney), sistema aeroespacial (Hamilton Standard), sistema de defesa ( Norden) e elevadores (OTIS). A Carrier Transicold é líder mundial em refrigeração e ar condicionado. ( Prospecto da divulgação do contrato de constituição da firma Carrier Transicold Brasil Ltda., Caxias do Sul, julho de 1993).

Randon, a aquisição do controle acionário da Fras-le foi efetivado para evitar que esta firma tradicional acabasse nas mãos de grupos de fora da região, como aconteceu com a metalúrgica Eberle, que em 1984 passou para o controle de um grupo paulista e dois anos depois para o grupo Zive de Porto Alegre.

Constata-se claramente uma tendência no setor industrial local de concentração e centralização do capital através da formação de grupos econômicos fortes envolvendo associações em escala mundial, mas com a preocupação de preservação do controle acionário sobre as novas indústrias criadas.

A reestruturação societária e organizacional do grupo Randon, iniciada no final da década de 80, tem-se caracterizado pela opção de segmentar os negócios em unidades operacionais especializadas, jurídica e administrativamente autônomas, e tem por objetivo associar tecnologia de ponta com a expansão no mercado.

A Randon, além da associação com empresas líderes mundiais no segmento de componentes de seus produtos (o que garante aos produtos a assistência técnica a nível mundial), tem buscado a internacionalização dos seus produtos instalando uma rede de representantes e distribuidores em diversos países do mundo, inclusive com a instalação de uma filial em Lisboa - Portugal, e outra na Argentina, para de facilitar os negócios com países da Europa e da América Latina.

Com a evolução do sistema capitalista, as rápidas transformações têm induzido o capital a buscar novas formas de atuação e organização para superar as crises cíclicas desencadeadas a partir do esgotamento do padrão fordista de acumulação.

Cada vez mais as firmas buscam ampliar a sua atuação no mercado através da extensão das relações comerciais com outros países.

A inserção das firmas locais no mercado internacional tem-se concretizado através de diferentes estratégias, que envolvem associações com grande grupos internacionais, descentralização da produção com a criação de filiais em mercados promissores e adaptação dos produtos as exigências legais e culturais dos países compradores.

Apesar da Randon ser a maior empresa da América Latina no setor de implementos rodoviários, a diversidade de produtos e o volume reduzido de alguns modelos torna inviável a automatização do processo de produção como um todo. Somente nos produtos Standart, onde o volume produzido é maior, a automatização tornou viável.

Outro exemplo de firma criada na década de 50 e que assumiu em poucas décadas liderança nacional no seu segmento é o da Fras-le. O Sr. Francisco Stédile e o sr. Miguel João Zanandréa, sócios de uma revenda de veículos e autopeças em Caxias, ao constatarem que a maior parte das autopeças eram importadas e que a demanda crescia rapidamente no

mercado interno, com a expansão do transporte rodoviário, visualizaram a possibilidade de fabricar algum produto ligado a autopeças no ramo de veículos.

Em 1953, Francisco Stédile viajou para a Itália com o objetivo de manter contatos com fabricantes de autopeças, nesse país, onde visitou várias fábricas, dentre elas uma de rodas, onde esperava obter licença para a sua fabricação em Caxias do Sul. No entanto, os altos investimentos necessários inviabilizaram a idéia.

Ao visitar a cidade de Torino, Stédile viu expostas na vitrine de uma loja de autopeças uma série de lonas para freios. Em contato com o representante da fábrica, que mantinha um escritório junto a esta pequena loja, conseguiu marcar com o mesmo uma visita com o diretor dessa fábrica de lonas de freio, localizada na pequena cidade de Ciriê, na Itália.

A partir da visita a essa fábrica, denominada Finaff, iniciaram-se as negociações para obter licença para a fabricação de lonas de freio. A confirmação de licenciamento chegou ainda em 1954. Nesse mesmo ano, os dois sócios da nova firma viajaram para a Itália, onde realizaram um longo estágio com o objetivo de assimilar as técnicas de elaboração de lonas de freio.

Em 1955 chegaram a Caxias do Sul as duas primeiras prensas

importadas da Itália e foi concluída a instalação dos demais equipamentos necessários, dando início à produção dessa autopeça. Inicialmente a complexidade no processo de produção ocasionou uma série de dificuldades técnicas, que gradativamente foram sendo superadas. A inexistência de fábricas de lonas de freio no país garantiu à Fras-le vantagens de monopólio na produção, com preço para competir com os produtos importados (ver FIGURAS 09 e 10).

A alta demanda no mercado de reposição, o menor grau de exigência na qualidade e a maior margem de lucro levaram a firma a se dedicar mais a esse segmento de mercado, onde se tornou líder com cerca de 65% do mercado nacional.

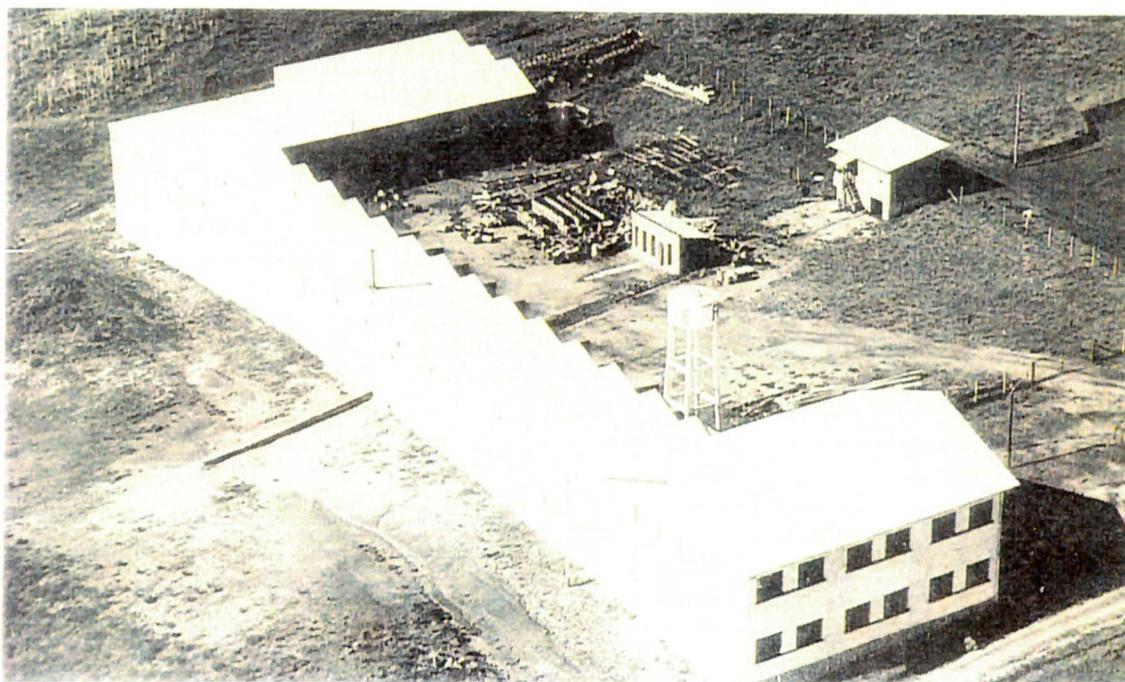


FIGURA 09- A Fras le na década 50  
Fonte: material de divulgação da empresa



FIGURA 10 - Unidades industriais da Fras le atualmente  
Fonte: material de divulgação da empresa

Posteriormente passou a atender a demanda das montadoras, especialmente as de caminhões pesados. Hoje é fornecedora exclusiva na linha de caminhões da Scania, da Mercedes Benz, da Volvo e da Ford.

Além das montadoras de veículos a firma tem como clientes os fabricantes de freios, eixos, sistemas de embreagens e implementos rodoviários. A sua linha de produtos é composta por cerca de onze mil referências, elaboradas segundo critérios específicos de cada produto desenvolvido pelas montadoras e demais clientes.

A criação da Fras-le na década de 50, quando o mercado de autopeças estava em rápida expansão e ainda existiam produtores no segmento, viabilizou uma rápida expansão da firma no mercado. Na década de 60, esta já tinha consolidado sua presença no mercado nacional, transformando-se na maior e mais completa manufatura de lonas para freios do Brasil e na década de 70 da América Latina.

O desenvolvimento do produto, que atende as exigências dos países desenvolvidos (produto sem amianto), tem garantido as exportações para cerca de 67 países em todos os continentes, onde atua especialmente no mercado de reposição para veículos pesados. A Fras-le é responsável por cerca de 60% das exportações brasileiras no segmento e participa com cerca de 7% do mercado americano de reposição, com previsão de atuar para montadoras de veículos norte-americanas e européias.

A firma cresceu e diversificou seus investimentos e transformou-se num dos mais importantes grupos econômicos do Estado, adotando como estratégia básica a de diversificar a linha de produtos e os investimentos.

O grupo Stédile cresceu e outras empresas foram sendo criadas, tais como:

- **Agrale** (1965), atuando na produção de tratores, motores, motos, ciclomotores e caminhões (cinco fábricas, sendo duas em Manaus - Amazonas).
- **Lavrale** (1969), atuando na linha de implementos agrícolas, colheitadeiras, veículos especiais e comércio.
- **Frutale** (1974) - fruticultura.

A partir do Plano Real e da crise que atingiu a agricultura brasileira, a divisão de máquinas agrícolas sofreu uma redução drástica no seu faturamento e entrou em crise financeira.

Para saldar seus compromissos a Agrale recorreu a empréstimos bancários. Mas os altos juros agravaram os problemas, e em 1992 a firma entrou com uma ação na justiça contra os bancos Itaú e o Loyds, questionando a constitucionalidade dos altos juros cobrados. Com isso a empresa ficou com péssima imagem perante os bancos. Mesmo após a sua incorporação pela Fras-le em 1993, a sua situação financeira continuou se agravando.<sup>177</sup> Em janeiro de 1996 o controle acionário da Fras-le acabou sendo entregue a outro grupo local, a Randon S.A., que

---

<sup>177</sup> - REVISTA EXAME. São Paulo: Editora Abril, jan. 1996. P 37.

adquiriu 51% das ações.<sup>178</sup>

A diversificação nos investimentos e na linha de produtos, especialmente no setor agrícola, fez com que a firma perdesse sua identidade e isto, associado às disputas internas entre os cinco filhos do fundador, culminaram na perda da maior e melhor parte dos negócios do grupo, a Fras-le, responsável por 60% do faturamento total do grupo Stédile.<sup>179</sup>

A partir desses exemplos é possível chegarmos a algumas conclusões que ajudam a entender um pouco mais o processo de industrialização de Caxias do Sul.

O tamanho relativamente estreito do mercado nacional na fase de implantação do setor automobilístico permitiu que pequenas oficinas artesanais surgissem para atender as demandas regionais, ligadas ao mercado de reposição. Nesta fase Caxias do Sul já despontava como um pólo de desenvolvimento regional relativamente importante no contexto do Estado e as necessidades de um transporte rodoviário eficiente eram fundamentais à continuidade das exportações locais.

A necessidade de implementos específicos para o transporte, em especial da madeira e do vinho, e de grãos, setores importantes na

---

<sup>178</sup> - A família Stédile transferiu 57,66% das ações no valor de R\$ 60 milhões. A Randon S.A. ficou com 51% e um pool de instituições financeiras lideradas pelo Bradesco subscrevem as demais ações (JORNAL PIONEIRO. Caxias do Sul: jan., 1996. p. 5.

<sup>179</sup> - REVISTA EXAME, op. cit., p. 37.

economia regional e estadual, apresentava-se como uma oportunidade de investimento com retorno garantido, na medida em que a demanda era relativamente importante e a concorrência limitada. A demanda regional era significativa para o tamanho das oficinas e firmas que aqui se instalaram, mas não suficientes para justificar a instalação de grandes fábricas produzindo em escala, a exemplo do que ocorria em países desenvolvidos.

Portanto, o tamanho inicialmente reduzido do mercado, no caso de autopeças, de implementos rodoviários e carrocerias para ônibus e a reserva de mercado estabelecida por legislação para a produção nacional de autopeças e implementos, garantiram a rápida expansão desses segmentos no mercado.

Quando o mercado cresceu e algumas filiais de multinacionais entraram na produção desses produtos, algumas dessas firmas nacionais já tinham consolidado a sua posição no mercado e estavam produzindo produtos com um grau de desenvolvimento semelhante ao das grandes fabricantes e adaptados às necessidades de um país de terceiro mundo.

Como exemplo podemos citar o caso da Marcopolo (carrocerias para ônibus), Enxuta (eletrodomésticos da linha compacta para atender um segmento de menor renda), Agrale (multicultivadores e microtratores adequados à pequena propriedade rural), Randon e Rodoviária (implementos rodoviários), dentre outros exemplos.

## 1.2.5 - A INDÚSTRIA QUÍMICA

O ramo químico sempre teve uma participação secundária na economia local, mas aparece na história da industrialização local enquanto atividade que se desenvolveu a partir do aproveitamento de resíduos da indústria vinícola.

Luigi Veronese, filho de um agricultor de pouca instrução, aos 22 anos de idade começou a estudar por conta própria livros de química. Com aparelhos simples começou a realizar alguns experimentos. Em 1911 realizou uma viagem a Itália, onde adquiriu aparelhos e equipamentos de laboratório, iniciando assim a fabricação de cremor de tártaro a partir da utilização do sarro e da borra do vinho, até então desperdiçados. Fundou junto com os irmãos a indústria Veronese & Cia, pioneira no país neste segmento. Posteriormente diversificou a linha de produtos químicos elaborados.

Outra cultura introduzida em Caxias, em 1890, pelo francês René Coulon, foi o cultivo da planta "*Pyrethrum cinerariaefolium*", popularmente conhecida por mata mosquito ou piretro. A planta era tradicionalmente cultivada por viticultores franceses, que utilizavam suas flores para elaborar um preparado empregado na pulverização das videiras para protegê-las contra pragas.

As flores passaram a ser transformadas em pó (pó-de-mosquito) pelo referido francês, que se estabeleceu em Nova Milano (Farroupilha). Este não permitia que ninguém se servisse das suas plantas e sementes para plantar noutras propriedades. Montou um pequeno moinho para a preparação do pó-inseticida, cuja produção colocava em ótimas condições na medida em que a demanda interna e externa era sempre superior à oferta.<sup>180</sup>

Apesar dos cuidados desse empresário em preservar o monopólio dessa cultura, esta se propagou para, pelo menos, dois outros estabelecimentos da região<sup>181</sup> e posteriormente para outros municípios. O fato desagradou Coulon, que passou a exercer uma concorrência desleal, que causou o desastre financeiro da atividade, no município.

O que se sabe, por relatos posteriores de HARNISCH<sup>182</sup>, é que a produção do pó-inseticida se estendeu para outros municípios como Taquara, Pelotas, Cangussú e que na década de 40 o Estado passou a ser o segundo maior produtor mundial, depois do Japão. O autor acima referido relata que *“a safra de 1940 ultrapassou as 400 toneladas, estando a exportação dirigida exclusivamente para os Estados Unidos”*.

---

<sup>180</sup> - A industrialização do pó pelos americanos resultou no inseticida *“Flit”*. Em consequência o Pó-de-Piretro tornou-se artigo de procura mundial.

<sup>181</sup> - Nas estatísticas do município o número de estabelecimentos oficialmente ligados a elaboração do pó nunca foi superior a três estabelecimentos, todos localizados na mesma área. (LIVROS DE LANÇAMENTOS DOS CONTRIBUINTES DE INDÚSTRIAS E PROFISSÕES. Caxias do Sul, 1892 a 1910. Intendências Municipal de Caxias do Sul.).

<sup>182</sup> - HARNISCH, op. cit., p. 450.

Como se constata, a concorrência entre os pequenos produtores da região sempre foi intensa, obrigando-os a uma busca contínua do aumento da qualidade, da produtividade e da diversificação de atividades para sobreviver no mercado.

No caso do pó-inseticida, a concorrência desleal, buscando preservar o monopólio, acabou por destruir a possibilidade de expansão desta atividade no município.

### **1.3- CONSIDERAÇÕES SOBRE A GÊNESE E A EVOLUÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO DE CAXIAS DO SUL**

A industrialização de Caxias do Sul é um processo histórico que resultou de transformações locais combinadas com transformações mais amplas de expansão do sistema capitalista no país. A localização de condições necessárias para a reprodução do sistema, resultaram na concentração de atividades industriais vinculadas ao padrão de demanda vigente nos diferentes momentos de sua evolução.

Os imigrantes, ao se estabelecerem em atividades não agrícolas, buscavam atuar concomitantemente em diferentes setores da economia (indústria, comércio e serviços) e, também diversificar a linha de produtos fabricados e ou comercializados, o que resultou na formação de

uma rápida diferenciação social entre os que integravam de forma vertical as diferentes atividades. A acumulação do capital comercial se concentrou especificamente nas atividades localizadas na sede. O agricultor foi gradativamente sofrendo um processo de proletarização e se transformou num mero produtor de matéria prima, submetido de vez ao capital industrial.

Por outro lado, os imigrantes italianos não perderam o contato com o exterior e principalmente com a Itália, o que garantiu a continuidade na adoção das novas técnicas desenvolvidas nos países centrais. Eram frequentes as viagens para estes países com o propósito de acompanhar as inovações e de comprar máquinas. De modo geral, havia uma preocupação com a qualidade e com a divulgação dos produtos, através da participação em exposições nacionais e até internacionais. Essa prática garantiu a introdução de técnicas e máquinas modernas no lugar, transformando-o num espaço seletivo, pela acumulação ao longo do tempo, de um saber técnico.

Apesar das dificuldades iniciais de comunicação, devidas a precariedade dos caminhos de terra batida, a exportação dos produtos locais permitiu a inserção relativamente precoce de Caxias do Sul na economia regional e nacional, a qual foi fortalecida em 1910 com a chegada da ferrovia e consolidada na década de 50 com a abertura da BR-116, ligando o lugar com o país.

A trajetória da inserção de Caxias de Sul na economia regional e do país iniciou pela comercialização do excedente agrícola produzido na pequena propriedade explorada pelo trabalho familiar, base do processo de acumulação inicial de capital pelos comerciantes.

O capital acumulado pelos intermediários foi sendo investido em oficinas e fábricas que competiam entre si e com congêneres localizadas em outros núcleos de colonização do Estado, o que explica o caráter relativamente dinâmico assumido pela economia local desde o início.

Nas primeiras décadas as unidades de produção surgiram disseminadas tanto na sede quanto nas vilas do interior do município empregando, na sua forma de organização, técnicas de diferentes tempos históricos. A maior parte destas oficinas e fábricas atuavam no beneficiamento simples de matéria-prima local ou regional (vinho, produtos suínos, farinhas, madeira, tecidos, entre outras) e estavam voltadas para atender a demanda do mercado interno.

É necessário lembrar que só foi possível o desenvolvimento dessas atividades de transformação porque significativa parcela dos imigrantes italianos detinha o domínio da técnica, em diferentes ofícios, ligado a experiência adquirida em funções exercidas nas indústrias italianas.

Em última análise podemos concluir que o estudo da concretividade da industrialização de Caxias está ligada historicamente à

realização do sistema capitalista no país. A industrialização esta relacionada com uma série de transformações ocorridas na sociedade, tais como a urbanização, avanços tecnológicos, mudanças nas relações sociais, investimentos externos no país e intensificação do comércio mundial. E, neste sentido, a industrialização é um processo que assume características próprias, em cada nova etapa, a partir das novas combinações assumidas pelas relações entre agentes econômicos, políticos e sociais envolvidos.

As alterações no padrão de consumo desencadeados por mudanças culturais e criação de novas necessidades refletem-se concretamente em mudanças na estrutura produtiva, com a alteração na posição dos diferentes segmentos produtivos que assumem um poder de acumulação diferenciado no tempo e no espaço.

Em suma, a especificidade assumida pela industrialização de Caxias do Sul, só encontra sentido a partir da sua inserção no movimento mais amplo de realização do capitalismo na sua dimensão industrial em um contexto determinado.

**2 - A CONCORRÊNCIA E A DINÂMICA  
INDUSTRIAL DE CAXIAS DO SUL**

## 2.1- ESTRATÉGIAS ADOTADAS NA CONCORRÊNCIA INTERCAPITALISTA

Como frisamos no primeiro capítulo, o grau de desenvolvimento tecnológico atingido pela Itália, após passar pelo processo de industrialização, transformou-se em tecnologia virtual em Caxias a partir do processo de imigração italiana. O conhecimento técnico ou experiência profissional de parcela dos imigrantes materializou-se em tecnologia efetiva à medida que alguns destes conseguiram acumular recursos suficientes para importar máquinas e realizar viagens e cursos de aperfeiçoamento em indústrias da Itália.

A tecnologia<sup>183</sup> existente na Itália foi posta ao alcance dos imigrantes italianos. Com isto criaram-se condições materiais e humanas adequadas para o início da industrialização e, o mais importante, para a implantação de uma tecnologia qualitativamente diferente da que caracterizava a estrutura produtiva geral no país, com exceção da vigente em outros núcleos de colonização implantados nos diferentes pontos do mesmo.

As unidades de transformação de produtos surgiram disseminadas

---

<sup>183</sup> - Tecnologia é "técnica materializada em instrumental de produção, em qualificação de mão-de-obra, em organização da atividade produtiva." (RANGEL, Ignácio. **Ciclo, tecnologia e crescimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p 47.).

por um amplo espaço urbano e rural, junto à residência dos produtores, que eram também operários. A dispersão só foi possível inicialmente porque as fontes de energia utilizadas eram diversificadas com o emprego da água, vapor e eletricidade de forma isolada ou combinada.

Portanto, Caxias do Sul e outros núcleos de colonização se industrializaram porque existia entre os imigrantes de cultura européia as pré-condições técnicas de um fluxo tecnológico constante, viabilizado pela potencialidade de um mercado interno em expansão.

Seguindo uma orientação marxista, é fundamental estabelecer inicialmente as condições históricas e sociais particulares que tornaram possível a concentração espacial de indústrias em alguns lugares, em detrimento de outros.

A dinâmica econômica, fundamentada inicialmente na comercialização do excedente produzido no setor primário, garantiu a inserção precoce do lugar no mercado nacional e a acumulação de capital, especialmente na esfera da circulação. É essa acumulação inicial que vai permitir a posterior inversão de boa parte desse capital no setor de transformação. Pequenas oficinas e fábricas foram sendo criadas para atender as necessidades locais e da região e foram-se desenvolvendo de acordo com o ritmo da demanda do mercado interno.

Como exemplo temos as funilarias, ferrarias, carpintarias, selarias

fabricando máquinas, equipamentos, ferramentas, carroças e outros produtos destinados à área agrícola, à atividade campeira e de transporte de mercadorias.

Outras fábricas voltadas para a transformação dos produtos da agropecuária, como os moinhos, os produtos suínos, as indústrias têxteis e as produções ligadas ao extrativismo (madeira e erva-mate) constituíram, no conjunto, uma estrutura produtiva diversificada combinando vários graus de desenvolvimento tecnológico e vários estágios históricos da industrialização.

### **2.1.1- O PIONEIRISMO DOS IMIGRANTES ITALIANOS**

A tendência dos imigrantes de reproduzir em Caxias e região as condições vigentes na Itália veio acompanhada de uma alta dose de pioneirismo na implantação de produções inexistentes no Estado e por vezes no país e na adoção de novas tecnologias em produções já existentes.

A virtualidade técnica e o permanente contato dos imigrantes com familiares residentes na Itália através de viagens, correspondência, revistas, consulados, possibilitou que estes se mantivessem atualizados em relação aos avanços tecnológicos que ocorriam não só neste país mas

na própria Europa.

Como alguns dos exemplos mais conhecidos de atividades pioneiras implantadas em Caxias do Sul podemos citar:

- Em 1908 foi criada, por Alessandro De Antoni, a primeira fábrica de trilhadeiras do país, a qual produzia também máquinas vinícolas e equipamentos para serrarias.<sup>184</sup> O conhecimento técnico do empresário foi trazido da Itália, onde já fabricava trilhadeiras. Como o cultivo de trigo era realizado em pequena escala nos minifúndios, surgiu na região o serviço de trilhar o trigo. Alguns colonos adquiriam as trilhadeiras para o seu uso e ao mesmo tempo prestavam serviço para outros pequenos produtores. Nos livros de Registro de Indústrias e Profissões o número de proprietários de trilhadeiras cadastrados que prestavam esse serviço foi significativo até a década de 50, quando esse tipo de lavoura entrou em crise.<sup>185</sup> Por ser a única fábrica de trilhadeiras no Brasil, a sua produção foi comercializada para outros estados e utilizada também em outras culturas.
- Em 1907, Giuseppe Panceri criou a primeira fábrica de seda no

---

<sup>184</sup> - Depoimento transcrito: De ANTONI, Aldo A. A industrialização de Caxias do Sul. Banco de Memória - Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 23 nov., 1995.

<sup>185</sup> - Em 1955 o Brasil assinou com os Estados Unidos um acordo com o qual o país se comprometeu a adquirir o excedente do trigo produzido por este país. O acordo afetou diretamente a região colonial onde o cereal era produzido em larga escala. (REVISTA AMANHÃ. Porto Alegre: Plural Comunicações Ltda., ano x, nº 13, p. 76, nov., 1996. (Encarte Especial).

Estado. Técnico experiente, chegou ao Brasil sem capital; por isso ele próprio construiu seu primeiro tear. A inexistência de matéria-prima no país obrigou-o, nos primeiros anos, a importar os fios da Itália e de outros países da Europa.

- Em 1911 Luigi Veronese, autodidata em química, instalou um laboratório e iniciou a fabricação de cremor de tártaro - a única fábrica do gênero no Brasil. A idéia surgiu a partir do interesse em industrializar os refugos da produção do vinho (sarro e a borra), até então jogados fora.
- No período da Segunda Guerra Mundial, a Metalúrgica Abramo Eberle, diante das dificuldades de importação de motores, passou a produzir (a partir de 1937), os primeiros motores elétricos do país. Inicialmente estes se destinavam ao uso da empresa. Em poucos anos o produto foi desenvolvido e passou a fazer parte da sua linha de produtos, transformando-se posteriormente no seu principal produto. Hoje, a Eberle disputa a liderança nacional com os motores Weg, produzidos em Blumenau, Estado de Santa Catarina.

A metalúrgica Eberle foi pioneira também na fabricação de motores superleves TFVE em carcaça de alumínio e a primeira a desenvolver motores para os aparelhos de ar-condicionado Admiral, precursora da Springer Carrier.

Na área tecnológica foi a primeira a utilizar no país o sistema Built-In de automação no processo de fabricação dos motores elétricos.

Observa-se que foi a partir de necessidades insuficientemente atendidas na produção agrícola e industrial que ocorreu o surgimento de oficinas produzindo equipamentos e máquinas, o que viabilizou a expansão da economia como um todo.

A produção de boa parte das máquinas e equipamentos, tais como trilhadeiras, alambiques, máquinas de sulfatar, serras, pás, enxadas, dentre outros, criou uma demanda intra e intersetorial suficiente para garantir a expansão inicial das oficinas, fábricas, serviços e comércio em geral.

Evidentemente não bastava existir uma demanda para ocorrer a implantação dessas produções em Caxias. Isto só ocorreu porque existia na região, além da força de trabalho qualificada, um certo capital acumulado necessário para dar início às atividades.

Por outro lado, produtos de consumo como tecidos, alimentos e objetos de uso pessoal e doméstico, inicialmente importados dos países avançados, foram sendo gradativamente supridos pela produção das firmas que surgiram espalhadas por todo o país, atendendo uma demanda regional.

A instalação de núcleos de colonização, constituídos por

imigrantes oriundos de uma região industrializada da Itália, acarretou um salto qualitativo nas atividades da região, as quais foram viabilizadas na sua expansão pela mediação do Estado ao criar as condições de incentivos fiscais e de infra-estrutura como ferrovias, telefone, energia, escolas, dentre outras.

Além disso, a permanente conexão dos imigrantes e de seus descendentes com as novas tecnologias adotadas na Itália (especialmente no período facista) imprimiram ao lugar e região uma dinâmica diferente, o que consolidou no tempo a base de um desenvolvimento desigual no território gaúcho, entre as regiões de colonização italiana, alemã e regiões de pecuária extensiva.

A redução das barreiras espaciais a partir da década de 30 e especialmente após a década de 50, pela melhoria do transporte rodoviário, provocou mudanças na divisão regional do trabalho. Alguns setores relativamente defasados tecnologicamente em relação aos congêneres instalados nos grandes centros urbanos da região sudeste, como o da indústria têxtil e produção de cerveja, acabaram perdendo a competitividade no mercado, e outros que já atuavam no mercado nacional, como no exemplo da metalúrgica Abramo Eberle e a Indústria de vinhos, fortaleceram a sua posição no mercado nacional.

Após a década de 50, quando se estabeleceu um novo padrão de acumulação no país, fundamentado em bens duráveis, novamente muitas

produções pioneiras foram instaladas em Caxias, em substituição aos produtos até então importados.

Este foi o caso da atual Marcopolo, que foi uma das pioneiras no país na produção de carrocerias para ônibus. Criada em 1949, iniciou a produção de carrocerias de ônibus, adaptando-as sobre chassis de caminhões, pela inexistência de produtores de chassis para ônibus no país. Localizada num país de dimensões continentais como o Brasil, a sua expansão foi rápida e hoje é líder nacional na produção de carrocerias para ônibus rodoviários e uma das principais firmas do segmento, a nível mundial.

Em 1995, a Marcopolo tornou-se pioneira no país no lançamento do ônibus de dois andares - o Paradiso GV 1800 Double Decker. Essa inovação mereceu o prêmio "*Distinção Industrial*" concedido pelo sistema FIERGS/CIERGS às empresas que se destacam no Estado.

Apesar desse modelo de veículo não possuir ainda autorização legal para ser comercializado no Brasil, devido ao seu comprimento (14 metros) a sua produção está atendendo à demanda de clientes localizados especialmente na Argentina.

Outro exemplo é o da Fras-le, primeira indústria de lonas de freios do país. Criada em 1954 com tecnologia italiana, transformou-se em pouco tempo em líder nacional no mercado de reposição e uma das

maiores e mais completas do mundo no seu segmento.

Dentro da filosofia de aproveitar os segmentos do mercado não atendidos pelas multinacionais e diversificar os investimentos a Agrale, empresa do grupo Fras-le, iniciou a produção de micro-tratores em 1968, de mini-caminhões em 1982 e de motos fora de estrada (trail) em 1984.

Na linha de implementos rodoviários a Randon foi a primeira empresa brasileira a produzir, em 1974, o caminhão fora de estrada (Rk-424). Utilizando inicialmente tecnologia desenvolvida na Suécia, a empresa passou a atender a demanda do mercado interno e externo das grandes empreiteiras que realizam obras de vulto. Com a expansão dos negócios essa linha de produtos hoje está sendo produzida por uma firma independente dentro do grupo Randon. Esta mesma firma, desmembrada em 1995, foi a pioneira na América Latina no lançamento da produção de caminhões articulados (Rk-628), destinados ao setor de mineração e construção civil.

A Randon implementos também foi a pioneira na adoção da suspensão pneumática e rodado super "*single*" nos produtos exportados. No Brasil, o uso desse equipamento só foi regulamentado no final de 1994.

No segmento de eletrodomésticos, a Enxuta S.A. foi a pioneira no país a introduzir, em 1980, a linha compacta e o sistema de lavagem de

roupa por tombamento. A idéia de produzir eletrodomésticos nessa linha compacta foi trazida da Europa e adaptada à realidade brasileira. As multinacionais do setor não acreditavam que essa linha pudesse ter tanta aceitação. A Enxuta, utilizando-se dos meios de comunicação, lançou em rede nacional uma campanha publicitária que lhe garantiu, em pouco tempo, a liderança no mercado nacional na linha compacta de secadoras de roupa (85% do mercado, em 1994) e lavalouça (60% do mercado em 1994); no segmento de lavaroupas detinha 25% do mercado, em 1994. As multinacionais do setor, de olho no potencial do mercado brasileiro, na linha compacta, passaram a lançar produtos semelhantes e a disputar uma fatia desse mercado nacional. É o caso da Continental<sup>186</sup>, da Brastemp, da Consul, da Refripar, dentre outras. A Sharp e a General Electric também estão entrando nesse segmento, intensificando a concorrência no mercado brasileiro.

Por fim, a Lupatech S.A. foi licenciada em 1995 por uma empresa americana da Califórnia para fabricar peças de alta precisão por injeção de aços ou cerâmicas. Esta é a única fábrica do gênero, na América Latina, a utilizar essa tecnologia, considerada a mais desenvolvida do mundo neste segmento.

Os exemplos acima citados são apenas uma amostra da realidade local. O estudo das empresas líderes em exportação é uma limitação que

---

<sup>186</sup> - O controle acionário da Continental foi transferido em 1994 para a empresa alemã Bosh-Siemens, o segundo maior fabricante de eletrodomésticos da Europa.

impede de avaliar com mais rigor o grau de pioneirismo assumido pelas firmas locais na busca incessante de vantagens monopolistas.

A consolidação dessas firmas no mercado vincula-se a uma alta dose de pioneirismo dos empresários locais em introduzir novos produtos e novas tecnologias capazes de proporcionar vantagens decisivas, como a de descobrir necessidades não satisfeitas e a de reduzir o custo ou melhorar a qualidade, o que atinge não só as margens de lucro, mas que garante a própria permanência destas no mercado.

No caso dos ramos vinculados ao setor automobilístico, é necessário lembrar que a política do Estado de incentivar a instalação de montadoras no país e a de reservar o mercado de autopeças e acessórios para o capital nacional criou uma demanda importante, o que viabilizou o ritmo intenso de crescimento do setor. Firms, mesmo pequenas, puderam crescer rapidamente, atendendo a demanda do mercado de reposição (Fras-le) ou produzindo predominantemente para clientes finais (carrocerias de ônibus e implementos rodoviários), numa fase de incentivo à substituição de importações.

Nestes exemplos, a opção de atuar inicialmente de forma independente no mercado, sem vínculos de fornecimento para as montadoras de veículos, garantiu a essas firmas melhores preços e conseqüentemente melhores condições de acumulação e expansão no mercado.

É necessário considerar que cada segmento de produção apresenta especificidades próprias em termos de competitividade. No caso das firmas líderes no setor de carrocerias para ônibus, autopeças, implementos rodoviários, motores elétricos, por exemplo, estas apresentam atualmente um desempenho equivalente às empresas de maior competitividade nacional e mesmo internacional, e por isso conseguem combinar a expansão no mercado interno com a do mercado externo.

A estratégia adotada pelas montadoras multinacionais de subcontratarem diferentes firmas para produzir autopeças, exigindo a colocação da sua marca e a posterior comercialização das mesmas através da rede de revendas autorizadas, como sendo "*originais de fábrica*", transforma-as em atravessadoras comerciais. Neste caso a acumulação de capital se dá especialmente a nível das montadoras, que repassam as peças "*originais*" para as revendas autorizadas, com preços bem superiores ao dos fornecedores.<sup>187</sup>

Só em décadas mais recentes, após estarem consolidadas no mercado nacional, é que algumas dessas firmas passaram a atuar também para as montadoras como fornecedoras de autopeças e componentes. Neste caso podemos situar a Fras-le, que se tornou fornecedora exclusiva na linha de caminhões Scania, Mercedes-Benz, Volvo e Ford. Fornece

---

<sup>187</sup> - FRIZZO, op. cit.

também as pastilhas originais para freios a disco para diversas montadoras de carros de passeio, embora o seu forte esteja na linha de veículos pesados.

Seus produtos são aplicados ainda na linha de montagem das diferentes fábricas de tratores, máquinas agrícolas, veículos fora de estrada, freios e eixos, implementos rodoviários, embreagens, metrô, dentre outros. O pioneirismo das firmas locais se deu não só na introdução de novos produtos e novas técnicas, mas também na introdução de inovações no processo de produção.

Nesta parte do estudo faremos um parêntese para explorar a riqueza de dados e informações levantadas por LAZZAROTTO<sup>188</sup> em sua obra - **Pobres construtores de riqueza** - baseada no estudo do caso da Metalúrgica Abramo Eberle, de Caxias do Sul, considerada por muito tempo como sendo a maior do Brasil e da América Latina.

RAMOS<sup>189</sup> destaca a importância do estudo na identificação do que chamou de "*modelo industrial Abramo Eberle*". É sobre esse "*modelo*" de organização do processo de produção e de administração que pretendemos deter-nos, por ser de fundamental importância na caracterização do setor industrial local, na medida em que ele serviu de escola e de exemplo para muitos outros empresários que surgiram a

---

<sup>188</sup> - LAZZAROTTO, op. cit.

<sup>189</sup> - RAMOS, apud LAZZAROTTO, op. cit., p. 15 - 21.

partir desta metalúrgica ou o tomaram como exemplo. O seu significado na origem e evolução da indústria de Caxias do Sul é inquestionável. Ainda hoje, no meio empresarial, a metalúrgica Eberle é considerada como tendo sido o berçário de muitas das indústrias locais.

Portanto, a identificação através desta obra das relações sociais, das características da classe trabalhadora, considerando-se as técnicas adotadas e as práticas gerenciais, tornam-se fundamentais para o entendimento do processo de acumulação ampliada do capital na firma e na região, na medida em que, além de fábrica, a Eberle atuou como escola de formação de ofícios.

RAMOS<sup>190</sup> caracteriza Abramo Eberle como sendo um empresário inovador e pioneiro no sistema de gestão adotado na condução da sua fábrica em aspectos relacionados a:

- Manutenção de um programa interno de formação e qualificação profissional e educacional que garantia o desenvolvimento intelectual dos trabalhadores. A firma mantinha, além do treinamento prático no trabalho, escola de alfabetização e de desenho industrial.
- Promoção entre os operários de rodízio de funções e tarefas, envolvendo-os na produção e na administração da empresa. Com base no princípio da polivalência, buscava dar aos trabalhadores uma visão de conjunto, testando as suas potencialidades e seus conhecimentos.

---

<sup>190</sup> - Ibid., p. 15-21.

Com isto era possível colocar o homem certo no lugar certo. A partir da visão holística adquirida, os operários podiam melhor interpretar, diagnosticar e propor medidas corretivas para evitar defeitos e melhorar a qualidade e mesmo propor inovações capazes de aumentar a produtividade, estimulados pela possibilidade de ascensão na hierarquia da empresa.

- Manutenção de um programa de promoção interna, pela adoção de um plano de carreira dentro da firma, baseado na adaptação e na capacidade dos operários. A perspectiva de melhores salários aos que se destacassem estimulava, nos operários, o uso da inteligência prática na busca de uma maior eficiência no trabalho, a fim de ascender na hierarquia.

Além dessas práticas, que fogem do paradigma fordista vigente no meio empresarial, na época, merece ser acrescentada ainda a questão da flexibilidade na contratação da mão-de-obra. Em 1915, dos 152 operários da empresa, apenas 16 eram fichados.<sup>191</sup> Inicialmente só eram registrados os trabalhadores que se destacassem no conjunto, e estes eram os escolhidos para assumirem os cargos de confiança. Esse fato caracteriza o sistema como sendo excludente, na medida em que apenas uma parte dos trabalhadores era contratada, promovida e mantida permanentemente na empresa, enquanto a maioria dos operários era trabalhadores

---

<sup>191</sup> - LAZZAROTTO, op. cit., p. 48.

temporários, empregados apenas quando havia pedidos para atender.

Na firma Eberle, o índice de trabalhadores permanentes, no início do século, não era superior a 10%, o que por si mostra a intensidade no grau de exploração da força de trabalho. No Japão, por exemplo, o atual sistema de emprego vitalício implantado, e criticado pelo seu caráter excludente, atinge em torno de 40% dos assalariados.<sup>192</sup>

LAZZAROTTO<sup>193</sup> mostra que, para manter esse sistema, a seleção dos trabalhadores era rigorosa e discriminatória (racial). A mão-de-obra selecionada era predominantemente oriunda do interior e composta por jovens, filhos de agricultores de origem italiana considerados como sendo dóceis, fortes, disciplinados, com aspirações iniciais limitadas e, o mais importante, sem os vícios dos calejados trabalhadores urbanos.

Como em toda empresa capitalista da época, o subemprego de menores e de mulheres foi amplamente utilizado na Eberle, o que pode ser atestado pelas fotos da época.

Dos empregados pesquisados por LAZZAROTTO<sup>194</sup>, 32,74% eram menores de 18 anos e, por serem considerados aprendizes, recebiam salários bem inferiores à média. No caso das mulheres, a quase que

---

<sup>192</sup> - HIRATA, Helena. (org.). **Sobre o “modelo japonês”**. São Paulo: EDUSP, 1993. p.16.

<sup>193</sup> - LAZZAROTTO, op. cit., p. 161.

<sup>194</sup> - Ibid., p. 161.

totalidade delas recebia menos de um salário mínimo, especialmente na década de 40, marcada por uma exploração violenta da mão-de-obra feminina.

O indicador utilizado para considerar o subemprego foi determinado tomando-se por base os operários que recebiam menos de um salário mínimo.

Outro aspecto destacado no “*modelo de Abramo Eberle*” foi o da promoção da poupança entre os operários. A captação das economias e a remuneração através do pagamento de juros permitiu ao empresário fugir da tirania dos bancos. Embora em condições toscas, isto significou uma antecipação da tendência do capitalismo de conglomerar a função industrial e financeira.

Outra forma apontada por LAZZAROTTO<sup>195</sup> de enraizar os operários à firma foi a de propiciar, aos que se destacassem, o financiamento para a construção da casa própria. De posse do terreno, a firma colocava à disposição dos trabalhadores a quantia necessária para a construção de suas casas. O pagamento era efetuado em parcelas descontadas da folha de pagamento, que nunca eram superiores ao valor médio de um aluguel.

Houve inclusive um período em que Abramo Eberle criou um

---

<sup>195</sup> - Ibid., p. 121.

sistema de participação nos lucros da empresa e de gratificações, estas limitadas aos elementos de cúpula e aos que se destacassem dentro das respectivas sessões.

O modelo contemplava ainda o reconhecimento do trabalho dos operários através de ato simbólico de homenagear, com um relógio de ouro, aos que completavam 25 anos de firma. Este prêmio era entregue em solenidade especial, onde o homenageado recebia também um diploma e era fotografado ao lado dos companheiros e da direção. A partir dos 25 anos o trabalhador carregava consigo um distintivo que o distinguia entre os demais e tinha o seu nome gravado em bronze na sala de honra da firma<sup>196</sup>.

Segundo LAZZAROTTO<sup>197</sup>, dos operários registrados até 1920 ninguém permaneceu menos de 19 anos, e um grande número ultrapassou os 50 anos de serviço, o que significa uma média elevada de permanência na firma. Com o crescimento da firma, os novos presidentes foram introduzindo outras políticas, e a média de tempo de permanência foi sendo gradativamente reduzida.

Dentre outras razões para a permanência na firma, uma delas vinculava-se às relações patriarcais de respeito, diálogo e contato

---

<sup>196</sup> - Essa prática de homenagear os trabalhadores estáveis continua sendo praticada até hoje pela maior parte das grandes firmas. Atualmente estas homenagens estão ganhando ênfase através da divulgação em páginas internas de jornais locais dos nomes e fotos dos homenageados.

<sup>197</sup> - LAZZAROTTO, op. cit., p. 142.

frequente das chefias com os operários, em visitas às seções da fábrica, e mesmo fora dela. Essas relações entre o privado e o público constituíram-se em forte obstáculo à organização dos operários, o que garantiu à empresa trabalhar por 40 anos sem uma greve.

Ao referir-se às greves na metalúrgica Abramo Eberle, LAZZAROTTO<sup>198</sup> cita o parecer do líder sindical Segalla, que dizia:

*A greve na firma Eberle era quase impossível. Havia a maior dificuldade em organizar homens que participassem de uma greve para defender seus próprios interesses. (...) A empresa Eberle tinha uma tradição, um costume, uma espécie de Bíblia trabalhista que conseguia eliminar todas as greves. Foi apenas em 1963 que conseguimos ruir com essa mentalidade. Ai houve uma greve total, onde participaram 95% dos operários.*

Por fim, o modelo industrial Abramo Eberle caracterizou-se também pela prática de estender a jornada de trabalho do operário envolvendo os membros da família, através do trabalho domiciliar.

De acordo com LAZZAROTTO<sup>199</sup>, por volta de 1918 teve início a prática do trabalho a domicílio, onde à noite e nos fins de semana os operários, conjuntamente com seus familiares, executavam tarefas que ajudavam a ampliar os vencimentos mensais. Tais tarefas consistiam em colocar ganchos nas fivelas, pregar o Cristo na cruz, fazer argolas, e muitas outras. Havia também o trabalho artesanal das brunideiras, que com água e sabão esfregavam a prata, dando-lhe um aspecto artístico.

---

<sup>198</sup> - Ibid., p. 177.

<sup>199</sup> - Ibid., p. 145.

Posteriormente esta prática se estendeu para a de terceirizar determinadas etapas do processo de produção, especialmente as ligadas ao trabalho intensivo como a de polir, frisar e estampar metais.

Segundo LAZZAROTTO<sup>200</sup>, na volta de Júlio Eberle da Alemanha, este ficou impressionado com o serviço realizado em casa pelos operários alemães e resolveu copiar esse modelo, inaugurando a prática de passar alguns serviços para trabalhadores instalados em dependências de suas residências. A terceirização introduzida na firma estendeu-se para outros serviços e logo passou a ser a base para o surgimento de outras firmas, com a criação de laços de cooperação entre si.

A partir desse estudo é possível constatar que esse modelo de organização industrial adotado pela metalurgia Abramo Eberle caracterizou-se por antecipar o uso de um sistema de organização que difere do uso dos princípios fordistas, largamente utilizados pelas multinacionais até praticamente a década de 80.

A expansão do modelo fordista, que ocorreu entre a Segunda Guerra Mundial e a década de 60, estendeu-se geograficamente pelo mundo, especialmente através das multinacionais.

A presença insignificante de filiais de multinacionais em Caxias, a ligação estreita com a Itália e a Alemanha, que tiveram um desenvolvimento industrial com características específicas, e as

---

<sup>200</sup> - Ibid., p. 145.

limitações existentes para a automação e produção em massa, em alguns segmentos, certamente explicam a reduzida influência da aplicação dos princípios fordistas no setor industrial local e a adoção histórica de um modelo mais flexível.

O “*modelo de Abramo Eberle*”, que serviu de escola para muitas outras firmas, aplicava o princípio básico da flexibilidade, considerando nos primórdios da sua instalação a própria mão-de-obra como flexível. Flexibilidade não ligada aos princípios de Just-in-time, mas sim à capacidade de conduzir uma trajetória de inovação tecnológica em conjunturas de incertezas. Eberle, forçado pela ação da concorrência, buscou uma maior eficiência da sua indústria através da crescente diversificação e diferenciação dos produtos, adotando um sistema flexível e sensível às alterações de mercado e a aplicação da racionalização para aumentar o seu controle sobre o processo de trabalho e sobre a produtividade.

Por outro lado, Eberle conseguiu desenvolver valores de eficiência na empresa através de uma bem conduzida política de envolvimento dos trabalhadores, apontada hoje, na literatura sobre o modelo japonês, como sendo um exemplo de avanço nas relações de produção capitalistas.

O “*modelo japonês*” e o de “*Abramo Eberle*” identificam-se em aspectos, tais como:

- Ênfase dada à educação e à qualificação profissional dos trabalhadores, buscando a racionalização da produção através do conhecimento sistemático e prático.
- Rotação de funções e de tarefas, buscando desenvolver a polivalência no processo de produção e administração, tornando menos nítida a divisão técnica do trabalho.
- Promoção dos trabalhadores em função da competência.
- A existência de um núcleo de trabalhadores estáveis, rodeados de uma enorme massa de operários rotativa e precária.
- Sistema de emprego duradouro (nos primórdios da empresa) para uma minoria, e flexível para a maioria.
- Ampla assistência social aos trabalhadores.
- Terceirização de etapas do processo de produção que exigem trabalho intensivo.
- Relação de cooperação entre trabalhador e empresa, com reduzida organização operária.

A partir dos elementos apresentados nesta obra, associados ao de outras fontes, e possível atribuir o sucesso do modelo “*Abramo Eberle*” à sua notável capacidade de combinar a eficiência no regime de exploração da força de trabalho com a eficiência na adoção de inovações

organizacionais e técnicas.

Seus produtos eram exportados para todo o Brasil e países da América do Sul. Em poucas décadas esta firma transformou-se na maior metalúrgica da América Latina.

Na década de 80 a família Eberle perdeu o controle acionário da empresa. Os novos proprietários promoveram profundas alterações na linha de produtos, com a desativação de diversas seções. Atualmente a firma se especializou na fabricação de motores elétricos, elementos de fixação e fundição de peças.

Em relação à adoção de novos sistemas de organização no processo de produção, a Marcopolo foi pioneira em Caxias na adoção do sistema toyotista, apontado como sendo um avanço na busca do aumento da produtividade e na alteração das relações sociais entre patrão e trabalhadores. Um dos diretores da Marcopolo, após visitar empresas no Japão, enviou para esse país, no ano seguinte, alguns técnicos de diferentes áreas para estudar o modelo toyota, com o objetivo de implantá-lo na firma.

A implantação desse modelo iniciou-se em 1985 e em pouco tempo provocou uma verdadeira revolução, especialmente em termos de ganho de qualidade e produtividade. Exemplificando, em 1984 a elaboração de um ônibus rodoviário levava 30 dias, e em 1993 o mesmo ônibus passou

a ser produzido em apenas 7,2 dias.

O sucesso obtido a partir da inovação no processo de organização da administração e produção associado a modernização levou outras firmas locais a adotarem o mesmo modelo. Este se propagou rapidamente na região com o apoio da entidade que congrega os empresários locais, a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul - CIC.

Por outro lado, há que se considerar, no caso da maior parte dos segmentos ligados ao pólo metal-mecânico, que os altos investimentos financeiros e em tecnologia exigidos têm limitado o ingresso de novos concorrentes nesses segmentos, especialmente naqueles onde ocorre a presença quase que exclusiva de filiais de grandes empresas multinacionais no país. Neste caso situam-se as produções de carrocerias para ônibus, de tratores, de eletro-domésticos, de caminhões, de componentes eletrônicos, dentre outros.

A prática dominante entre os empresários locais, de buscar diversificar a linha de produtos como forma de ampliar sua participação no mercado, ou mesmo conservar os valores do faturamento nas fases de recessão, tem atuado como um limite para a produção em grande escala.

Os segmentos de carrocerias para ônibus e implementos rodoviários enfrentam o problema de insuficiência de escala de produção para permitir uma maior automação na produção da maior parte dos

modelos. O sucateamento da frota de veículos em trânsito no país, em função das crises ligadas ao transporte de passageiros e de cargas tem mantido a demanda no mercado interno estabilizada.

Essa limitação obrigou as firmas a adotarem modelos de produção nos quais a força de trabalho assume um caráter polivalente, especialmente nos estabelecimentos que têm uma linha muito ampla de itens produzidos, como nas metalúrgicas, implementos rodoviários, autopeças e acessórios.

As dificuldades impostas pela diversificação na linha de produtos e a reduzida escala de produção dificultaram a adoção do modelo fordista de produção, o que facilitou a introdução do sistema toyotista, na medida em que não foi necessário romper com um sistema que nunca chegou a vigorar plenamente, na maioria das firmas locais. O fato da maior parte destas atuarem para clientes finais e não como fornecedoras de componentes para grandes montadoras do país obrigou-as a adotar um modelo de produção e gestão específico, sensível às necessidades desse segmento de mercado.

Há que se considerar também que, no caso de implementos rodoviários, os produtos de uma tecnologia menos avançada se coadunam melhor com a realidade e necessidade dos países subdesenvolvidos. A situação das estradas irregulares e esburacadas desses países exige um produto mais resistente, tosco, simples e barato.

## 2.1.2- AS ESTRATÉGIAS DE ACESSO ÀS TECNOLOGIAS DE PONTA

Outra força competitiva das firmas localizadas em Caxias do Sul vincula-se à perseguição contínua destas na busca de tecnologia de ponta. Para tanto, elas têm utilizado a estratégia de realizar desde acordos de licenciamento para transferência de tecnologia até associação com empresas detentoras de tecnologia de ponta e a tercerização de algumas etapas do processo de produção e de alguns serviços.

RANGEL<sup>201</sup> defende o desenvolvimento industrial através da compra de tecnologia, em estado puro, como forma de vencer o atraso relativo dos países subdesenvolvidos. Como exemplo cita o caso do Japão que, após a Segunda Guerra Mundial, seguiu esse modelo e transformou-se rapidamente de copiador em produtor de tecnologia de ponta.

De acordo com MARX<sup>202</sup>, a competição entre os capitalistas no mercado força-os a procurarem mudanças tecnológicas e organizacionais que melhorem sua lucratividade em relação à média social. A competição intercapitalista acaba provocando saltos de inovação no

---

<sup>201</sup> - RANGEL, op. cit., p. 48.

<sup>202</sup> - MARX, op. cit., p. 881.

processo de produção, nos produtos e nos materiais empregados, o que torna o sistema capitalista necessariamente dinâmico.

Para HARVEY<sup>203</sup> o efeito da inovação contínua é o de desvalorizar, destruir investimentos e habilidades de trabalhos passados. A inovação, além de provocar a instabilidade e a insegurança, torna-se a principal força que leva o capitalismo a crises periódicas de estagnação no processo de produção.

A informação tecnológica e a possibilidade de sua aplicação por vezes é limitada pela concessão de patentes que garantem juridicamente o monopólio do seu uso, ou pela necessidade de considerável experiência para se copiar o processo na prática, ou ainda pela manutenção em segredo da técnica de produzir determinado produto ou partes componentes deste.

No entanto, com o tempo, todas as vantagens tecnológicas tendem a desaparecer e a possibilidade de aplicação de um processo vantajoso passa a depender, acima de tudo, de investimentos em pesquisa para desenvolver o produto.

Na realidade, o que se observa entre as firmas locais é que boa parte delas utilizaram, em várias situações, a prática de “copiar” tecnologia e, em outras, a de pagar royalties por determinado tempo para produzir produtos ou partes componentes do mesmo. Mais recentemente

---

<sup>203</sup> - HARVEY, op. cit., p.102.

observa-se a tendência de realização de acordos técnico-comerciais ou associação através de joint-ventures.

A prática de “copiar” produtos, máquinas é difícil de ser admitida oficialmente pelos empresários; no entanto, constata-se que é comum a compra, em grandes feiras e exposições internacionais, dos últimos lançamentos na respectiva área com o objetivo de servir como protótipo a ser copiado, freqüentemente sofrendo algumas alterações para adaptá-los às necessidades específicas de situações diferenciadas. A Fras-le, por exemplo, importou da Itália parte do equipamento inicial e depois passou a produzi-lo em oficina própria. Atualmente a firma possui uma unidade específica de máquinas, equipamentos e serviços que atua na área de projetos, fabricação de máquinas e equipamentos, além de prestar serviços para outras indústrias.<sup>204</sup> Em alguns casos constata-se que os próprios representantes localizados em outros países atuam como agentes “*espiões*” comunicando e enviando amostras das novidades lançadas pelos concorrentes que atuam naquele países.

Por vezes, o contato com novas tecnologias é realizado através de missões empresariais, organizadas por entidades que congregam os empresários. No caso de Caxias do Sul a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços (CIC), em conjunto com o Sindicato Patronal das diferentes categorias econômicas, tem tido um papel importante na permanente

---

<sup>204</sup> - REVISTA FRAS-LE. Caxias do Sul: 1994. (Edição Especial).

congregação e criação de condições para manter atualizada a classe empresarial.

Dentre os vários setores especializados mantidos pela entidade dos empresários, o de Negócios Internacionais (PRODERGS) tem como objetivo prestar serviços de consultoria, promover missões empresariais e manter convênio com companhias internacionais. Neste último caso temos como exemplo o convênio celebrado entre CIC e a "*Companhia Delle Opere*", com sede em Milão, na Itália. O convênio com essa companhia tem permitido aos empresários locais manter um contato permanente com os empresários da Itália, extensivo aos da Comunidade Européia, da qual a Itália é membro participante.

Anualmente esse setor da CIC promove, em média, de 3 a 4 missões internacionais, das quais participam dezenas de empresários que buscam, através das visitas às grandes feiras internacionais, manter contatos com firmas consideradas de primeiro nível no contexto mundial e fechar acordos de troca de tecnologia e comercialização de produtos e máquinas.

Outra forma adotada pelas firmas locais para acompanhar o desenvolvimento da tecnologia de ponta é através da obtenção de licença para produzir produtos patenteados ou através da contratação de assessoria técnica para desenvolvimento de produtos, processos e/ou formação de mão de obra qualificada. Como exemplo temos o caso da

Fras-le, que no início de suas atividades, em 1954, teve a assessoria da firma Finaff da Itália, que transferiu tecnologia para a produção das primeiras lonas de freio no país. Recebeu ainda, no período de 1978 a 1983, assessoria tecnológica da empresa Don Internacional LTD da Inglaterra, para a estruturação do centro de pesquisas e de desenvolvimento da linha de produtos, acompanhada de treinamento para o aperfeiçoamento técnico da mão-de-obra de nível superior. Esse centro é constituído pelos laboratórios de química, física e piloto, apontado na década de 80 como sendo o maior do gênero na América Latina.

Os acordos tecnológicos entre empresas congêneres são outra modalidade de atualização técnica muito difundida entre as firmas locais, a saber: a Agrale, ao ingressar na produção de motores refrigerados a ar, importou tecnologia da fábrica Hatz, da Alemanha. Nos contratos de assistência técnica foram estipulados prazos fixos, sendo que o último venceu em 1980. A Agrale mantém ainda, desde 1983, acordo de aporte tecnológico com a empresa italiana Cagiva, para a fabricação de motocicletas. Outro acordo de cooperação técnico-industrial foi assinado com a subsidiária Argentina da empresa alemã Ked-Kiocknee Deutz. Pelo acordo a Agrale passou a produzir, a partir de 1990, os tratores de médio e grande porte (de 70 a 140 CV), com tecnologia Deutz. A Deutz, por sua vez, fabricara na Argentina os tratores de pequeno porte (de 18 a 40 CV de potência) e caminhões de até 2 toneladas de carga útil; ambos com tecnologia Agrale.

A Eberle é outro exemplo de firma que tem incorporado importantes avanços tecnológicos aos seus produtos, através de acordos com empresas de diferentes países. Na produção de motores elétricos adotou o sistema Built-In, que beneficia diretamente o processo de fabricação eliminando, a partir da automatização, etapas no processo de produção, reduzindo custos, aumentando a produtividade e consequentemente sua competitividade no mercado. Tecnologia foi adquirida de uma empresa europeia. Técnicos da Eberle realizaram estágios nessa empresa e continuam mantendo contatos permanentes para a absorção de novos avanços tecnológicos.

Em 1968, buscando abreviar a maturidade tecnológica na produção dos motores, a Eberle estabeleceu um acordo de cessão de tecnologia em produto e processo com a empresa italiana Ercole Marelli (acordo mantido por 5 anos).

Em 1975 a empresa contratou um consultor independente, especialista na fabricação de motores elétricos nos Estados Unidos, para desenvolver um programa de treinamento do corpo técnico da Eberle em cálculos, projeto de motores elétricos, uso do computador e sua programação e em análises de desempenho dos produtos. Esse programa incluiu cursos no país e no exterior e estágios em empresas americanas.

Em 1991 a Eberle firmou acordo tecnológico e comercial com a empresa japonesa Yaskawa Electric Corporation, detentora de tecnologia

de ponta, com liderança mundial em acionamentos de velocidade variável. Através desse acordo a firma trouxe para o Brasil a linha completa de conversores de frequência com tecnologia Yaskawa. O acordo prevê o processo de nacionalização progressiva na produção dos acionamentos.

Em 1993 a cooperação técnico-comercial da Eberle com Yaskawa ingressou numa nova etapa, a da capacitação e aprimoramento da mão-de-obra para a utilização dos robôs Motoman no Brasil. Com isso a Eberle passou a dominar a técnica de operação, programação e manutenção de robôs industriais na fabricação dos motores elétricos Eberle.

Além das estratégias de acesso à tecnologia de ponta existe a preocupação com a preservação dos segredos técnico-industriais. A limitação na aplicação de tecnologia em alguns segmentos devido à manutenção em segredo da técnica de produção tem garantido, em muitos exemplos, a preservação de monopólio na produção de alguns componentes ou produtos. Como exemplo temos a produção de termostatos para refrigeradores, onde a firma Controles Robertshaw do Brasil manteve, até recentemente, o monopólio neste segmento no país. Isto só foi possível porque a forma de junção do conjunto elétrico, hidráulico e mecânico pôde ser mantida em segredo, mesmo dentro da própria firma. A estratégia adotada pela mesma consiste em evitar que

funcionários possam ter acesso ao conjunto da técnica de montagem dos termostatos.

Em 1994 outra firma local de material elétrico, a Intral, entrou nesse segmento. Para ter acesso a essa tecnologia, a Intral se associou a uma firma francesa que atua com esse produto. Para evitar que segredos industriais acabem no domínio da concorrência, a firma Controles Robertshaw tem-se esforçado para criar condições vantajosas para os técnicos da área permanecerem como seus colaboradores.

### **2.1.3- A BUSCA DA EFICIÊNCIA PELA FRAGMENTAÇÃO DAS EMPRESAS EM FIRMAS ESPECIALIZADAS**

Atualmente observa-se uma tendência das grandes firmas verticalizadas de adotarem um modelo de redução do seu tamanho através da constituição de conglomerados de firmas de porte médio e especializadas.

Essa tendência, afirma DRUCKER<sup>205</sup>, é a que vai prevalecer nas próximas três décadas. As empresas de porte médio e especializadas serão as mais eficientes e rápidas para responder às exigências do

---

<sup>205</sup> - DRUCKER, Peter F. **Sociedade pós-capitalismo**. Trad. Nivaldo Montingelli. São Paulo: Pioneira, 1993. p. 139. (Coleção Novos Umbrais).

mercado globalizado.

Segundo esse autor o desafio será o de aprender a construir um sistema de comunicação que flua de baixo para cima e que permita a quem está no topo saber o que está acontecendo lá embaixo. A informação está sendo transformada em poder.

A era das informações, baseada nas tecnologias das telecomunicações (telefones, televisão, computadores e híbridos como as teleconferências) e nas redes que as interconectam tem criado as condições para globalização da economia e dos mercados. O desenvolvimento de uma infra-estrutura de telecomunicações tem permitido a descentralização das unidades de produção, especialmente através da constituição de redes de alianças estratégicas entre firmas localizadas em diferentes países. Como exemplo dessa nova tendência podemos colocar o caso da Randon. Até recentemente a diversidade de implementos e outros produtos produzidos e a verticalização na produção resultaram numa estrutura complexa e com um número elevado de concorrentes regionais especializados, e porisso mesmo competitivos na produção de implementos rodoviários isolados. Os concorrentes, à medida que produzem um limitado número de itens, não podem exigir exclusividade dos revendedores, devido às limitações de demanda no mercado, ao passo que a Randon possui uma extensa rede de vendas exclusivas que garantem uma assistência técnica aos seus produtos. Essa

diferença na assistência técnica aos seus produtos garante-lhe uma maior competitividade no mercado (ver FIGURA 11).

Recentemente a empresa tem buscado maior eficiência através da sua fragmentação em firmas menores, autônomas, e ao mesmo tempo tem buscado se associar com parceiros estrangeiros que dominem tecnologia de ponta no seu segmento. Essas alianças estratégicas estão ocorrendo na produção de componentes aplicados na montagem dos implementos rodoviários tais como freios, sistema de refrigeração, conexões.

A Randon, ao se associar com empresas líderes no mercado mundial desses componentes, tem garantido a assistência técnica aos seus produtos a nível mundial, e ao mesmo tempo está se especializando, cada vez mais, como montadora, reduzindo o seu tamanho e ganhando mais rapidez na tomada de decisões, na colocação dos produtos no mercado e no enxugamento das atividades burocráticas.

Esse processo, denominado por NAISBITT<sup>206</sup> desconstrução, caracteriza-se pela constituição de um conglomerado de firmas locais médias, autônomas mas articuladas entre si através de uma “*holding*” central.

---

<sup>206</sup> - NAISBITT, John. **Paradoxo global**. Trad. Ivo Korytovski. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

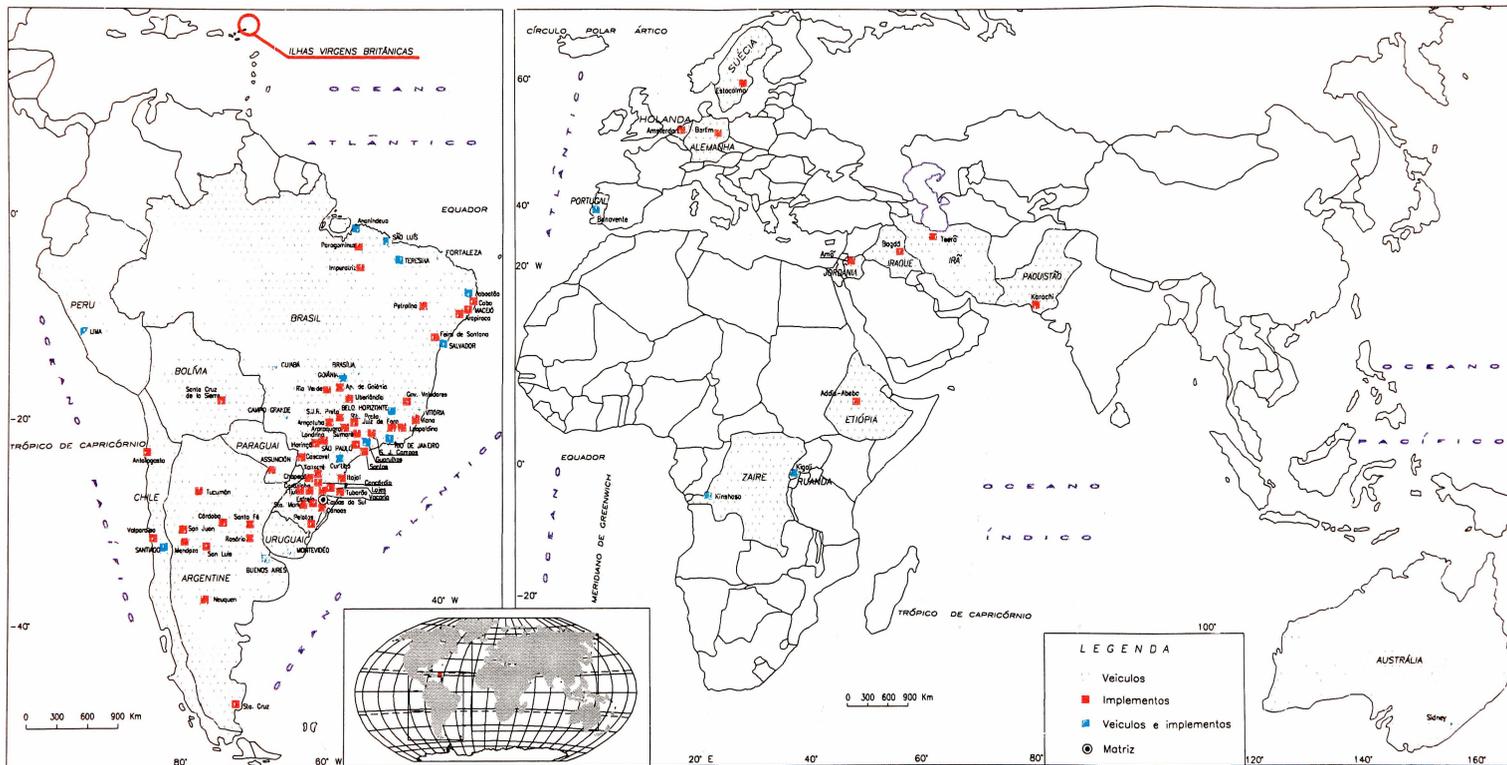


FIGURA 11 – RANDON – REDE DE VENDAS E SERVIÇOS (1996)

No exemplo da holding da Randon, ela é constituída por 17 firmas assim representadas: duas filiais de produção, (uma em Guarulhos - SP e outra em Curitiba - Paraná); 12 firmas controladas ou coligadas (uma delas localizada em Lisboa - Portugal e outra na Argentina) e mais três Joint-Ventures.

A associação com firmas estrangeiras iniciou-se em 1987, quando a Randon abriu mão de produzir freios e se associou com a Rockwell Internacional dos Estados Unidos, uma das maiores fabricantes do mundo de freios para toda a linha de caminhões.

Em 1993, constituiu outra Joint-Venture com a Carrier Transicold Division, também americana e líder mundial na produção do sistema de refrigeração e ar condicionado utilizado em caminhões frigoríficos e ônibus.

Em 1995, formalizou uma terceira associação com a empresa alemã Jost-Werk AG, para a fabricação, em Caxias do Sul, da linha de conexões para veículos articulados e tendo como alvo os fabricantes de reboques, semi-reboques e montadoras de caminhões, particularmente na linha pesada.

Essas alianças estratégicas fazem parte do processo de transição para um mercado globalizado, onde fica cada vez mais difícil distinguir a nacionalidade de um produto ou de uma empresa.

A revolução nas telecomunicações tem permitido às empresas inserirem-se no mercado mundial e ao mesmo tempo fragmentarem-se em um conjunto de firmas menores e autônomas que, buscando maior eficiência, estão se localizando em diferentes pontos estratégicos, unindo-se com parceiros estrangeiros a fim de se fortalecer no mercado e evitarem as barreiras não alfandegárias impostas pelos blocos econômicos de poder, como o da Comunidade Européia, NAFTA, dentre outros.

A Randon, por exemplo, ao se associar com uma empresa de Portugal e instalar uma filial em Lisboa, adquiriu um passaporte para ingressar, sem maiores restrições legais, em países da Europa, ao mesmo tempo que garantiu o acesso permanente às inovações tecnológicas que ocorrem nesses países.

Como os produtos fabricados e utilizados em países da Europa são diferentes na concepção e tipo de material empregado, os produtos exportados precisam sofrer uma série de modificações para se adequarem às exigências e às normas da legislação em vigor naqueles países. As mudanças nas normas nos países europeus são frequentes e por isso as empresas precisam acompanhar de perto essas alterações.

No caso da Randon as exportações são consideradas fundamentais no sentido de obrigar a firma a buscar soluções para competir com os produtos do primeiro mundo, o que resulta em inovações para o mercado

interno, seu principal alvo.

Os desafios de adaptar seus produtos às exigências dos países do primeiro mundo constituem-se no principal laboratório para o desenvolvimento desses produtos, o que tem garantido à empresa o papel de pioneira na introdução de inovações no mercado interno. Ao inovar os produtos a Randon ganha mais espaço no mercado interno, o que tem obrigado os concorrentes a buscar novas tecnologias para acompanhar o ritmo das inovações das firmas líderes no mercado.

Adotando a estratégia de reduzir o tamanho, a empresa torna-se mais eficiente para enfrentar as firmas concorrentes que atuam para um segmento específico do mercado, mas que no conjunto ainda detêm significativa participação no segmento.

Recentemente, a produção de caminhões fora de estrada passou a constituir uma nova firma da holding. O crescimento das vendas e a diversificação na linha de produtos, com a produção de tratores articulados florestais e caminhões articulados, utilizados no setor de mineração e construção civil, exigiram a constituição de uma nova unidade independente para atender um segmento de mercado diferenciado do de transporte de carga rodoviária.

No segmento da produção de caminhões fora de estrada a Randon Veículos é produtora exclusiva no Brasil. A nível internacional existem

pelo menos três grandes concorrentes, dos quais a Caterpillar produz os caminhões mais sofisticados, atendendo diferentes faixas de mercado.

Apesar das recentes tendências de terceirização na produção, as firmas do conglomerado Randon permanecem bastante verticalizadas devido à sua localização, distante dos fornecedores de muitos dos componentes utilizados na sua linha de produtos.

Além disso, a Randon tem por princípio não fornecer a tecnologia e o desenho das peças para serem produzidas por outras firmas, porque ela não quer correr o risco de perder o controle sobre o mercado de reposição do pós-vendas, responsável por significativa parcela do seu faturamento. Por isso, a terceirização de autopeças e componentes é limitada.

Algumas firmas, pela natureza de seu produto, terão de permanecer grandes. Neste exemplo temos a Marcopolo, uma das maiores empresas do mundo no segmento da produção de carrocerias para ônibus. O grupo Marcopolo é constituído por cinco firmas no Brasil e quatro no exterior. As firmas do grupo atuam no Brasil na produção de carrocerias para ônibus, comércio exportador, factoring, comércio de ônibus, peças de reposição e assistência técnica, componentes em fibra de vidro para a indústria automobilística e fruticultura.

No exterior a Marcopolo constituiu, em 1990, uma joint-venture

com o grupo Evicar para a produção de carrocerias de ônibus em Coimbra, Portugal. Nesta associação a Marcopolo detém o controle acionário através de outra sua controlada, a Marcopolo Empreendimentos e Participações Ltda., também localizada em Portugal. A escolha de Portugal foi feita com o objetivo de facilitar o acesso à tecnologia e materiais disponíveis na Europa e à colocação dos seus produtos nos países da comunidade Européia, onde se localizam os grandes concorrentes<sup>207</sup> no segmento de carrocerias para ônibus.

Além dessas filiais da Marcopolo localizadas no exterior foi constituída, em 1988, a Ilmot Internacional Corporation S.A., localizada em Montivideo-Uruguai, com o objetivo principal de realizar e/ou administrar investimentos, bem como o de colaborar nos negócios internacionais da firma. Outra filial foi criada em 1992 nas Ilhas Virgens Britânicas, uma trading que tem como função buscar alternativas de financiamentos aos importadores dos produtos Marcopolo.

Essa estratégia da firma de investir em linhas de crédito para seus clientes, favorecendo os que estão sem capital de giro, constitui-se numa vantagem competitiva decisiva sobre a concorrência. Muitos autores consideram mais importante estender o crédito e financiar os clientes do que investir em qualidade, redução de preços, custo e tecnologia, especialmente em produtos com valor unitário elevado, como no caso

---

<sup>207</sup> - Os grandes concorrentes mundiais são: Kaessbohrer (Alemanha), Caetano (Portugal), Setra (Espanha), Mercedes-Benz (Alemanha, Argentina, México e Brasil) Van-Hool (Bélgica) e Ikarus (Hungria).

dos ônibus. Além disto essas filiais se encarregam de mandar informações estratégicas para a matriz, tais como necessidades dos mercados, os nichos inexplorados, os obstáculos de ordem burocrática ou jurídica, as idiossincrasias culturais.

As filiais no exterior desempenham importante papel de apoio às decisões da firma, através do acompanhamento de perto da realidade dos mercados emergentes, pela acumulação de informações, contatos pessoais, institucionais e empresariais.

A concorrência no mercado interno está representada por grandes firmas nacionais e multinacionais como a Ciferal, do Rio de Janeiro, a Nielson (Busscar), de Joinville-SC, a Mercedes Benz do Brasil, de São Paulo, a Scania, também de São Paulo, a Volvo, do Paraná, e a Caio S.A., dentre as principais.

A concorrência está se intensificando no segmento, com a entrada no mercado da Volkswagen, que iniciou em 1995 a instalação de uma fábrica de ônibus e caminhões em Rezende-RJ, e com a instalação em Gravataí-RS da filial da empresa Argentina El Datalle, que atuara na produção de chassis e carrocerias para ônibus e caminhões.

A nível local também surgiu no mercado um novo concorrente, a metalúrgica BGP. Criada na década de 80, esta firma atuava inicialmente apenas como fornecedora de peças e componentes para montadoras como

a GM, Ford e Marcopolo, e a partir de 1993 ingressou na produção de carrocerias de ônibus urbanos construídos sobre chassis Mercedes Benz.<sup>208</sup>

As estratégias adotadas pelas firmas no processo de reprodução ampliada do capital têm assumido características específicas em diferentes momentos históricos, acompanhando uma tendência mais ampla de superação das crises cíclicas do sistema capitalista em suas diferentes fases.

Atualmente, com a globalização do mercado, as firmas estão tendo que se adaptar a uma nova realidade, onde a produtividade e a qualidade estão se transformando em questões cruciais, para assumirem uma posição competitiva no mercado.

As associações, fusões, incorporações entre empresas congêneres ou não, estão imprimindo um ritmo crescente ao processo de concentração e centralização do capital, em especial no segmento de eletrodomésticos.

Na onda das fusões e aquisições que têm invadido o segmento de eletrodomésticos nos últimos anos a Enxuta, que está atravessando um mau momento<sup>209</sup>, encontra-se em negociações para se associar ao grupo

---

<sup>208</sup> - JORNAL PIONEIRO. Caxias do Sul, 23, jul., 1993. p. 12.

<sup>209</sup> - No balanço anual fechado em outubro de 1995, a firma teve um prejuízo de R\$ 10,9 milhões o que representa 60,1% do seu patrimônio líquido (REVISTA AMANHÃ. Porto Alegre: Plural Comunicações Ltda., ano X, nº 106, 1996. p. 16).

italiano Candy.

Com a abertura da economia brasileira a disputa pelo mercado interno está se intensificando com a entrada de grupos multinacionais como o da Bosch Siemens da Alemanha, em 1994, o da Machline, que já anunciou sua entrada no ramo utilizando tecnologia da Sharp do Japão, e a General Eletric, que também está de olho no país. As fusões de firmas das marcas Consul, Brastemp e Semer (grupo Multibras de Santa Catarina) prenunciam profundas alterações no setor, com a provável eliminação do mercado de parte dos concorrentes.

Com a globalização da economia e a invasão dos mercados do ocidente por produtos do sudeste asiático, os países têm-se organizado em blocos econômicos como forma de criar barreiras à invasão de produtos externos em seus mercados e de fortalecer as relações econômicas, sociais e culturais entre os países membros.

Ao se organizarem em blocos econômicos e criarem entraves à concorrência externa esses países buscam formas de proteger seus mercados domésticos contra a ofensiva de produtos mais baratos e nem sempre dentro de padrões estipulados por organizações internacionais.

## **2.1.4- A CERTIFICAÇÃO DA SÉRIE ISO 9000: O PASSAPORTE PARA AS EXPORTAÇÕES**

Dentre as barreiras, foi criada para ser a linguagem comum da qualidade na Europa Unificada a série ISO 9000<sup>210</sup>, um sistema para a gestão e garantia da qualidade de produtos e serviços. O certificado da Série ISO 9000 tem como objetivo garantir a estabilidade e a uniformidade do processo produtivo através de procedimentos padronizados. Essa exigência de certificação de qualidade dos produtos e serviços está se transformando no principal passaporte para o ingresso e permanência de qualquer empresa no mercado da Europa unificada e em outros países desenvolvidos do mundo onde ele é amplamente aceito.

O certificado de qualidade é fornecido por órgãos reconhecidos pelo governo do país onde se localizam as firmas após estas passarem por um processo de auditoria realizado por técnicos de entidades ligadas à organização da ISO. Eles acompanham e avaliam quase que permanentemente se os procedimentos e o controle no processo de administração e de produção estão de acordo com o planejamento e exigências das normas internacionais.

---

<sup>210</sup> - ISO (Internacional Standartization Organization): sigla de uma organização que elabora normas internacionais. O Brasil participa da ISO através da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, sociedade sem fins lucrativos reconhecida pelo governo brasileiro.

O certificado da série ISO 9000 é renovado a cada três anos, mas para garantir aos clientes que a qualidade permaneça inalterada, são realizadas avaliações periódicas, a cada seis meses, por auditores designados pelos órgãos responsáveis.

A obtenção do certificado de qualidade tem sido buscada pelas firmas que pretendem consolidar sua posição no mercado externo e pelas que atuam como fornecedoras das que são exportadoras.

Cada vez mais a certificação tem servido como um passaporte necessário para os produtos atingirem mercados exigentes como os da Europa e América do Norte. No Brasil, o governo tem incentivado as firmas a buscarem a certificação de qualidade através da criação de favores fiscais para as que obtêm o certificado.<sup>211</sup>

Alguns países como Estados Unidos, Alemanha, Canadá e outros estabeleceram exigências próprias e fornecem certificados de qualidade com outras designações.<sup>212</sup> No entanto, a certificação da série ISO 9000 é a mais conhecida e aceita, por envolver os países da Europa.

No Brasil e no Estado o interesse das firmas pela certificação iniciou especialmente a partir da década de 90.<sup>213</sup> Pesquisa realizada em

---

<sup>211</sup> - As firmas certificadas são favorecidas com financiamentos, destinação de recursos e empréstimos subsidiados à pesquisa e compra de máquinas e equipamentos.

<sup>212</sup> - USA - certificado UL / Alemanha - certificado VDE / Canadá - certificado CSA.

<sup>213</sup> - Em 1992 apenas 38 empresas no país estavam certificadas, sendo que oito localizavam-se no Rio Grande do Sul. Em 1994 o número foi de 577 e em 1995 atingiu 700 firmas (previsão) no país.

1994 por iniciativa da Revista Empresarial<sup>214</sup> e por entidades empresariais de Caxias do Sul, Farroupilha e Bento Gonçalves, envolvendo 250 empresas de um universo de aproximadamente 1900, para verificar o grau de importância que os empresários atribuíam aos programas de qualidade e produtividade, apontou como resultado que cerca de 99,4% dos empresários entrevistados consideravam essa questão muito importante ou importante. Dessas, 37,8% responderam que possuem algum programa formal de qualidade e produtividade e, 46,2% que aplicam algumas ações isoladas, mas sem um programa formal.

**QUADRO 12 - Empresas líderes em exportação e certificação - Série ISO 9000**

<b>FIRMAS</b>	<b>CERTIFICADO ISO SÉRIE 9000</b>
Robertshaw do Brasil S.A.	Obteve o certificado em 1993 para os termostatos
Eberle Indústria e tecnologia Ltda.	Obteve o certificado em 1994 para motores elétricos e componentes de fixação
Fras-le S.A.	Obteve o certificado em 1997
Agrale S.A.	Obteve o certificado em 1997
Randon Ltda.	Em fase de implantação
Marcopolo S.A.	Obteve o certificado em 1996
Plásticos Pisani	Obteve o certificado em 1995
Enxuta	Em fase de implantação

Fonte: Entrevista nas firmas em 1995 e 1996.

Em relação à questão do percentual total de funcionários treinados até 1994, a pesquisa constatou que 32,9% das empresas possuía na ocasião até mais de 25% de seus funcionários treinados em qualidade e produtividade.

Em Caxias do Sul a firma pioneira no Estado na obtenção do

---

<sup>214</sup> - REVISTA EMPRESARIAL. Caxias do Sul: CIC, ano II, nº 9, 1994. p. 28.

certificado da série ISO 9000 foi a Robertshaw do Brasil, divisão do grupo Siebe da Inglaterra, em 1993.

No início de 1994 a Eberle também recebeu a certificação da série ISO 9000 para motores e componentes de fixação. Paralelo ao enquadramento da Eberle nas normas da ISO 9000 iniciou-se o processo de engajamento dos seus fornecedores preferenciais no processo de qualidade total Eberle, que prevê alcançar a plenitude em 8 anos.

A adoção do sistema de certificação de qualidade assegurada tem como um dos objetivos reduzir as operações de controle de qualidade que não agregam valor, transferindo a responsabilidade das mesmas para os fornecedores.

No caso da Eberle, ela está aplicando a política de reduzir o número de fornecedores estabelecendo contratos a longo prazo. Um dos critérios na seleção dos fornecedores é a condição de que estes se localizem num raio de no máximo 100 Km a partir de Caxias do Sul, para garantir a agilização nas entregas e assim poder reduzir ao máximo os estoques na fábrica.

O Just-in-time pode assim ser aplicado não só internamente, nas oficinas da firma, mas também externamente, com fornecedores e subcontratados. Os fornecedores selecionados são notificados mensalmente sobre o desempenho nos fornecimentos, através do registro "*Índice da*

Os certificados de qualidade série ISO 9000 são emitidos por tipo de produto. Em alguns casos, quando o número de itens produzidos é elevado e o volume produzido ou exportado não for expressivo, não compensa para a firma investir vultosas somas para obter certificados de qualidade para todos os itens da linha de produtos. Neste exemplo pode ser citada a Fras-le, que produz cerca de 12.000 itens. O material empregado na fabricação das lonas de freio é padronizado e o que varia são as dimensões e a curvatura de cada item. Cada tipo de veículo tem especificações próprias. Neste caso a firma estabelece critérios para selecionar os itens a serem certificados.

A prioridade foi estabelecida para os itens destinados para as montadoras de veículos, em especial os da linha pesada, onde se concentram os clientes mais importantes.

Por outro lado, há que se considerar que a opção da firma de atuar preferencialmente para um mercado de reposição, onde é líder nacional,

---

<sup>215</sup> - O índice de qualidade de fornecimento é calculado pela fórmula:

$$IQF = -100 \times \frac{((2 \times B) + (5 \times C) + (4 \times D))}{\text{total dos lotes recebidos}} \times 100$$

A=Lotes aprovados.

B=Lotes aprovados condicionalmente sem retrabalho.

C=Lotes aprovados condicionalmente com retrabalho.

D=Lotes devolvidos.

Total de lotes Recebidos = A+B+C+D.

Classificação do Fornecedor:

O fornecedor será classificado em função do valor do IQF obtido pelos seguintes conceitos: Excelente - 90 a 100 pontos.

Bom - 80 a 89 pontos.

Regular - 65 a 79 pontos.

Insatisfatório - inferior a 65 pontos.

torna-a menos sujeita a exigências de certificação, e principalmente menos suscetível aos efeitos conjunturais das freqüentes crises de demanda no mercado de veículos novos. O mercado de reposição é, por natureza, mais estável e menos exigente em termos de certificação de qualidade.

O que se observa entre as firmas líderes é que boa parte delas, antes de buscar a certificação de qualidade dos produtos, tem procurado aplicar os princípios do sistema japonês ou reengenharia no processo de produção e organização das firmas.

No modelo japonês a preocupação central está voltada para o aperfeiçoamento do processo de produção, pela criação de mecanismo de controle visual e racionalização das tarefas, mas sem a preocupação com a formalidade de preenchimento de papéis para o registro e controle das operações, como no caso das normas de padronização dos procedimentos estabelecidos na ISO 9000. No sistema japonês a busca da qualidade e da produtividade está no engajamento motivado da força de trabalho, e não no controle burocrático do processo de trabalho, como na proposta técnica a ser seguida para a obtenção da certificação da série ISO 9000.

Os objetivos contidos nessas duas propostas são os mesmos - aumento da produtividade e da qualidade - porém o caminho adotado para atingir este fim é diverso. Na série ISO 9000 a preocupação maior está com a padronização de procedimentos que garantam a estabilidade e

uniformidade do processo produtivo, enquanto que no sistema japonês a ênfase está no investimento em recursos humanos como forma de desenvolver um alto nível de polivalência e plurifuncionalidade dos trabalhadores. Com isto, criam-se as condições para o favorecimento de inovações organizacionais que permitem obter ganhos de produtividade, os quais realimentarão os investimentos em recursos humanos.

CORIAT<sup>216</sup>, ao analisar o modelo japonês, afirma que o cerne da dinâmica econômica assumida pelas firmas japonesas deve ser visto pelo ângulo da relação capital/trabalho. Seguindo uma abordagem marxista, esse autor define inicialmente o regime de acumulação como sendo um modo histórico e socialmente determinado de obtenção, divisão e difusão dos ganhos de produtividade, que está fundamentado na natureza e nas características da relação capital/trabalho.

CORIAT<sup>217</sup> considera que o toyotismo está alicerçado no princípio do “*engajamento estimulado*” do trabalhador no processo de trabalho que, associado à adoção de inovações organizacionais, resulta em superações contínuas de produtividade, que garantem uma maior competitividade das firmas japonesas no mercado internacional.

O autor destaca que esse sistema desenvolveu contribuições essenciais, representadas por uma série de inovações organizacionais e

---

<sup>216</sup> - CORIAT, Benjamim. **Pensar pelo avesso**: o modelo japonês de trabalho e organização. Trad. Emerson S. da Silva. Rio de Janeiro: Revan/UFRJ, 1994, p. 186.

<sup>217</sup> - Ibid., p. 169

relacionais que tiveram efeitos importantes em ganhos de produtividade e de qualidade. Porém, ressalta que isto só foi possível porque essas inovações foram aplicadas em conjunto, numa situação histórica específica, representada pelas condições vigentes no Japão após a Segunda Guerra Mundial.

Logo, ele conclui que dificilmente o conjunto de condições presentes no Japão serão encontradas ou poderão ser reproduzidas em outros países, o que torna inviável tentar “copiar” o sistema tal e qual o que vigora no Japão. Os empresários ocidentais, ao tentarem reproduzir o sistema japonês, têm cometido erros como os de buscar anular os direitos adquiridos pelos trabalhadores e de renovar os métodos de controle social sobre o trabalho, sem definir contrapartidas.

As contrapartidas são consideradas para o autor como condições indispensáveis para a eficácia buscada no modelo.

Salienta ainda que os empresários ocidentais estão esquecendo de considerar o fato de que no Japão ocorreu um processo de mudança cognitiva, com a internalização pelo trabalhador da responsabilidade de promover mudanças na cultura da organização.

Essas mudanças foram alicerçadas e construídas sobre um sábio jogo de contrapartidas recíprocas, condição indispensável para explicar a eficácia atingida pelo modelo. De um lado, os empresários japoneses

assumiram o compromisso com o emprego vitalício, com a remuneração por antiguidade e com a formação profissional dos assalariados (ao que Coriat denomina de intelectualização dos “*colarinhos azuis*”) e, de outro lado, como contrapartida, os trabalhadores engajaram-se na promoção de ganhos de produtividade e de qualidade, garantindo a competitividade das firmas no mercado mundial.

O autor sugere que o caminho a ser seguido pelas firmas ocidentais que pretendem adotar esse sistema é o de buscar o “*engajamento negociado*”. Este deverá conceber tipos de contrapartidas e de compromissos sociais adaptados à composição atual dos assalariados, respeitando as suas formas históricas de representação de classe e suas tradições culturais específicas.

KATZ<sup>218</sup> discorda da posição de Coriat ao afirmar que o toyotismo “*não responde a peculiaridades culturais asiáticas mas, a traços universais da economia capitalista e, por isso tem sido assimilado rapidamente por outros países desenvolvidos*”.

Para ele, a rápida difusão do toyotismo a nível mundial constitui-se em prova, de que a essência do modelo não está nas inovações administrativas (engajamento estimulado) e nem na utilização da informática no processo de trabalho, mas no fortalecimento do controle

---

<sup>218</sup> - KATZ, Cláudio et al. **Novas tecnologias: crítica da atual reestruturação produtiva**. São Paulo: Xamã, 1995. p. 36.

patronal sobre o processo de trabalho.

Nesta perspectiva o toyotismo é considerado como uma tentativa do capital de superar o esgotamento do “*gerenciamento científico*” diante das rápidas mudanças tecnológicas, da saturação de mercados e da maior rotação do capital.<sup>219</sup>

KATZ<sup>220</sup> assinala que todas as grandes inovações tecnológicas tiveram a função histórica de “*incrementar o domínio físico e mental dos empresários sobre o conjunto da atividade do trabalho*”. A introdução da informática no processo de trabalho representa um progresso técnico e, ao mesmo tempo, a deterioração do trabalho, na medida em que tem permitido um maior controle patronal sobre o seu ritmo e a sua velocidade e, ao mesmo tempo que a rotação de tarefas (polivalência), tornou-se uma ameaça constante aos trabalhadores, agora facilmente substituíveis.

*A geração de mais valia relativa aumenta não somente em função do número de máquinas que cada trabalhador atende simultaneamente, mas também pela multiplicidade de operações realizadas. A atenção requerida e o desgaste físico-psíquico da força de trabalho guardam uma relação direta com a variedade de tarefas.*<sup>221</sup>

Contrariando a posição de muitos autores como HARVEY<sup>222</sup>,

---

<sup>219</sup> - Ibid., p. 36.

<sup>220</sup> - Ibid., p. 28.

<sup>221</sup> - Ibid., p. 31.

<sup>222</sup> - HARVEY, op. cit., p. 7.

DRUCKER<sup>223</sup>, dentre outros, KATZ<sup>224</sup> considera que as peculiaridades do toyotismo não inauguraram uma época pós-capitalista. Segundo ele, as relações sociais de exploração da força-de-trabalho foram preservadas e até reforçadas pelo maior controle patronal sobre o trabalho através da fixação eletrônica dos tempos e do ritmo do trabalho. Nesta perspectiva fica evidente que as adaptações mais ou menos (des)caracterizadas do toyotismo não podem ser concebidas como um avanço nas relações entre capital e trabalho, e sim como mais um dos mecanismos de coação utilizados pelos capitalistas para superar permanentemente a produtividade no processo de trabalho.

A posição de KATZ<sup>225</sup> sustenta-se nas idéias de Marx ao considerar que as características essenciais do modo de produção capitalista foram preservadas, na medida em que as relações sociais continuam apoiadas na exploração do trabalho vivo, apenas com uma outra dinâmica tecnológica e organizacional.

O que se observa, no exemplo das firmas de Caxias, é que boa parte delas estão adotando essas novas formas organizacionais e de gestão da força de trabalho, dentre as quais os círculos de controle de qualidade (CCQs), a gestão participativa, a busca da qualidade total, série ISO 9000 reengenharia, dentre outras, inovações que estão se

---

<sup>223</sup> - DRUCKER, op. cit., p. XIV.

<sup>224</sup> - KATZ, op. cit., p. 31.

<sup>225</sup> - Ibid.

tornando comuns no cotidiano das fábricas.

O salto no desenvolvimento tecnológico a partir da aplicação da automação, da robótica e da microeletrônica, associado com o novo padrão de gestão da força de trabalho, resultou no aumento da produtividade, da qualidade e na conseqüente eliminação de boa parte dos postos de trabalho com a mudança do perfil do trabalhador, necessária para conduzir o processo de trabalho.

A crise do petróleo, instaurada em 1973, e a posterior recessão afetaram o processo de acumulação de capital, o que intensificou as pressões competitivas e a necessidade de buscar alternativas para superar a crise. A saída foi encontrada na aplicação de tecnologia de ponta e no uso do conhecimento para reestruturar radicalmente os processos existentes para aumentar a produtividade e a qualidade dos produtos.

Na realidade, o que se observa é que a adoção desse modelo está sendo efetivada, em maior ou menor grau, de forma desvirtuada, pelas firmas locais. O ritmo intenso na aplicação das diferentes técnicas como o Kanbam, Just-in-time não está sendo acompanhado no mesmo grau por contrapartida aos assalariados. Os trabalhadores, diante da ameaça da perda do emprego, têm-se submetido às novas técnicas em troca de algumas vantagens indiretas, tais como melhoria do ambiente de trabalho, cursos, treinamento, lazer, saúde, dentre outras. Raros são os casos de empresários que estão distribuindo os ganhos de produtividade

com os trabalhadores.

Os empresários, pelo que se deduz das conversas, têm medo de adotar a repartição de lucros, o que se transformaria, segundo alguns, numa conquista dos trabalhadores difícil de ser revertida, em caso de possíveis crises financeiras na firma.

Dentre as firmas líderes investigadas, ligadas ao pólo metal-mecânico, todas elas têm investido na implantação do sistema japonês, reengenharia ou modelos híbridos, em maior ou menor escala. O mesmo não se observa nas firmas ligadas ao setor da madeira e do mobiliário, onde o ritmo na incorporação de mudanças técnicas e organizacionais é bem mais lento e descontínuo.

### **2.1.5- MUDANÇAS NAS RELAÇÕES ENTRE FIRMAS**

Na dinâmica capitalista a atual fase, marcada pela desverticalização da produção, e a conseqüente ampliação das relações entre firmas está sendo acompanhada pela exigência da obtenção da certificação de qualidade dos produtos dos fornecedores, como forma de garantir a qualidade dos produtos finais e, acima de tudo, reduzir os custos com o controle de qualidade dos insumos utilizados.

Neste sentido, as firmas subcontratadas<sup>226</sup> incluídas no sistema de qualidade assegurada são requalificadas a cada três anos ou em períodos menores, quando forem constatadas ocorrências de não conformidade nos fornecimentos.

No exemplo da Eberle e de outras firmas locais, as relações entre grandes e pequenas firmas subcontratadas são marcadas pela desigualdade econômica e por atuarem como “*amortecedores*” dos efeitos negativos das flutuações conjunturais.

Como vimos anteriormente, a prática da Eberle de subcontratar “*oficinas externas*” nas etapas do processo de produção que exigem trabalho intensivo, como por exemplo o de estampar, frisar, tornear, polir, dentre outros, já era praticada desde as primeiras décadas deste século e desempenhou, num primeiro momento, a função de “*berçário*” de muitas outras firmas que surgiram a partir dessa prática. A descentralização de algumas etapas do processo de produção através da subcontratação evitou que firmas como a Eberle tivessem um crescimento ainda maior. Atualmente, no entanto, as exigências crescentes e o processo contínuo de avaliação dos fornecedores e firmas

---

<sup>226</sup> - A distinção entre fornecedores e firmas sub-contratadas está no fato de que no primeiro caso os produtos são comprados no mercado e sua concepção não contou com a participação da empresa montadora. No segundo caso os produtos são encomendados e estão sujeitos a um certo grau de controle do fabricante de componentes por parte da empresa montadora. O subcontratado desempenha o papel de executante e ocupa uma posição nitidamente subordinada à outra empresa. (CORIAT, op. cit., p.121).

subcontratadas se traduz em desclassificações e de novas seleções, o que torna as relações entre as firmas e/ou oficinas mais seletivas e restritas a um número sempre mais reduzido, com uma localização geográfica delimitada por critérios de proximidade como forma de garantir a rapidez e frequência na entrega.

Em estudo<sup>227</sup> realizado por nós na década de 80 já constatávamos que a subcontratação de “*oficinas de porão*” era uma prática importante, especialmente nos ramos metalúrgico, material de transporte, mecânico, confecção, malharia, calçados, vinícola, dentre outros. A subcontratação de etapas do processo de produção tem ocorrido especialmente naqueles segmentos que exigem trabalho intensivo e mão-de-obra com certa qualificação como tornear, frisar, estampar, cortar, dobrar chapas de metal, polir metais, bordar, costurar, dentre outras.

As oficinas de porão, que se caracterizavam na ocasião por estarem organizadas com base na propriedade parcial ou total dos meios de produção, freqüentemente utilizavam o trabalho familiar e contavam com o amplo apoio e incentivo dos empresários locais e das instituições que os congregam.

Recentemente, o SEBRAE tem priorizado o desenvolvimento de projetos de capacitação e desenvolvimento de fornecedores com o objetivo de aumentar a eficiência e competitividade coletiva através da

---

<sup>227</sup> - FRIZZO, op. cit., p. 91.

melhoria das relações entre grandes empresas e seus fornecedores ou firmas subcontratadas. De acordo com dados da Sindimicro (Sindicato das Micro-Empresas), a região abrangida por Caxias do Sul possuía em 1994, 7720 micro-empresas, com uma média de 2,5 empregados registrados em cada uma.<sup>228</sup>

No caso de Caxias do Sul é promovida anualmente a Feira Mercopar (Feira de subcontratação industrial do Mercosul), que tem por objetivo aproximar firmas de todos os tamanhos através da subcontratação industrial, envolvendo empresários do sul e dos países integrantes do Mercosul.

Atualmente, a nova realidade do mercado tem exigido mais velocidade nas decisões e flexibilidade na produção, o que está intensificando o processo de terceirização. Porém, o perfil das firmas subcontratadas está tendo que se adequar às novas normas das firmas contratantes, que exigem maior produtividade, qualidade e rapidez na entrega dos insumos como forma de viabilizar o sistema Just-in-time, que está tendo sua adoção crescente entre as grandes firmas.

Em decorrência, as pequenas e médias firmas estão sendo submetidas a um rigoroso controle de qualidade, preços e prazos por parte das firmas contratantes, através de sistemas de avaliação. Isto obriga-as a uma busca contínua de formas para melhorar seu desempenho

---

<sup>228</sup> - REVISTA EMPRESARIAL, op. cit., p. 5.

como condição necessária para continuarem fornecendo produtos ou serviços a determinadas firmas contratantes. É a partir da sutileza das relações estabelecidas entre as firmas que muitas inovações têm emergido, em meio a pressões pela busca de uma maior eficiência no enfrentamento das concorrentes no mercado.

Apesar da tendência de crescimento da terceirização, muitas firmas grandes permanecem com uma estrutura extremamente verticalizada. Como exemplo podemos citar o caso da Marcopolo, que ainda produz em torno de 20.000 itens utilizados na produção, o que corresponde a mais de 70% do total. Outro exemplo é o da Randon, que por estar localizada longe dos fornecedores de componentes tem tido dificuldades para mudar esse perfil.

No outro extremo temos o exemplo de firmas que cada vez mais assumem um perfil de montadoras. Este é o caso da Enxuta, onde cerca de 90% dos itens que compõem seus produtos são produzidos por fornecedores e firmas subcontratadas. Porém, se estes dados forem comparados com os dos concorrentes, o índice de terceirização ainda está em desvantagem. A maior parte das indústrias de eletrodomésticos atuam quase que exclusivamente como montadoras.

Até meados da década de 80 boa parte das subcontratações eram representadas por produções mercantis simples. Mais recentemente, com o processo de reestruturação por que estão passando as firmas maiores,

as relações entre elas também estão sofrendo reformulações. Agora é necessário mais capital para investir em máquinas e na contratação de mão de obra especializada. Findou-se o tempo em que bastava ter um pouco de ousadia, o mínimo de recursos e um canto qualquer no espaço da moradia para criar uma oficina de porão.

A necessidade de aumentar a produtividade dos trabalhadores de escritório, limpeza, segurança, cozinha, dentre outros, está levando as firmas a estender a terceirização também para essas funções através da contratação dos serviços de empresas especializadas (ver QUADRO 13). Uma força que está por trás dessa tendência de terceirização é a necessidade de tornar mais produtivos os trabalhadores dos serviços e ao mesmo tempo “*enxugar*” o tamanho das firmas para torná-las mais eficientes.

#### **QUADRO 13 - Terceirização nas firmas líderes em exportação**

<b>FIRMA</b>	<b>SERVIÇOS E ETAPAS NO PROCESSO DE PRODUÇÃO</b>
Agrale S.A.	Restaurante, segurança, transporte, limpeza, recrutamento e seleção de funcionários, odontologia, enfermagem, assistência médica
Fras-le S.A.	Limpeza, informática, restaurante
Marcopolo S.A. *	Serviço de manutenção de máquinas, transporte
Randon Ltda.	Serviço de transporte, restaurante executivo
Eberle - Indústria e Tecnologia Ltda. *	Estampagem, frota de veículos
Gazola S.A.	Polimento, acabamento, montagem, embalagem dos produtos e vendas
Enxuta S.A. *	Corte, dobramento, componentes elétricos, circuitos impressos e outros
Robertshaw do Brasil S.A.	Segurança, transporte, restaurante, documentação de exportação, transporte de lixo, resíduos industriais, tratamento térmico (banhos)
Reflorestadores Unidos S.A.	Corte e transporte da madeira e serviço de exportação

Fonte: Entrevistas nas firmas em 1993 e 1994.

\* Dados parciais

Com a globalização da economia e os avanços nas telecomunicações, as subcontratações em alguns setores, como da madeira e autopeças, estão assumindo uma escala mundial, num processo de aprofundamento da divisão internacional do trabalho e a das relações capitalistas.

A redução crescente das reservas florestais, o aperfeiçoamento da legislação de controle do meio ambiente e o crescimento dos movimentos ambientalistas no mundo têm estabelecido uma procura crescente por produtos produzidos a partir de madeiras extraídas de áreas reflorestadas com pinus e, em menor escala, com o eucalipto.

O Brasil surge como um grande fornecedor mundial de madeira, pois possui extensas reservas nativas de áreas reflorestadas cujo plantio e corte são planejados e racionais, atendendo assim a uma das exigências dos importadores, que não aceitam madeira extraída de matas nativas.

A extração e a transformação da madeira foi, desde o início da colonização italiana, uma das principais atividades na região, e responsável pela constituição de fortes grupos econômicos como os da Mazedorzi, Mazedzatti, Giacomet, dentre outros.

Das quatro firmas líderes em exportação pesquisadas neste estudo, apenas a principal delas, a Companhia Sul-Americana de Madeiras e Compensados (Mazedorzi), atua com uma linha mais diversificada de

produtos e está mais voltada para o mercado interno, mas mesmo assim tem exportado regularmente entre 10% a 30% do total da produção.

O grupo Mazedorzi, constituído por 12 empresas que atuam no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rondônia, São Paulo e Mato Grosso foi, na década de 80, a segunda maior empresa privada gaúcha, depois da Varig<sup>229</sup>. A firma Reflorestadores Unidos S.A., que também integra o elenco das firmas líderes em exportação, é uma das coligadas deste grupo. No conglomerado Mazedorzi as firmas constituem unidades especializadas que atuam em: reflorestamento, serraria, beneficiamento de madeira, compensado, celulose, lixas industriais, papel e também em projetos de colonização.

A integração vertical entre as firmas do grupo constitui-se em importante vantagem competitiva de um lado, porém representa também a imobilização de considerável capital em terras, nas atividades de reflorestamento e pesquisa, no melhoramento genético e no manejo florestal adequado às condições específicas de solo e clima de cada reserva florestal. Isto tem-se traduzido em restrições na capacidade de investimento em modernização do processo de produção em si.

Após décadas de investimentos em reflorestamento, só agora o grupo começou a ter um certo retorno, com o início do corte dos pinus, que precisam ter de 10 a 15 anos para serem explorados comercialmente.

---

<sup>229</sup> - JORNAL NORDESTE GAÚCHO. Caxias do Sul, 26, nov. 1983. p.67.

Dos investimentos totais, mais de 70% continuam sendo aplicados em reflorestamento. Já na firma Reflorestadores Unidos a prioridade a partir de 1993 esta na compra de máquinas e equipamentos capazes de agregar mais valor à madeira, que até recentemente era exportada apenas serrada. Hoje, a firma já está emendando os blocos de madeira e tem exportado as molduras de aberturas para residências já prontas. Para o futuro, pretendem exportá-las inclusive pintadas, como forma de agregar mais valor ao produto, evitar o imposto de 4% pago pela exportação da madeira bruta e, ao mesmo tempo, desvincular o preço da madeira da determinação do mesmo pela bolsa de valores, sujeito a flutuações permanentes de acordo com a oferta no mercado mundial.

A Companhia Sul-Americana caracteriza-se por ser a firma no setor de madeira que dispõe de maior autonomia em relação aos contratos de exportação. Os compensados e portas são concebidos e desenvolvidos pela firma e apenas aprovados pelos clientes, ao passo que nas demais firmas exportadoras a relação é de subcontratação, onde a firma principal estabelece as especificações que o produto deve ter. A subcontratação se dá através da celebração de contratos a longo prazo, com cláusulas bem definidas de prazos de entrega, qualidade dos produtos, e até de exclusividade de fornecimento no país em que atuam (no caso de molduras de madeira em vara). A subcontratação de firmas nesse setor, ao que tudo indica, está intimamente ligada à dimensão do saber-fazer técnico associado a mão-de-obra barata e disponibilidade de

matéria-prima a preços competitivos no mercado mundial.

A subcontratação de firmas do setor de madeira de Caxias por empresas estrangeiras só é concretizada após a realização de várias inspeções às instalações dessas firmas para verificar se atendem às exigências, tais como: garantia de que a madeira seja procedente de áreas reflorestadas, capacidade de fornecimento permanente e a longo prazo, instalação de equipamentos de segurança contra incêndios, garantia de qualidade do produto através do tratamento adequado da madeira (clientes europeus e americanos exigem a secagem da madeira em estufas a qual deve conter, no máximo, 10% de umidade). Os contactos permanentes e visitas freqüentes de responsáveis pelas firmas envolvidas nessa relação de cooperação que se estabelece tem estimulado o desenvolvimento dos produtos e ampliado o volume dos negócios.

Nas entrevistas realizadas ficou evidenciado que as firmas contratantes têm interesse em estabelecer relações duradouras com os fornecedores e subcontratadas. Mudar de firma subcontratada ou de empresa fornecedora significa perder um saber-fazer acumulado, cuja eficácia melhora com o tempo através de inovações que emergem no processo de produção e a partir das relações de cooperação entre firmas, cada qual reforçando a eficácia da outra.

As indústrias brasileiras que produzem móveis de pinus têm

encontrado resistência na colocação deste produto no mercado interno. A tendência é a da madeira de lei ser substituída pelo uso de móveis tubulares ou de fórmica (especialmente nos móveis de cozinha).

A industrial Madetorno<sup>230</sup>, aproveitando a demanda de móveis de pinus no exterior, optou por se especializar neste segmento, através do fornecimento de móveis populares para firmas do setor dos Estados Unidos, do Canadá e da Inglaterra.

**QUADRO 14 - Subcontratação internacional no setor da madeira**

FIRMAS	PRODUTOS EXPORTADOS	% PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES	Nº DE CLIENTES PRINCIPAIS POR PAÍS
Indústria Madetorno	Camas e beliches	100 %	3 nos Estados Unidos, 1 no Canadá e 1 na Inglaterra
Reflorestadores Unidos	Madeira serrada	90 %	2 nos Estados Unidos
Indústria Caxiense de Molduras	Molduras de madeira em varas e quadros de estilo	60%	Clientes exclusivos em cada país: Estados Unidos, Inglaterra, França, Israel, Porto Rico, Chile, Áustria, Argentina, Bolívia e Canadá.

Fonte: Pesquisa direta em 1994 e 1995.

Inicialmente a firma teve que investir em máquinas e adequar os produtos às exigências legais de segurança, observando o padrão da estrutura das barras, do lastro, resistência da madeira, composição química das tintas e vernizes (estas não podem conter tinner), etc.

Os clientes, que são fábricas de móveis, especificam o que querem, assim como estabelecem dimensões, cores, modelos. A Madetorno apenas executava a tarefa. Os móveis eram enviados

<sup>230</sup> - Esta firma encerrou suas atividades em dezembro de 1995. As razões serão vistas mais adiante.

desmontados como forma de reduzir o volume e o custo do frete. No exterior os móveis eram montados e vendidos com a marca do cliente, como se fosse produção própria.

A subcontratação industrial era firmada através de contratos com planejamento anual para a entrega periódica. A partir dos compromissos assumidos a firma contratada realizava sua programação anual, evitando flutuações de demanda, comuns de ocorrerem no mercado interno.

Se essa estratégia significou, de um lado, obtenção de vantagens competitivas no sentido de utilização plena da capacidade instalada durante todo o ano, de outro lado esta opção significou um maior risco em situações de instabilidade econômica e de interferência do Estado na economia, o que afetou a saúde financeira da firma. Por exemplo, as medidas políticas tomadas pelo governo Fernando Henrique na implantação do Plano Real, através do deságio cambial, resultaram em dificuldades para as firmas que tinham firmado contratos anuais de exportação.

Os prejuízos e a descapitalização resultantes desses contratos de exportação afetados pela defasagem cambial culminaram com a desativação da industrial Madetorno em dezembro de 1995. A produção de móveis foi centralizada em outra firma do grupo, localizada em Flores da Cunha - RS, denominada móveis Toigo.

Diante dos riscos econômicos que a alteração da política cambial pode significar, a firma Móveis Toigo optou por voltar a atuar para o mercado interno, sem contudo abandonar as exportações.

O deságio cambial promovido no Plano Real, com a finalidade de estabilizar a economia, afetou de forma negativa as firmas que atuavam com contratos de exportação de médio e longo prazo. O que era uma segurança de utilização plena de capacidade instalada transformou-se em desvantagem econômica na medida em que os contratos tiveram que ser cumpridos, apesar do deságio cambial que alterou a relação na troca internacional.

No caso da Indústria Caxiense de Molduras, o que muda em relação aos outros dois exemplos acima é que o número de contratos realizados é superior e exclusivo com uma única firma por país. O fato desta firma ter iniciado precocemente as exportações em 1967, após dois anos de adaptações dos produtos às exigências do mercado americano, deu-lhe experiência e tradição, o que tem atuado como atestado de qualidade para avaliar novos contratos com outros países da Europa, Oriente Médio, América do Norte e América Latina. A exportação de produtos para mercados exigentes obrigou essa firma a acompanhar as inovações mantendo um padrão de qualidade internacional. O segmento se caracteriza pela presença de um número expressivo de firmas concorrentes de porte médio concentradas especialmente em Taiwan, na

Itália e na Bélgica, que são especializadas na produção de molduras em série.

No Brasil, as poucas firmas de porte médio estão mais voltadas para a produção artesanal, que se caracteriza pelo recobrimento das molduras de madeira através da colagem de folhas de metais não preciosos, o que exige trabalho intensivo e muita habilidade manual no processo. Novamente se observa que a competitividade está intimamente ligada à existência de matéria-prima<sup>231</sup> e mão-de-obra barata e qualificada.

Por fim, observa-se que a subcontratação industrial pode ocorrer esporadicamente também com as firmas grandes, do setor de autopeças. Na Fras-le, por exemplo, cerca de 10% do total dos produtos exportados saem da fábrica com a marca do cliente. Dentre esses clientes, a Fras-le produz para firmas concorrentes.

Por vezes, as firmas concorrentes do exterior defrontam-se com problemas na capacidade instalada para atender os seus clientes e optam por subcontratar outras firmas cujos produtos tenham qualidade comparável aos seus.

No caso das montadoras de veículos localizadas no Brasil, a Fras-

---

<sup>231</sup> - Neste caso a matéria-prima está representada por madeiras com fibras longas e moles como a virola, caroba, caxeta, dentre outras, encontradas especialmente no norte do país. Algumas destas, como a virola, estão incluída na relação das espécies ameaçadas de extinção.

le produz as lonas de freio e as pastilhas com a marca respectiva de cada uma delas. As autopeças são utilizadas, em parte, nos veículos novos e outra parte é repassada às revendas autorizadas como sendo "*originais*" de fábrica. As revendas autorizadas, por sua vez, possuem um contrato assinado com as montadoras, através do qual se obrigam a adquirir, no mínimo, 80% do total das peças comercializadas, cujos preços chegam a ser até três vezes superior ao estabelecido pelo fabricante<sup>232</sup>.

Apesar das autopeças "*originais*" e "*não-originais*" terem frequentemente a mesma origem e qualidade, o selo de "*originais de fábrica*" garante às montadoras lucros extraordinários pela prática de simplesmente repassá-las do fabricante ao revendedor autorizado.

A subcontratação entre firmas concorrentes no mercado interno também foi constatada no segmento de eletrodomésticos. Até setembro de 1994, boa parte da produção da Enxuta era absorvida pela Continental, de São Paulo. As lavalouças e lavaroupas Continental eram produzidas pela Enxuta com outra cor e acabamento e com a marca Continental. Para a Enxuta isso interessou porque permitiu ampliar a produção e transferir a responsabilidade das vendas e da assistência técnica para a concorrente.

---

<sup>232</sup> - Sobre o assunto ler FRIZZO, op. cit., p. 137-138.

## 2.1.6- A VALORIZAÇÃO DO SABER-FAZER TÉCNICO PELO CAPITAL

DRUCKER<sup>233</sup> defende a tese de que estamos atravessando um período de transição da Era do Capitalismo e da Nação-Estado para uma Sociedade Pós-Capitalista do Conhecimento e das Organizações.

Nesta nova sociedade as atividades centrais de criação de riquezas estariam cada vez menos representadas pela alocação de capital para usos produtivos e pelo emprego de mão-de-obra. Esses recursos tradicionais estariam, segundo ele, produzindo retornos cada vez menores.

Para DRUCKER<sup>234</sup> o valor passou a ser “*criado pela “produtividade” e pela “inovação” que são aplicações do conhecimento ao trabalho*”.

Neste sentido, somente uma teoria que coloque o *conhecimento* no centro da produção de riqueza poderá explicar as mudanças atuais na economia mundial, onde a posição dos países tem sido alterada em função, não da aplicação de recursos tradicionais, mas da aplicação do conhecimento no processo, produtos ou serviços em suas diferentes formas: aperfeiçoamento contínuo (no Japão designado de Kaizen);

---

<sup>233</sup> - DRUCKER, op. cit., p. XVI.

<sup>234</sup> - Ibid., p. XVI.

exploração permanente do conhecimento já sistematizado e na introdução de inovações.

ANTUNES<sup>235</sup> desenvolve a idéia sobre a importância do conhecimento no processo de acumulação do capital, afirmando que essa tendência já fora apontada por Marx em suas obras, porém discorda da tese de DRUCKER<sup>236</sup>, que considera que estamos atravessando um período de transição em direção a uma sociedade pós-capitalista e do conhecimento, onde o valor é criado pela produtividade. Para ANTUNES<sup>237</sup>, o que aparece atualmente como sendo o

*(...) pilar fundamental da produção e da riqueza não é nem o trabalho imediato executado pelo homem e nem o tempo que este trabalha, mas sim a apropriação de sua própria força produtiva geral, da sua compreensão da natureza e do seu domínio da mesma, graças à sua existência como indivíduo social.*

A produção capitalista, à medida que utiliza os poderes da ciência, da cooperação e do intercâmbio social para ampliar o processo de acumulação, tem diminuído o tempo de trabalho necessário, para aumentá-lo na forma de trabalho excedente.

No entanto, fica evidente para o autor que, enquanto perdurar o modo de produção capitalista, o trabalho continuará como fonte criadora de valor, apesar da mudança no interior do processo de trabalho, em

---

<sup>235</sup> - ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Editora da UNICAMP/São Paulo: Cortez, 1995, p. 48.

<sup>236</sup> - DRUCKER, op. cit., p. XVI.

<sup>237</sup> - ANTUNES, op. cit., p. 48.

decorrência do avanço científico e tecnológico que tem atribuído peso crescente à dimensão mais qualificada do trabalho.

KATZ<sup>238</sup>, avançando um pouco mais nesta linha de raciocínio, considera que a criação do valor continua, mais do que nunca, fundamentada na extração da mais-valia relativa, representada pelo maior número de máquinas que cada trabalhador atende, e pela multiplicidade de operações que realiza.

As mutações no trabalho resultam, portanto, numa maior apropriação do capital sobre o saber e o fazer do trabalhador, que passou a sofrer um maior desgaste físico-psíquico pela atenção que deve manter de forma permanente no controle de diversas máquinas ao mesmo tempo.

Portanto, a produtividade e as inovações não podem ser tomadas como formas de produzir valor, e sim como efeitos do processo de desenvolvimento do capitalismo, nas suas contradições internas, como a da concorrência intercapitalista. Neste sentido as idéias desenvolvidas por KATZ<sup>239</sup> apresentam-se como um referencial mais consistente para explicar o por quê da dinâmica capitalista. A busca de lucros extraordinários pela via da produtividade e das inovações dão um caráter dinâmico à economia pela alternância da posição das empresas no ranking dos melhores desempenhos econômicos.

---

<sup>238</sup> - KATZ, op. cit., p. 31.

<sup>239</sup> - Ibid.

Nesta ótica, a qualificação da força de trabalho coloca-se para os empresários como o grande desafio, na medida em que a maior parte desta, especialmente no Brasil, carece de uma formação adequada para acompanhar as rápidas mudanças em implantação na economia.

O operário padrão do modelo taylorista, treinado para executar mecanicamente a mesma tarefa de forma contínua, atualmente não responde mais às necessidades da produção flexível, com séries curtas, diferenciadas e com automação dos processos de trabalho.

A automação crescente da produção tem provocado mutações no mercado de trabalho através da redução quantitativa do número de empregos e alteração qualitativa da força de trabalho. A tarefa de preparar a força de trabalho para o mercado de trabalho tem sido tradicionalmente atribuição do Estado e da iniciativa privada, através do ensino formal ou técnico.

O problema fundamental é que o atual modelo de ensino está em crise por não conseguir acompanhar o ritmo das transformações, especialmente na economia. A escola continua formando o mesmo tipo de indivíduo “*domesticado*” de décadas atrás, quando as necessidades eram outras. A escola, enquanto aparelho ideológico do Estado, permanece autoritária, dogmática, onde a memória continua desempenhando um importante papel, em detrimento do desenvolvimento de habilidades mentais ligadas à criatividade. Por isso, empresários e

suas instituições de representação têm, cada vez mais, assumido a responsabilidade da educação e a da formação técnica dos seus trabalhadores.

No caso dos empresários de Caxias do Sul, alguns mais do que outros souberam, desde longa data, avaliar a importância da força de trabalho qualificada para o aumento da produtividade e para a introdução de inovações.

No início da industrialização local, os ofícios exercidos nas oficinas eram ensinados pelos próprios patrões, que eram também trabalhadores executando as mesmas tarefas junto com seus subordinados. À medida que as oficinas foram evoluindo para fábricas, os empresários passaram a transferir essa incumbência para os mestres de seção. A qualificação e a habilidade artesanal surgia da prática diária através da contínua repetição das tarefas.

Inicialmente as funções executivas e técnicas concentravam-se nas mãos de membros da família proprietária. Os primeiros empresários supriram a necessidade de habilitação ou aperfeiçoamento técnico através de viagens de estudo a países da Europa e envio dos filhos para estudar no exterior ou no centro do país.

Além dos filhos, os próprios empresários<sup>240</sup> realizavam freqüentes

---

<sup>240</sup> - Os nomes mais citados, no início da industrialização, são os de Abramo Eberle, Aristides Germani, Matteo Gianella, Guiuseppe, Evaristo De Antoni.

viagens ao exterior, onde visitavam empresas de ponta em seu segmento, para acompanhar de perto as inovações técnicas nos grandes centros.

A preocupação com a qualificação da força-de-trabalho já estava presente no início do século, quando um grupo de empresários e a Intendência Municipal conseguiram, junto ao Presidente do Estado, a criação, em 1916, da primeira escola técnica em Caxias do Sul.

Designada Escola Industrial Elementar, esta era mantida pelo Estado com a participação da Intendência Municipal. O curso técnico tinha por objetivo preparar trabalhadores qualificados para atuar nas indústrias metalúrgicas, tecelagem e eletrotécnicas, dentre as principais.

O curso era dirigido pela Escola de Engenharia de Porto Alegre e tinha a duração de 4 anos.<sup>241</sup> A preocupação com a educação e a formação da força de trabalho foi assumida por alguns empresários locais, dentre eles, Abramo Eberle, que criou em 1939 um curso noturno de alfabetização.<sup>242</sup> Os bons resultados obtidos pelo curso levaram seu filho José a ampliar o ensino para o 1º grau completo, com a inclusão de aulas de contabilidade, desenho técnico e artístico. A oportunidade de ensino era extensiva aos familiares e parentes dos empregados (quando existissem vagas). Ao longo das décadas os cursos foram sendo

---

<sup>241</sup> - RELATÓRIO DO INTENDENTE MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. Caxias do Sul, 1916. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. p. 17.

<sup>242</sup> - PESAVENTO, op. cit., p.186 - menciona que a Cantina Caxiense de Luís Antunes também mantinha uma escola anexa à empresa neste período.

ampliados e outros criados através de acordos com o SENAI e SESI.

No estudo de LAZZAROTTO<sup>243</sup> sobre a Metalúrgica Abramo Eberle, o autor constata que foi no final da década de 40 que ocorreram profundas transformações na composição da força de trabalho empregada nesta firma. O número de trabalhadores especialistas passou a aumentar, com a presença de desenhistas, químicos, engenheiros, eletricitas, dentre outros.

A qualificação da força de trabalho foi importante não só no aumento da produtividade<sup>244</sup>, mas especialmente como condição para viabilizar a produção de produtos mais complexos, como motores e máquinas, que exigiam profissionais com conhecimentos especializados.

A produção de motores, iniciada em 1939, e a fabricação de máquinas na década de 40 tiveram inicialmente o objetivo de atender as necessidades da própria indústria, devido às dificuldades de importação no período da Segunda Guerra Mundial. A produção de motores assumiu um caráter comercial e se transformou posteriormente no carro-chefe da firma.

A escassez de mão de obra qualificada em Caxias só foi amenizada

---

<sup>243</sup> - LAZZAROTTO, op. cit., p. 146.

<sup>244</sup> - No estudo de LAZZAROTTO, op. cit., p. 59, os dados mostram que o lucro líquido por operário cresceu de forma contínua durante a década de 50. Para o autor os dados mostram que a política da firma era a de investir na qualificação da força de trabalho barata, como estratégia para ampliar os lucros.

a partir da instalação, em 1944, do Centro de Formação Profissional SENAI- Nilo Peçanha.<sup>245</sup> O SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) introduziu vários cursos que beneficiaram especialmente as indústrias metalúrgicas e mecânicas responsáveis, na ocasião, pelo maior número de empregos<sup>246</sup> e já ocupando posição de destaque na economia local. Só a indústria vinícola e a indústria têxtil superavam este setor em termos de valor da produção.

Em relação aos cursos de formação de nível superior, ligados à economia, estes passaram a ser criados a partir do final da década de 50, com a instalação da Faculdade de Economia e a de Direito.

A partir de 1967 essas faculdades e outras mais antigas da área de humanas, mantidas por diferentes entidades ligadas à Prefeitura Municipal, Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima e Igreja, passaram a constituir a Universidade de Caxias do Sul. Posteriormente outras entidades, como a Câmara da Indústria e Comércio e o próprio Estado passaram a ter participação no Conselho Diretor, órgão máximo e com poderes de escolha dos reitores. As “*forças-vivas*”, representando os interesses da região, passaram a imprimir a essa instituição de ensino

---

<sup>245</sup> - O SENAI foi criado no país em 1942, com o objetivo de formar recursos humanos de alta qualificação e prestar assistência técnica e tecnológica à indústria brasileira. O SENAI é mantido pelo Sistema CNI (Conselho Nacional da Indústria), representante máximo do setor industrial no país.

<sup>246</sup> - O setor metalúrgico era responsável por 1119 empregos enquanto o da alimentação (incluindo o vinho), respondia por 886 empregos e o têxtil por 969 empregos (Estatística industrial do Rio Grande do Sul - IBGE, 1944).

superior uma orientação mais voltada para a área técnica, a fim de atender a demanda de mão-de-obra especializada dos diferentes segmentos da economia regional, onde ela exerce influência.

GRAMSCI<sup>247</sup> em sua obra - **Os Intelectuais e a Organização da Cultura** - desenvolve a idéia de que os empresários, enquanto grupo social, criam as condições favoráveis à expansão da própria classe, dentre elas a de produzir os trabalhadores de que necessita.

O esgotamento do modelo fordista e com ele o do trabalhador “amestrado” e a adoção do modelo toyotista, que necessita de trabalhadores com iniciativa, responsabilidade para operar dentro de uma base “coletiva”, exigiram esforços dos empresários para implementar as condições necessárias para promover essa mudança de cultura nas empresas.

Os treinamentos e cursos passaram a constituir-se em instrumentos eficazes, capazes de darem respostas imediatas às novas necessidades das empresas. A intensificação do processo de reciclagem e formação da força de trabalho ocorreu a partir de meados da década de 80, quando o modelo toyotista e de reengenharia e outras adaptações passaram a ser adotados nas empresas locais.

Com as intensas e rápidas alterações no perfil do trabalhador, necessárias para sustentar o atual modelo produtivo flexível, no qual

---

<sup>247</sup> - GRAMSCI, op. cit.

passou a ser exigido uma maior polivalência e conhecimento para operar concomitantemente várias máquinas computadorizadas, os empresários estão tendo que assumir a “*toque de caixa*” a formação e o treinamento dos trabalhadores.

Todas as firmas investigadas têm investido de forma crescente em cursos técnicos, em treinamentos, participação e sugestões para melhorar a qualidade e a produtividade. Alguns exemplos, embora com dados parciais, permitem avaliar a dimensão que está assumindo a preocupação com a qualificação dos trabalhadores.

A Marcopolo, a primeira empresa a adotar o modelo toyotista em Caxias, tem investido de forma permanente nos cursos e treinamentos não só para os trabalhadores da linha de produção, mas estendeu a medida para programas de formação de supervisores, chefias, gerentes e administradores, de acordo com as novas necessidades. A partir de 1991 a Marcopolo criou também uma escola de formação profissional, similar às escolas do SENAI, para atender as necessidades específicas da firma na formação de mecânicos e eletricitistas.

Os exemplos da TABELA 11, com dados parciais, dão-nos uma idéia da importância que está sendo atribuída à qualificação dos trabalhadores. Na Madzorzi, os cursos e os treinamentos assumiram uma importância tal, que a firma criou um setor específico com a função de montar cursos, responsável pelo treinamento de mais de 90% do total

de trabalhadores. Das empresas estudadas, todas têm garantido, no mínimo, 2% dos investimentos para a qualificação dos trabalhadores.

Boa parte das empresas como a Agrale, Randon, Fras-le, Robertshaw, Eberle, Enxuta, Marcopolo, dentre outras, têm investido também na participação dos funcionários nos grupos de melhoramento da qualidade e produtividade.

**TABELA 11 - Investimentos das firmas na qualificação dos trabalhadores**

FIRMA	ANO	INVESTIMENTOS EM US\$	Nº DE FUNCIONÁRIOS TREINADOS	HORAS	Nº DE EVENTOS
Marcopolo	1991	560.000	- x -	- x -	437
	1992	835.000	- x -	- x -	354
	1993	173.446	- x -	- x -	52
Randon	1994	800.000	3.377	55.923	- x -
Robertshaw	1993	500.000	- x -	- x -	- x -
Agrale	1993	- x -	4.537	36.756	397

Fonte: Entrevistas realizadas em 1994.

-x- dados não disponíveis.

No exemplo da Marcopolo, o número de participantes nos grupos de melhoria e o número de problemas solucionados estão assumindo uma expressão crescente.

**TABELA 12 - Grupo de sugestões para o melhoramento do ambiente Marcopolo (SUMAM)**

ANO	1988	1989	1990	1991	1992
nº grupos SUMAM	122	138	123	117	199
nº participantes	1.257	1.461	980	1.098	1.792
Problemas solucionados	2.977	2.767	2.785	8.278	10.574

Fonte: Marcopolo, 1993.

A formação e os treinamentos têm-se revelado para os empresários um importante instrumento na qualificação, socialização e controle da força de trabalho, através do desenvolvimento de uma nova cultura nas firmas.

O envolvimento dos trabalhadores em grupos de sugestões de melhoria da eficiência e do ambiente de trabalho, a cooperação, a produção autodeterminada têm contribuído para a formação de uma consciência autônoma e transformadora, levando ao que Gramsci denomina de reforma intelectual e moral das massas. Esta consiste na transformação e rearticulação dos elementos ideológicos já existentes.<sup>248</sup>

Para o capital, o conhecimento está se tornando cada vez mais em um dos elementos determinantes da competitividade. As novas exigências de desempenho do trabalhador no processo de trabalho requerem um ensino universal de alto nível, que forneça uma motivação permanente para aprendizagem e para a autodisciplina, ao mesmo tempo que desenvolva uma pauta de valores e um código de normas de atuação.

No discurso dos empresários, bem representado por MANDELLI<sup>249</sup>, a competitividade "*nasce dentro da fábrica*" e depende principalmente da qualificação da mão-de-obra. Embora reconheça que a competitividade tenha outros componentes, ele considera que os empresários só podem influir na competitividade dentro das fábricas pela via da formação e do treinamento da mão-de-obra como forma para promover ganhos na produtividade do trabalho.

---

<sup>248</sup> - GRAMSCI, op. cit., p. 9.

<sup>249</sup> - O economista MANDELLI foi o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) em 1987 e vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), além de empresário que preside o grupo DHB (SENAI. Álbum Comemorativo dos 50 anos. Porto Alegre: 1942-1992. p. 18).

Os empresários, conscientes da importância crescente do conhecimento para aumentar a competitividade e as inovações, passaram a participar mais ativamente da organização dos currículos de instituições como o SENAI.

O SENAI, no Estado, tem atuado em três grandes linhas: no desenvolvimento de habilidades básicas (cursos profissionalizantes); na reconversão profissional (requalificação da força de trabalho para as novas necessidades do capital) e, por fim, na área de absorção, disseminação e transformação de tecnologia de ponta (centros tecnológicos).

No contexto do Estado, a região de Caxias sempre foi privilegiada em termos de investimentos na construção de unidades do SENAI. Caxias do Sul foi a 3ª cidade do Estado a receber um centro de Formação Profissional (depois de Porto Alegre (1942) e Rio Grande (1943)). Em 1981 recebeu um segundo Centro de Formação Profissional e, em 1992, uma Agência de Treinamento (atualização e divulgação da importância da qualidade).

Mas o investimento mais importante em tecnologia está representado pela instalação, em 1992, do Centro Tecnológico de Mecatrônica - SENAI<sup>250</sup>, em Caxias do Sul.

---

<sup>250</sup> - O SENAI é mantido com recursos do tributo compulsório de 1% sobre a folha de pagamento das firmas. O mentor da obra foi Luiz Carlos Mandelli, na época presidente da FIERGS. A partir de viagem aos países do Extremo Oriente pode

A crescente fusão da mecânica com a eletrônica nos processos Industriais, o novo padrão da concorrência intercapitalista (ritmo crescente das inovações) tem mudado de forma radical o perfil da força de trabalho necessária no processo de trabalho.

A escolha de Caxias do Sul para a localização do Centro Tecnológico de Mecatrônica do SENAI está relacionada com a concentração de indústrias modernas ligadas ao pólo metal-mecânico e à crescente expressão econômica que estas estão assumindo no Estado e no país. Outra razão está ligada à localização privilegiada da cidade em relação aos países do Mercosul, com os quais pretende manter intercâmbio (cursos e estágios nas empresas desses países).

Esse centro tecnológico é considerado o único do mundo nesta modalidade e a unidade mais moderna do SENAI no Brasil. Na sua construção foram investidos 7,6 milhões de US\$.<sup>251</sup> O Centro Tecnológico de mecatrônica foi criado para formar profissionais de alto nível ligados à automação industrial e a disseminação de tecnologias novas na automação do setor industrial.

Montado com tecnologia de países do primeiro mundo, este centro tecnológico tem também como objetivo a reconversão de profissionais, direcionando-os para atender as necessidades tecnológicas da indústria

---

constatar o relativo atraso do setor industrial no país e a necessidade de modernização para melhorar a competitividade das firmas.

<sup>251</sup> - JORNAL PIONEIRO. Caxias do Sul, 23 e 24 abr. 1994.

metal-mecânica e do setor de máquinas-ferramentas controladas numericamente, desenho e manufatura integrada por computador e, principalmente, dar apoio científico e tecnológico à comunidade industrial do Rio Grande do Sul para o desenvolvimento e utilização de modernos métodos de produção.<sup>252</sup> (ver FIGURAS 12 e 13).



FIGURA 12 - Caxias do Sul: Centro tecnológico de mecatrônica do SENAI.  
Fonte: Material de divulgação do SENAI.

---

<sup>252</sup> - Informativo de divulgação do Centro Tecnológico de Mecatrônica SENAI de Caxias do Sul, 1994.



FIGURA 13 - Centro tecnológico de mecatrônica do SENAI: A tendência mostra que a seleção da força de trabalho deve ser cada vez mais rigorosa em termos de exigir “*trabalhadores do conhecimento*”, capazes de planejar e controlar a produção em linhas sempre mais dinâmicas, melhorando a qualidade e a produtividade pela automação.  
Fonte: Material de divulgação do SENAI.

A atuação do centro tecnológico buscará antever tendências mundiais e preparar os técnicos para estimular a modernização do processo de trabalho nas indústrias da região, do país e com capacidade para atender toda a América Latina.

A fábrica do futuro será composta por máquinas e poucos operadores altamente qualificados para operá-las e mantê-las. A tendência mostra que a seleção da força de trabalho deve ser cada vez mais rigorosa em termos de exigir “*trabalhadores do conhecimento*”,

capazes de planejar e controlar a produção em linhas sempre mais dinâmicas, melhorando a qualidade e a produtividade pela automação.

O problema fundamental para o capital é o produtivo, daí a importância crescente em investir no potencial humano, porque as máquinas são apenas equipamentos não inteligentes. Só o ser humano tem um potencial virtual que, se desenvolvido e bem explorado, poderá criar novos métodos de superação crescente da produtividade no processo de trabalho.

A valorização do saber-fazer técnico está se tornando indispensável no incremento da produtividade e da qualidade, na disputa acirrada entre capitalistas pela conquista de novos nichos de mercado.

Devido a essas rápidas mudanças nas condições de reprodução do capital a classe empresarial, em sintonia com instituições de representação de seus interesses, tem-se incumbido, cada vez mais, de formar e qualificar os trabalhadores de que precisa para competir nesse mercado unificado, onde só as firmas mais eficientes conseguem sobreviver.

De um lado, o aumento crescente do capital constante em relação ao capital variável tem reduzido, de forma crescente, o número de empregos, através da extinção de funções; de outro lado, o incremento do trabalho intelectualizado ou qualificado tem intensificado a

fragmentação e heterogeneidade das classes trabalhadoras, fortalecendo o poder de controle do capital sobre elas.

## **2.1.7 - A DOMINAÇÃO HISTÓRICA DO CAPITAL SOBRE O TRABALHO E AS INSTITUIÇÕES CIVIS**

### **2.1.7.1 - Ideologia e fraqueza sindical**

Apesar da precariedade de dados e informações sobre a organização dos trabalhadores e das suas conquistas ao longo do tempo, as limitadas alusões presentes em LAZZAROTTO<sup>253</sup> e GIRON<sup>254</sup> sobre os conflitos entre capital e trabalho não deixam dúvidas de que a organização operária sempre teve dificuldades para se afirmar ou mesmo para neutralizar a organização dos empresários caxienses.

Enquanto em 1901 surgia a primeira entidade de congregação dos interesses da classe dominante local, a Associação Comercial de Caxias, a primeira entidade de trabalhadores só surgiu em 1929, a partir da chegada de operários tanoeiros portugueses, trazidos pelos empresários

---

<sup>253</sup> - LAZZAROTTO, op. cit.

<sup>254</sup> - GIRON, op. cit. P. 41.

das firmas vinícolas locais para atuarem na produção de barris.<sup>255</sup>

A organização da união dos tanoeiros constituiu-se na base para o surgimento, em 1931, da União Operária. A entidade reunia trabalhadores das indústrias de bebidas, da tecelagem, de metalúrgicas, da madeira, entre outras e foi responsável pela deflagração das primeiras greves registradas na região colonial.

No governo de Getúlio Vargas, as Uniões Operárias assumiram a forma de sindicatos de classe.

Enquanto no Estado do Rio Grande do Sul e no país<sup>256</sup> as agitações e greves entre trabalhadores de diferentes segmentos foram significativas nas três primeiras décadas deste século, na cidade de Caxias do Sul e região não se tem registros sobre movimentos organizados reivindicando salários ou melhorias das condições de trabalho.

As privações a que estiveram submetidos os imigrantes italianos no seu país de origem; as condições difíceis que tiveram que enfrentar no início da implantação dos núcleos de colonização italiana e,

---

<sup>255</sup> - Ibid., p. 41.

<sup>256</sup> - GENRO, Tarso Fernando. Tradição jurídica e relações políticas: um estudo introdutório. In: **RS: cultura & ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 111. - cita que a primeira greve em Porto Alegre ocorreu em 1906. A greve foi lançada pelos motoristas e teve a adesão de pedreiros, dos têxteis, dos alfaiates, carroceiros e dos marceneiros, dentre outros setores. A greve teve a duração de 12 dias e teve por objetivo a redução da jornada de trabalho para 8 horas. Outras greves se sucederam na capital e interior com sua intensificação em 1917, 1918 e em 1920. Em 1920 realizou-se o Congresso operário Regional do Rio Grande do Sul. A nível de Brasil o movimento ganhou expressão na década de 20, quando ocorreu uma fase de elevação geral do custo de vida, associada a um baixo nível salarial.

especialmente o fato de assumirem a condição de pequenos proprietários, contribuíram para a formação de uma da atitude de sobrevalorizar o trabalho e a propriedade privada. O trabalho passou a ser considerado a principal forma de acumular bens e garantir um futuro melhor. Com isto se fortaleceu a idéia que o homem bem sucedido é aquele que produz riquezas e que esta só é conseguida pelo trabalho incessante.

Diferentemente do que ocorria no país, os núcleos de colonização constituíram-se em espaços livres de entraves materiais e ideológicos. Enquanto no país dominava o latifúndio e a mentalidade de repulsa pelo trabalho, considerado como sendo atribuição de escravos, nas áreas de colonização do sul do país estabelecia-se a pequena propriedade privada, fundamentada na policultura e no trabalho familiar. Com isso, os núcleos coloniais puderam responder prontamente às novas necessidades estabelecidas pelas transformações econômicas e sociais em processo no país a partir das mudanças nas relações de produção, com a abolição definitiva do trabalho escravo.

O sistema de colonização, estruturado com base na pequena produção mercantil, estimulou a atitude individualista e de competição entre pequenos empreendimentos e desenvolveu uma mentalidade capitalista de valorização da propriedade privada e do trabalho. Exemplos de empreendimentos bem sucedidos fortaleceram a ideologia

do enriquecimento pelo trabalho e acalentaram o sonho de muitos trabalhadores de se tornarem proprietários das suas próprias condições de vida.

De modo geral, os operários do início do século foram antigos colonos ou seus filhos, habituados ao trabalho intenso e disciplinado e tendo habilidades desenvolvidas para executar diferentes atividades. A forma de organização da propriedade rural, onde coexistiam a atividade agropecuária e a de transformação artesanal dos produtos, desenvolveu no homem do interior a capacidade para se adaptar a diferentes tarefas no processo de produção nas indústrias.

O elevado índice de crescimento da população, a impossibilidade dessa força de trabalho ser absorvida na totalidade nos minifúndios, situação agravada pelo processo de proletarização do colono, a partir da década de 30, quando da sua transformação em produtor “*puro*”, provocaram um intenso êxodo rural.

Essa população excedente do interior, dotada de um sistema de idéias e atitudes progressistas e conservadoras, constituiu-se a matriz da classe operária.

Por outro lado, os pequenos proprietários rurais, os pequenos comerciantes, artesãos e empresários da sede e interior assumiram inicialmente uma certa igualdade econômica e social de identificação

nas decisões e na posição conservadora, constituindo-se no embrião de uma classe média em formação. De acordo com HARNECKER<sup>257</sup>

*as ideologias não são representações objetivas, científicas do mundo, mas representações cheias de elementos imaginários; mais do que descrever uma realidade, expressam desejos, esperanças, nostalgias. As ideologias podem conter elementos de conhecimento, porém nelas predominam os elementos que tem uma função de adaptação à realidade. Os homens vivem suas relações com o mundo dentro da ideologia. É ela que transforma sua consciência e suas atitudes e comportamentos para amolda-las as suas tarefas e as suas condições de existência.*

O valor do trabalho como força de ascensão social revelou, desde o início, a forte presença da ideologia do capitalismo, e teve reflexos inclusive sobre a educação dos filhos de imigrantes. Boa parte deles considerava mais importante o trabalho que o ensino. Isso explica o elevado índice de analfabetos entre os descendentes dos primeiros imigrantes.

Casos de imigrantes bem sucedidos que se transformaram em grandes empresários, como Abramo Eberle, Angelo De Carli, Bortolo Triches, Matteo Gianela, De Antoni, Randon, Stédille, dentre outros, foram tomados como exemplos para difundir na região a ideologia do enriquecimento pelo trabalho, mascarando a relação de exploração do trabalho pelo capital através da extração da mais-valia.

A materialização dessa ideologia encontra seu melhor exemplo na reprodução do primitivo estabelecimento da funilaria Abramo Eberle,

---

<sup>257</sup> - HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementais do materialismo Histórico. São Paulo: Global, 1983. p.100.**

construído no alto do edifício sede, no centro da cidade de Caxias do Sul. A velha casa de madeira é hoje ostentada como o símbolo da evolução do artesanato à fábrica e da dedicação ao trabalho como forma de ascensão econômica e social (ver FIGURA 14).

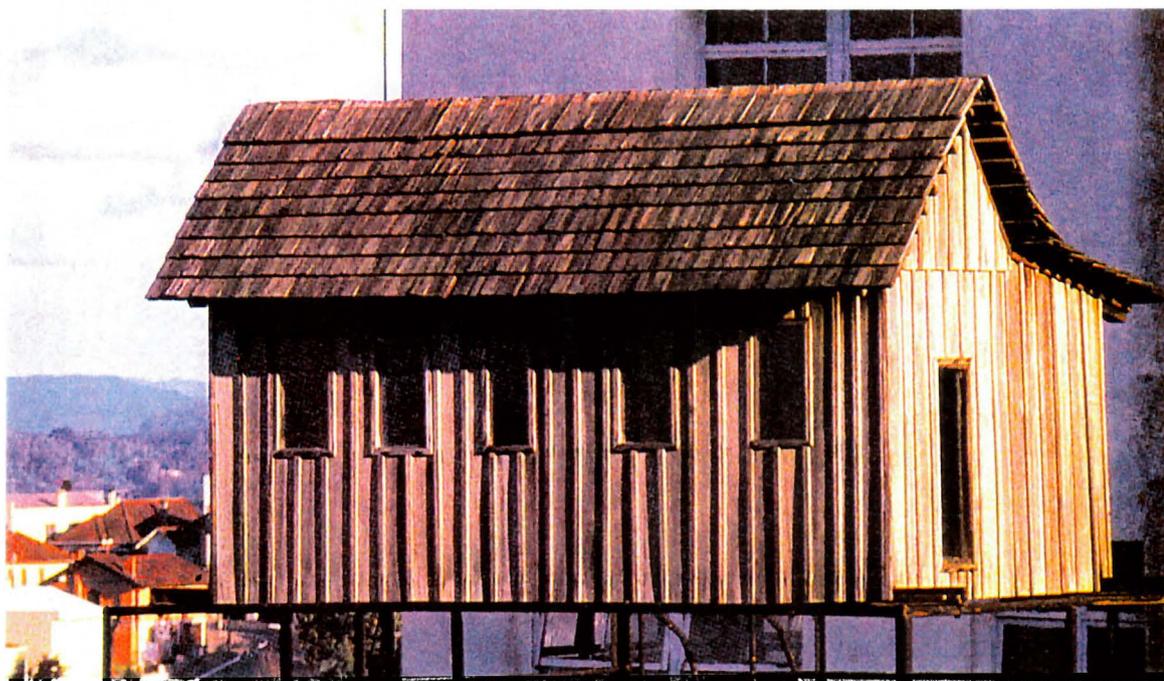


FIGURA 14 - Réplica da Abramo Eberle, localizada no alto do edifício sede, centro de Caxias do Sul.  
Fonte: Material de divulgação da empresa.

Abramo Eberle, além de um bem sucedido empresário, foi também um defensor e divulgador da ideologia do capitalismo, fundamentada no valor do trabalho como força de ascensão social. Ele próprio acabou sendo engolido pela necessidade de viver o mito que se formou em torno do seu talento como empresário, ao atribuir a si mesmo as glórias do

sucesso atingido pela firma.

Para MARX<sup>258</sup>, a percepção que os agentes da produção (capitalistas e operários) têm do processo econômico é deformada e falseada. Essa deformação da realidade não está necessariamente ligada ao interesse de enganar da classe dominante, e sim vincula-se, de acordo com HARNECKER<sup>259</sup>, *“com a opacidade das realidades sociais, que são estruturas complexas que só podem chegar a ser conhecidas mediante uma análise científica dessas estruturas”*.

A ideologia burguesa, difundida através de seus intelectuais, faz com que os homens creiam que são desiguais por natureza, mas que a vida social, ao permitir a todos o direito de trabalhar, proporciona a todos chances iguais de melhorar, *“ocultando que os assalariados não são senhores de seu trabalho e que, portanto, suas “chances de melhorar” não dependem deles, mas de quem possui os meios e condições de trabalho.”*<sup>260</sup>

LAZZAROTTO<sup>261</sup> teve o mérito de traçar a trajetória da acumulação de capital na Eberle e de resgatar o papel da classe operária nesse processo. Ao estudar as relações sociais que se estabeleceram nas

---

<sup>258</sup> - MARX, op. cit.

<sup>259</sup> - HARNECKER, op. cit., p. 106.

<sup>260</sup> - CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 79.

<sup>261</sup> - LAZZAROTTO, op. cit. p. 90.

primeiras décadas da metalúrgica Eberle, ficou evidente a super-exploração a que estava submetida a força de trabalho, através de diferentes modalidades de contratos ou de acordos informais (trabalhadores tarefeiros). Dentre as formas de contrato, a Eberle adotava o sistema de aprendiz-operário, que lembra o sistema das corporações da Idade Média. Nesse sistema os pais confiavam os filhos menores aos cuidados do empresário para aprenderem a profissão de funileiro ou de ourives. Os menores, em troca, trabalhavam de dois a três anos sem remuneração, recebendo apenas alimentação e moradia.

Abramo Eberle, ao admitir que os aprendizes comessem na sua mesa e dormissem na sua casa, estabelecia com eles uma forte relação paternalista e de obediência às ordens e normas que estabelecia. Em entrevista a um jornal da capital ele reafirma sua posição paternalista ao dizer:

*De minha parte fui sempre de grande parcialidade para com meus auxiliares de trabalho. Procurei sempre dar-lhes um rendimento proporcional ao trabalho de cada um. E fui compreendido por todos, que souberam corresponder aos meus esforços e cooperar comigo no desenvolvimento dos negócios. Sempre tive em mente dar aos meus empregados o maior conforto possível na vida. Eu compreendia e assim penso até hoje que o operário, para produzir satisfatoriamente, precisava de conforto doméstico e de uma vida em família perfeitamente regrada.<sup>262</sup>*

A relação paternalista estabelecida com seus subordinados teve o efeito de ocultar as relações de classe, especialmente nas primeiras décadas, quando a maior parte dos operários e empregados eram pessoas

---

<sup>262</sup> - PESAVENTO, op. cit., p. 214.

conhecidas ou vizinhos do empresário.

Apesar dos baixos salários pagos, a firma oferecia aos empregados a possibilidade de estudo, assistência social, promoções internas, dentre outras vantagens. O fato de ser uma grande empresa na região e a prática de pagar pontualmente os salários criou uma imagem positiva da mesma na comunidade. Trabalhar na metalúrgica Eberle era “*status*” e a disputa por uma vaga, a garantia para a empresa da aceitação das normas estabelecidas por ela.

O empresário, ao proporcionar aos operários a possibilidade de estudar, não só qualificava a mão-de-obra e aumentava a produtividade, como dispensava a custosa prática de contratar os operários estrangeiros qualificados.

A relação paternalista entre patrão e operários, através da relação de convivência sob o mesmo teto, também se desenvolveu em outras firmas locais. No Lanifício Matteo Gianella os cerca de 20 a 25 operários da firma eram seus “*pensionistas*”. Residiam junto à firma, onde tinham seus quartos, e realizavam refeições com a família do empresário. A esposa do empresário era responsável pelas tarefas da casa e pela lavagem da roupa dos operários. Estes trabalhavam em média 10 horas por dia, inclusive aos sábados, e quando necessário trabalhavam em horários extras para atender os pedidos urgentes. A localização da fábrica nos arrabaldes da cidade e o fato da mão-de-obra ser proveniente

das colônias da região explica a necessidade dos patrões de garantir moradia e a alimentação para os seus operários.<sup>263</sup>

A firma de trilhadeiras Evaristo De Antoni também funcionava no mesmo esquema de “*pensão*”, para seus operários.<sup>264</sup> Embora não se tenha estudos realizados sobre outras fábricas mais antigas, certamente a mecânica de Bortolo Triches, o moinho Germani e outras firmas, localizadas nos arrabaldes da cidade de Caxias, devem ter adotado a mesma prática de garantir alimentação e moradia para seus operários, devido às dificuldades de locomoção existentes no início do século e à necessidade das fábricas localizarem-se junto às quedas de água para garantir energia para funcionamento das máquinas.

Já outras firmas, como o Lanifício São Pedro, em Gallópolis, e o Frigorífico Rizzo adotaram o esquema de construir vilas operárias para seus operários e técnicos. São essas vilas operárias que estão na origem dos atuais bairros de Galópolis e Desvio Rizzo.

Outras fábricas, localizadas na área urbana, não tiveram a preocupação de fornecer alimentação e moradia para seus operários, que na ausência de um transporte urbano realizavam o trajeto da casa à fábrica a pé.

---

<sup>263</sup> - Depoimento transcrito: GIANELLA, Doviglio. A industrialização de Caxias do Sul. Banco de Memória - Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 23 nov. 1995.

<sup>264</sup> - Depoimento transcrito: DE ANTONI. Aldo. A industrialização de caxias do Sul. Banco de Memória - Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 23 nov. 1995.

### 2.1.7.2 - A Organização Sindical dos Trabalhadores Caxienses

Como já vimos no capítulo anterior, o modelo de gestão Abramo Eberle assumiu características particulares, e pelo sucesso obtido teve reflexos na organização de muitas outras firmas, que surgiram a partir de antigos funcionários ou de empresários que a tomaram como exemplo. Portanto, a nível de fábrica, a afirmação de boa parte dos empresários sobre os operários se deu através de mecanismos de cooptação e consenso no desenvolvimento de relações diretas e paternalistas, associadas a um modelo de gestão por engajamento estimulado. Este era obtido pela possibilidade real de ascensão profissional (via qualificação profissional), estabilidade no emprego e melhoria de salários aos que se destacassem no conjunto.

Portanto, o que explica a ausência de greves locais nas primeiras décadas deste século e a relativa fraqueza do movimento sindical é um conjunto de condições localizadas que deram ao lugar e região uma especificidade própria e extremamente favorável ao desenvolvimento das relações capitalistas de produção.

Como já vimos anteriormente, o movimento sindicalista iniciou-se em Caxias em 1931, com a constituição da União Operária, o que coincidiu com a promulgação, por Getúlio Vargas, do primeiro Decreto

Lei (nº 19770/31) regulamentando a organização sindical.

Até então, a organização da classe operária e as greves eram consideradas, pela burguesia, como sendo um caso de polícia.

Segundo depoimentos de Ernesto Bernardi<sup>265</sup>, importante líder sindical que atuou desde o final da década de 30 em Caxias, na organização dos sindicatos dos trabalhadores havia muitas dificuldades para conseguir realizar reuniões para orientar e esclarecer os trabalhadores sobre o que era movimento sindical.

De acordo com BERNARDI<sup>266</sup>, as primeiras tentativas de organização dos trabalhadores ocorreram antes da década de 30, através da realização de reuniões clandestinas no Parque da Imprensa, as quais eram lideradas por Evangelista Costa Pires, Tomás Ferreira de Almeida, Angenor da Silva, dentre outros nomes não lembrados por Bernardi no depoimento. O objetivo das reuniões era o de traçar estratégias para organizar os trabalhadores em uma entidade única, denominada União Sindicalista.

O governo Vargas, para enfrentar os graves conflitos sociais, existentes especialmente nos grandes centros urbanos, lançou em 1931 as bases para a construção de um modelo sindical de massas e subordinado

---

<sup>265</sup> - Depoimento transcrito: BERNARDI, Ernesto. A industrialização de caxias do Sul. Banco de Memória - Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 1992.

<sup>266</sup> - BERNARDI, *ibid.*

ao Estado, o qual teve, de acordo com CANÊDO<sup>267</sup>, a intenção não confessada de desmobilizar as lutas operárias, que pipocavam pelo país.

O Estado, numa atitude autoritária, assumiu a tutela das relações entre trabalho e capital, através de legislação, outorgando o monopólio da representação profissional aos sindicatos (dos trabalhadores e patronais), ao mesmo tempo que disciplinou essas organizações, estabelecendo normas para a resolução dos conflitos entre esses atores.

Neste sentido, o movimento sindical oficial surgiu de cima para baixo, com a finalidade de disciplinar as relações sociais e estimular a cooperação entre trabalhador e patrão, a fim de viabilizar o projeto político de Vargas de modernizar a economia brasileira.

Após a promulgação do Decreto-Lei regulamentando a atuação dos sindicatos, várias organizações operárias foram criadas em Caxias. A organização dos sindicatos por categoria profissional ocorreu no mesmo período em que um grupo de pessoas, dentre as quais os líderes sindicais, se reuniam clandestinamente para estudar os textos de Marx, Lenin e Engels. Dessas reuniões, ocorridas no início da década de 30, teve origem a organização clandestina do Partido Comunista em Caxias. A atuação do Partido Comunista foi legalizada em 1945 e colocada novamente na ilegalidade em 1947.

---

<sup>267</sup> - CANÊDO, Leticia Bicalho. **A classe operária vai ao sindicato**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991. p. 45. (Coleção Repensando a História).

Sem se identificarem como membros do Partido Comunista, os primeiros líderes sindicais atuaram via sindicatos, no esclarecimento dos trabalhadores e na liderança dos movimentos de reivindicações<sup>268</sup>.

Ao que tudo indica, o movimento sindical dos trabalhadores surgiu vinculado a esse grupo político e não por ação autônoma ou esforços dos próprios trabalhadores, em conflito com patrões e Estado.

Na década de 40 o próprio Ernesto Bernardi foi um exemplo da ligação do partido comunista com a criação dos primeiros sindicatos. Militante deste partido, ele teve uma importante participação não só como sindicalista, atuando na criação de diversos sindicatos e na diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Vinho, Cerveja e Bebidas em geral (em 1953), mas também como um dos fundadores e diretores do único jornal de esquerda que circulou em Caxias no período de 1945 a 1954, designado de "*A Voz do Povo*".<sup>269</sup>

Além dele, outros líderes sindicais também eram membros do Partido Comunista, mas devido às perseguições sofridas por seus integrantes, estes exerciam suas atividades na clandestinidade.

De acordo com o depoimento de BERNARDI<sup>270</sup>, o Partido

---

<sup>268</sup> - Depoimento transcrito: BERNARDI, Ernesto. A industrialização de caxias do Sul. Banco de Memória - Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 1992.

<sup>269</sup> - MUSEU MUNICIPAL E ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. *História da Imprensa em Caxias do Sul*. Caxias do Sul: Pioneiro, 1988.

<sup>270</sup> - BERNARDI, op. cit.

Comunista nunca teve influência maior junto aos trabalhadores, embora tenha sido a organização que assumiu as suas lutas e reivindicações por melhores salários. Ele afirma não ter ocorrido nenhuma greve política na cidade e nem mesmo as de apoio a outras categorias, em greve por melhores salários.

O referido líder sindical relata, ainda, que os trabalhadores tinham medo de participar do Partido Comunista porque a reação da sociedade e especialmente da Igreja era violenta e a perseguição aos comunistas aberta, com casos de prisões de seus líderes, a exemplo do que ocorreu com Tomaz Ferreira de Almeida em 1935, Percy de Abreu Lima, Bruno Segalla e Ernesto Bernardi, dentre outros, em 1964.<sup>271</sup>

A forte influência da igreja católica e a mentalidade conservadora e individualista dos imigrantes italianos e de seus descendentes sempre foi um ponto a favor do capital. Tanto isto é verdade que se observarmos o sobrenome dos líderes sindicais, a maioria deles não tem sobrenome italiano. Para Bernardi, a categoria mais combativa dos trabalhadores foi a dos tanoeiros, em sua maioria de origem portuguesa e com tradição em movimentos operários.

As organizações sindicais de Caxias já surgiram como órgãos

---

<sup>271</sup> - Bernardi revelou no referido depoimento que quando o Partido Comunista foi, em 1947, colocado na ilegalidade, o arquivo contendo as fichas dos filiados não foi queimada segundo algumas versões, mas sim escondido das autoridades por ele, para não prejudicar os integrantes do partido. O fichário ficou em seu poder, porém alegou na ocasião não lembrar onde o escondeu. (BERNARDI, op. cit.).

oficiais de representação dos trabalhadores junto à classe patronal e órgãos públicos criados pelo Estado para resolver os conflitos sociais (órgãos da Justiça do Trabalho).

O fato da Lei reconhecer os sindicatos como sendo órgãos oficiais de representação de todos os trabalhadores de uma categoria, independente de serem ou não a ele filiados, e a criação do imposto sindical compulsório para todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, resultou no acomodamento tanto dos trabalhadores como dos dirigentes sindicais.

A garantia, por lei, de que as questões trabalhistas serão negociadas pelos dirigentes sindicais e o de desconto compulsório de um dia de trabalho por ano de cada trabalhador para manter a organização sindical acabaram desvirtuando a função sindical. Esta passou a assumir um caráter mais burocrático e assistencialista, muito diferente do modelo combativo e democrático que vigorava no início do século.

Com a cobrança do imposto sindical, as organizações sindicais passaram a receber um significativo volume de recursos financeiros, os quais passaram a ser aplicados na sustentação da estrutura de representação sindical e na assistência médica, dentária, jurídica, ensino, etc.

A crescente complexidade administrativa assumida pelos

sindicatos, a partir da contratação de advogados, economistas e outros especialistas que utilizam um vocabulário cada vez mais complexo nas reuniões e negociações, tem afastado os trabalhadores da vida sindical ativa.

Em entrevista com vários dirigentes sindicais, estes foram unânimes em afirmar que as entidades não dispõem de nenhum sistema formalizado de estatísticas econômicas e sociais. Dentre estes, apenas o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos está atualmente organizando um banco de dados e promovendo alguns estudos para conhecer melhor a realidade do setor que representa.<sup>272</sup> A maior preocupação atual dos dirigentes sindicais está relacionada com a crescente redução no número de trabalhadores filiados aos sindicatos. Segundo eles, em décadas passadas, a adesão às organizações sindicais chegou a atingir mais de 50% em algumas categorias mais atuantes. Hoje esse índice não chega a 30% para a maior parte deles, como pode ser observado nos exemplos abaixo.

**TABELA 13 - Trabalhadores associados aos sindicatos em 1996**

SINDICATO DOS TRABALHADORES	Nº DE TRABALHADORES QUE PAGAM IMPOSTO SINDICAL	Nº DE FILIADOS	% SOBRE O TOTAL
Metalúrgicos de Caxias do Sul	30.000	10.000	33%
Indústria de Fiação e Tecelagem	3.300	720	22%
Indústrias Gráficas de Caxias do Sul	1.300	280	21,5%

Fonte: Entrevista com dirigentes sindicais realizadas em 1996.

<sup>272</sup> - O Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul contratou a Universidade de Caxias do Sul para realizar um estudo sobre a estrutura ocupacional do setor metal-mecânico de Caxias do Sul, no período de 1989 a 1995. A divulgação dos resultados foi feita em março de 1996.

A explicação para essa “*crise*” nos sindicatos está ligada, segundo seus dirigentes, à utilização do trabalho temporário, alta rotatividade da mão-de-obra, redução no número de postos de trabalho, dentre outras.

Com o programa de abertura econômica veio a necessidade do setor industrial se modernizar para enfrentar a concorrência sempre crescente entre empresas no mercado mundial, o que tem elevado o índice de desemprego com a desregulamentação e flexibilização das relações de trabalho.

A revolução tecnológica promovida nas indústrias pela automação, robótica e aplicação da micro-eletrônica, conjuntamente com novos padrões de organização no processo produtivo, a partir da adoção da reengenharia, toyotismo e outros modelos híbridos, tem resultado no aumento da produtividade e na conseqüente eliminação de significativa parcela de postos de trabalho na indústria (desemprego estrutural) e na crescente subproletarização dos trabalhadores através do trabalho temporário sem carteira assinada, em muitos casos.

Pelos dados da TABELA 14 constata-se que o número de pessoas ocupadas no setor industrial cresceu em Caxias do Sul até o ano de 1989, quando atingiu o número máximo de 56.500 empregos.

A partir de 1990, com a implantação do Plano Collor a recessão, associada à intensificação da concorrência dos produtos estrangeiros,

desencadeou o processo de desemprego na indústria, especialmente em Caxias do Sul, que tem a sua economia fundamentada no setor industrial.

Em 1996, a redução no número de pessoas empregadas no setor industrial atingiu o índice de 16,4% em relação a 1989, último ano em que os dados do IBGE mostraram um crescimento positivo no número de empregos no país e em Caxias do Sul.

**TABELA 14 - Participação do setor industrial no emprego em Caxias do Sul - 1980 a 1996**

ANO	TOTAL DE EMPREGOS	PESSOAL OCUPADO NA INDÚSTRIA		FONTES E OBSERVAÇÕES
		VALOR ABSOLUTO	%	
1996	95.156	47.261	49,7	Dados de agosto, CIC
1995	96.964	48.690	50,3	Ministério do Trabalho/ CIC
1994	96.357	50.113	52,0	Ministério do Trabalho/ CIC
1993	88.100	(x)		FIBGE
1992	87.000	46.318	53,2	Ministério do Trabalho/ CIC
1991	77.500	(x)		FIBGE
1990	93.309	52.546	56,3	Ministério do Trabalho/ CIC
1989	93.000	56.500	61,0	FIBGE
1985	63.100	44.634	71,0	Censo Econômico do FIBGE
1980	60.962	45.048	73,9	Censo Econômico do FIBGE

Elaborada pela autora.

De 1989 a 1996 a redução no número de postos de serviço na indústria local foi de 9.239, com indícios de que em 1996 este número permanecerá decrescente, à medida que as demissões continuam acontecendo em vários setores. O setor que mais tem demitido funcionários tem sido o da fiação e tecelagem, onde o desemprego atingiu a cerca de 60% da categoria na região nos anos de 1994 e 1995. O quadro se torna mais grave quando consideramos os casos de falência e desativação de firmas. Neste último caso temos os exemplo da

cervejaria Antártica (antiga cervejaria Leonardelli) e da Industrial Madetorno, que juntas foram responsáveis pela eliminação de mais de 400 postos de serviço.

Diante desse quadro os sindicalistas têm assumido, cada vez mais, uma posição defensiva e voltada para garantir as conquistas trabalhistas e a preservação do emprego, principal garantia de sobrevivência da classe operária. A prática que tem predominado entre as lideranças sindicais é a de buscar assumir uma posição moderada nas negociações. Como saída para conter o desemprego, criar novos postos de trabalho e aquecer a economia, o sindicato dos metalúrgicos está propondo a redução da jornada de trabalho, das atuais 44 horas para 40 horas semanais, sem a redução dos salários.

De acordo com Jorge Rodrigues, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos *“Por enquanto, os empresários só entendem a redução da jornada de trabalho atrelada à redução dos salários, o que não resolve o problema de ninguém”*.<sup>273</sup>

As causas do desemprego na indústria têm sido atribuídas à modernização e à liberalização das importações; o que tem provocado a invasão de produtos importados no mercado interno, com a desindustrialização em alguns setores mais defasados tecnologicamente.

O desemprego não só tem reduzido o índice de filiação aos

---

<sup>273</sup> - Ibid., p. 9.

sindicatos como tem levado à perda de sua combatividade. O medo dos trabalhadores de perderem o emprego tem sido maior que o medo de perder no salário. Como resultado os trabalhadores têm-se acomodado e os sindicatos estão na retranca.

Além disto, os empresários têm adotado um novo modelo de relação com seus operários, envolvendo-os de forma participativa no processo de tomada de decisões e criando condições para que se aperfeiçoem profissionalmente, através de cursos e treinamentos. Com essas mudanças nas relações entre capital e trabalho, a consciência de classe dos trabalhadores ficou ofuscada pela atenção que estes passaram a receber como “*co-responsáveis pelos negócios*”.

Os sindicatos, na medida em que não têm uma proposta definida para intervir no processo de reestruturação das empresas, estão cada vez mais perdendo o seu poder político na sociedade.

Apesar do salário mínimo no Brasil ser um dos mais baixos do mundo e o menor entre os países integrantes do Mercosul, as lideranças sindicais têm priorizado a questão de defender a garantia de emprego, colocando em segundo plano as reivindicações econômicas.

Esse é o preço pago pela sociedade moderna para que as firmas acompanhem a lógica perversa da “*produtividade*” e sobrevivam neste mercado globalizado, cujas regras são ditadas pelas grandes

multinacionais, as quais têm atuado no sentido de eliminar os obstáculos que limitem seus interesses econômicos e que as impeçam de penetrar no mundo.

A existência de um exército industrial de reserva tem garantido ao capital a seleção apenas da força de trabalho com o perfil mais adequado para a sua reprodução ampliada. A mão-de-obra não qualificada constitui hoje o grupo dos excluídos, condenado a buscar sua sobrevivência no setor informal.

Pelos dados contidos nos relatórios do SINE, constata-se que a oferta de empregos existe em Caxias, só que dentre os encaminhamentos realizados por este órgão estadual de intermediação de mão-de-obra, menos de 20% são efetivados pelas empresas. O que se constata é que, além da redução na oferta de empregos, tem ocorrido uma alteração no perfil do trabalhador exigido pelas empresas (ver QUADRO 15).

A mão de obra solicitada pelas firmas tem que ser qualificada, ter um certo grau de instrução para ler e entender os manuais, controlar as máquinas eletrônicas e operar os computadores. Além desses requisitos, muitas firmas têm dado preferência para contratar funcionários que residem em local próximo da firma ou de fácil acesso.

**QUADRO 15 - Emprego: relação entre encaminhamentos do SINE e contratações efetivadas pelas firmas de Caxias**

ANO / MÊS	Nº DE VAGAS	Nº DE ENCAMINHAMENTOS	CONTRATAÇÕES EFETIVADAS		
			VALOR ABSOLUTO	%	
1994	Junho	347	341	55	16,0
	Julho	374	354	59	16,6
	Agosto	582	453	75	16,5
	Setembro	741	411	85	20,6
	Outubro	675	376	60	16,0
	Novembro	633	384	62	16,0
	Dezembro	732	352	73	20,7
1995	Janeiro	655	542	73	13,5
	Fevereiro	485	360	61	16,9
	Março	Não teve atividade			
	Abril	239	208	25	12,5
	Maio	321	334	57	15,5
	Junho	180	368	38	10,3
	Julho	226	314	33	10,5
	Agosto	168	350	52	6,7
	Setembro	162	272	37	7,3
	Outubro	154	298	48	6,2
	Novembro	205	441	57	7,7
	Dezembro	160	164	39	4,2
1996	Janeiro	277	367	40	9,2
	Fevereiro	180	351	40	8,7
	Março	280	583	56	10,4
	Abril	228	566	79	7,2

Fonte: Relatórios de atividades do SINE, Caxias do Sul - 1994, 1995, 1996.  
Elaborado pela autora.

Por outro lado, o progresso técnico representado pelo avanço da informatização na indústria tem provocado uma deterioração nas condições de trabalho através do maior controle do capitalista sobre o processo de trabalho. A flexibilização do trabalho, a eliminação de postos de serviço, a intensificação da jornada de trabalho (horas extras), as subcontratações e a eliminação de hierarquias retratam uma nova fase da evolução do sistema capitalista.

Segundo depoimentos dos sindicalistas, uma das estratégias adotadas pelos empresários locais para reduzir os custos com mão-de-

obra tem sido a de intensificar a jornada de trabalho através do aumento do número de horas extras. Tentando evitar o avanço dessa prática para amenizar o problema de desemprego, os sindicalistas estão buscando negociar o aumento do preço da hora-extra, o que tem sido sistematicamente rejeitado pelos empresários nas negociações salariais.

Na verdade, os dados estatísticos têm indicado que, se muitos empregos estão sendo extintos na indústria, outros estão sendo gerados nos serviços. Mesmo assim, essa compensação não está sendo suficiente para reduzir o problema de desemprego estrutural, na medida em que a modernização também está atingindo esse setor, criando o maior dilema deste século: modernização e desemprego.<sup>274</sup>

A tecnologia tem sido uma faca de dois gumes. Se, de um lado, ajuda a eliminar processos, tarefas repetitivas, desgastantes ou perigosas, de outro provoca a redução de postos de trabalho e o achatamento dos salários. E neste sentido, o - **Manifesto Comunista** - escrito por MARX<sup>275</sup> no século XIX, ainda retrata a atual situação, marcada por transformações constantes no processo de produção, distúrbios nas condições sociais, incertezas e agitações generalizadas.

As relações estabelecidas entre capital e trabalho se desvanecem e

---

<sup>274</sup> - No setor bancário, por exemplo, o Brasil já empregou mais de 800 mil trabalhadores entre os anos de 80 e 90 e atualmente emprega em torno de 600 mil, com tendência de continuar dispensando trabalhadores nos próximos anos (JORNAL DE CONCURSO & EMPREGOS. Ed. 843 de 26/10/1997, p. 1b).

<sup>275</sup> - MARX citado por BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1989.

se tornam superadas antes mesmo de se solidificarem, e nada melhor para caracterizar a sociedade moderna do que o próprio Marx ao afirmar que *“tudo o que é sólido desmancha no ar”*.

### **2.1.7.3 - Articulação dos Empresários em Instituições da Sociedade Civil**

A afirmação da classe empresarial nas fábricas, através da reprodução da dominação do capital sobre o trabalho transbordou esse âmbito e se concretizou também a nível da sociedade civil, via organismos chamados privados.

O processo de consolidação da burguesia local, enquanto *“classe em si”* concretizou-se através dos partidos políticos, das associações de classe, do controle ou influência sobre órgãos de comunicação, da constituição de sindicatos patronais, e da promoção de eventos de divulgação da cidade e das empresas, dentre outros.

A consolidação da posição da burguesia está ligada à sua capacidade de articulação para fazer valer seus interesses específicos. As constantes flutuações nas relações de forças em que se baseia o esquema de poder nos diversos níveis leva a classe burguesa a um sistema de alianças, na busca de conseguir para si uma parcela crescente do produto

social. Constata-se com isto que a sociedade, a economia e a política são níveis embricados de compreensão da realidade, e que esta só pode ser apreendida em sua dinâmica através da noção de totalidade concreta.

Para GRAMSCI<sup>276</sup>, os empresários precisam possuir uma certa capacidade técnica, não só no âmbito de sua atividade, mas também na de organizar a massa de homens no processo de trabalho, de captar a “*confiança*” dos investidores, dos compradores de sua mercadoria, entre outras.

Os empresários devem ainda, se não todos, pelo menos uma elite deles, possuir a capacidade de organizar a sociedade em geral, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe, ou pelo menos, devem possuir a capacidade de escolher os “*prepostos*” (empregados especializados) a quem confiar esta atividade organizativa das relações gerais exteriores à fábrica.<sup>277</sup>

Essas funções organizativas e conectivas que se estabelecem entre a “*Sociedade Civil*” e “*Sociedade Política ou Estado*” são desempenhadas, de acordo com GRAMSCI<sup>278</sup>, pelos intelectuais que atuam como “*comissários*” do grupo dominante no exército das funções subalternas.

---

<sup>276</sup> - GRAMSCI, op. cit., p. 4.

<sup>277</sup> - Ibid., p. 4.

<sup>278</sup> - Ibid., p. 4.

O prestígio e, portanto, a confiança que a elite obtém das massas em função do sucesso nos negócios, e a representação popular através dos políticos que elaboram leis que asseguram legalmente a ordem constituída, estabelecem um certo consenso “*espontâneo*” na sociedade.

As condições favoráveis para o desenvolvimento das relações capitalistas e controle da força de trabalho estão ligadas ao fato de que a classe dominante soube viabilizar seus interesses não só no plano material, mas sobretudo no nível ideológico.

Para que a forma social de organização da produção no capitalismo seja reproduzida, a separação de parte dos indivíduos dos meios de produção precisa ser acompanhada por um sistema de idéias e de atitudes capazes de amoldá-los à sua função na divisão social do trabalho.

A divisão da sociedade capitalista em classes sociais é preservada e reproduzida pelas instituições que constituem a sociedade civil, tais como a família, escola, igreja, polícia, imprensa, Estado, partidos políticos, justiça, dentre outras. São estas instituições que garantem a ordem estabelecida pela difusão e interpretação das idéias morais, pedagógicas, religiosas, científicas, políticas, etc. que produzem e reproduzem a divisão em classes ao mesmo tempo em que asseguram a coesão dos indivíduos em seus papéis, em suas funções e em suas relações sociais.

A nível ideológico as diferentes idéias expressam as “representações” das diferentes classes sociais mas, de acordo com Marx, as idéias dominantes são as idéias da classe dominante. As ideologias pequeno-burguesa e proletária são ideologias subordinadas e influenciadas pela ideologia burguesa.

Portanto, a ideologia burguesa produz idéias que fazem com que os homens creiam que são desiguais por natureza e por talentos, ou seja, os que trabalham enriquecem e os preguiçosos empobrecem.

Para expressar suas idéias burguesas, as frações da classe dominante local valeram-se principalmente do controle dos meios de comunicação, representados no início do século pelos periódicos, depois pelas emissoras de rádio e televisão.

Para realizar a análise sobre papel dos periódicos na difusão da ideologia burguesa utilizaremos os dados e informações contidos no estudo - **Histórias da Imprensa em Caxias do Sul.**<sup>279</sup> Através deste levantamento, que corresponde ao período de 1897 a 1988, constata-se que dos 72 periódicos que já circularam ou ainda circulam no município, a grande maioria deles se caracterizou ou se caracteriza pela sua linha editorial definida e ligada a idéias de diferentes segmentos da classe dominante, tais como: empresários, partidos políticos e Igreja.

---

<sup>279</sup> - MUSEU MUNICIPAL E ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE CAIXAS DO SUL. Caixas do Sul: Pioneiro, 1988.

## QUADRO 16 - Duração dos periódicos locais

DURAÇÃO	PERIÓDICOS	
	NÚMERO	%
- 1 ano	11	18
1 a 5 anos	26	42
6 a 10 anos	6	10
11 a 20 anos	5	8
21 a 50 anos	1	2
+ de 50 anos	1	2 *
Período Indefinido	11	18
<b>TOTAL</b>	<b>62</b>	<b>100</b>

Fonte: História da Imprensa em Caxias do Sul, 1988, p. 80 e 81. Museu e Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Elaborado pela autora.

\* Atual Correio Rio Grandense (criado em 1909 em Caxias pelos padres Capuchinos).

Do total de 62 periódicos, que constam do levantamento acima citado, 60% tiveram duração curta, de no máximo cinco anos e apenas dois jornais sobreviveram mais de 20 anos. Um deles, o correio Rio-Grandense, é controlado pela Igreja, e o outro, o Jornal Pioneiro, foi controlado até recentemente por um líder político e atualmente foi incorporado pela Rede Brasil Sul (RBS de Porto Alegre), líder em comunicação no Estado.

No conjunto dos periódicos, apenas o Jornal Semanal a “*Voz do Povo*” foi vinculado ao Partido Comunista que, no final da década de 40, foi colocado na ilegalidade. As idéias de esquerda nunca conseguiram se impor, pelas dificuldades de recursos materiais capazes de sustentar as despesas de impressão dos periódicos e pelo caráter conservador das classes sociais locais. Segundo depoimento de um dos antigos colaboradores desse jornal, Jimmy Rodrigues<sup>280</sup>, a sua passagem pelo jornal dos comunistas foi um grande entrave na sua vida profissional, na

---

<sup>280</sup> - Ibid., p.63.

medida que em, depois disto, enfrentou sérias dificuldades para conseguir novo emprego em Caxias, cidade eminentemente conservadora.

**QUADRO 17 - Linha editorial dos periódicos locais que circularam até 1988**

LINHA EDITORIAL	Nº PERIÓDICOS	TOTAL
<b>Partidos políticos:</b>		
Republicano	12	26
Aliança Libertadora Nacional (pró-Vargas)	4	
Apoio ao Fascismo	1	
Integralista	3	
Partido Republicano Liberal	2	
Partido Comunista	1	
Outros Partidos	3	
Informativo	4	8
Independente	4	
Humorístico	4	4
Crítica, literatura, ciência, artes, educação e variedades	11	11
Indústria e comércio	3	3
Igreja	3	3
Não identificada	7	7
<b>TOTAL</b>	<b>62</b>	<b>62</b>

Fonte: História da Imprensa em Caxias do Sul, 1988, p. 80 e 81. Elaborado pela autora.

Porém, a grande disputa pelo controle dos jornais locais se deu a nível dos partidos políticos, ou de seus líderes, e outros segmentos da classe dominante.

Como afirma GRAMSCI, citado por PESAVENTO<sup>281</sup>, *“a ideologia não se esgota no plano dos valores ou concepção, mas é também prática política efetiva, ou seja que se traduzem em comportamento.”*

A implantação dos núcleos de colonização italiana no Estado coincidiu com a fase de ascensão do Partido Republicano Rio-Grandense

<sup>281</sup> - PESAVENTO, Sandra. **Empresariado industrial, trabalho e Estado**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, 1986. p. 259. (Tese, Doutorado em História).

(PRR) e por isso a colônia de Caxias não sofreu uma maior influência do Partido Liberal, que dominou o Estado até o final do Império.

As idéias do Partido Republicano Rio-Grandense, fundamentadas nos princípios do positivismo de Conte, predominaram no Estado desde o início da República, e foram introduzidas em Caxias especialmente através da criação de jornais dirigidos por intelectuais desse partido. Os jornais foram amplamente utilizados como veículos de difusão das propostas e idéias do Partido Republicano e na formação de uma opinião pública adequada à legitimação da atuação dos Intendentes Municipais, inicialmente nomeados e depois indicados pelo Presidente da Província.

O PRR reinou absoluto não só no Estado mas também em Caxias do Sul até a década de 30. Desde o início do século buscou arregimentar para seus quadros a emergente burguesia empresarial, estabelecendo com ela alianças na defesa de seus interesses em troca da adesão às idéias do partido. No início do século, foi nos conselhos municipais que os empresários tiveram maior presença em cargos políticos. Alguns dos exemplos mais representativos foram os dos empresários: Abramo Eberle, que ocupou a Vice-Intendência em 1902; José Penna de Moraes, que exerceu o cargo de Intendente no período de 1916 a 1920, Aristiede Germani e Adelino Sassi, que foram Conselheiros no período acima citado.

A ocupação de tais cargos nem sempre esteve ligada a uma

militância partidária ou uma participação política mais efetiva dos industriais e comerciantes na administração do município.

O descaso do governo em fundar escolas e a manutenção do ensino ministrado no dialeto Veneto criou, segundo Mário Gardelin<sup>282</sup>, estudioso de Caxias, um “*gueto linguístico*” que dificultou aos imigrantes e seus descendentes a ocupação de postos na imprensa e na administração municipal devido às limitações enfrentadas para se expressarem corretamente em português ou mesmo no italiano gramatical.

Por 30 anos os intendentess e os colaboradores dos jornais foram na sua maioria de origem lusa, mas perfeitamente sintonizados com os interesses dos grupos econômicos locais.

A situação só se alterou no período da II Guerra Mundial, quando o Presidente Getúlio Vargas, através de lei, impôs a obrigatoriedade do ensino em português em todas as escolas. Na opinião de Mário Gardelin, a imprensa escrita do início do século não representava a realidade local e por isso teve uma reduzida penetração na região. Para Elvo Janir Marcon<sup>283</sup>, só com o advento da rádio<sup>284</sup> é que de fato a imprensa passou a ter um papel fundamental na formação da opinião pública. A rádio

---

<sup>282</sup> - MUSEU MUNICIPAL E ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, op. cit., p. 19.

<sup>283</sup> - Ibid., p.38.

<sup>284</sup> - A primeira rádio foi a Rádio Caxias do Sul criada em 1946.

surgiu como um órgão voltado sobretudo para a formação da opinião pública. Os comentários diários, realizados no horário do meio dia, quando atingia o maior índice de audiência, garantiu a difusão das idéias da classe dominante.

Para os partidos políticos e para os empresários, sempre esteve presente a importância do controle da imprensa escrita e falada como veículo de formação da opinião pública. Em decorrência, a disputa pelo controle acionário e/ou ideológico desses veículos sempre foi motivo de discórdias e disputas entre segmentos da própria classe dominante.

No início do século a Igreja Católica assumiu uma posição de ataque com relação aos membros da maçonaria local que eram representados especialmente pelos ocupantes dos principais cargos políticos. A Igreja utilizou-se do Jornal Il Colono Italiano, criado em 1898 pelo padre italiano Pedro Nosadini para defender suas idéias e atacar a maçonaria. Sérios incidentes entre o padre Nosadine e o intendente municipal Campos Júnior culminaram na expulsão do referido padre e no posterior fechamento do jornal.

Em 1909 os padres da ordem dos Capuchinhos criaram outro jornal, de cunho católico, que teve e tem até hoje forte penetração, especialmente no meio rural de toda a Região Sul. Na década de 40 o primeiro bispo de Caxias do Sul, Dom José Baréa, preocupado com o avanço das idéias do partido comunista brasileiro na cidade, adquiriu o

controle da linha editorial do jornal “*O Momento*” para através dele combater a doutrina comunista.<sup>285</sup>

A Igreja teve e tem uma forte influência entre os descendentes de imigrantes italianos. Como nos demais exemplos de jornais locais, ela também adotou uma linha editorial clara, buscando formar o pensamento cristão, mas acima de tudo defender a ordem constituída na sociedade.

No momento que as idéias comunistas passaram a ser divulgadas através de líderes do partido comunista, que eram também os diretores do jornal “*A Voz do Povo*”, as forças conservadoras da cidade se juntaram para enfrentar a ameaça do avanço dessas idéias na sociedade local. O jornal “*A Voz do Povo*” circulou semanalmente por nove anos, quando por dificuldades financeiras foi desativado, em 1954. Novamente a imprensa conservadora voltou a reinar absoluta no município.

A história da imprensa em Caxias do Sul se confunde com a dos empresários, comerciantes, políticos e igreja. Os atores freqüentemente são os mesmos ou seus representantes indicados.

As “*forças vivas*” da cidade sempre estiveram por trás da criação e controle dos principais jornais. Por exemplo a fundação, em 1951, do Jornal “*O Diário do Nordeste*” foi decidida em reunião do Rotary Clube, que funcionava junto com o clube juvenil (frequentado pela elite local) e

---

<sup>285</sup> - MUSEU MUNICIPAL E ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE CAIXAS DO SUL, op. cit., p. 44.

teve como sócios fundadores empresários e comerciantes de projeção local. A ampla penetração desse jornal diário na sociedade local despertou o interesse pelo seu controle por Leonel Brizola, quando este ainda era secretário de obras públicas do Estado, mas já de olho na sua candidatura para governador do Estado gaúcho, cargo para o qual foi eleito.

Para atingir esse intento, Brizola utilizou-se de políticos locais ligados ao PTB para camufladamente comprar a maior parte das cotas do jornal "*O Diário do Nordeste*". Ao assumir o controle desse jornal, Brizola imprimiu-lhe uma orientação político partidária diferente da defendida pelos empresários locais. A partir de então as "*forças vivas*" passaram a boicotar o jornal através da retirada dos anúncios publicitários, principal fonte dos recursos para sua manutenção. Em pouco tempo, sem condições financeiras de mantê-lo circulando, o jornal foi extinto e as forças conservadoras vitoriosas na preservação de sua ideologia conservadora.

Além do controle ideológico sobre os meios de comunicação, os empresários caxienses sempre foram historicamente organizadas enquanto grupo econômico e social com interesses comuns. Para concretizar seus objetivos utilizavam diferentes meios, dentre eles o de se organizarem em associações de classe.

Desde o início do século a burguesia local, representada

inicialmente pelos comerciantes vinicultores, em aliança com os pequenos empresários, tinham consciência da importância de sua organização em associação de classe como forma de definir e defender pontos de vista e interesses comuns junto ao Estado e traçar estratégias para enfrentar a concorrência, em especial da região de colonização alemã, onde se desenvolviam atividades congêneres em alguns setores.

O primeiro passo neste sentido foi dado em 1901, quando se criou a Associação dos Comerciantes de Caxias, que interrompeu temporariamente suas atividades em 1907, para ser reativada em 1912, “*coincidindo*” com a fase de implantação do movimento cooperativista no Estado e em Caxias do Sul.<sup>286</sup>

A proposta de reunião dos pequenos produtores de uva e vinho em cooperativas pairou como uma ameaça aos interesses constituídos, visto que anularia a intermediação e conseqüentemente o controle que os comerciantes vinicultores exerciam sobre a produção e comercialização do vinho produzido pelos pequenos agricultores.

A atuação eficiente da Associação Comercial de Caxias, associada à interferência do então intendente de Caxias, o Cel. José Penna de Moraes, junto ao Presidente da Província, foram decisivas para a liquidação das cooperativas e preservação dos interesses desse grupo

---

<sup>286</sup> - CAVAGNOLLI, op. cit., p. 82.

hegemônico na economia local.<sup>287</sup>

Para ALTHUSSER<sup>288</sup>, toda a luta política das classes gira em torno da tomada e da manutenção do poder de Estado por uma certa classe ou por uma aliança ou frações de classe que, através da utilização do aparelho de Estado, buscam realizar seus objetivos. O aparelho de Estado, através da ideologia e da repressão garante, pela força, a reprodução das relações de produção, que são em última instância relações de exploração.

O intendente José Penna de Moraes, parte interessada enquanto proprietário de adega e de vinhedos, além de exportador de vinho, representando os interesses da classe, conseguiu reverter a posição política do Governo<sup>289</sup>, de inicialmente favorável ao cooperativismo para favorável aos interesses econômicos já constituídos na região.

O então presidente da província Antônio Borges de Medeiros, com base nos princípios do positivismo que regiam o PRR, assumiu uma posição de apoio ao livre desenvolvimento das forças econômicas e de

---

<sup>287</sup> - PESAVENTO (1986), op. cit., p. 391.

<sup>288</sup> - ALTHUSSER, Luís. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Grall, 1985. p.74.

<sup>289</sup> - A iniciativa de implantação do cooperativismo foi assumida pelo ministro da Agricultura e Comércio - Pedro Toledo que contratou o técnico italiano Dr. Giuseppe D'Stefanno Paternó para organizar o movimento entre os pequenos produtores de diferentes setores da economia gaúcha. Entre 1911 e 1913 foram criadas 16 cooperativas na região com base na poupança dos colonos e com a finalidade de promover o beneficiamento de produtos coloniais (PESAVENTO (1986), op. cit., p. 388).

proteção aos interesses constituídos dos comerciantes vinicultores.

Sem lutar abertamente contra as cooperativas, mas minando as condições necessárias para a consolidação do movimento na região, a aliança entre o governo e a burguesia local assegurou a preservação do sistema de produção e comercialização do principal setor da economia local - a vitivinicultura.

Mesmo com o apoio inicial de segmentos amplos da sociedade gaúcha e do governo federal para resguardar a estabilidade de setores importantes na pauta de exportações da economia gaúcha, como o vinho e a banha, os interesses de segmentos específicos predominaram sobre os de um grande contingente de pequenos produtores rurais.

Manobras articuladas a partir da organização da Associação dos Comerciantes de Caxias para dividir o movimento cooperativista resultaram em discórdias internas na diretoria da recém fundada União das Cooperativas e no isolamento do líder e diretor geral dessa entidade, Stefano Paternó. Diante das pressões este renunciou ao seu mandato. Era o início do fim do líder e do movimento cooperativista na região.

Sem apoio do Estado e endividadas, as cooperativas organizadas por Partenó foram sendo liquidadas e as dívidas assumidas pelo Banco da Província e Pelotense. A única que subsistiu até 1922 foi a cooperativa Agrícola de Caxias, a qual foi posteriormente adquirida por

uma firma particular.<sup>290</sup>

Assim que o movimento cooperativista foi desarticulado, o Intendente Penna de Moraes conseguiu junto ao governo do Estado a instalação em Caxias de um laboratório de análises enológicas e de um Campo Experimental Agrícola. Como se observa, o Estado não só interviu para remover entraves à realização da acumulação no setor vinícola, como ainda criou as condições necessárias para a iniciativa privada desenvolver pesquisas e o controle de qualidade nesse setor vinícola.

No plano da superestrutura o Estado, aliado à burguesia local, exerceu seu poder sobre a sociedade e os meios de comunicação para inviabilizar a primeira tentativa de implantação do cooperativismo entre os pequenos produtores da região. A persistência do problema da adulteração e da má qualidade do vinho serviu de pretexto para que o grupo dos comerciantes vinicultores propusessem a divisão de funções no processo de produção do vinho, no qual o colono ficaria incumbido apenas de produzir a uva, enquanto que as cantinas de porte centralizariam a produção de vinho.

O discurso de Paternó, de Penna de Moraes e dos técnicos em enologia era o mesmo; todos concordavam que era necessário modernizar o processo de produção. O único problema é que os fabricantes não

---

<sup>290</sup> - CAVAGNOLLI, op. cit., p. 109.

tinham interesse maior em investir na produção, mas apenas em monopolizar o setor.

Os interesses econômicos dos comerciantes vinicultores sempre foram defendidos por entidades de representação devidamente articuladas com o poder político. As principais foram: a Associação dos Comerciantes de Caxias (1901), o Centro Vinícola de Exportadores (1921), O Sindicato Vitivinícola do Rio Grande do Sul (1927) e o Instituto Rio Grandense do Vinho (1936). Esses órgãos desempenharam em especial a função de regular os preços de compra e venda, (evitando a concorrência entre os produtores no setor) e a de representar os interesses da classe junto ao Estado.

Por solicitação das associações de representação da burguesia local, o Estado interferiu por diversas ocasiões no setor vinícola para aprovar leis regulamentando a produção do vinho e para atuar como intermediário na resolução de conflitos entre colonos e comerciantes. As exigências crescentes criadas pelo Estado para a vinificação nas cantinas coloniais resultaram na separação entre a função de produção de uva e fabricação de vinho, que culminou na subordinação do colono ao capital industrial.

A reunião dos comerciantes vinicultores em associações e sindicatos fortes e a decisão de juntar os capitais para a constituição de uma grande empresa organizada em moldes capitalistas transformou

definitivamente as relações de produção e fechou o espaço da livre concorrência no setor. A criação da Sociedade Vinícola Rio-Grandense, em 1929, significou a instauração do monopólio na compra da uva e venda de vinho na região de colonização italiana.

A sólida organização da classe dominante contrasta com a situação crítica dos colonos-vinicultores, a partir de então completamente submetidos ao capital industrial. Do conflito entre colonos vinicultores e comerciantes-vinicultores ressurgiu, no mesmo período, o movimento cooperativista<sup>291</sup> entre os colonos como sendo a única alternativa para escapar da subordinação total ao controle da única indústria local no setor, a Sociedade Vinícola Rio-Grandense.

Apesar dos novos complôs do capital e das medidas do governo do Estado<sup>292</sup>, para dificultar o ressurgimento do cooperativismo na região, o movimento se consolidou porque surgiu em meio a uma conjuntura em que o Estado brasileiro estava incentivando a sua implantação e porque os colonos vinicultores se organizaram para não perder o controle total sobre sua produção. Desta vez a iniciativa partiu dos colonos e não mais

---

<sup>291</sup> - O cooperativismo assumiu uma "*forma híbrida*" de organização, com base em um sistema de cooperativismo empresarial. (DUARTE, Laura Maria G. **Capitalismo & cooperativismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L & PM: Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisas em Ciências Sociais, 1986. p. 87.

<sup>292</sup> - O tratamento fiscal era diferenciado a nível municipal entre Sociedade Vinícola e Cooperativas. As cooperativas continuaram sujeitas a taxa de exportação municipal, enquanto a Sociedade Vinícola estava isenta da mesma. A nível de governo estadual e federal ocorreram dificuldades para o seu reconhecimento devido às alterações promovidas pelo governo no regulamento das cooperativas, que se tornou mais rigoroso. A protelação do reconhecimento das cooperativas beneficiou sobretudo a Sociedade Vinícola.

do Estado, como no início da década.

As cooperativas foram criadas e controladas pelos colonos vinicultores como alternativa de defesa contra o monopólio dos empresários na produção e comercialização do vinho.

Os empresários da Sociedade Vinícola realizaram diversas tentativas para unir as Cooperativas no mesmo Sindicato, algumas destas com a intermediação do governo do Estado. Porém, como as propostas tendiam a submeter as cooperativas ao controle da Sociedade Vinícola, estas sempre foram rejeitadas pelos cooperativados.

Neste setor de produção as manobras do grupo hegemônico, buscando açambarcar a produção e o fornecimento do vinho na colônia italiana, contou sempre com o apoio do governo em troca da adesão dos empresários ao partido político. A aliança entre o Estado e o Capital firmou-se com base na preservação de privilégios obtidos através de medidas políticas e manobras ardilosas buscando desorganizar a produção doméstica do vinho.

Os conflitos entre sociedades vinícolas e cooperativas pela conquista e preservação do domínio econômico sobre a produção e comercialização do vinho concentraram as atenções e os esforços dos contentores o que, associado ao protecionismo político dispensado ao setor, resultou na sua estagnação relativa. O vinho produzido na região

continuou sem condições de competir com o importado. O atraso tecnológico foi acompanhado da perda de participação no mercado nacional dos vinhos da região para os vinhos importados, de melhor qualidade e menor preço. A situação agravou-se ainda mais com a gradativa mudança no hábito da população de tomar vinho pelo de consumir outros tipos de bebidas, em especial a cerveja.

Desde a sua fundação a Associação dos Comerciantes de Caxias do Sul esteve muito ligada ao setor vitivinícola, um dos principais economias locais até a década de 60.

Com a crescente participação de outros setores da indústria na economia local, na década de 50, foi criado o Centro da Indústria Fabril de Caxias do Sul, com a finalidade de reunir os industriais. As duas entidades acima mencionadas atuaram concomitantemente até 1973, quando ocorreu a fusão de ambas com a constituição da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul - CIC. A fusão das duas entidades fortaleceu o poder político e ideológico da nova entidade na sociedade na defesa do modelo de desenvolvimento "*progressista-conservador*". A entidade de representação e de defesa dos interesses dos empresários iniciou em seguida a construção de sua sede própria. A iniciativa contou com o apoio financeiro da administração municipal através da Lei 2303/de 1975.<sup>293</sup>

---

<sup>293</sup> - Ver anexos quadro sobre incentivos municipais a entidades industriais de Caxias do Sul.

A entidade, além de prestar serviços de consultoria<sup>294</sup> à classe empresarial, centraliza em suas dependências os escritórios de diversos órgãos públicos de apoio às empresas, como: BRDE, SEBRAE, CIE-E/RS, Sindicatos Patronais, dentre outros, como forma de agilizar e facilitar a atuação integrada dos empresários e Estado.

A Câmara de Indústria, Comércio e Serviços tem cada vez mais ampliado a sua atuação na sociedade civil através da participação em órgãos comunitários, dentre os quais se destacam: Conselho do Plano Diretor Urbano da Prefeitura Municipal, Conselho Técnico Consultivo do SENAI, Conselho Superior da Fundação Universidade de Caxias do Sul. A participação de empresários ou de seus representantes em cargos importantes de entidades civis é crescente. Como exemplo podemos citar a eleição de altos executivos de empresas locais para cargos da Universidade de Caxias, como João Luiz de Moraes, reitor, e de João Borsoy, como vice-reitor dessa mesma instituição, no período de 1987 a 1990.

A entidade maior de representação dos empresários tem assumido também um papel decisivo no processo de modernização da economia local, através da coordenação de projetos como os de *“Qualidade*

---

<sup>294</sup> - A CIC presta assessoria nas áreas sindical, negócios internacionais, fiscal e tributária, econômica, contábil, qualidade, Série ISO 9000, desenvolvimento empresarial, dentre as principais.

*Caxias*"<sup>295</sup>, lançado em 1994. Este tem por objetivo assessorar os empresários na busca da simplificação na implantação de programas de qualidade como ISO 9000, Métodos de Solução de Problemas, Sistema de Normalização, Teorias de Motivação, CCQ Projeto SS, Just-in-Time, Kamban, e Participações nas Decisões e Resultados.

Através deste projeto a entidade pretende transformar a região de Caxias em um pólo gestor da qualidade em âmbito nacional. Este deve atingir a indústria, o comércio, as escolas, as instituições, o Governo, os prestadores de serviços e os consumidores.

Como se observa, tanto a qualificação da força de trabalho como a modernização dos processos de gerenciamento das empresas transformaram-se em palavras de ordem entre os empresários da região na busca, através da qualidade e aumento da produtividade, de uma posição competitiva no mercado, cada vez mais globalizado.

A preocupação dos empresários com a qualificação da força de trabalho é antiga e crescente. Como já vimos anteriormente, a preocupação com a qualificação dos trabalhadores ligados à produção, está sendo assumida especialmente pelas empresas e pelo SENAI.

Mas, em relação à qualificação da força de trabalho ligada à administração das empresas, a CIC tem, de longa data, assumido a

---

<sup>295</sup> - As entidades ligadas a esse projeto são SEBRAE, SESI, SENAC, SENAI, Núcleo de Qualidade da Universidade de Caxias, ARH, AGQ.

organização permanente de cursos, palestras e seminários sobre reorganização do processo produtivo, ISO 9000, Qualidade Total, Contabilidade, Legislação, Administração, Marketing, Telemarketing, Exportação, dentre outros tantos. Esses cursos visam atualizar e aperfeiçoar os conhecimentos de diretores, gerentes, administradores e de outros profissionais ligados a cargos de comando e controle das empresas locais. Para esses eventos são contratados e convidados especialistas ligados à universidade, instituições de pesquisa, economistas, políticos, dentre outros, de renome nacional e internacional.

A coesão histórica do grupo empresarial tem garantido a crescente expressão da entidade na defesa dos interesses das empresas junto ao Estado e às entidades civis. Para promover essa articulação e unificação entre os empresários a CIC realiza, entre tantos eventos, uma reunião, almoço semanal nas dependências da entidade, com a presença de palestrantes de expressão na política, na economia e nas ciências. Essa prática tem garantido a sintonia permanente da classe empresarial com as mudanças e as tendências da economia e a coesão em torno da defesa dos interesses da classe.

Além da CIC, que representa os interesses dos empresários em geral, os diferentes setores da economia estão organizados em entidades de classe específicas ligadas ao comércio, serviços e ramos industriais.

A sólida união dos empresários em entidades fortes de representação de seus interesses contrasta com a relativa fraqueza da organização sindical dos trabalhadores.

**TABELA 15 - Cursos promovidos pela Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul - CIC**

<b>ANOS</b>	<b>CURSOS REALIZADOS</b>	<b>PESSOAS PARTICIPANTES</b>	<b>EMPRESAS PARTICIPANTES</b>	<b>HORAS/AULA</b>
1975	41	1020	742	1238
1976	28	988	554	1102
1977	43	1417	968	1083
1978	39	988	682	1193
1979	63	1946	1391	2025
1980	116	2906	878	2221
1981	99	1888	854	1556
1982	90	2018	887	1441
1983	103	1979	856	2792
1984	152	2761	1228	6634
1985	156	2604	858	5943
1986	201	3799	1249	5404
1988	210	3827	1554	4255
1989	222	3719	1608	2837
1990	156	2367	1103	2320

Fonte: Relatório das Diretorias da Câmara de Indústria e Comércio de Caxias do Sul - 1975 a 1990. Elaborada pela autora.

Obs.: Na década de 90 a CIC continuou promovendo cursos, mas não tivemos acesso aos dados.

No setor industrial criou-se um modelo de estrutura corporativa com a criação de sindicatos que representam os interesses específicos dos diferentes ramos industriais.

Os empresários locais, cientes da força que as entidades de classe organizadas assumem, enquanto canais de entendimento com o Governo e de viabilização de seus interesses a nível de sociedade civil, têm constituído diversos sindicatos patronais, atuando a nível regional, o que garante um poder maior de pressão junto aos poderes constituídos e junto aos sindicatos dos trabalhadores das indústrias de Caxias do Sul.

**QUADRO 18 - Caxias do Sul: situação dos sindicatos das indústrias**

<b>SINDICATOS DAS INDÚSTRIAS</b>	<b>ANO/CARTA SINDICAL</b>	<b>FIRMAS ASSOCIADAS</b>	<b>%</b>	<b>TOTAL</b>
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul (base territorial 19 municípios)	1957	96	5	2073
Sindicato da Indústria de Material Plástico do Nordeste Gaúcho (base territorial 10 municípios)	1989	83	56	149
Sindicato das Indústrias Gráficas de Caxias do Sul (base territorial 21 municípios)	1988	44	24	180
Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Caxias do Sul (base territorial 42 municípios)	1956	110	14	800
Sindicato das Indústrias de Serrarias, Carpintarias, Tanoarias, Madeiras, Compensados e Laminadas, Aglomerados e Chapas de Madeira de Caxias do Sul	1965	154	14	1107
Sindicato das Indústrias de Calçado, Alfaiataria e de Confecções de Roupa de Homens de Caxias do Sul (base territorial 20 municípios)	1963	145	12	1250
Sindicato das Indústrias da Alimentação de Caxias do Sul (base territorial 2 municípios)	1980	45	18	237
Sindicato das Indústrias de joalherias de Caxias do Sul (base territorial 11 municípios)	1988	45	27	167

Fonte: Sindicatos das Indústrias de Caxias do Sul Entrevistas realizadas em 1996.

A questão básica que motivou a organização classista dos empresários foi, sem dúvida, o avanço nas conquistas sociais e os novos rumos que está tomando a legislação trabalhista. A aprovação de leis sociais na constituição de 1988 e o posterior estabelecimento da livre negociação entre trabalhadores e empresas passou a exigir dos empresários um maior controle da situação. Para tanto foram criados sindicatos por segmentos de produção a fim de buscarem soluções para os problemas específicos.

A maior ou menor expressão assumida pelos sindicatos está relacionada com a importância econômica que o segmento representa na estrutura produtiva do setor industrial. E nesse sentido o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias, que reúne as principais firmas da região, possui uma sólida organização e dispõe de um banco de dados e de alguns estudos já realizados sobre o perfil do pólo-metal-mecânico. Esses estudos buscam não só conhecer a realidade, mas acima de tudo atrair para a região investimentos externos, como uma montadora de veículos, a fim de fortalecer o setor de autopeças, que tem assumido expressão crescente na região e em especial em Caxias do Sul.

#### **2.1.7.4- Os eventos como marketing do econômico e da cultura da região**

A tradição de promover uma série de eventos<sup>296</sup>, alguns de âmbito nacional e internacional, tem-se tornado um eficiente canal e veículo para consolidar a imagem da cidade e região associadas à industrialização e desenvolvimento econômico e cultural.

---

<sup>296</sup> - A primeira exposição agro-industrial da colônia Caxias foi realizada em 1881, provavelmente por sugestão do Presidente da Província, com o objetivo de escolher os melhores produtos para representar a colônia na exposição Brasileira - Alemã (ADAMI, João Spadari. *Festas da Uva-1881-1965*. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1975. p.6).

Eventos de expressão como a Festa Nacional da Uva (Caxias do Sul), Festa Nacional do Vinho Fenavinho (Bento Gonçalves), Festa nacional do Champanhe Fenachamp (Garibaldi), Festa Nacional do Kiwi (Farroupilha), Festa da Vindima (Flores da Cunha), dentre outros, constituem-se em marketing já consolidado no calendário nacional do turismo.

Além dessas feiras tradicionais tem crescido, nas últimas décadas, o número de eventos ligados ao turismo técnico, o que tem despertado o interesse de alguns empresários em transformar a região em um pólo turístico de eventos no Estado do Rio Grande do Sul.

Dentre as feiras industriais realizadas em Caxias, algumas de âmbito internacional, destacam-se:

- FEIRA AGRO-INDUSTRIAL - acontece junto com a Festa Nacional da Uva, a cada 2 anos;
- MERCOPAR - Feira de subcontração industrial do Mercosul, realizada de 2 em 2 anos;
- FENAMALHA - Feira nacional da Malha;
- FEBRAMEC - Feira Brasileira da Mecânica e Eletrônica, realizada de 2 em 2 anos;
- FENAI - Feira Nacional de Automatização Industrial, realizada de 2 em 2 anos;
- LATINOPLAST - Feira Latino-americana da Indústria do Plástico,

realizada de 2 em 2 anos;

- FIPACK - Feira Internacional de Embalagens e Complementares, realizada de 2 em 2 anos;
- TRANSTEC - Feira Internacional de Tecnologia em Transportes, Autopeças e Veículos.

Esses e outros eventos de menor porte movimentam um fluxo aproximado de 300 mil turistas/ano, dos quais cerca de 200 mil estariam ligados ao turismo técnico empresarial<sup>297</sup>, responsáveis pela manutenção permanente da cidade e região na vitrine da mídia.

Os numerosos eventos, instituídos com o objetivo maior de promover as atividades econômicas da região, têm utilizado, na sua representação, a imagem da cultura italiana no Estado divulgando, através de exemplos de preservação da arquitetura, da culinária, da música e outras manifestações típicas, o cotidiano vivido pelas gerações passadas.

Neste sentido, os eventos atuam como representações com o poder de ofuscar os conflitos e deslocar os sentimentos na direção da preservação de manifestações culturais que simulam um estilo de vida passada e dissimulam as relações concretas que ocultam no espaço as desigualdades sociais entre as classes sociais.

As áreas centrais, com seus imponentes edifícios e ruas

---

<sup>297</sup> - REVISTA EMPRESARIAL. Caxias do Sul: CIC, bimestral, ano III, nº 10, 1995, p.30.

congestionadas por veículos, contrastam com uma periferia miserável, que forma um cinturão de núcleos de favelas, onde residem em torno de 1/3 dos construtores anônimos dessa riqueza, apropriada por poucos.



FIGURA 15 - Loteamentos irregulares na zona rural: o elevado preço dos terrenos urbanos tem levado parte dos trabalhadores a residirem em loteamentos irregulares com pouca ou nenhuma infra-estrutura, na área rural.

Foto da autora, 1992.

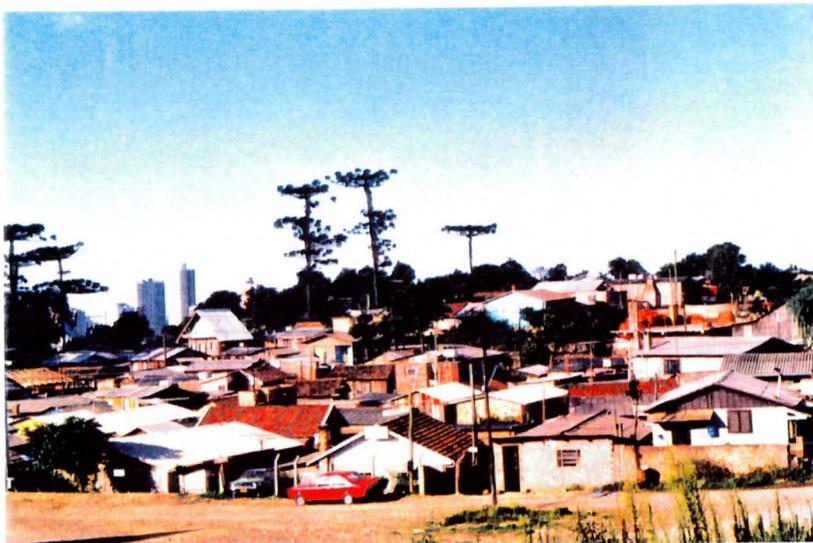


FIGURA 16 - Área de ocupação ilegal: "Bairro" 1º de Maio, área valorizada e próxima ao centro da cidade, que surgiu a partir do processo de ocupação ilegal.

Foto da autora, 1992.

## 2.2- CONSIDERAÇÕES SOBRE A DINÂMICA INDUSTRIAL DE CAXIAS DO SUL

O padrão histórico de desenvolvimento industrial de Caxias do Sul e o forte caráter concorrencial decorrente dele estimulou a criatividade e a busca permanente de uma renovação tecnológica, o que estabeleceu uma dinâmica particular favorável ao desenvolvimento das relações capitalistas, com a consolidação de um parque industrial diversificado e sintonizado com o movimento de expansão do mercado interno.

No plano social o grau de desenvolvimento das forças produtivas viabilizou a instalação pelos imigrantes italianos de um conjunto de atividades pioneiras, garantindo aos empreendedores a obtenção de vantagens monopolistas, mesmo que temporárias, mas que atuaram na concentração espacial de fábricas e de um saber técnico qualitativamente favorável.

A inserção precoce das atividades locais no mercado nacional garantiu a reprodução ampliada do capital, ao mesmo tempo que estabeleceu novos desafios no enfrentamento dos concorrentes localizados nos grandes centros do país, produzindo em grande escala.

Embora a reprodução do capital pressuponha a circulação em escalas espacialmente cada vez maiores, a natureza da reprodução da

exploração se dá no lugar e dentro das fábricas onde, de fato, os empresários têm o controle absoluto sobre a produtividade do trabalho.

Historicamente os empresários têm desenvolvido estratégias para garantir o controle social sobre os trabalhadores através da cooptação ou da cooperação, que têm viabilizado a crescente extração de mais valia relativa e estabelecido um diferencial favorável em relação à média social, garantindo o processo de concentração e a competitividade no mercado das firmas locais.

Com a globalização do mercado tem-se intensificado o processo de concentração e centralização do capital, obrigando as firmas a se adaptarem à nova realidade, buscando melhorar a produtividade e a qualidade a fim de assumirem uma posição de competitividade no mercado. Com isto muitas delas estão buscando associar-se com multinacionais ou firmas de outros países como forma de ampliarem a participação em novos mercados. Para tanto, estas estão tendo que se adaptar às novas exigências do mercado internacional, submetendo os produtos às especificações internacionais através da obtenção de certificações como condição para superar as barreiras não tarifárias criadas pelos países centrais para defenderem seus mercados da concorrência dos novos países industrializados.

Com a modernização tem-se ampliado o controle patronal não só sobre os trabalhadores, com a intensificação da exploração do trabalho,

mas também sobre as firmas subcontratadas, que estão tendo que se adequar às mudanças no processo produtivo das firmas contratantes, assumindo a tarefa controle de qualidade dos insumos produzidos e a responsabilidade de abastecer de forma contínua a linha de produção das fábricas contratantes.

Por outro lado, a ideologia difundida através dos meios de comunicação controlados pelas classes dominantes têm ofuscado a realidade social, tornando naturais as desigualdades e dificultando a formação de uma consciência de classe entre os trabalhadores.

Contrastando com a fraqueza sindical, a burguesia local sempre soube articular-se para fazer prevalecer seus interesses de classe, através da constituição de entidades e da atuação (ou indicação de representantes) em funções organizativas e conectivas de instituições civis e políticas da sociedade caxiense. Com isso, as idéias da classe dominante tem prevalecido, estabelecendo as condições necessárias para a reprodução ampliada das relações de produção capitalista no lugar.

**3 - FIRMAS CAXIENSES NO RUMO DA  
INTERNACIONALIZAÇÃO**

### 3 - FIRMAS CAXIENSES NO RUMO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

O elevado crescimento da indústria em Caxias do Sul foi liderado até meados da década de 60 pelas indústrias ligadas a bens de consumo não duráveis. A partir de então esse padrão alterou-se rapidamente, pela expansão das indústrias ligadas ao pólo metal-mecânico.

A diversificação e reorientação da estrutura do setor industrial local vinculou-se sobretudo com o programa de substituição de importações promovido no governo Juscelino através do Plano de Metas (1956 a 1961), através do qual a produção de bens duráveis foi incentivada através de um conjunto de medidas políticas e econômicas.

Como já vimos anteriormente, as transformações iniciadas a partir do final dos anos 50 encontraram em Caxias do Sul condições favoráveis para responder prontamente ao novo padrão de demanda em implantação no país, na medida em que boa parte das fábricas e oficinas locais atuavam na produção de bens duráveis. Como alguns exemplos mais conhecidos podemos citar a Metalúrgica Abramo Eberle (1897), a metalúrgica Gazola (1932), a Fras-le (1954), a Randon (1947), a Marcopolo (1949), a Rodoviária (1947), a Metalúrgica Triches (1953), atual Enxuta. Essas firmas atuavam na produção de artigos de cutelaria, autopeças, implementos rodoviários, carrocerias de ônibus, ferramentas

utilidades domésticas, dentre outros.

Entre a década de 70 e 80 a posição das indústrias de bens não duráveis e a de bens duráveis inverteu-se na estrutura produtiva de Caxias.

Os segmentos ligados à produção de vinho, têxteis, vestuário, alimentação e madeira tiveram a sua participação relativa gradativamente reduzida em favor da rápida expansão das indústrias ligadas a material de transporte, mecânica, metalúrgica e material elétrico e de comunicações.

A localização de Caxias, distante de São Paulo, onde as multinacionais se instalaram de forma concentrada na região do ABC paulista, atuou como um limite para que as firmas locais ligadas ao setor automobilístico atuassem inicialmente como fornecedoras de autopeças ou componentes para essas montadoras, mesmo porque eram pequenas oficinas e fábricas sem potencial para produzir em larga escala.

A princípio, as firmas de Caxias atuaram ligadas ao mercado de reposição ou de forma independente, criando redes próprias para a comercialização dos seus produtos e, em alguns exemplos, usufruindo ainda de vantagens monopolistas (mesmo que de forma temporária), o que garantiu a essas firmas vantagens competitivas e um crescimento rápido no mercado.

Com a crise do petróleo em 1973, que resultou em recessão e na redução das vendas no mercado interno, a alternativa para sair dela foi buscada nas exportações, o que exigiu um período de investimentos em melhoria da qualidade, produtividade e adaptação as exigências dos novos mercados.

Historicamente a política do Brasil não tem atrelado o crescimento da economia com o das exportações, como têm feito os países do sudeste asiático. O Brasil tem sido um dos poucos grandes países a não utilizar as exportações como forma de alavancar o seu crescimento econômico.

A prova disto tem sido a aplicação de taxas para as exportações dos produtos brasileiros, superiores à média aplicada por outros países. A taxa excessiva nas exportações dos produtos brasileiros, somada a problemas de tributação e juros altos, são apontados pelos empresários como os grandes responsáveis pela perda de competitividade de parte dos produtos brasileiros no mercado internacional.

Para GUIMARÃES<sup>298</sup>, as exportações são vistas como sendo um processo que tem suas raízes na própria dinâmica das economias capitalistas e na permanente necessidade das firmas de realizar seu potencial de crescimento e de acumulação de capital. Neste sentido, o mercado externo é considerado como um escoadouro para o potencial de crescimento das firmas.

---

<sup>298</sup> - GUIMARÃES, Eduardo Augusto. **A acumulação e crescimento da firma: um estudo de organização industrial**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p.88.

No entanto, ao se analisar a evolução das exportações de Caxias, é preciso ter presente que toda a política do comércio exterior tem sido definida pelo Governo Federal. À medida que as políticas cambial, tributária, de subsídios e isenções fiscais, entre outras, são definidas para todo o país, o impacto espacial dessas medidas é desigual, de acordo com o tipo de produção e o grau de especialização ou diversidade da pauta de exportação da cada região.

Como já vimos no capítulo II, a competitividade resulta de uma série de elementos e se expressa concretamente através da liderança das firmas em termos de sua participação no mercado interno e especialmente externo.

Para LÓES<sup>299</sup> *“é competitiva toda a empresa que apresentar um desempenho satisfatório no mercado internacional de seu produto durante um certo período de tempo”*. O autor entende como desempenho satisfatório quando a participação das exportações no total de vendas situar-se acima da média das concorrentes, ou quando a firma detiver considerável parcela do mercado internacional, mesmo que isso represente pouco nas suas vendas totais.

A maior parte das atuais firmas líderes em exportação de Caxias iniciaram a sua inserção no mercado internacional no final da década de

---

<sup>299</sup> - LÓES, André A. **Identificação das forças competitivas atuantes nas empresas líderes exportadoras do complexo metal-mecânico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto de Economia Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990. (Dissertação, Mestrado). p. 8.

60, quando a economia mundial estava em fase de expansão, o que coincidiu com os incentivos criados pelo governo brasileiro às exportações, de produtos manufaturados com a finalidade de aumentar a participação do país no comércio mundial.

Utilizando mecanismo como os de fornecer subsídios creditícios e/ou incentivos fiscais associados à política de minidesvalorização da moeda nacional, o governo favoreceu as exportações como forma de equilibrar a balança comercial brasileira.

A fase de expansão da economia brasileira, da década de 50 até o início da crise do petróleo em 1973, associada aos incentivos dados às exportações, favoreceram o processo de crescimento das firmas exportadoras, que puderam apropriar-se de recursos públicos efetivamente transferidos na forma de incentivos às vendas externas.

Com a crise do petróleo inaugurou-se uma fase recessiva e de dificuldades para muitos segmentos industriais, o que culminou numa onda de incorporações, fusões, concordatas e transferências do controle acionário, com a centralização do capital, especialmente no ramo material de transporte, onde as mudanças foram mais visíveis em Caxias.

A partir de 1984, o volume das exportações de Caxias do Sul ampliaram-se de forma contínua (exceção em 1985), com o aumento da participação relativa de 2%, em 1983, para 5,20%, em 1995, nas

exportações do estado.

Ao se analisar os dados sobre os principais municípios exportadores do Estado, no período de 1989 a 1992, constata-se que a participação do município tem-se ampliado de forma significativa. Em 1989 este aparecia na décima quinta posição e em 1992 já figurava entre os seis principais municípios exportadores do Estado.

**QUADRO 19 - Principais municípios exportadores do Estado gaúcho no período de 1989 a 1992**

ANO	Nº DE MUNICÍPIOS EXPORTADORES	PRINCIPAIS MUNICÍPIOS EXPORTADORES POR ORDEM DECRESCENTE DE IMPORTÂNCIA
1989	89	Porto Alegre, Novo Hamburgo, Sapiranga, Campo Bom, Farroupilha, Guaíba, Triunfo, Salto do Jacuí, Canoas, Venâncio Aires, Dois Irmãos, Lageado, Estância Velha, Ivoti, Caxias do Sul.
1990	74	Porto Alegre, Sapiranga, Campo Bom, Guaíba, Triunfo, Novo Hamburgo, Salto do Jacuí, Canoas, Dois Irmãos, Passo Fundo, Estância Velha, Lageado, Caxias do Sul.
1991	73	Porto Alegre, Sapiranga, Salto do Jacuí, Campo Bom, Novo Hamburgo, Triunfo, Guaíba, Venâncio Aires, São Leopoldo, Dois Irmãos, Caxias do Sul.
1992	92	Porto Alegre, Santa Cruz do Sul, Novo Hamburgo, Campo Bom, Triunfo, Caxias do Sul.

Fonte: Ministério da Indústria, Comércio e Turismo/ Secex/Dtic - RJ. Dados organizados pela autora.

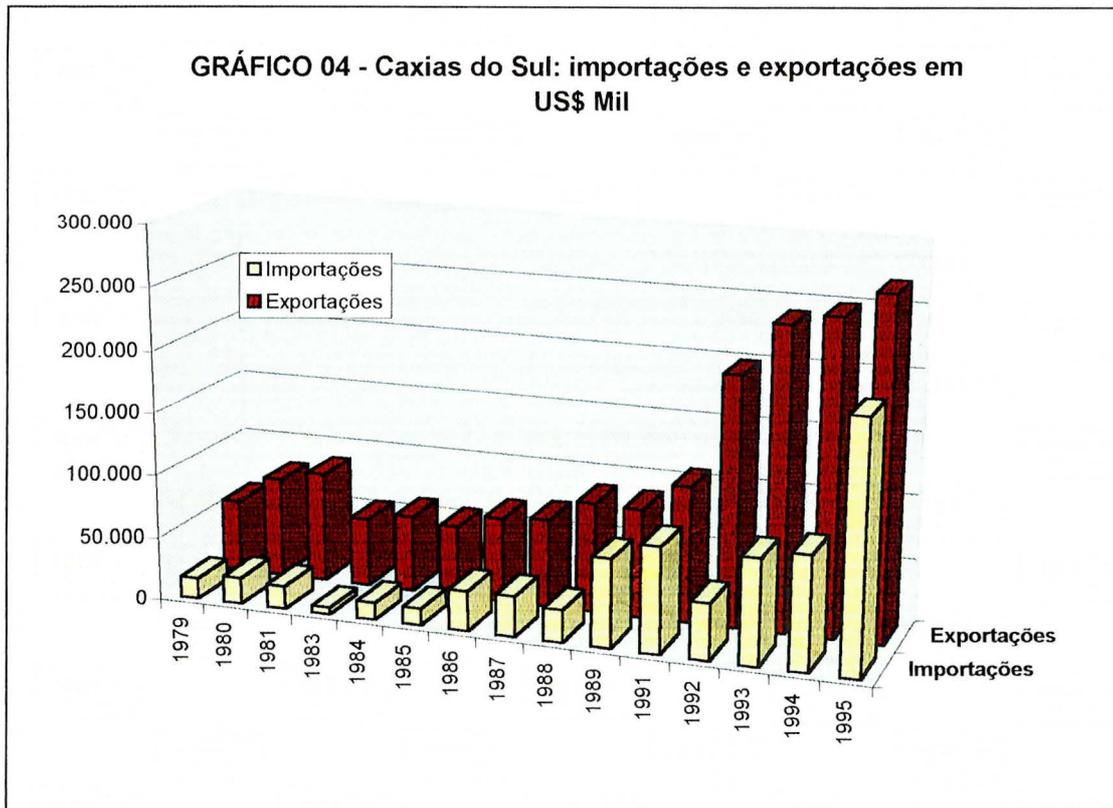
OBS.: Só foram consideradas as firmas que exportaram mais de 500 US\$ no período. O Total de municípios no Estado, em 1995, era de 427.

No desempenho da balança comercial de Caxias do Sul dos últimos anos vale assinalar que, a partir de 1991, o valor das exportações segue batendo recorde histórico contínuo (conforme pode ser visto no GRÁFICO 04).

A reativação da economia<sup>300</sup> local a partir de 1991 contou,

<sup>300</sup> - Crescimento médio do PIB em Caxias do Sul.  
1990 ..... (27,27%)

sobretudo, com a participação crescente das exportações que aumentaram devido à ampliação da demanda entre países integrantes do Mercosul e ao início da recuperação da economia mundial.



Fonte: 1979 a 1981 IN: Brugalli, 1982, pg. 33. 1982 Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, Ed. Especial, 1995, pg. 86. 1983 a 1989 Boletim informativo da CIC, nº 144, pg. 10. 1991 a 1995 Departamento de Economia e Estatística da CIC, Caxias do Sul

### A crescente participação de Caxias nas exportações de produtos

---

1991	.....	29,37%
1992	.....	6,28%
1993	.....	13,63%
1994	.....	7,90%
1995	.....	5,17%

Fonte: CÂMARA DE INDÚSTRIAS, COMÉRCIO E SERVIÇOS DE CAXIAS DO SUL. Caxias do Sul: Perfil Sócio Econômico. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1992.

manufaturados do Estado demonstra a crescente competitividade dos produtos das firmas locais no mercado internacional.

O “boom” nas exportações de Caxias, ocorrido no início da década de 90, foi liderado pelo crescimento das exportações de ônibus, carrocerias e de micro-ônibus, reboques, semi-reboque, autopeças, tratores, caminhões, motores, termostatos a gás e elétrico, molduras de madeiras em varas, madeira serrada, chapas de madeira, beliches, eletrodomésticos, entre outros produtos.

**TABELA 16 - Caxias do Sul: evoluções das exportações (em US\$ mil)**

ANO	CAXIAS DO SUL	% SOBRE ESTADO
1979	57.000	-x-
1980	78.800	3,77
1981	86.700	3,10
1982	50.200	2,2
1983	54.121	2,00
1984	60.250	2,10
1985	55.852	1,90
1986	66.900	2,94
1987	69.500	2,40
1988	86.590	2,45
1989	85.506	2,30
1990	52.835*	-x-
1991	107.170	3,25
1992	198.222	2,40
1993	235.200	3,80
1994	248.000	4,80
1995	268.570	5,20

Fonte: 1979 a 1981 - Caxias do Sul - Dados e números Albino Melquides Brugalli, Caxias do Sul: CIC, 1982, p.33. 1982 - Jornal Pioneiro. Edição Especial, 1995. 1983 a 1989 - Boletim Informativo da CIC, Caxias do Sul, maio. 198, n° 144, p.10, 1991 a 1995 - Departamento de Economia e Estatísticas da CIC.

OBS.: 1990 - o dado é parcial e refere-se as empresas que exportaram acima de 500 US\$, o que representa cerca de 80% do total.

Apesar dos dados parciais sobre o conteúdo da pauta das exportações nas últimas décadas, as reportagens de jornais locais sobre o

assunto permitem afirmar que ocorreram mudanças significativas no perfil exportador de Caxias do Sul na duas últimas décadas.

Na pauta das exportações da década de 80 destacam-se os produtos de material de transporte (Marcopolo, Randon), de autopeças (Fras-le), de metalúrgicas (Eberle, Triches), de vestuário (Pettenatti e Sehbe), de máquinas agrícolas (Agrale), de várias firmas ligadas ao setor de madeira (Madereira Giacomet, Cia Indústria Madeireira, Cooperativa Madeireira Caxiense, Ind. Caxiense de Molduras e Madezorzi) e alimentos (Cia Peteffi de alimentos).<sup>301</sup>

Ao se confrontarem essas informações com as disponíveis para os primeiros anos da década de 90 constata-se que ocorreram alterações na pauta dos principais produtos exportados. As firmas ligadas ao pólo metal mecânico não só permanecem entre as principais como também ampliaram o volume das exportações, passando a figurar entre as principais firmas exportadoras do Estado para os países do Mercosul.<sup>302</sup>

As firmas ligadas ao gênero do vestuário, da madeira e de alimentos deixaram de constar na relação das principais firmas

---

<sup>301</sup> - JORNAL PIONEIRO. Caxias do Sul. 06/11/82, 26/11/83, 15/12/84, 7/12/85.

<sup>302</sup> - Em 1993 aparecem entre as principais firmas exportadoras do Estado para a Argentina as seguintes firmas caxienses: Marcopolo (4a maior exportadora, com 3,58 do total do Estado), Randon (8a posição 3,11%), Agrale (13a posição - 1,98%), Eberle (15a posição 1,28%), Plásticos Pisani (19a posição - 1,17%). O total exportado por 6 firmas caxienses para a Argentina representou mais de 12 % do Estado e cerca de 30% do total vendido pelas 25 principais firmas gaúchas que exportam para esse país. A Marcopolo aparece ainda em 1992 na 4a posição (2,17%), em 1994 na 8a posição (1,49) e em 1995 na 16a posição (1,17%). (MICT/SECEX - DTIC/SEDES - RS, 1992, 1993).

exportadoras locais.

Mudanças no mercado mundial, com o acirramento da concorrência intercapitalista, refletiam-se mais nos setores que se encontravam tecnologicamente defasados. Neste caso encontrava-se boa parte das indústrias têxteis e do vestuário, que tiveram suas exportações para os Estados Unidos (principal importador da década de 80) e para os países da Europa drasticamente reduzidas em função de acordos preferenciais de importação com países do sudeste asiático, o que criou dificuldades de acesso a esses mercados para os produtos brasileiros.

Mesmo com a modernização de muitas indústrias do setor têxtil e do vestuário, durante a década de 80, estas não conseguiram retomar o nível de desempenho nas exportações da década de 70 e 80. A liberalização da economia brasileira<sup>303</sup>, através do Plano Collor, resultou na “invasão” dos produtos da China e dos países do sudeste asiático, que passaram a ser comercializados no mercado interno a preços inferiores aos similares nacionais. A redução das vendas no mercado externo e interno culminou numa crise sem precedentes nesses setores.

Por outro lado, o setor de malhas defronta-se há anos com o problema de escassez de fios, matéria-prima básica fornecida por apenas dois fabricantes nacionais, o que está obrigando as malharias a importar

---

<sup>303</sup> - Em 1988 ocorreu a eliminação parcial dos regimes especiais de implantação e a redução da redundância tarifária, sendo completadas em 1990 com a reforma da Lei de Tarifas.

o fio do México, da Argentina e do Japão.

Antes da abertura da economia brasileira as altas taxas cobradas para a importação de fios encareciam demais o produto final. Com a abertura da economia intensificou-se a importação de fios de melhor qualidade e menor preço, o que está melhorando as condições de competitividade dos produtos, com a retomada lenta do crescimento no setor.

Com a crise do setor de malhas na década de 90, muitas firmas tradicionais desapareceram do mercado, especialmente em São Paulo, o que tem intensificado a concentração do segmento na região nordeste do Rio Grande do Sul. A região, além de concentrar a produção de malhas, assumiu também a liderança nacional na produção de máquinas retilíneas utilizadas na confecção de malhas.<sup>304</sup>

A perda de competitividade das firmas do setor para os produtos do sudeste asiático, associada à recessão no mercado interno, tem resultado numa crise sem precedentes no segmento têxtil e do vestuário. Muitas firmas, ainda defasadas tecnologicamente, deixaram de investir na produção e passaram a importar produtos para apenas comercializá-los no país, o que pode ser atestado pelo significativo crescimento das importações locais após a abertura da economia brasileira. Com isto tem ocorrido uma modificação na função de algumas dessas firmas, que

---

<sup>304</sup> - Ver artigo na REVISTA EMPRESARIAL. Caxias do Sul: CIC, ano II, n° 8, 1994, p.28.

passaram de produtoras para a de simples intermediárias e distribuidoras de produtos importados.

No setor da madeira, a concorrência internacional também foi intensificada, afetando algumas firmas locais. Países como a Rússia passaram a disputar espaço no mercado internacional, atualmente dominado por países do sudeste asiático.<sup>305</sup> Além disto, muitas firmas do setor que atuavam na exportação da madeira do pinheiro (*Araucária angustifolia*) tiveram suas reservas esgotadas, devido ao intenso desmatamento promovido por décadas consecutivas. O longo período necessário para a reconstituição das florestas dessa espécie vegetal fez com que estas fossem substituídas por reflorestamentos de *Pinus eliotis*, espécie exótica de ciclo comercial mais curto.

Apesar das crises setoriais, a participação do setor industrial local nas exportações foi ampliado, o que garantiu o crescimento econômico do município de Caxias nos últimos anos.<sup>306</sup> Mesmo tendo como carro chefe da economia local o setor metal-mecânico, cuja participação representa cerca de 60% do total produzido na indústria, a estrutura produtiva de Caxias caracteriza-se por ser diversificada. Nela, praticamente todos os gêneros industriais estão representados,

---

<sup>305</sup> - Por exemplo, em 1992 a Malásia foi responsável por cerca de 80% da comercialização de madeiras em toras no mercado mundial.

<sup>306</sup> - Segundo dados da CIC, o crescimento do setor industrial em Caxias foi:  
1991 - 23%  
1992 - 6,86%  
1993 - 17,73%  
1994 - 11,18%

destacando-se dentre outros os segmentos da fiação e tecelagem, dos alimentos e, mais recentemente, a expansão rápida da indústria de material plástico.

Essa diversificação no setor industrial constitui-se em importante garantia para evitar crises mais profundas na economia local. Mesmo que determinados segmentos sejam atingidos por influências conjunturais desfavoráveis a repercussão, no conjunto, será menor de que em casos onde a especialização domina a economia.

Até 1982 os produtos básicos como soja<sup>307</sup>, fumo, couro, dentre outros, predominaram na pauta das exportações gaúchas. A partir de então os produtos manufaturados passaram a assumir expressão crescente, atingindo o índice de 57% em 1994 (ver tabela em anexo).

Essa mudança no perfil exportador do estado, na década de 80, teve a influência decisiva das exportações dos municípios da região nordeste do Estado (onde se localiza Caxias do Sul), dos municípios que constituem o Vale dos Sinos e dos que constituem a grande Porto Alegre.

Dentre os produtos industrializados exportados pelo Estado destacam-se os calçados (município do Vale dos Sinos), produtos químicos (polo petroquímico de Triunfo e Canoas), autopeças, ônibus,

---

<sup>307</sup> - O Rio Grande do Sul é o maior produtor nacional de soja. As exportações ligadas a soja atingiram em 1994, US\$ 181,6 milhões o que representou 19% do total das exportações do Estado e só foi superada pelo setor coureiro calçadista que exportou 21% do total.

carrocerias para ônibus, microônibus, reboques, semi-reboques, tratores agrícolas, móveis (produzidos especialmente nos municípios da região nordeste do Estado).

A tendência de especialização assumida por regiões e municípios do Estado está vinculada, em grande parte, com a diferença no grau de desenvolvimento atingido pelas forças produtivas dos diferentes grupos étnicos de imigrantes, que associadas às transformações econômicas em processo no país e às medidas políticas de incentivo à industrialização viabilizaram a implantação e a expansão de produções específicas nos lugares melhor dotados das condições necessárias (recursos naturais, infra estrutura), num determinado momento histórico.

Por exemplo, a participação crescente do setor metal-mecânico no valor da produção do setor industrial de Caxias do Sul está ligada à política do governo de incentivar a substituição de importações em setores ligados à indústria automobilística, eletrodomésticos, indústria de máquinas, dentre outras e à política de incentivar as exportações como forma de equilibrar a balança comercial.

TERUCHKIM<sup>308</sup> considera que a implantação, em 1968, pelo governo brasileiro, do sistema de minidesvalorização frequente da moeda brasileira, associada à implantação de isenções, incentivos fiscais e

---

<sup>308</sup> - TERUCHKIN, Sônia U. RS: Mudanças no perfil Exportador. In: ALMEIDA, Pedro F. C. (coord.). **A economia gaúcha e os anos 80: uma estratégia regional no contexto da crise brasileira**. Porto Alegre: FEE, 1990. p. 601.

subsídios creditícios às exportações, favoreceu as firmas exportadoras. Estas puderam beneficiar-se dessa política de incentivo às exportações através da apropriação de recursos públicos transferidos aos exportadores, o que contribuiu para aumentar a lucratividade dessas firmas.

Mesmo após 1979, quando o crédito prêmio do ICM foi extinto e o crédito do IPI foi sendo progressivamente reduzido, as exportações locais continuaram crescendo nos dois anos seguintes, para depois disso se reduzirem significativamente até o plano cruzado (1986). Apesar da explosão das vendas no mercado interno durante o Plano Cruzado, as exportações entraram em fase de expansão contínua, melhorando consideravelmente na década de 90, após a assimilação dos efeitos da abertura da economia brasileira, no governo Collor.

Além das alterações na pauta das exportações, o destino dos produtos também sofreu algumas modificações significativas nos últimos anos. As dificuldades de exportar para os países desenvolvidos, devido às barreiras não alfandegárias, está sendo compensada, em parte, pelo incremento das vendas para países integrantes do Mercosul.

Noutro estudo realizado por nós<sup>309</sup>, constatamos que a década de 70 foi marcada pela abertura de novos mercados em todos os continentes. As exportações para os países vizinhos eram significativas

---

<sup>309</sup> - FRIZZO, op. cit., p. 133.

mas, de modo geral, o fluxo espacial das exportações caracteriza-se pela sua dispersão a nível mundial. Cada firma buscava descobrir isoladamente nichos de mercado nos diferentes continentes.

Dentre outras razões, as difíceis condições de comercialização internacional na fase recessiva dos anos 80 e a política restritiva posta em prática, especialmente pelos países desenvolvidos, dificultaram a continuidade das relações comerciais e, as vendas externas foram sendo gradativamente reduzidas nas últimas décadas.<sup>310</sup>

Com a ampliação do processo de globalização e de cooperação internacionais, os países têm buscado se proteger da concorrência dos novos países industrializados através da constituição de blocos de influências diretas, ou seja, a integração de áreas geográficas sobre as quais exerçam domínio econômico através da instituição de restrições não-tarifárias para os países não integrantes, como forma de protecionismo de seus mercados.

Os países subdesenvolvidos ou periféricos, como o Brasil, pouco ou nenhum peso têm na definição desse novo cenário geopolítico mundial, pela sua inexpressiva participação no comércio internacional<sup>311</sup>, restando-lhes apenas um esforço para acompanhar as

---

<sup>310</sup> - Na década de 30, 70% das exportações brasileiras eram absorvidas pelos Estados Unidos. Atualmente os Estados Unidos absorvem em torno de 20% das exportações, os países da Europa 30%, Ásia 20% e América Central e do Sul 25%. (REVISTA EMPRESARIAL. Caxias do Sul: CIC, Ano 1, nº 6, mês, ano. p. 28).

<sup>311</sup> - O Brasil participa com apenas 1% do comércio mundial.

rápidas mudanças no panorama internacional, buscando incentivar as empresas e se modernizarem como forma para sobreviver nesse mercado, redirecionando o fluxo das exportações para países vizinhos e com situação econômica e cultural mais próximas às suas.

As décadas de governos ditatoriais, a rivalidade histórica ligada a antigas disputas por fronteiras e as fracas relações econômicas e políticas entre os países latino-americanos fundamentaram até recentemente a geopolítica do Cone Sul. Com isto foram desperdiçadas as oportunidades históricas de cooperação econômica com os países da ALALC e ALADI.<sup>312</sup>

Foi necessário que blocos econômicos como o da Comunidade Européia, NAFTA, os Tigres Asiáticos, entre os principais, se consolidassem e criassem mecanismos de defesa econômica e social para que os países sul-americanos se “*acordassem*” para a importância de estabelecer alianças entre países vizinhos.

Só em 1991, a partir da assinatura do Tratado de Assunção entre o Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai é que o Mercosul (Mercado Comum do Sul) começou a assumir uma feição concreta de bloco econômico. O processo de integração econômica iniciou com um programa de redução progressiva, linear e automática sobre as alíquotas

---

<sup>312</sup> - A Associação Latino Americana de Livre Comércio (ALALC) foi substituída na década de 80 pela Associação Latino Americana de Integração (ALADI), que inclui: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

praticadas em cada país e sobre todos os seus produtos.

Os produtos “*sensíveis*” e com importância na estrutura de produção de cada país tiveram um período de proteção para permitir que as empresas se reorganizassem para enfrentar a concorrência, especialmente das multinacionais, a partir do plano de abertura dessas economias.

Com o encerramento do período de adaptações, em 01/01/96 todos os produtos passaram a ter livre circulação entre os países membros do Mercosul. Atualmente o que se observa é que, após a concretização do Mercosul, as relações comerciais entre os países membros estão sendo intensificadas em função de vantagens econômicas mútuas e pela melhor adequação dos produtos às características do mercado e às normas legais dos países sul-americanos, onde as afinidades culturais são mais próximas quando comparadas às dos países centrais.

O fim das barreiras tarifárias e a menor carga tributária<sup>313</sup> sobre os produtos na legislação dos países parceiros, quando comparadas às do Brasil, têm estimulado a criação de filiais brasileiras nesses países, através de associações. Vale lembrar que a constituição de firmas binacionais permitirá, entre outras vantagens, fortalecer os grupos

---

<sup>313</sup> - No Brasil a carga tributária gira em torno de 40% sobre os produtos, enquanto que na Argentina e no Uruguai esse índice é em torno de 25% e no Paraguai é de 15%. No Brasil os encargos sociais sobre salários é o mais elevado dentre os parceiros do Mercosul. (REVISTA EXECUTIVOS FINANCEIROS. Rio de Janeiro: ano VIII, jul. 1995. p. 12.).

econômicos dos países membros para melhor enfrentarem a concorrência e quem sabe melhorar a participação no mercado mundial, que atualmente não chega a ser de 2%.

Dentre as firmas caxienses estudadas a Randon, a Marcopolo, a Fras-le e a Plásticos Pisani já implantaram firmas em um ou mais países do Mercosul, com destaque para a Argentina, onde o tamanho do mercado é o segundo maior depois do brasileiro.

Essa reorganização do mundo sob novas bases está sendo considerada por alguns cientistas como uma nova etapa do sistema capitalista. Enquanto sistema econômico, o capitalismo historicamente tem-se caracterizado por flutuações periódicas de expansão, alternadas com as de recessão econômica. De acordo com a teoria do russo KONDRATIEFF<sup>314</sup>, o desenvolvimento produtivo é caracterizado por ciclos ou ondas de evolução econômica mundiais, as quais têm uma duração de aproximadamente 50 anos, período em que se observa uma fase de prosperidade que é seguida por outra de recessão.

De acordo com esta teoria, atualmente estaríamos chegando ao final da quarto ciclo longo, correspondente ao período final da fase recessiva, inaugurada em 1973 com a crise do petróleo, que pôs fim à era da energia barata e limitou o “boom” do desenvolvimento das décadas anteriores.

---

<sup>314</sup> - KONDRATIEFF, Nicolai; GARY, George. **Las ondas largas de la economia**. Madrid: Revista de Occidente, 1946.

Segundo KONDRATIEFF<sup>315</sup>, antes de se iniciar o movimento de expansão do ciclo longo ocorrem profundas mudanças tecnológicas (inovações e invenções) e a inclusão de novos países ao sistema econômico mundial, variação na produção de ouro e na circulação monetária. Já na fase de depressão o ritmo econômico do centro do sistema se reduz, com a contração das quantidades e dos preços das matérias-primas e alimentos produzidos na periferia.

Com isto, os recursos da periferia tornam-se ociosos, forçando a procura de utilizações rentáveis, levando alguns países periféricos a concentrarem-se na produção de artigos importados, num claro processo de substituição de importações.

Vários autores, especialmente os russos, negam o caráter cíclico da economia. TROTSKI<sup>316</sup> admitiu a existência de oscilações longas na vida econômica, porém negou o seu caráter cíclico. Para ele, as ondas do progresso técnico devem ser interpretadas não como ciclos, mas sim como fases do progresso histórico de desenvolvimento das forças produtivas, o qual ocorre por saltos e é sempre acompanhado, na fase recessiva, por crises de desemprego tecnológico e salários baixos.

O que nenhum cientista nega é o fato do sistema capitalista estar submetido a mudanças constantes, através de novas formas de

---

<sup>315</sup> - Ibid., p. 32.

<sup>316</sup> - TROTSKI apud KONDRATIEFF, op. cit., p. 98.

reprodução ampliada do capital, superando até aqui as crises provocadas pelas contradições, contrariando as teorias que previam a decadência e o fim do sistema capitalista no mundo a partir do advento do socialismo.

Para SACHAR<sup>317</sup>, as atuais mudanças estruturais no sistema econômico mundial estão ligadas especialmente com a atuação das corporações transnacionais, do setor bancário e das instituições financeiras internacionais (constituídas basicamente pelo Fundo Monetário Internacional-FMI e o Banco Mundial).

A estrutura corporativa das transnacionais tem sido o maior instrumento para a globalização da economia. A competição intercapitalista, envolvendo um número cada vez menor de grandes empresas que atuam numa linha de produção diversificada, tem ampliado o seu controle sobre o mercado em escala mundial.

A renda total gerada por essas transnacionais, frequentemente superior ao PNB de boa parte dos países onde se instalam, dão-lhes um poder de pressão junto aos governos que favorece seus interesses, através de obtenção de incentivos que envolvem a doação de terrenos, isenções de impostos, instalação de infra-estrutura, financiamentos, dentre outras vantagens nem sempre explicitadas.

Com a abertura do mercado brasileiro e a constituição do

---

<sup>317</sup> - SACHAR, Arie. A cidade mundial e sua articulação ao sistema econômico global. In: BECKER, B. K. **Abordagens Políticas da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983.

Mercosul, muitas multinacionais<sup>318</sup>, de olho neste mercado, estão instalando filiais de produção, especialmente na Argentina e no Brasil.

A decisão de muitas multinacionais de instalar filiais no Brasil tem promovido, entre os estados, um verdadeiro *"leilão de vantagens"* visando cada qual atrair para si esses investimentos, que nem sempre têm a mesma expressão na criação de novos empregos diretos, na medida em que essas empresas adotam métodos de produção automatizados, e no caso das montadoras de veículos estas importam boa parte das autopeças empregadas na produção.<sup>319</sup>

A General Motors, que instalara<sup>320</sup> uma montadora no Estado gaúcho, já anunciou que essa filial está projetada para ser a mais moderna da corporação, e que servirá de modelo para novas unidades a serem construídas em diversos países do mundo, na virada do século. Nesta montadora as principais funções na linha de montagem serão executadas por robôs e sistemas automatizados, gerando apenas cerca de

---

<sup>318</sup> - O termo multinacional é aplicado por Hymer para designar as firmas que assumem como habitat o próprio mundo e que planejam a produção e a comercialização em escala global. (HYMER, op. cit., p. 71).

<sup>319</sup> - A recente regulamentação do Regime Automotriz reduziu o índice de nacionalização das autopeças, exigido na montagem dos veículos no país de 80% para 60% e, ao mesmo tempo, estabeleceu alíquotas de importação diferenciadas para os produtores independentes e as montadoras, o que está expondo o segmento de autopeças à concorrência internacional.

A partir do anúncio da instalação de 8 novas montadoras de veículos no país, o processo de desnacionalização em autopeças está se intensificando. Levantamento do Sindipeças indica que nos 3 últimos anos foram realizadas mais de 60 transações no setor entre compra, fusões, joint-venture e desativação de firmas no país. (REVISTA AMANHÃ. Porto Alegre: Plural Comunicações Ltda., n° 109, jul. 1996. p. 44).

<sup>320</sup> - O início das obras será em janeiro de 1997, com previsão para estar concluída de 18 a 24 meses (JORNAL PIONEIRO. Caxias do Sul: 3 de dez. 1996. p. 1).

2 mil empregos diretos, número inferior ao gerado por muitas das grandes firmas de Caxias. A adoção de métodos modernos de produção limitará, em muito, a influência das novas montadoras de veículos sobre a geração de novos empregos, o que leva a questionar a validade dos verdadeiros “leilões” de vantagens oferecidos pelos estados para atrair esses investimentos.

As multinacionais, instaladas com suas sedes nas grandes metrópoles mundiais, tornam-se instituições de articulação financeira, núcleos de pesquisa e desenvolvimento do produto, marketing e acumulação de capital das filiais de produção instaladas em vários países, e mesmo tempo promovem a desigualdade espacial, na medida em que os maiores investimentos e os melhores empregos concentram-se nessas metrópoles, num claro processo de transferência geográfica do excedente produzido nos países hospedeiros.

Elas são uma das principais responsáveis pela globalização da economia, quer seja pelo investimento de capital direto na instalação de filiais de produção (como no exemplo do Robertshaw do Brasil S.A de Caxias<sup>321</sup>), quer pela criação de novas firmas a partir da associação com

---

<sup>321</sup> - Robertshaw do Brasil S.A é filial da firma americana Robertshaw Controls Company, considerada como sendo uma das maiores fabricantes mundiais de controles automáticos e de sistema de controle para indústrias, comércio e residências, com cerca de 10 mil produtos e mais de 2500 patentes.

Em 1986, o controle acionário da Robertshaw Controls Company, passou para o grupo inglês Siebe, conglomerado detentor de tecnologia de ponta, que se estende por 30 países nos 5 continentes e que emprega cerca de 28 mil funcionários e tem um faturamento de cerca de US\$ 2 bilhões /ano. (Informativo Robertshaw do Brasil S.A s/d).

grandes grupos locais (Freios Master-Equipamentos automobilísticos Ltda.<sup>322</sup>, Carrier Transicold Brasil<sup>323</sup>, Jost Brasil Sistemas Automotivos Ltda.<sup>324</sup>, dentre outros).

Por sua vez, Caxias do Sul também tem ampliado sua escala espacial de influência ao estabelecer relações comerciais com países de todos os continentes do mundo e especialmente ao instalar filiais de produção e comercialização de firmas locais e em outros países.

Dentre as firmas caxienses estudadas, a Randon, a Marcopolo, a Fras-le, Plásticos Pisani e Eberle instalaram, na última década, filiais em países integrantes do Mercosul, Portugal e Ilhas Virgens. Muito mais do que simplesmente abrir novos mercados e buscar acordos de cooperação técnica e celebração de associações com grandes corporações multinacionais, os empresários dos grupos econômicos de Caxias têm-se

---

<sup>322</sup> - Freios Master Equipamentos Automotivos Ltda. é uma joint-venture que resultou da associação da Randon com a Rockwell Internacional, companhia multi-industrial com sede nos USA e que possui o maior laboratório independente de pesquisa do mundo, dedicado ao desenvolvimento de produtos nos ramos aeroespacial, eletrônico, automotivo e de outras indústrias. O conglomerado emprega cerca de 120.000 pessoas no mundo e fatura em torno de US\$ 12 bilhões /ano. Possui instalações industriais nos USA, Canadá, México, Alemanha, Japão, Austrália e Brasil.

<sup>323</sup> - Firma Carrier Transicold Brasil é uma joint-venture da Random com a Carrier Transicold, firma americana que se uniu ao grupo United Technologies Corporation UTC, líder mundial em tecnologia aeroespacial, propulsão, sistemas e controles eletrônicos. A UTC possui 288 fábricas em 57 países, empregando mais de 190.000 pessoas. Suas vendas, em 1992, atingiram US\$ 24 bilhões. A Carrier Transicold participa de um seletivo grupo de empresas que adotam tecnologia de ponta como SIKORSKY (helicópteros), Pratt & Whitney (turbinas de avião), Hamilton Standart (sistema aerospacial), Norden (sistema de defesa) e Otis (elevadores).

<sup>324</sup> - Jost Brasil, Sistemas Automotivos Ltda., é uma joint-venture da Randon e Jost Werk AG da Alemanha que produz conexões para veículos articulados e tem como alvo atender fabricantes de reboques e semi-reboques e montadoras de caminhões.

preocupado em preservar o controle acionário das firmas através da detenção de mais de 50% das ações ordinárias (como nos exemplos das associações realizadas pela Randon e Marcopolo).

**QUADRO 20 - Investimentos diretos no exterior das firmas líderes em exportação**

<p>Marcopolo S.A.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marcopolo Empreendimentos e Participações Ltda. (Holding participa com 99,9%) Coimbra - Portugal</li> <li>• Marcopolo Indústria de Carrocerias S.A. (montadora) - Coimbra: filial de Portugal controle de 66% das ações</li> <li>• Marcopolo International Corporation (1992) Trading Company (off shore), Ilhas Virgens Britânicas (controle de 100% das ações)</li> <li>• Ilmolt International Corporations S.A. - Trading Company (off shore) - Montividéu - Uruguai (controle de 100% das ações)</li> </ul>
<p>Randon Ltda.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Randon Ibérica Materiais para o Transporte Ltda. montadora e finalização do produto. Lisboa - Portugal (Participação de 75% do controle acionário)</li> <li>• Randon Argentina S.A. (1994) - Montadora - Argentina (participação em 51% das ações) - Associação das Empresas Argentinas</li> </ul>
<p>Fras-le S.A.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Filial em Buenos Aires - Argentina - Unidade de produção e de comercialização dos produtos do grupo. (Antiga Frenblock, cujo controle acionário foi adquirido pela Fras-le em 1990)</li> </ul>
<p>Pisani S.A.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Filial de produção no Uruguai</li> <li>• Filial de Produção na Argentina</li> </ul>
<p>Eberle Indústria e Tecnologia Ltda.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Filial na Argentina. Escritório de vendas e depósito para a manutenção de estoque para a pronta entrega na linha de componentes de fixação (1993)</li> </ul>

Fonte: Entrevistas realizadas em 1994 e 1995.

Obs.: O ano entre parênteses indica o ano da criação da firma.

Algumas firmas líderes em exportação como a Marcopolo, Randon estão se fragmentando em empresas menores através de associações com outras, buscando agilizar seus negócios. A cooperação entre empresas está assumindo a forma de alianças econômicas estratégicas em pontos diferenciados de países do mundo, com destaque para Portugal, enquanto porta de entrada para a Comunidade Européia e Argentina, como sendo o país mais importante do Mercosul.

Os vínculos entre empresas têm assumido diferentes formas, tais como: associações como Joint-ventures (Randon e Marcopolo), acordos comerciais e técnicos (Agrale e Eberle), contratos de subcontratação (Madetorno e Reflorestadores Unidos), dentre outros, como investimentos diretos com outras empresas noutros países para facilitar a entrada em mercados específicos, acesso à tecnologias de ponta e compartilhar riscos e custos financeiros.

Há que considerar ainda a intensificação dos fluxos de comércio entre empresas num claro processo de aumento do grau de complementaridade entre estruturas produtivas localizadas em diversos países (Randon e Marcopolo). Nesses exemplos, a competição entre empresas assume uma nova perspectiva, a partir da formação de alianças entre firmas até então competindo entre si, para se transformar em competição pelo acesso a novas tecnologias e novos mercados diluindo as fronteiras políticas entre os países (ver FIGURA 17).

A preocupação com a preservação do controle acionário por empresários locais significa a certeza de que os benefícios da acumulação do capital continuaram sendo investidos na melhoria da infra-estrutura dessas empresas para a continuidade do seu crescimento.

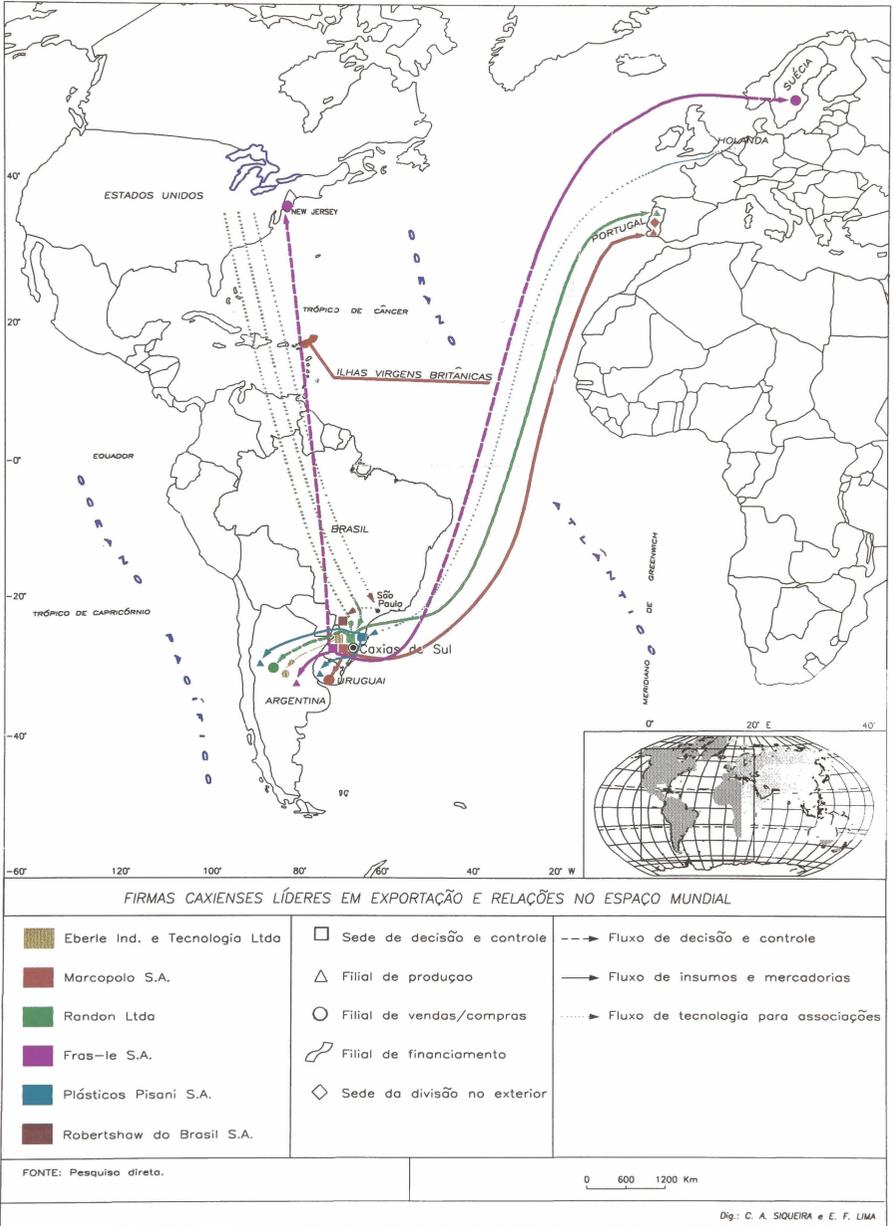


FIGURA 17 – CAXIAS DO SUL – RS: FIRMAS LÍDERES EM EXPORTAÇÃO COM FILIAIS NO EXTERIOR E ASSOCIAÇÕES COM OUTRAS EMPRESAS

O empresário José Antônio Martins, diretor da Marcopolo, em entrevista publicada, alertou para a necessidade de se ter cautela com as parcerias ao afirmar “*o parceiro pode ser um dragão que vai te comer no futuro*”.<sup>325</sup> Parcerias com grupos fortes pode significar um risco futuro de rompimento da sociedade com a falência ou perda do controle acionário da firma menos capitalizada, daí o por quê da preocupação com a preservação do controle acionário em mãos de empresários da região.

A inserção de Caxias no processo de globalização da economia está ocorrendo especialmente através do setor industrial. Evidências desse fenômeno são recentes, especialmente a partir do final da década de 80, quando a competição acirrou-se no mundo, através do processo de concentração e centralização do capital em grandes grupos que atuam numa linha diversificada de produção, exercendo em controle crescente sobre o mercado mundial, a partir da sua maior abertura.

Constata-se que as corporações têm intensificado as transações entre suas divisões, as quais têm atuado como pontos de apoio na realização de negócios nos países onde estão instaladas com outras produções, o que tem ampliado sobremaneira o fluxo comercial interfirmas de uma mesma corporação; isto, segundo alguns estudiosos, é hoje responsável pela maior parte do comércio internacional. Como

---

<sup>325</sup> - REVISTA AMANHÃ. Porto Alegre: Plural Comunicações Ltda., ano IX, nº 91, dez. 1994. p. 62.

exemplo desse comércio interfirmas temos o caso da Robertshaw, que aproveita a estrutura instalada das divisões do conglomerado para realizar negócios com países de outros continentes.

Até décadas recentes o processo de internacionalização do capital atingia primeiro as grandes metrópoles nacionais do país, a exemplo do que ocorreu com São Paulo e Rio de Janeiro, onde primeiro se instalaram as filiais de corporações transnacionais (ABC paulista com as montadoras de veículos e baixada de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro com os grandes laboratórios farmacêuticos), que buscaram se localizar em pontos melhor dotados de infra-estrutura e próximo aos grandes centros consumidores.

Na última década observa-se que as corporações multinacionais estão aplicando seus investimentos de forma mais descentralizada, instalando filiais de produção em diferentes estados do Brasil, e com base em novos critérios locacionais que privilegiam a questão da posição estratégica das instalações em relação aos mercados integrados por blocos econômicos e em relação a pontos de fácil acesso que facilitem a exportação e importação de produtos e insumos.

Neste sentido, a consolidação do Mercosul está deslocando o interesse das montadoras do sudeste para a região Sul, que adquiriu uma posição estratégica nesta nova geografia onde os países estão, cada vez mais, se reunindo em blocos econômicos de poder.

A posição privilegiada dos estados do sul do país em relação aos países do Cone Sul e o fortalecimento dessa posição estratégica quando for executado o projeto de ligação do Oceano Atlântico com o Pacífico, através da ligação do Brasil com o Porto de Antofagasta, no Chile, está despertando o interesse das multinacionais em se estabelecer nesses estados.

Na América do Sul, a arquitetura mais estreita, da sua parte meridional, aliado à mudança no mercado internacional, com a emergência dos novos países industrializados do sudeste asiático, está criando uma nova divisão internacional do trabalho, com a mudança rápida da posição dos países e das corporações multinacionais no ranking mundial com a consequente mudança do eixo de circulação do comércio internacional do Oceano Atlântico para o Oceano Pacífico, acompanhando a nova realidade da economia mundial.

Nesta nova geografia das multinacionais, a localização das filiais está assumindo uma feição diferente, num claro processo de desindustrialização de alguns lugares e do fortalecimento ou criação de novos pólos industriais em pontos que estão assumindo um caráter estratégico a partir de nova realidade, constituída não mais por economia de países isolados, mais sim por mercados integrados em blocos econômicos de poder.

Nesse novo cenário a posição relativa dos estados e países do sul

do continente estão assumindo um novo papel, à medida que estão atraindo significativo volume de investimentos diretos, como o da instalação de filiais de multinacionais, especialmente ligadas às montadoras de veículos, em disputa por um dos mais importantes mercados do mundo, em termos de potencial de consumo.<sup>326</sup>

No caso da escolha da região metropolitana de Porto Alegre para a instalação da montadora da General Motors, teve peso relevante na decisão a existência de importantes firmas com tradição na produção de autopeças em municípios localizados próximos à capital, com destaque para Caxias do Sul, considerado o maior pólo de autopeças do Estado gaúcho (ver QUADRO 21 e 22).

Algumas firmas locais, (como por exemplo a Fras-le), já são fornecedoras de autopeças da GM e de outras montadoras localizadas no país e mesmo no exterior. Além dessas firmas, muitas outras também atuam como fornecedoras de autopeças para o mercado de reposição, como no caso da firma Bepo, de São Marcos, que fábrica, entre outros, componentes e tanques de combustível.

De acordo com informações do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul (SIMECS), das mais de duas mil indústrias abrangidas pela entidade, pelo menos 50% delas teriam potencial para fornecer componentes para

---

<sup>326</sup> - Atualmente o Brasil produz cerca de 3 milhões de veículos/ano; a previsão para o ano 2000 é de produzir 5 milhões de veículos/ano.

as montadoras de veículos, pelo bom nível tecnológico e gerencial atingido.

**QUADRO 21 - Investimentos recentes das montadoras de veículos no Brasil**

MONTADORAS	LOCALIZAÇÃO	PREVISÃO DE INVESTIMENTOS	PREVISÃO DE EMPREGOS
Volkswagem	<ul style="list-style-type: none"> <li>Resende (RJ): montadoras de caminhões e ônibus;</li> <li>São Carlos (SP): fábrica de motores</li> </ul>	US\$ 500 milhões	sem dados
Chrysler	<ul style="list-style-type: none"> <li>Campo Largo (PR): montadora de automóveis</li> </ul>	US\$ 350 milhões	sem dados
Honda	<ul style="list-style-type: none"> <li>São Paulo</li> </ul>	US\$ 350 milhões	400 empregos diretos
Mercedes-Benz	<ul style="list-style-type: none"> <li>Paraná: montadora de caminhões e ônibus;</li> <li>Minas Gerais</li> </ul>	sem dados	sem dados
General Motors*	<ul style="list-style-type: none"> <li>Rio Grande do Sul: montadoras de automóveis;</li> <li>Santa Catarina: unidade de componentes;</li> <li>São Paulo: unidade de estamparia (lataria dos veículos)</li> </ul>	Investimentos em 1996 e 1997 US\$ 550 milhões (RS); US\$ 550 milhões (SC) US\$ 150 milhões; até 1999 será 3,5 bilhões	2000 empregos diretos e indiretos 500 empregos 1500 empregos
Skoda	<ul style="list-style-type: none"> <li>Paraná: unidade de motores a gás para ônibus</li> </ul>	US\$ 30 milhões	sem dados
Renault	<ul style="list-style-type: none"> <li>São José dos Pinhais (PR): montadora de automóveis</li> </ul>	US\$ 700 milhões	2000 empregos diretos e 20 a 25 mil indiretos

Fonte: GAZETA MERCANTIL LATINO AMERICANA. São Paulo: Cia Litographica Ypiranga, dez. 1996. REVISTA AMANHÃ. Porto Alegre: Plural Comunicações Ltda., ano X, nº 113, nov. 1996. Organizado pela autora.

\* A General Motors já atua com duas fábricas no Brasil, uma em São Caetano do Sul e outra em São José dos Pinhais e participa com 22,4% do mercado brasileiro.

Segundo estimativa do SIMECS, cerca de 10% da produção de autopeças da região está sendo exportada, 20% permanece no Estado e 70% destinam-se ao restante do país.<sup>327</sup>

<sup>327</sup> - JORNAL PIONEIRO. Caxias do Sul. 3 de dez. 1996. p. 4.

**QUADRO 22 - Montadoras de veículos e autopeças de Caxias e região  
- 1996**

SETOR	PRODUTOS PRODUZIDOS	Nº ESTABELECEMENTOS	
		CAXIAS	REGIÃO
Montadoras de Veículos	Tratores agrícolas, caminhões leves motocicletas, cabines duplas para caminhões, semi-reboques, adaptação do terceiro eixo, carrocerias para furgão, veículos especiais, caçambas basculantes, guindastes, veículos, empilhadeiras, carrocerias para ônibus, veículos especiais fora de estrada	13	3
Autopeças	Motores, suas partes e peças, componentes usinagem de precisão	9	3
	Dispositivos de tração e direção, sistemas hidráulicos e pneumáticos, suas partes e peças	11	1
	Sistemas de freios, freios, amortecedores, rodas, pneus e câmaras, suas partes e peças	16	3
	câmbios, transmissões, componentes eletrônicos, sistemas de iluminação, terminais, baterias, suas partes e peças	21	-
	Estrutura dos veículos, lataria, autopeças metálicas, tanques de combustível, acessórios, pintura, suas partes e peças	21	4
	Estofados, estofamento, peças plásticas, borrachas e fibra de vidro, suas partes e peças	21	4
	Galvanoplastia, cromoduro, metalização a vácuo e outros revestimentos	3	-
	Equipamentos para ar condicionado, calefação, ventilação, suas partes e peças	6	-
	Moldes e matrizes: moldes de injeção, extrusão e sopro de termoplásticos, matrizes para corte, dobra, estampo e repucho para injeção de metais não ferrosos e para termofixos	5	-
	Máquinas e equipamentos, fabricantes de máquinas e equipamentos para indústria de autopeças e montadoras	8	-
	Vidros	2	-

Fonte: Guia de fornecedores para a Indústria automotiva. Caxias do Sul: CIC. Sindicatos da Indústria Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul, 1995. Organizado pela autora.

**QUADRO 23 - Prestação de serviços e fornecedores potenciais para as montadoras de veículos**

SERVIÇOS E PRODUTOS PRODUZIDOS	Nº ESTABELECIMENTOS	
	CAXIAS	REGIÃO
Ferramentarias: fabricação de moldes, matrizes e dispositivos para injeção, extrusão e sopro de termoplásticos, termofixos para materiais não ferrosos e para corte, dobra, estampo e repuxe de metais	47	4
Usinagem de peças técnicas, fabricação de peças e prestação de serviço de usinagem em tornos c/4 automático, revólver e mecânico, fresas, mandrilhadoras retificas cilíndricas, centerlens planas, brumidoras, eletrocrosão, laminadoras	44	4
Termoplásticos, termofixos, peças técnicas e produtos, injeção com capacidade de até 1500 t. de pressão de fechamento de 10.000g. de peso de injeção, extensão, sopro com programador de extrusão	47	16
Borrachas, fibra de vidro, peças técnicas, fabricação e produtos, moldados, extrusados, trefilados, laminados e prensados	-	1
Estamparia de peças e produtos: prensas hidráulicas de até 800t. prensas excêntricas de até 1500t, viradeiras, dobradeiras, desbobinagem, Sleeter, tubos perfos-metálicos curvadoras de tubos	55	5
Eleto-eletrônica: peças, produtos e montagem, fios, cabos, chicotes, iluminação, transformadores, estabilizadores de voltagem, No-Breaks, interruptores, centros e quadros de distribuição, disjuntores chaves, placas e dispositivos eletrônicos	10	-
Forjaria de peças e produtos de aço com martelo de queda de até 500 kg	1	2
Fundição e injeção de metais ferrosos e não ferrosos: fundição por gravidade, fundição por pressão, fundição em microfusão, injeção de aços e cerâmicos	6	-
Acabamento e tratamento de superfícies: Galvanoplastia decorativa, cromaduro metalização a vácuo, zincagem a fogo, pintura líquida, pintura eletrostática. Epoxi líquida e a pó, esmaltagem	28	3
Tratamento técnico de metais: por indução em média e alta frequência, convencional e contínuo	5	-
Solda, prestação de serviços de solda: solda elétrica por costura, ponto, contínua, solda tipo Múg, Tig, Múg de arco submerso, eletrado	10	2
Fabricantes de máquinas, equipamentos e dispositivos	39	2
Desenvolvimento de projetos de máquinas e equipamentos	5	1

Fonte: Guia de fornecedores para Indústria automotiva: Caxias do Sul. Câmara de Indústria, Comércio e serviços de Caxias do Sul. Sindicato das Indústrias metalúrgicas, mecânicas e de material elétrico de Caxias do Sul, 1996. Elaborado pela autora.

Obs.: O número de estabelecimentos não corresponde ao o número de firmas. Uma mesma firma pode constar em mais de um setor, na medida em que produz uma diversidade de itens.

O potencial da região na produção de autopeças teve, certamente, um peso importante na escolha do Estado gaúcho para sediar as instalações da GM. No entanto, a proximidade de um porto fluvial na capital foi decisiva para a escolha do lugar no Estado, na medida em que essa montadora planeja exportar 20% da produção para os países latino-americanos.<sup>328</sup>

Segundo levantamentos realizados pelas entidades empresariais, o parque de autopeças gaúcho pode fornecer de 50% a 67% dos itens que compõem um veículo, e muitas dessas firmas foram consideradas como fornecedores potenciais pelo bom nível de qualidade e produtividade atingidos na fabricação de rodas, pneus, amortecedores, material-elétrico, autopeças, dentre outros.

As grandes mudanças tecnológicas do final deste século, como a informática<sup>329</sup>, satélites, grandes jatos, têm fornecido os meios necessários para a integração das atividades econômicas mundiais, com a conseqüente mudança nas estratégias de localização e conquista de novos mercados.

A partir das novas tecnologias de produção o custo relativo de matéria-prima, do consumo de energia e a substituição de insumos na

---

<sup>328</sup> - JORNAL CORREIO RIOGRANDENSSE. Caxias do Sul: Editor, 4 de dez. 1996. p. 8.

<sup>329</sup> - A adoção do sistema de vídeo-conferência tem evitado a necessidade de viagens e tem permitido o contato permanente entre empresas de um conglomerado localizadas em diferentes pontos de um país ou do mundo.

produção estão destruindo os tradicionais princípios da geografia econômica, segundo os quais a localização industrial estava vinculada sobretudo com a proximidade das fontes de matéria-prima e de energia.

A crescente redução do custo desses fatores de produção, no custo total do produto, tem permitido uma localização cada vez mais independente das firmas no espaço geográfico.

Para tanto tem contribuído também a tendência de redução do ciclo da produção, isto é, da idealização do projeto de um produto até a sua comercialização, o tempo médio necessário tem-se comprimido de forma crescente, tornando rapidamente obsoletas as instalações e maquinários.

A ampliação contínua dos investimentos necessários para a adoção de novas tecnologias e a rápida obsolescência técnica dos equipamentos tem, de um lado, ampliado as barreiras para o ingresso de novos produtores no mercado, especialmente em setores que adotam tecnologia de ponta e, de outro lado, tem tornado mais flexíveis as decisões de realocação industrial de novas unidades de produção, projetadas para funcionar dentro de novas concepções, o que por vezes exige a desativação completa de fábricas consideradas obsoletas no segmento. Exemplo claro deste processo está ocorrendo no segmento da produção de cerveja no país. Em Caxias, o fechamento em 1996 da unidade da cervejaria Antártica (antiga cervejaria Leonardelli) está incluída neste

caso.

Como decorrência do uso crescente de uma tecnologia cada vez mais sofisticada, com máquinas computadorizadas, o perfil do trabalhador necessário também está sendo alterado. A necessidade de uma maior qualificação da força de trabalho para operar essas máquinas caras e sofisticadas está se transformando em um dos critérios importantes na escolha de novas localizações por parte das firmas.

### **3.1 - AS FIRMAS CAXIENSES LÍDERES EM EXPORTAÇÃO**

Como já vimos anteriormente, as atuais empresas líderes em exportação surgiram em diferentes períodos a partir de pequenas firmas, constituídas geralmente pela associação de pequenos capitais que iniciaram atuando para o mercado local e regional.

No entanto, o crescimento dessas firmas só se deu a partir da sua inserção no mercado nacional, numa conjuntura em que a economia do país passava por uma fase de expansão e favorecidas por uma proteção do mercado interno, o que viabilizou a consolidação do setor industrial como um todo.

Porém as crises periódicas na economia, agravadas pela fase de

recessão inaugurada em 1973 com a crise do petróleo, resultaram numa disparidade entre o potencial de crescimento das indústrias e o ritmo de expansão da demanda no mercado interno.

Como alternativa para continuar crescendo no mercado interno, as firmas locais passaram a adotar uma ou mais estratégias combinadas de acordo com prioridades estabelecidas pelos seus dirigentes.

Muitas firmas locais optaram por crescer no mercado interno através da diferenciação da linha de produtos (Agrale, Randon, Eberle, Controles Robershaw do Brasil, dentre outras) e ou diversificação dos investimentos (Randon, Fras-le, Marcopolo, Cia. Sul Americana de Madeiras e Compensados, dentre outras), associada à exportação buscando usufruir das vantagens fiscais oferecidas pelo governo, que criou, em 1968, uma série de incentivos às exportações.

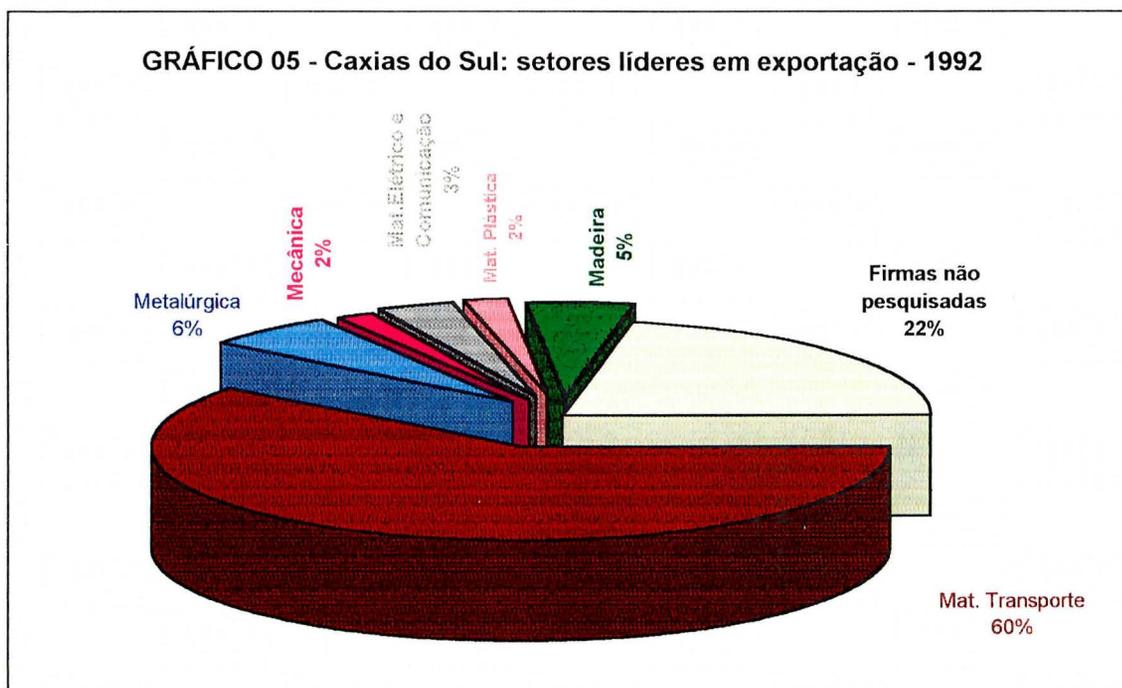
Nesta parte do estudo pretendemos analisar a forma de atuação das firmas líderes em exportação no mercado. A adoção de critério de selecionar apenas as firmas líderes que exportaram regularmente acima de 500 mil US\$ no período de 1989 a 1992, resultou num conjunto de 13 firmas. Destas, nove pertencem ao setor de bens duráveis e apenas quatro ao setor de bens não-duráveis.

Apesar do reduzido número de firmas selecionadas para o estudo, estas são responsáveis por mais de 70% do valor exportado, como pode

ser constatado no GRÁFICO 05.

Ao se estudarem os dados da participação relativa dos setores líderes em exportação para o ano de 1992 constata-se que o setor de bens duráveis representou cerca de 73% do valor exportado por Caxias e que deste percentual 60% foi do segmento de material de transporte. Esses dados por si só mostram a representatividade da amostra no conjunto das 175 firmas que exportam neste ano (ver ANEXO 3).

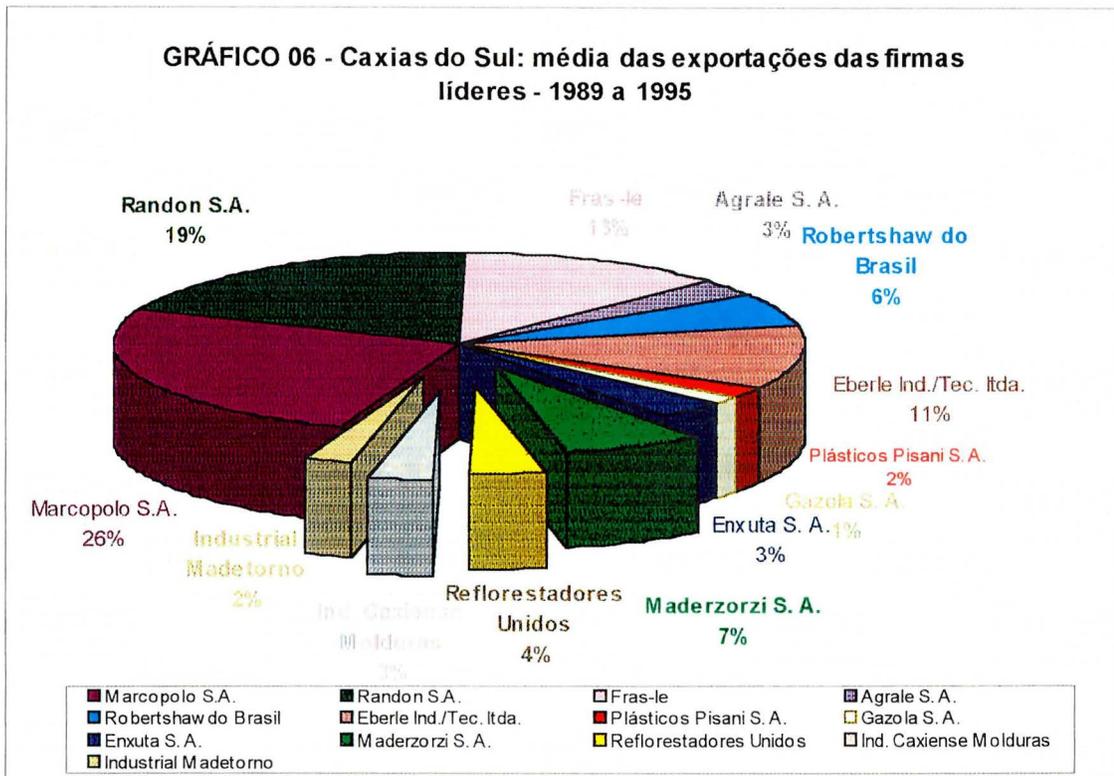
Nesta parte do estudo pretendemos focalizar o papel desempenhado pelos mercados externos no processo de expansão das firmas e nos padrões de competição no segmento.



Fonte: Arquivos do cadastro das empresas exportadoras do Ministério da Indústria do Comércio e do Turismo - DTIC/COEST, RJ. - 1992. Gráfico elaborado pela autora.

O conceito de mercado será considerado em seu aspecto bidimensional, significando não só a natureza dos produtos (dimensão-produto do mercado), mas também na sua dimensão espacial, representada pelas fronteiras territoriais da demanda.<sup>330</sup>

O conjunto das 13 firmas líderes em exportação caracteriza-se pela sua heterogeneidade em termos de segmentos de atuação, tamanho das empresas e por parte delas atuarem em mercados oligopolistas e outras em mercados competitivos.



Fonte: Ministério da Ind., do Comércio e do Turismo. SECEX/DTIC-RJ. 1989 a 1995  
Gráfico elaborado pela autora.

<sup>330</sup> - Guimarães, Eduardo Augusto. *Acumulação e crescimento da firma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.73.

Os segmentos que atuam em um mercado oligopolista estão representados pelas firmas ligadas a autopeças, implementos rodoviários, carrocerias para ônibus, motores elétricos, termostatos, tratores, motos, caminhões, eletrodomésticos. O potencial de crescimento dessas produções tem sido superior às taxas de expansão do mercado interno e as exportações de parte da produção aparecem como uma das alternativas para continuarem a crescer. As exportações, antes de se constituírem num bom negócio, são consideradas como um desafio tecnológico, na medida que em os produtos precisam ser adaptados às especificações e exigências de cada país, o que exige altos investimentos no desenvolvimento dos produtos e modernização dos equipamentos para o controle de qualidade e aumento da produtividade.

A exportação de mercadorias tem sido frequentemente seguida, nas firmas maiores, pela de investimentos diretos de capital em outros países através da instalação de subsidiárias, o que se constitui em outro aspecto do processo de contínua expansão do capital, como estratégia para manter e expandir sua posição em mercados de interesse específico.

O segundo grupo de firmas líderes em exportação é constituído por segmentos que atuam num mercado competitivo, ligados a produtos de madeira, à indústria metalúrgica (Gazola S.A) e de matéria plástica (Plásticos Pisani). Essas firmas operam num mercado onde a competição continua importante, na medida em que as barreiras para o ingresso de

competidores é bem menor que o existente em segmentos já oligopolizados do mercado.

No caso das firmas que atuam com produtos de madeira a competição se verifica mais pelo acesso a recursos escassos do que pelo grau de desenvolvimento ou por barreiras para o ingresso de novos concorrentes. A busca de recursos escassos e que exigem um período de tempo considerável para serem renovados tem desenvolvido a prática de empresas do exterior de subcontratarem firmas locais para produzirem produtos de acordo com especificações estabelecidas por elas. Essa prática de subcontratação internacional entre firmas está assumindo um caráter de dependência e alto risco, na medida em que as firmas subcontratadas operam para poucos grandes clientes através de contratos de longo prazo, muitos dos quais com cláusulas de fornecimento exclusivo no país que atuam.

Na firma ligada a embalagens pesadas de material plástico para indústrias de bebidas, as exportações estão restritas a países da América do Sul, onde conseguem competir com outros fabricantes. A natureza do produto, volume e custo do transporte inviabilizam economicamente a exportação para países distantes. O número de concorrentes nesta produção ainda é significativo, mas a tendência é a de ocorrer uma rápida concentração do capital, na medida em que as modernizações estão exigindo altos investimentos neste setor.

Na metalúrgica Gazola a expansão do mercado externo está em boa medida ligada ao sistema de terceirizar as vendas. A transferência da responsabilidade das vendas para terceiros tornou a estrutura da firma mais enxuta e as vendas assumiram uma dinâmica própria, o que tornou os negócios mais eficazes e melhorou a sua posição de competição no mercado.

A estratégia de terceirizar as vendas, associada à diferenciação dos produtos (300 itens), define o padrão de concorrência dessa firma na competição em um mercado onde a entrada de novos produtores é viabilizada pelos baixos investimentos em capital e tecnologia necessária para produzir alguns dos produtos (como utensílios de cozinha). O elevado número de concorrentes atuando no mesmo mercado tende a criar uma certa especialização no atendimento de segmentos específicos do mercado com produtos destinados a segmentos de alta renda ou baixa renda. A Gazola, por exemplo está se especializando na linha mais popular, enquanto que outras concorrentes fortes da região e Estado estão atuando mais na elaboração de talheres destinados a segmentos de maior poder aquisitivo. Enfim, as firmas tendem a definir as suas estratégias a partir das linhas de menor resistência à concorrência no mercado, o que acaba criando uma certa divisão social do trabalho estabelecida na mesma produção, mas atendendo a classes

sociais de poder aquisitivo diferenciado, ao que SANTOS<sup>331</sup> designa de circuito superior e circuito inferior da economia.

Como se percebe, o movimento em direção a outros mercados reflete acima de tudo decisões tomadas pelos dirigentes das firmas, mas a viabilização dos negócios depende das condições do mercado e da pressão da competição.

GUIMARÃES<sup>332</sup> tem razão ao afirmar que a busca do mercado externo deve ser vista

*(..) como um processo que tem suas raízes na própria dinâmica das economias capitalistas e, em particular, na permanente necessidade das firmas de criarem escoadouros para a sua acumulação interna e para a realização do seu potencial de crescimento.*

De modo geral, as exportações iniciaram-se após 1968<sup>333</sup> quando o Governo, buscando incentivar as exportações, criou generosos subsídios creditícios, incentivos e isenções fiscais para as firmas exportadoras.

Porém, durante a década de 70, as exportações foram descontínuas e sem grande expressão econômica, mas responsáveis pela inserção de Caxias no mercado internacional. Para se inserir no mercado mundial as firmas tiveram que investir pesado no desenvolvimento dos produtos, aperfeiçoamento dos métodos e dos processos de produção, como forma

---

<sup>331</sup> - SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

<sup>332</sup> - Ibid., p. 91.

<sup>333</sup> - São exceções a Metalúrgica Eberle, que já exportava para países da América Latina na década de 20, a Marcopolo, a Mazedorzi, e a Indústria Caxiense de Molduras, que iniciaram as exportações antes da aplicação das medidas de incentivo as exportações.

de ter acesso a esses mercados altamente competitivos e exigentes em termos de qualidade dos produtos.

**QUADRO 24 - Início das exportações nas atuais firmas líderes em exportação**

<b>FIRMAS</b>	<b>ANO DE INÍCIO DAS EXPORTAÇÕES</b>	<b>PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS ATUALMENTE</b>
Metalúrgica Abrano Eberle atual Eberle Indústria e Tecnologia Ltda.	Década de 20	Motores elétricos, componentes de fixação fundidos
Marcopolo S.A.	1961	Carrocerias e cabines de ônibus e micro-ônibus
Madezorzi atual, Cia. Sul Americana de Madeiras e Compensados	década de 60	Compensados e portas
Indústria Caxiense de Molduras Ltda.	1967	Molduras de madeiras em varas
Agrale S.A.	1967	Tratores agrícolas, caminhões, ciclomotores, motores
Fras-le S.A.	1969	Lonas e pastilhas para freios
Robertshaw do Brasil S.A	1970	Termostatos a gás e elétrico, pressostatos, autostatos, etc.
Randon Ltda.	1972	Implementos rodoviários, reboques e semi-reboques, tratores florestais, etc.
Metalúrgica Triches atual Enxuta S.A	1975	Eletrodomésticos na linha compacta
Industrial Madetorno Ltda.	1982	Camas e beliches
Reflorestadores Unidos S.A	1987	madeira serrada, (cerca para residências e esquadrias)

Fonte: Entrevistas 1993, 1994.

Na maior parte dos casos, os produtos utilizados em países do primeiro mundo são diferentes na concepção, na fabricação e no material empregado e estão sujeitos a rigorosas normas de qualidade e segurança. Para se proteger da concorrência, os países centrais têm estabelecido normas e especificações técnicas próprias, as quais são altamente

dinâmicas nas mudanças, o que acaba criando barreiras para o ingresso de produtos produzidos em países do terceiro mundo, onde as mudanças são mais lentas e as necessidades nem sempre as mesmas.

Por exemplo, nos implementos rodoviários produzidos pela Randon, o sistema de freios, o de iluminação e o material empregado na complementação dos produtos não são aprovados nos países da Europa. A saída encontrada pela firma para continuar exportando para esses países foi o de se associar, através de joint-venture, com uma firma de Lisboa, em Portugal. Essa firma recebe da Randon de Caxias os componentes parciais do produto e o complementa com partes adquiridas no mercado europeu que atendem às especificações exigidas pelo país a que se destinam.

A Indústria Caxiense de Molduras foi uma das primeiras firmas de Caxias a buscar colocar seus produtos no mercado americano, por onde se iniciaram as exportações. A idéia de abrir o mercado no exterior foi iniciativa de um dos diretores da firma, que em 1964 viajou para os Estados Unidos levando amostras das varas de molduras para serem oferecidas a grandes atacadistas de New York.

Entre os primeiros contatos com clientes e o início efetivo das exportações, a firma teve que investir por mais de 2 anos na melhoria e no controle de qualidade do produto. A princípio os importadores impuseram uma série de exigências, tais como: tipo de madeira, grau

máximo de umidade, tamanho das varas, número máximo de defeitos aceitáveis por vara, exclusividade de fornecimento no país, dentre outras.

Apesar de grande concorrência no mercado mundial, onde se destacam as firmas italianas e as de Taiwan, que atuam mais na linha de molduras industrializadas, a Indústria Caxiense de Molduras conseguiu se firmar no mercado atuando mais na linha artesanal, que exige trabalho intensivo e qualificado. Por exemplo, na linha dourada, a colagem das folhas de metais não preciosos sobre as molduras exige grande habilidade manual, a qual está associada ao controle na intensidade do sopro para fixar as folhas sobre as varas de madeira. Esta fase do trabalho é executada exclusivamente pela mão-de-obra feminina.

As exportações da Indústria Caxiense de Molduras foram inicialmente modestas e gradativamente foram sendo ampliadas em volume e se estenderam para outros países como Inglaterra, França, Israel, Canadá, Áustria e vários outros países da América do Sul e América Central. Atualmente as exportações representam cerca de 75% do faturamento da firma.

Entre as maiores firmas exportadoras do setor madeireiro de Caxias está a Cia. Sul Americana de Madeiras e Compensados (mais conhecida como por Madzorzi), que tem forte tradição nas exportações de produtos industrializados como chapas de madeira, compensados, portas,

ao passo que em sua coligada, a Reflorestadores Unidos S.A., a maior parte das exportações é constituída por madeiras apenas serradas, cujo preço é estabelecido pela bolsa de valores de Nova York.

Para fugir das contínuas flutuações no preço da madeira e do imposto de 4% cobrado na exportação de matéria-prima, a firma optou por emendar os blocos e no futuro pretende exportar as molduras das aberturas já prontas e até pintadas, como forma de agregar mais valor ao produto e eliminar a cobrança do imposto incidente sobre a madeira bruta.

A Cia. Sulbrasileira exporta para vários países da Europa e do Oriente Médio, onde atende um número significativo de clientes, ao passo que a Reflorestadores Unidos vende exclusivamente para os Estados Unidos, para dois grandes clientes: um de blocos e outro de madeira serrada. Esta firma é a única da amostra a exportar produtos semi-industrializados, mas já com projetos em andamento para alterar esse perfil. A adequação do produto às exigências do mercado externo em termos de beneficiamento da madeira exige altos investimentos em máquinas e no seu tratamento, como por exemplo estufas para a sua secagem.

Em relação às principais firmas exportadoras ligadas ao pólo metal-mecânico, estas adotam a política de privilegiar o mercado interno nas vendas, enquanto que as ligadas ao setor da madeira dependem

basicamente das exportações, o que as torna mais vulneráveis às alterações da política cambial interna e às mudanças na conjuntura internacional.

No segmento da produção de implementos rodoviários, carrocerias para ônibus e autopeças, a política de privilegiar o mercado interno justifica-se na medida em que a grande extensão territorial do Brasil torna-o um dos maiores mercados do mundo nessas produções.<sup>334</sup>

Mesmo com poucas condições de competir com os produtos da Europa, essa estratégia garante a posição de pioneirismo na introdução de inovações nos produtos, consolidando a competitividade e a posição de liderança dessas firmas no mercado brasileiro.

Como já foi visto, a competição crescente, após a abertura do mercado brasileiro na década de 90 e a necessidade das firmas de realizar seu potencial de crescimento tem levado muitas delas a realizar investimentos diretos no exterior, estabelecendo filiais ou se associando com firmas estrangeiras. A possibilidade de produzir ao mesmo tempo para vários países permite às firmas obterem ganhos de escala o que viabiliza, em muitos casos, uma maior automação na produção de itens especiais que têm uma demanda mais limitada, como por exemplo no

---

<sup>334</sup> - Os dois maiores mercados mundiais na frota de ônibus são o Brasil em primeiro lugar seguido do México. (Entrevista: ZIGNANI, Carlos. Marcopolo S.A. - Gerente de Exportação. Caxias do Sul, 1993.).

setor de implementos rodoviários para o transporte de cargas especiais.

No Mercosul os investimentos externos das firmas locais estão sendo aplicados especialmente na Argentina. O maior potencial desse mercado, a segunda posição em número de habitantes depois do Brasil, e a renda per capita são critérios decisivos na escolha deste país para a instalação de filiais.<sup>335</sup>

A constituição do Mercosul tem redirecionado os planos e estratégias das firmas locais, que estão privilegiando os negócios com os países parceiros do Brasil.

De um lado, a criação de barreiras “*não alfandegárias*” para exportar para países ricos, e de outro, a eliminação total dos impostos de importação entre os países integrantes do Mercosul têm redirecionado os planos e as estratégias das firmas locais, as quais passaram a priorizar as relações comerciais entre os países sul-americanos e da América Latina, mas sem perder de vista os países de outros continentes, onde já possuem tradição nas exportações.

O Mercosul constituiu-se a partir da proximidade geográfica dos países do Cone Sul e de uma certa afinidade cultural e histórica, o que

---

<sup>335</sup> - Brasil 150 milhões de habitantes e renda per capita de US\$ 3.240/ano  
Argentina 33 milhões de habitantes e renda per capita de US\$ 2.312/anos  
Paraguai 3,5 milhões de habitantes e renda per capita US\$ 1.860/ano  
Uruguai 3,0 milhões de habitantes e renda per capita US\$ 2.466 /ano

Fonte: SEBRAE - PR. **Mercosul e a pequena empresa**: oportunidades e ameaças. Curitiba: Edição SEBRAE, 1993. p. 19. (Série Comércio Internacional).

instituiu condições favoráveis à criação de mecanismos de defesa econômica e social entre os países membros. Com a união dos países sul-americanos, o poder de negociação frente a outros países ou blocos econômicos adquiriu um peso diferente do que assumiria em casos de negociações com países isolados.

Além da questão geopolítica, o Mercosul representa atualmente a melhor opção econômica para as firmas dos países membros ampliarem seu potencial de concentração e centralização de capital, quer seja através da livre circulação de mercadorias entre eles ou através da possibilidade de acordos comerciais com outros blocos econômicos.

Outra estratégia que está sendo adotada pelas firmas locais para se inserir no mercado mundial é de se associar com firmas e instalar filiais em Portugal. Isto tem, entre outros, o objetivo de facilitar o ingresso nos mercados dos países da Europa. Portugal, na condição de membro da Comunidade Européia, constitui-se no país que histórica e economicamente apresenta situação mais próxima da realidade brasileira, daí o porquê de privilegiar os negócios com os empresários deste país.

A associação com firmas de Portugal significa “*driblar*” as barreiras à exportação de produtos brasileiros imposta pelos países integrantes do bloco da Comunidade Européia e, ao mesmo tempo, é um passo a mais no caminho da internacionalização dos produtos, através do

acesso às inovações tecnológicas em implantação nesses países. Porém, essa opção de investimento direto no exterior só é viável para as grandes firmas que disponham de uma situação sólida, o que limita as exportações e o acesso à tecnologia para as firmas menos capitalizadas.

As mudanças em processo no mercado mundial, com a emergência de novos países industrializados no sudeste asiático, o acirramento da concorrência intercapitalista, a constituição de blocos econômicos e a instituição de mecanismos de proteção estão alterando a ordem mundial estabelecida, atingindo os países e os lugares de forma diferenciada, de acordo com o poder de competição de suas indústrias.

Acordos econômicos, comerciais, regionais e internacionais firmados entre blocos econômicos, países ou firmas, tanto podem fortalecer as atividades econômicas de alguns lugares onde esteja presente algum tipo de vantagem, como podem determinar a perda relativa de competitividade de alguns segmentos no mercado globalizado. Os governos, diante das “*crises*” setoriais localizadas, tem utilizado mecanismos de proteção, tais como o estabelecimento de cotas ou taxas de importação, com o objetivo de proteger os segmentos mais afetados pela falta de competitividade no mercado globalizado.

No Brasil, os segmentos mais atingidos têm sido o da indústria têxtil, vestuário, calçado, brinquedo, vinho e autopeças, dentre outros. Os empresários brasileiros acusam, em alguns casos, a prática de

dumping, o que tem servido de justificativa para o governo tomar medidas políticas de proteção<sup>336</sup> como forma de preservar o mercado interno, mesmo ferindo acordos internacionais de livre comércio assinados entre os países.

Apesar da dispersão espacial dos fluxos de exportação, a intensidade e número de ligações tendem a se concentrar entre os países subdesenvolvidos, onde o nível de exigência e as condições culturais são mais próximas as nossas. No entanto, a maior intensidade de ligações esta sendo dirigida para os países de Mercosul, onde a Argentina tem-se destacado pelo volume crescente de importações (ver FIGURA 18).

Por outro lado, constata-se que as firmas ligadas a bens duráveis têm definido em seus planos manter o interesse dos negócios centralizados no mercado interno estabelecendo, de modo geral, uma participação menor para a exportações no total de faturamento. No setor da madeira, ao contrário, o interesse tende a concentrar-se no mercado externo, por ser mais rentável e estável.

O incremento na exportação brasileira de madeira, no início da década de 90, está relacionada com as medidas adotadas pelos principais produtores do sudeste asiático. A Malásia, principal produtora mundial de madeira e toras, reduziu a zero sua oferta de madeira, em 1993, e a

---

<sup>336</sup> - Por exemplo, em julho de 1996 o governo através do Ministério da Indústria e Comércio e Turismo (MICT), promoveu a elevação da tarifa de importação dos brinquedos de 20% para 70%.

Indonésia, maior exportador de compensados, aumentou os preços, o que ampliou as possibilidades de negócios para as firmas do Brasil.<sup>337</sup>

**QUADRO 25 - Principais mercados nas exportações da Randon em 1991 e 1994**

1991		1994	
MERCADOS	%	MERCADOS	%
América Latina	61	Mercosul	65,6
África	17,7	África	23,3
Estados Unidos	10,0	Demais Países da América Latina	8,4
Europa	7,3	Outros	2,7
Outros	4,0	Total	100
Total	100	Total	100
Total exportado 2.969.731 US\$		Total exportado 23.500.000 US\$	

Fonte: Informativo Randon no 64, 1994 e informações da firma. Elaborado pela autora.

A constituição do Mercosul e o fortalecimento dos negócios entre os países membros desse bloco, além de eliminar as taxas de importação dos produtos comercializados entre si, têm buscado também aproximar o conteúdo da legislação econômica, o que estabelece um maior grau de estabilidade e igualdade na política de comércio e uma maior segurança nos investimentos externos.

A Randon, por exemplo, ao definir em seu planejamento de 1994 a participação de 25% para as exportações no volume total dos seus negócios, escolheu como alvos prioritários os países do Mercosul (em especial a Argentina pelo maior potencial de mercado), América do Sul, África, Portugal e Oriente Médio.

<sup>337</sup> - REVISTA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA, DITIC/COEST/RJ. 1993, p. III.

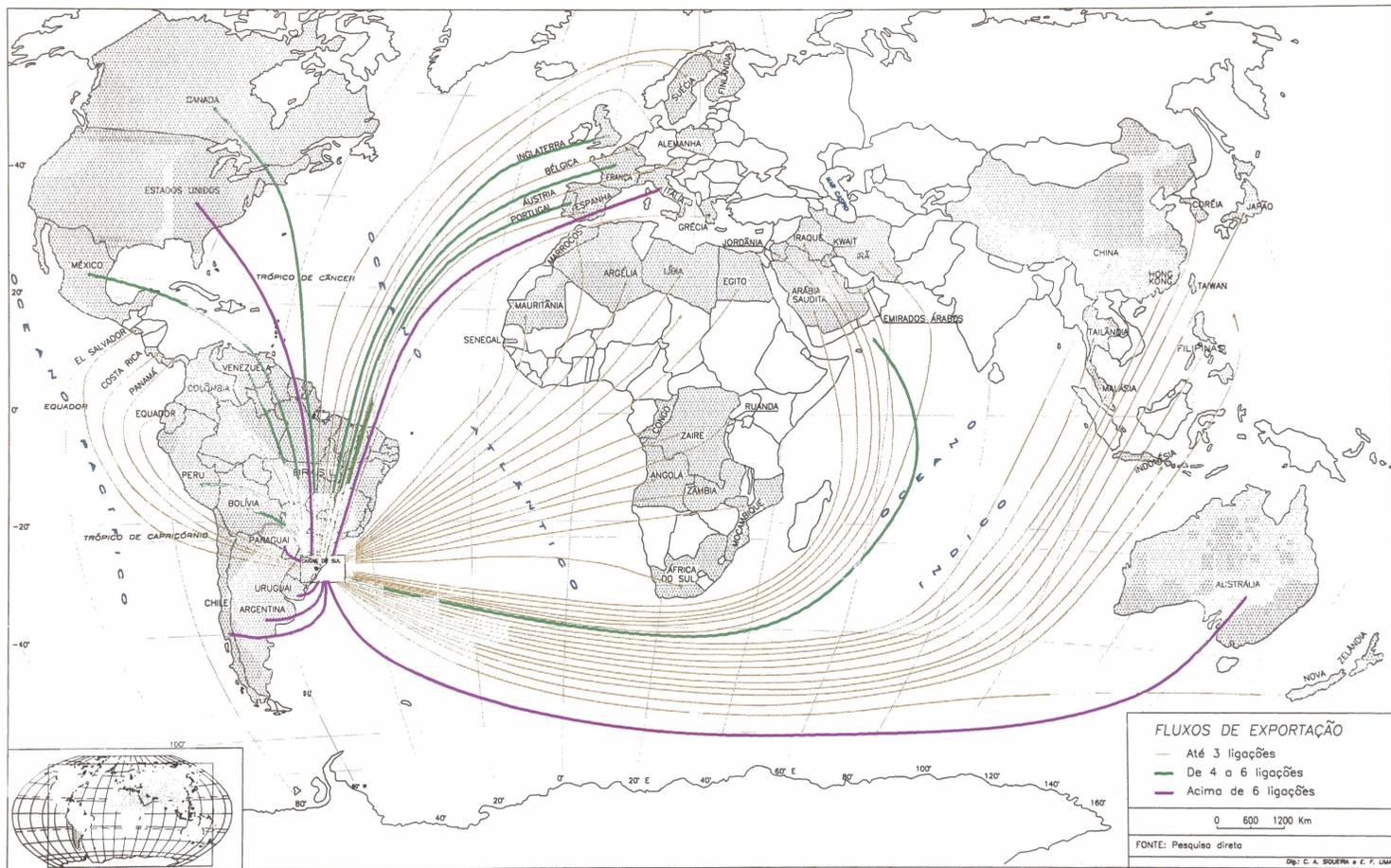


FIGURA 18 – CAXIAS DO SUL – RS: FIRMAS LÍDERES EM EXPORTAÇÃO E NÚMERO DE LIGAÇÕES COM OS PRINCIPAIS PAÍSES

Ao se compararem os dados da exportação da Randon de 1991 com os de 1994, constata-se que houve uma mudança na estratégia de comercialização da firma..

Após a constituição do Mercosul os países membros desse bloco tornaram-se os principais alvos para boa parte das firmas de Caxias ligadas ao pólo metal-mecânico. O deslocamento do eixo exportador está, em parte, ligado a vantagens conjunturais de câmbio favoráveis às atividades localizadas no Brasil, o que fez com que muitos argentinos, em especial fabricantes, preferissem importar e revender produtos brasileiros a ter que produzir e vender determinados produtos, que perderam competitividade.

Estudos realizados pelo SEBRAE<sup>338</sup> apontam algumas tendências de vantagens competitivas em alguns segmentos da indústria brasileira em relação às congêneres da Argentina. Com a abertura do mercado e eliminação das tarifas, ganharam competitividade os segmentos brasileiros que atuam na produção de ônibus e carrocerias, máquinas, móveis, alimentos, eletrodomésticos, componentes eletrônicos, dentre outros.

A tendência mundial dos países a se dedicarem cada vez mais

---

<sup>338</sup> - SEBRAE, op. cit., p. 35.

àquilo que fazem bem, com qualidade e preço competitivo, está aprofundando a divisão territorial do trabalho. Em Caxias do Sul, o setor industrial de bens duráveis está intimamente vinculado aos segmentos de produção competitivos em relação aos dos outros países membros do Mercosul, o que indica uma tendência de fortalecimento das indústrias locais no Mercosul.

**TABELA 17 - Destino das exportações da Marcopolo**

ANO	TOTAL DE EXPORTAÇÃO EM US\$	AMÉRICA LATINA* %	MERCOSUL %	USA %	MÉXICO %	ÁFRICA %	DEMAIS PAÍSES %	TOTAL %
1987	9.020.029	55,6	38	0	0	1,7	4,7	100
1988	16.482.962	82,2	16	0	0	1,2	0,6	100
1989	11.659.231	55	22	3,3	0	2,0	17,7	100
1990	12.218.634	42,4	18	29,3	0	3,3	7,0	100
1991	23.520.458	61	18,50	18	0	1,5	1	100
1992	104.071.180	20	9,30	0,5	63	0,4	6,8	100
1993	89.503.724	18,8	20	0,1	59	1,1	1,0	100
1994	74.657.493	s.d.	23,4	s/d	s/d	s/d	s/d	100

Fonte: Marcopolo DIRSU/AAPLAN até 1992. MICT /SECEV para 1993 a 1995.

Elaborado pela autora.

\* Destaque para o Chile e Peru. Os dados de 1993 (com exceção do total) referem-se ao período de janeiro a junho.

No caso da firma Marcopolo, o grande “boom” nas exportações verificou-se a partir de 1991, quando as vendas externas saltaram de 16% para cerca de 50% do faturamento, em 1992. Abertura de novos mercados no México, Argentina e Estados Unidos impulsionaram o crescimento das exportações. Apesar da crise recessiva, a Marcopolo ampliou sua produção no início da década de 90, quando assinou um contrato excepcional com o México que representou, em 1992, cerca de 63% do total das suas exportações.

Apesar da Marcopolo atuar nos mercados dos países da África, do

Oriente Médio, América Central e Estados Unidos, os seus clientes fortes estão no Chile, Paraguai, Uruguai e mais recentemente na Argentina e no México (este último considerado o segundo maior mercado do mundo, após o brasileiro). Os negócios do Chile, Paraguai, e Uruguai são significativos e estáveis há décadas.

Com a abertura de novos mercados nos Estados Unidos e no México, parte da produção foi orientada para esses países, o que provocou uma redução apenas relativa na participação dos países do Mercosul nas exportações. Com o início das exportações para a Argentina, em 1992, a participação do Mercosul nas vendas voltou a subir, na medida em que as vendas para esse país representaram mais de 70% das exportações destinadas ao Mercosul.

Atualmente o Mercosul representa a possibilidade virtual para boa parte das firmas líderes em exportação estenderem sua liderança para os mercados desses países. Isto já está ocorrendo no segmento de lavaroupa, onde a Enxuta domina 60% do mercado no Uruguai. A Plásticos Pisani é líder em embalagens pesadas de transporte de bebidas e a Robertshaw do Brasil é líder na América Latina, com cerca de 64% no mercado de termostatos.

Muitas outras firmas locais como a Fras-le, a Eberle e a Agrale têm ampliado a sua participação no segmento em que atuam, no mercado dos países membros do Mercosul.

A maior extensão geográfica das relações comerciais e o maior volume das exportações das firmas líderes em exportação de Caxias estão diretamente relacionados com o tamanho das mesmas. As maiores exportam para um número maior de países localizados em praticamente em todos os continentes, enquanto que as menores concentram os seus negócios em poucos países (ver QUADRO 26) e, por vezes, o número de clientes é reduzido, como nos exemplos do setor da madeira.

Apesar do potencial relativamente limitado de crescimento desses mercados (do total de 190 milhões de habitantes do Mercosul, cerca de 150 milhões são brasileiros), as exportações para esses países têm crescido e as relações comerciais com o Estado gaúcho estão se fortalecendo. Atualmente só o Estado de São Paulo exporta mais para o Mercosul que o Rio Grande do Sul.

A posição privilegiada de Caxias do Sul em relação aos países do Mercosul, quando comparada com a de cidades de outros estados industrializados, como São Paulo e Rio de Janeiro, dentre outros, torna as firmas locais mais competitivas em termos de custo no transporte e assistência pós-vendas.

**QUADRO 26 - Situação no mercado interno e externo das firmas líderes em exportação de Caxias do Sul**

FIRMA	MERCADO INTERNO	MERCADO EXTERNO	% FATU- RAMENTO
Marcopolo S.A (1994)	Líder no mercado de carrocerias de ônibus rodoviário (32%)	Mercosul, México, Chile, Peru, Caribe, África e Oriente Médio	41
Randon S.A (1994)	Líder no mercado de implementos rodoviários (51%) e de caminhões fora de estrada (99%)	25 países da América Latina, Europa, África, USA e Jordânia	15
Fras-le S.A (1994)	Líder no mercado de reposição (60%)	Domina 6% do mercado americano e outros 50 países	16
Agrale S.A (1996)	Tratores 4,3%, caminhões 8,4%, motores 27,2% e motos (trail) 6,0%	Países da América Central e do Sul, com destaque para a Argentina	11
Enxuta S.A (1994)	Líder na linha compacta/secadora de roupa (60%), lavalouça (50%) e lav roupa (20%)	60% do mercado em lav roupa no Uruguai, Peru, Colômbia, Bolívia, Paraguai, Chile, Argentina, USA, Bélgica, Canadá, Portugal	10
Robertshaw do Brasil S.A (1994)	Líder no mercado de termostatos para refrigeradores, freezer e condicionadores de ar (60%)	64% do mercado da América Latina, Japão, USA, Coreia e Austrália	53
Eberle Indústria e Tecnologia Ltda. (1995)	Líder no mercado de componentes de fixação e de motores para eletrodomésticos	América Latina em componentes de fixação; 1/3 do mercado argentino de motores elétricos e outros 40 países, com destaque para USA, Inglaterra e Canadá	25
Gazola S.A (1995)	Altamente competitivo e constituído por muitas firmas de diferentes portes	Itália, USA, Canadá, México e países da América do Sul	8
Plásticos Pisani S.A (1994)	Líder no mercado brasileiro de embalagens pesadas para bebidas	Mercado argentino e uruguaio em embalagens pesadas de bebidas	25
Cia Sul Americana de Madeiras e Compensados S.A (1994)	Líder no mercado de compensados na região	Itália, Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica, Oriente Médio	74
Reflorestados Unidos S.A (1996)	Atuação reduzida	USA: um cliente para blocos e outro para madeira serrada	90
Indústria Caxiense de Molduras	Atuação limitada	USA, França, Inglaterra, Canadá, América do Sul, Áustria e Porto Rico	75
Industrial Madetorno* (1995)	Não atua	USA, Inglaterra e Canadá	100

Fonte: Pesquisa direta, 1994, 1995, 1996.

\* A Industrial Madetorno foi desativada em dezembro de 1995 e a Cia. Sul Americana de Madeiras e Compensados foi transferida para Vacaria-RS, no início de 1997.

Obs.: Os dados referem-se a diferentes anos: 1996, 1995 e 1994.



Mas, assim como os segmentos industriais ligados ao pólo metal-mecânico estão sendo beneficiados no processo de integração econômica entre países do Cone Sul, outros segmentos ligados à pecuária, produção de cereais e à indústria do vinho estão sendo ameaçados pela concorrência de firmas congêneres, localizadas especialmente na Argentina.

As condições naturais e climáticas desse país têm favorecido sobretudo as culturas agrícolas típicas de clima temperado, o que transformou a Argentina num tradicional fornecedor de carne, laticínios, frutas, cereais e vinhos no mercado mundial.

No Uruguai, a indústria de derivados de leite, a produção de carne, cereais e produtos químicos também tem-se mostrado competitiva, mas não chega a ameaçar os concorrentes brasileiros.

Por fim, o Paraguai não possui tradição industrial, o que o torna um grande importador de manufaturados do Brasil. Apesar do tamanho reduzido do mercado consumidor do Paraguai e do Uruguai, estes estão em franca ascensão e juntos já respondem por cerca da metade das importações gaúchas para o Mercosul.

Na balança comercial de Caxias, as exportações sempre foram historicamente superiores às importações. As importações são representadas sobretudo pela aquisição de bens de capital, componentes

para a indústria, matéria-prima e, em menor escala, por bens de consumo.

As empresas líderes em exportação ligadas ao pólo metal-mecânico são também as principais firmas importadoras de peças e componentes, peças de reposição, de máquinas, matéria-prima, matrizes, dentre outros produtos.

Em parte, o aumento das importações está ligado a acordos de transferência de tecnologia, como o celebrado entre a Agrale e a firma italiana Cagiva (em 1985), que resultou na importação de componentes, eletrônicos da Itália para a montagem no Brasil das motos Agrale. O acordo tem caráter temporário e renovável e prevê a nacionalização gradativa da produção.

A Agrale, aproveitando as vantagens de isenções fiscais concedidas pelo governo brasileiro às firmas localizadas na Zona Franca de Manaus, optou por transferir, em 1989, a unidade de produção de peças e componentes e a de montagem de motos para aquela região. As duas firmas coligadas da Agrale lá estabelecidas passaram a contar com a isenção do Imposto de Importação, do Imposto sobre Produtos Industrializados e também do ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) para os insumos adquiridos no mercado interno (SUFRAMA). As firmas localizadas na Zona Franca de Manaus são ainda favorecidas pelo projeto da SUDAM (Superintendência para o

Desenvolvimento da Amazônia), com a isenção do Imposto de Renda sobre o lucro das mesmas.<sup>339</sup>

As vantagens auferidas pelas isenções fiscais e a inexistência de concorrentes no segmento de motos trail (enduro, fora-de-estrada) no Brasil, deram à Agrale a vantagem de ocupar esse interstício de mercado, e ao mesmo tempo permitiu-lhe obter os benefícios das isenções fiscais, favorecendo-a duplamente no processo de acumulação de capital no segmento de motos.

Com a recente tendência de globalização da economia e a liberação crescente das importações e exportações, os pólos regionais de desenvolvimento estão perdendo as vantagens até então usufruídas. Muitas são as firmas localizadas na Zona Franca de Manaus que estão relocando suas instalações, com base no critério de proximidade do mercado consumidor, dos grandes fornecedores de insumos, peças, componentes, serviços e mão-de-obra qualificada, optando novamente pela localização mais próxima e ou nos grandes centros urbanos do país, especialmente na faixa que abrange a região central de Minas até a região nordeste do Rio Grande do Sul, incluindo o interior de São Paulo.<sup>340</sup>

---

<sup>339</sup> - FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 4, ago. 1996. p. 2-14.

<sup>340</sup> - DINIZ, Clélio Campolina. **A dinâmica regional recente da economia brasileira e suas perspectivas**. Brasília: IPEA, 1995. (Texto para Discussão, nº 375).

Para DINIZ<sup>341</sup> isto significa que, apesar das políticas regionais de incentivo às indústrias de regiões específicas, estas não estão sendo suficientes para sustentar um crescimento diferenciado que se traduza em alteração macroespacial significativa, mesmo considerando-se o crescimento industrial de Manaus.

A liberação da economia brasileira, as mudanças no papel do Estado e a constituição do Mercosul, além de estarem atraindo novos investimentos para o país, estão também interferindo sobre a localização e realocação das indústrias, com indicações de um processo de reaglomeração destas na região sudeste e sul do país, em áreas em torno das capitais desses estados.

A política do governo de promover a modernização e a retomada do crescimento econômico tem estimulado a importação de bens de capital, especialmente após a abertura do mercado brasileiro, quando a concorrência intercapitalista intensificou-se, obrigando as firmas a se modernizarem para melhorar a produtividade e a qualidade como condição para sobreviver no mercado globalizado.

No entanto, os dados e informações mostram que a importação de bens de consumo duráveis (produtos eletrônicos, eletrodomésticos, veículos, dentre outros), de alimentos e objetos de uso pessoal têm crescido de forma contínua e preocupante, especialmente em setores

---

<sup>341</sup> - Ibid., p. 16.

onde a indústria local está mais defasada tecnologicamente. Na produção de malhas, calçados, confecções, dentre outros, são muitas as firmas que têm optado por importar e revender esses produtos, ao invés de produzir e vender.

As facilidades de importação com a redução ou mesmo eliminação de alíquotas tem ampliado o volume de negócios com o exterior na compra de matéria-prima e insumos pelas indústrias locais. O preço e/ou a qualidade melhor de muitos insumos importados, como fios e tecidos (indústrias têxtil e confecções), amianto (indústria de lonas de freio), aço (metalúrgicas), acessórios, peças e componentes (indústrias do pólo metal-mecânico), matrizes (metalúrgicas), dentre outros, têm garantido a competitividade e a melhor qualidade de muitos produtos e ao mesmo tempo garantido o controle do preço dos fabricantes nacionais.

Por outro lado, muitas firmas locais têm importado peças, componentes e acessórios de vários países da Europa, Estados Unidos, Japão, pela inexistência de fabricantes nacionais desses itens especiais, que demandam alta tecnologia na sua elaboração, ou pela demanda limitada, que não justifica altos investimentos na instalação de uma fábrica no país.

Embora a Balança Comercial de Caxias apresente um resultado positivo ao longo do período considerado (1979 - 1995), o crescimento das importações tem sido contínuo, especialmente após a abertura do

mercado brasileiro, no governo Collor, chegando estas a dobrarem em 1995 em relação ao ano anterior. Mesmo assim, as importações de Caxias têm-se mantido entre 3% a 4% do total do Estado, de 1992 a 1995, enquanto que as exportações estão crescendo de forma contínua, atingindo 5,2% do total do Estado, em 1995.

Apesar das dificuldades para se obterem informações específicas sobre as importações do município, os dados e informações para o ano de 1993 e 1994 fornecem alguns indícios importantes, que mostram que as maiores importadoras foram, em ordem de importância, a Agrale, Marcopolo, e Pettenati, que juntas responderam por cerca de 37% do volume total importado pelo município.<sup>342</sup>

A Agrale, enquanto semi-montadora das motos Cagiva (Itália) e dos tratores Agrale-Deutz (Argentina), tem sido a principal importadora de componentes eletrônicos e equipamentos da Itália, das peças mais complexas do trator da Argentina e da caixa de câmbio dos caminhões. Atualmente, o índice de nacionalização dos seus produtos é superior a 90% tanto no valor como no peso. Em alguns produtos, como o caminhão 7500 TDX, esse índice é de 100%.

A seguir aparece com destaque a Marcopolo e a Pettenati, as quais provavelmente importaram máquinas e equipamentos destinados a modernizar o processo produtivo, na medida em que se sabe que os

---

<sup>342</sup> - Cadastro das empresas importadoras MICT/SECEX-DTIC, RJ, 1993 e 1994.

grandes fornecedores dessas firmas concentram-se no mercado interno.

A participação limitada das importações na balança comercial de Caxias evidencia que a maior parte dos insumos básicos e componentes utilizados na produção local são adquiridos no mercado interno e que o grau de verticalização e de integração entre firmas locais e regionais é importante (cerca de 20% da produção local permanece na região).

As mais fortes relações comerciais de importação são as estabelecidas especialmente com os Estados Unidos, Argentina, Alemanha, Itália e Japão. A tradição histórica dos empresários locais de manter um contato permanente com empresários de países que dominam a tecnologia de ponta, em especial com regiões do norte da Itália, com a Alemanha e Estados Unidos, tem resultado num processo de permanente importação das máquinas e equipamentos, os quais são empregados na melhoria da qualidade e produtividade no processo de produção.

Os dados acumulados até o mês de outubro de 1996 para as importações do país mostram claramente que parte substancial destas estão relacionadas com a aquisição de máquinas e equipamentos, denotando um movimento generalizado de modernização do parque industrial brasileiro.<sup>343</sup>

---

<sup>343</sup> - O item máquinas e equipamentos mecânicos aparece em 1<sup>o</sup> lugar na pauta das importações brasileiras com 16,15% do total (Balança Comercial Brasileira - MICT/SECEX-DTIC, 1996).

**QUADRO 27 - Estrutura de comercialização das firmas líderes em exportação**

FIRMAS	MERCADO INTERNO	MERCADO EXTERNO
Marcopolo S.A.	21 revendedores nos principais centros do país	Representantes em vários países
Randon Ltda.	distribuidores exclusivos. 58 estabelecimentos com funções exclusivas ou associadas de distribuidor montador e assistência técnica	8 distribuidores na América latina. 17 unidades de vendas e assistência técnica. Obs.: Cada país tem uma especificidade na estratégia de vendas de acordo com sua realidade.
Agrale S.A.	465 distribuidores exclusivos. considerando-se os de tratores, caminhões e motores, os quais prestam assistência técnica e fornecem peças de reposição. As vendas de motos não são exclusivas	12 distribuidores.
Eberle Indústria e Tecnologia Ltda.	Revendas nos principais centros do país e 241 oficinas autorizadas de assistência técnica. Motores - 29 representantes (1994). Os Componentes de fixação: representantes em 34 países	Representantes e distribuidores na Venezuela, Suécia, Canadá, USA, México (motores).
Fras-le	Representantes e distribuidores nos principais centros e cidades do país	Representantes na Inglaterra, Alemanha, África do Sul. Distribuidores na Venezuela, Suécia, Canadá, USA, México
Gazola S.A.	Representantes e distribuidores comissionados e exclusivos (vendas terceirizadas)	Vendas são terceirizadas através de representantes e distribuidores exclusivos
Enxuta S.A.	420 postos de assistência técnica autorizada. Atacadista e varejista de eletrodomésticos do país	Representantes em diversos países de América do Sul.
Plásticos Pisani S.A.	Vendedores	Vendedores de fábrica (poucos grandes clientes para o principal produto)
Controles Robertshaw do Brasil S.A.	5 vendedores da fábrica (22 grandes clientes são responsáveis por 88% do faturamento da firma)	7 representantes em diversos países da América do Sul e uso das unidades da corporação localizadas em outros países como representantes
Indústria Caxiense de Molduras Ltda.	Vendedores de fábrica	Direto com diretores da firma
Refl. Unidos S.A.	Não atua no mercado interno	Direto com diretores da firma
Industrial Medetorno Ltda.	Não atua no mercado interno	Direto com diretores da firma
Madezorzi S.A.	Vendedores da firma	s/d

Fonte: Entrevista realizada em 1994 e 1995.

Obs.: A Randon, Agrale e a Marcopolo desde a década de 80 comercializam seus produtos também através de planos de consórcio.

Porém, entre os principais países que exportam para o Estado gaúcho, passaram a figurar com destaque, nos últimos anos, vários do

sudeste asiático, como o Japão, China, Coréia e Taiwan, o que confirma o processo de “*invasão*” dos produtos manufaturados desses novos países industrializados.

Os dados da década de 70 sobre a participação das exportações no faturamento das firmas líderes que atuaram em mercados oligopolizados indicam que esta era limitada e não chegava a atingir 10% para a maioria delas. Atualmente essa média de participação cresceu e representa cerca de 25% do seu faturamento, o que mostra que as exportações estão assumindo um peso crescente para as mesmas.

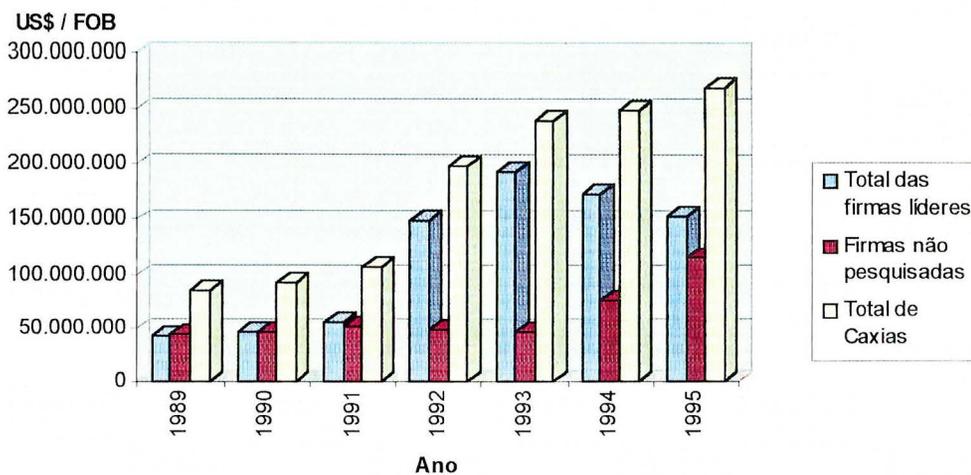
A falta de dados para a década de 70 sobre o setor de madeiras impede o estabelecimento de comparações no mesmo. O que se sabe atualmente é que atualmente as firmas que atuam com exportações têm privilegiado os negócios internacionais em detrimento do mercado interno, algumas das quais atendem poucos grandes clientes do exterior, que atuam como “*fabricantes disfarçados*” no mercado na medida em que apenas vendem os produtos com sua marca. As firmas líderes no segmento da madeira dependem muito mais do comportamento das exportações para o seu crescimento do que o segmento ligado às firmas líderes do pólo metal-mecânico. Na fase recessiva da economia, a forte contração das vendas no mercado interno levou várias firmas do segmento a optarem pela atuação para clientes no mercado externo, mais estável e lucrativo, na ocasião. No entanto, como as exportações estão

mais sujeitas a alterações conjunturais de oferta/procura e da política cambial. Os riscos de mudanças nas regras de comercialização são maiores, podendo afetar de forma negativa as taxas de lucro nos períodos de defasagem cambial, como o que ocorreu a partir do Plano Real. O dinamismo das mudanças na política de exportação do Brasil tem gerado uma instabilidade e descontinuidade nos negócios internacionais, gerando crises e por vezes a insolvência de algumas firmas.

Com relação ao valor das exportações do período de 1989 a 1995, verifica-se que 13 firmas líderes em exportação são responsáveis por uma média superior a 60% do total do comércio internacional do município. Apesar do número significativo de firmas que exportam em Caxias (aproximadamente 200), a maior parte delas comercializa volumes pequenos, o que acaba tendo pouca expressão no conjunto das exportações do setor industrial (ver GRÁFICO 07).

Ao se comparar o valor das exportações das firmas ligadas a bens duráveis com o do segmento de madeira, observa-se que a participação é muito desigual. Mais de 75% das exportações das líderes concentram-se nas indústrias de bens duráveis, especialmente nas ligadas ao gênero material de transporte, onde a Marcopolo, a Randon e a Fras-le se destacam, ao longo deste período, pelo volume e participação crescente na pauta das exportações de Caxias (com algumas oscilações conjunturais).

**GRÁFICO 07 - Evolução no valor das exportações das firmas líderes em relação ao total das exportações de Caxias do Sul - 1989 a 1995**



Ministério da Ind., do Comércio e do Turismo. SECEX/DTIC-RJ. 1989 a 1995.  
 Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

A competitividade assumida pelas grandes firmas locais de material de transporte derruba a tese de que países de terceiro mundo, como o Brasil, são áreas uniformemente pobres e com função de apenas fornecer produtos primários às economias centrais. Caxias do Sul é um exemplo de um município dentro do país que contraria essa tese à medida em que exporta produtos de tecnologia sofisticada. As mudanças na pauta das exportações do Brasil e do estado gaúcho, através da participação crescente dos produtos industrializados, em detrimento dos produtos primários, confirma que o perfil exportador do país está mudando. Apesar da reduzida participação do Brasil no comércio internacional, alguns segmentos do setor industrial estão assumindo uma

posição de competitividade no mercado internacional. No caso de Caxias do Sul, as firmas líderes em exportação são na maioria (a única exceção é a Robertshaw do Brasil S.A.) de grupos econômicos ou empresários locais. Só recentemente iniciou-se um processo de associações com grupos internacionais, com a transferência apenas parcial do controle acionário, em estabelecimentos filiados às holding, o que preserva o grupo do perigo de uma desnacionalização total.

As firmas líderes em exportações de Caxias são um exemplo de que o sistema capitalista, em países do terceiro mundo, tem assumido uma dinâmica própria. O crescimento das firmas no mercado interno e a sua inserção no mercado mundial, atuando em segmentos oligopolizados ou competitivos do mercado, mostram que o modelo de industrialização baseado na substituição de importações com proteção do mercado interno, garantindo por décadas o crescimento de um conjunto de pequenas indústrias concorrendo entre si em diferentes pontos do país, a partir da expansão das relações capitalistas de produção.<sup>344</sup>

Para concluir é necessário ressaltar que a simultaneidade do processo de globalização através da maior abertura do mercado mundial e a crescente regionalização com a constituição de blocos econômicos de poder, constituem-se em tendências contraditórias que estão instaurando uma nova ordem, com a alteração da posição relativa dos lugares e das

---

<sup>344</sup> - MAMIGONIAN, Armem. Industrialização da América Latina: o caso brasileiro. **Fundamentos para o ensino da Geografia**. São Paulo. SE/CENP: 1988. p. 87. (Seleção de textos).

empresas no ranking mundial.

As decisões políticas de fortalecer os acordos de cooperação entre países integrantes do Mercosul tem criado condições mais homogêneas entre os países membros, garantindo a preservação de valores e interesses regionais, num claro processo de fragmentação do mercado mundial. A essa tendência se contrapõem pressões crescentes sobre os governos por órgãos internacionais (GATT, FMI, BIRD, etc.) para a liberalização das políticas dos países relativas às transações do comércio internacional.

A remoção das barreiras comerciais em todo mundo tem aberto as portas também para as pequenas e médias empresas que passaram a operar na importação e exportação a partir da redução dos custos e dificuldades burocráticas nestas operações.

Em Caxias do Sul ao lado das grandes empresas, as pequenas e médias também estão se apropriando dos benefícios da remoção das barreiras burocráticas e fiscais e estão se inserindo no mercado mundial. Embora predominem em número de firmas, a sua participação no valor exportado é pouco expressiva no conjunto da economia local. Com a globalização do mercado a competição tem mudado de escala para assumir uma dimensão cada vez mais mundializada. Como decorrência a competitividade implica em custos crescentes em pesquisas e no desenvolvimento do produto, como forma de introduzir inovações e

reduzir custos de produção.

Para enfrentar a nova realidade as empresas estão buscando desenvolver acordos de cooperação entre empresas para facilitar a entrada em mercados específicos, ampliar o acesso à tecnologias novas e compartilhar riscos e custos financeiros.

O que se observa, de um lado, é alguns exemplos de ampliação no processo de concentração e centralização do capital em algumas empresas como a Randon e Marcopolo e, de outro lado, o enfrentamento de crises por outras firmas com casos de desativação (Madetorno), perda de controle acionário (Fras-le e Eberle), dentre outras alterações recentes. A intensificação do comércio mundial está vinculada com a globalização do consumo, da produção e cooperação técnico-comercial entre empresas e também com intensificação dos fluxos de comércio entre empresas a partir do aprofundamento do grau de complementaridade entre estruturas produtivas de diferentes países.

Como decorrência está acontecendo uma reestruturação das atividades em termos de organização produtiva, mas sobretudo na descentralização geográfica das instalações que estão, cada vez mais, buscando vantagens construídas e representadas por infra-estrutura, facilidades de importação e exportação, concentração de mão-de-obra especializada, dentre outras.

Por fim é necessário considerar que o processo de globalização só será benéfico se o acesso à tecnologia e aos avanços da ciências forem democratizados e seus efeitos favorecerem á sociedade como um todo e não apenas a seguimentos específicos que deles se apropriam.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os estudos realizados foi possível chegarmos a algumas conclusões importantes sobre o processo de concentração e especialização industrial assumido por Caxias do Sul e ao mesmo tempo estabelecer, através das firmas líderes em exportação, as condições que permitiram a sua reprodução ampliada e sua inserção no mercado mundial.

Na primeira parte dos estudos enfatizamos a gênese, evolução e concentração do capital industrial em Caxias do Sul e sua articulação com o processo de industrialização do país, considerando os principais momentos de ruptura que promoveram mudanças importantes no desenvolvimento do capitalismo tardio no país e as repercussões dessas transformações no espaço local.

Essa abordagem permitiu identificar a especificidade da industrialização de Caxias do Sul em seu ponto de partida, representado pelo modelo de colonização implantado no lugar, com base na pequena produção mercantil. Esse modelo originou uma estrutura produtiva diversificada, composta por pequenos produtores independentes concorrendo entre si, desde os primórdios da industrialização, iniciada no final do século XIX. Essa situação de concorrência estruturou uma prática de busca contínua do aperfeiçoamento tecnológico como sendo

uma condição de sobrevivência num mercado concorrencial e com demanda inicial limitada.

O modelo de colonização, associado ao grau de desenvolvimento das forças produtivas dos imigrantes italianos, detentores de uma virtualidade técnica acompanhada de uma forte coesão em torno da ideologia da valorização do trabalho como meio de ascensão econômica, constituíram-se num conjunto de condições localizadas favoráveis à acumulação e reprodução inicial do capital.

Os imigrantes italianos reproduziram em Caxias a estrutura econômico-social capitalista em vigor no norte da Itália, região mais industrializada daquele país e de onde veio a maioria dos imigrantes locais e da região. MAMIGONIAN<sup>345</sup>, citando BARAN, afirma que os imigrantes europeus chegaram com "*o capitalismo nos ossos*" e que mesmo sem capital eles possuíam iniciativas, habilidades especiais e engenhosidade para criar um conjunto de atividades ligadas a um padrão de consumo relativamente desenvolvido e diversificado. Muitas dessas produções passaram a substituir parcialmente ou totalmente produtos até então importados.

Portanto, a origem, evolução e concentração de indústrias em Caxias do Sul, em relação ao contexto mais amplo da economia do Estado e até do país, esteve vinculada à transposição no espaço

---

<sup>345</sup> - BARAN apud MAMIGONIAN, A. O processo de industrialização em São Paulo. Boletim Paulista de Geografia, EDITOR: n° 50, mar. 1976. p.89.

geográfico, via imigração, de um tempo diferente, mais moderno, em um ponto de uma formação econômico-social ainda fundamentada em relações sociais de produção marcadas pelo escravismo e pelo preconceito contra o trabalho manual, atividade atribuída aos escravos.

Com isto, os núcleos de colonização assumiram um dinamismo relativamente maior a partir da instalação de um conjunto de pequenas atividades diversificadas que se desenvolveram num mercado em expansão, marcado pela competição entre as atividades congêneres instaladas de forma pulverizada em pontos específicos do território nacional.

Portanto, o processo inicial de industrialização de Caxias do Sul resultou da acumulação de capital local, que pela sua escassez freqüentemente foi reunido através da associação das economias de pequenos capitalistas. A dissolução posterior de muitas dessas sociedades resultou em desdobramentos de novas firmas, algumas atuando como concorrentes entre si. Embora essa questão não tenha merecido a devida atenção, novos estudos poderão esclarecer as implicações mais profundas desse fato na origem e dinâmica das indústrias locais.

No entanto, não se pode colocar em primeiro plano o modelo de organização social ou mesmo a virtualidade técnica dos imigrantes italianos para explicar a industrialização do lugar e região. O processo

de industrialização da região só pode ser corretamente explicado quando for associado com a dinâmica interna de desenvolvimento do capitalismo no país, considerando suas fases de expansão e de recessão.

A emergência de numerosos centros urbanos a partir do final do século XIX, com o início da industrialização do país, ampliou consideravelmente a demanda por bens de consumo no mercado nacional, o que incentivou a comercialização do excedente produzido nas colônias e viabilizou o crescimento das atividades nelas localizadas

A comercialização da produção local exigiu dos imigrantes e seus descendentes soluções localizadas para superar as “*rugosidades*” espaciais representadas pela precariedade da infra-estrutura instalada, especialmente a relacionada com as estradas.

Exemplo desse esforço inicial foi representado pelo desenvolvimento na região de atividades ligadas ao transporte por meio de animais, tais como ferrarias, selarias, oficinas para a construção e conserto de carroças e carretas, muitas das quais acompanharam depois a evolução dos meios de transporte e transformaram-se, ainda na primeira metade do século, em oficinas mecânicas. Parte dessas oficinas e outras que foram surgindo a partir do final da década de 40 passaram a produzir peças de reposição, carrocerias para caminhões e ônibus, atendendo às necessidades de comercialização da produção local e as de transporte urbano, já sentidas a partir da década de 50 com a expansão da área

urbana para bairros mais afastados, onde a classe operária passou a residir.

Mas é necessário ter presente que as transformações importantes da economia local sempre estiveram ligadas a transformações mais amplas da economia nacional e mesmo internacional, embora ela apresente combinações particulares de elementos do presente com os de heranças acumuladas do passado.

A crise de 1929, apontada como sendo um marco na transição para a consolidação da industrialização no Brasil, provocou alterações econômicas e espaciais marcantes na estrutura econômica de Caxias e da região. A nível econômico ocorreu a concentração e centralização do capital entre as empresas mais capitalizadas e eficientes e a nível espacial a consolidação da divisão social entre a colônia e a cidade. A cidade passou a concentrar as atividades de transformação industrial, como no exemplo do vinho e outras atividades artesanais e manufatureiras, o que deu início ao processo mais intenso de migração dos colonos para os centros urbanos em expansão, onde passaram a constituir a base da classe operária. No interior, os colonos foram transformados em agricultores puros, simples fornecedores de insumos para as indústrias ou de produtos agrícolas para os centros urbanos.

A política nacional de substituição de importações e proteção do mercado interno favoreceu diretamente alguns setores industriais locais,

como a produção de vinho e de tecidos, a de artigos metalúrgicos e de alimentos, entre as principais, e indiretamente os setores ligados ao transporte da produção.

Mas a grande mudança no perfil industrial de Caxias foi desencadeada a partir da segunda metade da década de 50, com a implantação por J. K. da política de substituição de importações de bens duráveis. Esse plano político-econômico, que elegeu a indústria automobilística para comandar a reorientação a ser imprimida ao processo de industrialização do Brasil, acabou por favorecer o crescimento de um conjunto de pequenas manufaturas localizadas em Caxias, ligadas a autopeças, acessórios e implementos para o transporte.

Neste mesmo período a ligação rodoviária (BR 116) de Caxias com o centro do país e a formulação de políticas setoriais de incentivo à indústria nacional de autopeças e componentes para veículos estabeleceram condições favoráveis para o crescimento rápido dos ramos ligados à produção de veículos.

As produções ligadas a material de transporte e a outros, como máquinas agrícolas, material elétrico, máquinas em geral dispunham de condições favoráveis para responder prontamente ao novo padrão de acumulação instaurado no país.

No exemplo das atividades ligadas a material de transporte, estas passaram a atuar inicialmente para um mercado paralelo de reposição de autopeças e acessórios, ou então passaram a ocupar interstícios do mercado não atendidos pelas montadoras multinacionais do país, como no caso de implementos rodoviários, carrocerias para ônibus. Esse fato garantiu a essas firmas um poder de crescimento e expansão independente de maiores controles e limitação na sua margem de lucro, como no caso dos fornecedores das montadoras.

Com o "*milagre brasileiro*", período de maior intensidade do crescimento econômico do Brasil, as atividades locais ligadas à produção de material de transporte de Caxias assumiram uma posição de pólo de apoio ao setor automobilístico.

O termo "*pólo de apoio*" é empregado aqui para caracterizar a concentração geográfica da produção de implementos rodoviários, boa parte da produção de carrocerias para ônibus e importantes firmas de autopeças, acessórios e componentes que têm estabelecido, em alguns casos, uma relação de complementação com as montadoras multinacionais e, noutros casos, de concorrência, ao atuarem para o mercado paralelo de reposição.

Esclarecendo melhor, as indústrias de implementos para o transporte complementam os produtos das montadoras de caminhões e de ônibus. O cavalo mecânico sem o implemento rodoviário, e o chassi

com motor de ônibus sem a carroceria não cumpririam, em si, a função de transporte de cargas e de passageiros.

Outras firmas de autopeças, acessórios e componentes, ao fornecerem insumos para as montadoras, mantêm com elas uma relação de fornecedores anônimos, na medida em que os produtos saem da fábrica com a marca do comprador e não do fabricante. Porém, a maior parte delas atua mesmo como concorrentes no mercado de reposição, atendendo à demanda (autopeças, acessórios e equipamentos) do mercado, que funciona paralelo ao comércio das revendas autorizadas das montadoras.

Noutros segmentos, como no exemplo da produção de caminhões para o transporte de baixas tonelagens, tratores, eletrodomésticos na linha compacta e máquinas em geral, estes concorrem diretamente com grandes fabricantes mundiais, que possuem filiais instaladas no país e, mais recentemente, com produtos importados, após abertura do mercado brasileiro. Os numerosos exemplos de pioneirismo na ocupação de nichos de mercado garantiram a essas firmas um monopólio temporário de mercado e a possibilidade de uma rápida expansão e acumulação de capital, por ocasião da introdução dos novos produtos no mercado.

Algumas dessas firmas resultaram em grandes grupos econômicos, não só pela dimensão e diversificação alcançados, mas pela extensão

territorial de suas implantações industriais e de comercialização instaladas em vários países do mundo.

Dentre os setores tradicionais que dominaram a economia local, na primeira década deste século, poucos são os exemplos das que sobrevivem no tempo e raros os exemplos das que permanecem importantes no seu segmento e na estrutura produtiva de Caxias. Os gêneros ligados à produção de alimentos, móveis, madeira, têxtil, confecções, dentre os principais, caracterizam-se por estarem inseridos num mercado de forte concorrência intercapitalista, devido à inexistência de barreiras significativas à entrada de novos produtores, elevando, com isto, o número de concorrentes no mercado e limitando as possibilidades de expansão e acumulação dos mesmos.

As firmas ligadas ao mercado competitivo que constam entre as líderes em exportação estão buscando, como alternativa de expansão, ampliar as exportações, utilizando diferentes estratégias, como a de terceirizar as vendas (Gazola S.A), a de fornecer produtos semi-elaborados ou elaborados, atualmente escassos nos países centrais (blocos de madeiras, móveis populares), ou produtos elaborados que utilizam trabalho intensivo e qualificado (varas de molduras, portas, etc.).

A competitividade das firmas líderes no mercado assumiu formas particulares baseadas em diferentes combinações de estratégias adotadas

na expansão e acumulação de capital, porém com algumas características comuns representadas pela inovação permanente e diferenciação dos produtos, diversificação dos investimentos, ampliação do mercado pela instalação de filiais nos principais centros e de uma rede de comercialização e de assistência técnica (nos casos requeridos pelo produto) por todo o país e até no exterior, especialmente pelas diferentes formas de incentivar à produtividade no processo de trabalho.

No entanto, as frequentes crises conjunturais desencadeadas, especialmente por uma série de planos políticos mal-sucedidos, acrescidos das alterações conjunturais na demanda do mercado interno, passaram a limitar o potencial de crescimento de muitas firmas locais, o que levou boa parte delas a optar pelo ingresso no mercado externo. Essa opção exigiu delas a adoção de novas tecnologias na produção e um período de investimentos em pesquisa para desenvolverem os produtos e adaptá-los às exigências dos novos mercados.

Enquanto isto, a parte das firmas locais que continuou atuando para o mercado interno teve que reduzir o ritmo de crescimento e de investimentos em modernizações devido a constantes flutuações na demanda; as firmas exportadoras continuaram crescendo e investindo na produção como alternativa para permanecer nos mercados conquistados no exterior e, ao mesmo tempo, garantir os benefícios dos incentivos fiscais oferecidos pelo Estado às firmas exportadoras.

A fase recessiva da economia mundial, inaugurada pela crise do petróleo em 1973, refletiu-se localmente no setor industrial, não só pela redução no volume da produção, mas sobretudo através de uma série de fusões e incorporações entre firmas locais, num claro processo de concentração e centralização do capital entre as mais eficientes, o que levou algumas delas a assumirem um perfil de oligopolista no seu segmento.

O processo de internacionalização da economia local iniciou-se pela incorporação, sob diferentes modalidades, de tecnologia do exterior, aprofundou-se com as exportações e importações de produtos e insumos e está sendo completado, desde o final da década de 80, pelo início do processo de associações entre capitais locais e multinacionais pela constituição de novas firmas independentes, ligadas entre si por uma holding.

Após a análise da origem, evolução e concentração do capital industrial em Caxias do Sul e a sua articulação com o movimento mais amplo da industrialização do país, foi necessário passar para uma outra escala de análise. Nela se privilegiou a posição das firmas locais no seu respectivo segmento, com o objetivo de avaliar melhor a concorrência intercapitalista e as estratégias adotadas por elas, para sobreviverem no mercado, ao longo do tempo.

Com base neste nível de análise foi possível estabelecer melhor a intervenção do Estado em seus diferentes níveis, na definição de padrões de acumulação e de medidas e incentivos favorecendo algumas produções, em detrimento de outras.

Para entender melhor a competitividade assumida pelas firmas líderes em exportação foi necessário considerar que estas não cresceram no vazio e que a sua posição no ranking setorial deve levar em conta os padrões de crescimento do mesmo, os quais devem estar associados à natureza da reprodução da exploração da força de trabalho dentro das fábricas, onde os empresários detêm, de fato, o controle absoluto sobre a produtividade do trabalho.

A essa dominação histórica do capital sobre o trabalho soma-se a capacidade dos empresários de se organizarem, enquanto classe em si, para defenderem seus interesses e buscarem antecipar tendências e novas realidades, assumindo uma posição de vanguarda na introdução de modernizações e, ao mesmo tempo uma atuação abrangente também na comunidade e não apenas na defesa de seus interesses específicos.

A conjuntura nacional favorável à industrialização, associada a um conjunto de situações localizadas representadas pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas, fraqueza sindical, conservadorismo e sobretudo a forte concorrência intercapitalista e

organização dos empresários locais potencializaram o processo de expansão e concentração do capital industrial em Caxias do Sul.

A esse amplo espectro de situações favoráveis acrescenta-se ainda o papel do Estado que, ao legislar e incentivar a expansão de alguns setores produtivos ou instalar infra-estrutura para viabilizar a reprodução do capital em alguns pontos definidos pelos interesses de grupos hegemônicos, tem fortalecido setores ou mesmo firmas específicas.

Dessa combinação de situações e decisões políticas, localizadas em diferentes escalas do território, resultaram lugares geograficamente diferentes em termos de ritmo de crescimento, especialização funcional assumida e modernização atingida.

Dessa forma, o espaço geográfico de Caxias do Sul deve ser encarado como sendo uma condição necessária para a produção e reprodução da existência material da sociedade e, ao mesmo tempo, como um produto histórico da concentração de vantagens localizadas para o desenvolvimento do capital e produto também das relações sociais de produção expressas na paisagem pela segregação sócio-espacial. Esta última se reflete no contraste estabelecido entre as áreas urbanas centrais e as periféricas.

As áreas centrais, com seus imponentes edifícios disputando as melhores localizações, ruas congestionadas pelo volume crescente de veículos competindo por uma vaga para estacionar e extensas áreas ocupadas por grandes empresas, muitas das quais incorporadas à área urbana pelo movimento de expansão urbana, contrastam com a periferia, também densamente ocupada, só que por pequenas casas construídas em lotes espremidos, ruas estreitas com pouca ou nenhuma infra-estrutura implantada. Essa desordem “*aparente*” tem a sua lógica explicitada no modo de produzir dominante na sociedade capitalista.

No terceiro capítulo buscamos esclarecer em que condições as firmas líderes locais em exportação estão se inserindo no mercado internacional e, ao mesmo tempo, estabelecer os efeitos da globalização sobre a organização de espaços pontuais, marcados por um forte dinamismo econômico.

Os avanços técnicos, especialmente nas comunicações, estão viabilizando a internacionalização da economia e as mudanças locacionais rápidas através do deslocamento de investimentos diretos para novos pontos de território, que estão assumindo uma posição estratégica a partir das recentes alterações políticas e econômicas estabelecidas na ordem mundial, dominada por blocos econômicos de poder, as quais contrastam com as recentes tendências de regionalização,

com destaque para o Mercosul pela expressão que está assumindo nos negócios do Estado gaúcho e de Caxias do Sul.

Com a constituição do Mercosul, a posição relativa do Estado gaúcho foi favorecida na nova regionalização, o que está atraindo novos investimentos diretos do exterior e promovendo, com isso, profundas alterações na divisão regional do trabalho e na função dos lugares.

As transformações mais amplas já estão atingindo diretamente a economia local de diversas formas. Inicialmente as transformações mais visíveis estão ocorrendo especialmente entre as poucas grandes firmas que estão se adaptando à nova realidade da globalização, através da promoção de grandes mudanças na sua constituição jurídica. A primeira delas está representada pelo início de um processo de associação de firmas locais com grandes multinacionais; a segunda forma de mudança está relacionada com a implantação de filiais em países do Mercosul com o objetivo de ampliar a participação delas nestes mercados; a terceira forma está vinculada à instalação de filiais em países pertencentes à Comunidade Européia, como garantia de um passaporte para ter acesso a novas tecnologias desenvolvidas nesses países e seus mercados. A quarta forma está representada pela instalação de uma rede de instalação e assistência pós-vendas em pontos estratégicos do mundo, garantindo a preservação e ampliação na participação nos novos mercados.

Essas estratégias adotadas certamente constituem-se em importantes garantias para a preservação da continuidade da competitividade no mercado e o fortalecimento da posição nos respectivos segmentos, com o conseqüente aprofundamento do caráter oligopolista de algumas grandes firmas locais.

O que se observa é que atualmente a localização das indústrias está assumindo uma forma espacial desenraizada das especificidades históricas até então dominantes no desenvolvimento industrial e que as vantagens construídas como infra-estrutura em transporte e comunicações estão assumindo uma expressão sem precedentes.

Os grandes grupos econômicos estão, cada vez mais, se organizando através da sua dispersão e mobilidade geográfica, respondendo prontamente às novas oportunidades de ampliar o processo de acumulação de capital, onde quer que surjam. E, neste sentido, as firmas de Caxias, ao se inserirem no mercado mundial, através de seus produtos e filiais de produção e comercialização, põem em cheque a tese do desenvolvimento/subdesenvolvimento. A industrialização, crescimento e exportação de produtos manufaturados de alta tecnologia por países subdesenvolvidos mostra que a industrialização tardia retardou, mas não impediu que parte de suas firmas disputem nichos do mercado mundial. A competitividade assumida pelas firmas líderes em exportação de Caxias deriva de vantagens desenvolvidas a partir da

adoção de um conjunto de estratégias, variável no tempo, na organização da produção, as quais têm resultado em mercadorias com padrões de qualidade específicos requeridos pelos diferentes mercados.

A lógica capitalista de decisões só pode ser corretamente entendida quando se considerar as firmas inseridas na dinâmica do mercado com suas contínuas alterações estabelecidas a partir das estratégias de competição adotadas pelos atores que dela participam.

As firmas líderes em exportação de Caxias representam exemplos de atuação em diferentes segmentos e com estratégias concorrenciais distintas, mas todas adotando com menor ou maior intensidade métodos modernos de organização da produção ou atuando em produções ligadas a recursos escassos e com alta demanda no mercado mundial.

No entanto, para a maior parte das firmas locais, as incertezas são crescentes à medida que a globalização do mercado avança. A tendência de mundialização dos produtos do consumo e da produção representa uma ameaça concreta de eliminação de boa parte das firmas que não conseguirem dispor de condições para acompanhar os investimentos em modernizações para melhorar a produtividade e qualidade.

Acreditamos que a análise realizada a partir da articulação fluida entre diferentes escalas de análise e sem adotar *a priori* um esquema teórico definido contribuíram para limitar os riscos de cair em

armadilhas de interpretação armadas no inconsciente, embora tenham resultado numa estrutura do texto por vezes repetida e extensa.

Apesar da extensão do texto, muitas outras relações passíveis de serem exploradas não o foram devido ao risco de estender horizontalmente a análise e pelas dificuldades teóricas de explicitar toda a complexidade das atuais tendências fluidas que movem a lógica capitalista de acumulação dessas firmas, inseridas num mercado em ritmo permanente de transformação.

Para finalizar é necessário ressaltar que as mudanças supersônicas promovidas na economia, a partir da abertura do mercado brasileiro, encontraram boa parte das firmas já adaptadas ao novo padrão internacional de organização do processo de produção, gerenciamento e comercialização e que, porisso mesmo, já apresentavam sinais ostensivos de competitividade internacional, atestados pela crescente ampliação no volume exportado, dispersão geográfica das relações comerciais e de implantação de filiais.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMI, João Spadari. **Festas da Uva-1881-1965**. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1975.
- \_\_\_\_\_. **História de Caxias do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Walter José Evagélita; Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ANCARINI, Umberto. A colônia de Caxias do Sul (1905). In: DE BONI, Luiz. **A Itália e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho: Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo trabalho**. 3. ed. São Paulo: Cortez/Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1995.
- AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos**. Porto Alegre: A Nação/ Instituto Estadual do Livro, 1975.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1989.
- BRUGALLI, Alvin Melquides. **Caxias do Sul: dados e números**. Caxias do Sul: Câmara de Indústria e Comércio de Caxias do Sul, 1982.
- CÂMARA DE INDÚSTRIAS, COMÉRCIO E SERVIÇOS DE CAXIAS DO SUL. **Caxias do Sul: Perfil Sócio Econômico**. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Aqui tem o que você precisa para acelerar seus resultados**. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1995.
- CANÊDO, Leticia Bicalho. **A classe operária vai ao sindicato**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991. ( Coleção Repensando a História).
- CANO, Wilson. **Raizes da Concentração Industrial em São Paulo**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o Brasil e a nova (des)ordem internacional**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp/São Paulo: FAPESP, 1993.

- CARLOS, Ana Fani A. **Espaço e indústria**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1989.
- CARNEIRO, J. Fernando. **Imigração e colonização no Brasil**. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia e Geografia do Brasil, Universidade do Brasil, 1950. (Publicação avulsa, nº 2).
- CARRION JR, Francisco M. **O Rio Grande em busca de novos caminhos**: por um projeto regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Trad. Guy Reynand. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CASTRO, Antonio Barros; SOUZA, Francisco E. P. **A economia brasileira em marcha forçada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César. C.; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CASTELL, Manuel. **A questão urbana**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Coleção Pensamento Crítico).
- \_\_\_\_\_. Mudança tecnológica, reestruturação econômica e a nova divisão espacial do trabalho. **Espaço & Debates**. São Paulo: NERU, ano VI, nº 17, p. 5-23, 1986.
- CAVAGNOLLI, Anelise. **Os parceiros do vinho**. a viticultura em Caxias do Sul (1911-1936). Curitiba: Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, 1989. (Dissertação, Mestrado).
- CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CORIAT, Benjamin. **Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho e organização**. Trad. Emerson S. da Silva. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.
- COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, vol. 1, p. 427-438, 1922.
- COSTA, Rogério Haesbaert da. **Blocos internacionais de poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991. (Coleção Repensando a Geografia).
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre pensamento político**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

- COUTINHO, Luciano; FERRAZ, João Carlos (coord.). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. São Paulo: Papirus/Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- CROCETTA, Benvenuto. Municipio di Caxias. In: **Municipi dello stato e le industrie e ed.i commerci degli Italiani e loro discendenti**. Porto Alegre: Livraria Globo, p. 1-80, 1925. (1º cinquantenario della colonizzazione italiana nello stato 1975-1925).
- CRUZ, Hélio Nogueira. **Mudanças tecnológicas no Setor Metal-Mecânico do Brasil**. Resultados de Estudos de casos. São Paulo: Faculdade de Economia e Administração, Departamento de Economia. Universidade de São Paulo, 1983. (Tese, Livre Docência em Economia).
- DACANAL, José H.; Gonzaga, Sergius (org.). **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. (Série Documentada, 4).
- DE BONI, Luiz A. **Os Italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_. (org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1987.
- DINIZ, Clélio Campolina. **A dinâmica regional recente da economia brasileira e suas perspectivas**. Brasília: IPEA, 1995. (Texto para Discursão, nº 375).
- DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**. Rio de Janeiro: Edição Guanabara, 1987.
- DRUCKER, Peter F. **Sociedade pós-capitalista**. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. São Paulo: Pioneira, 1993. (Coleção Novos Umbrais).
- DUARTE, Laura Maria G. **Capitalismo & cooperativismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L & PM: Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisas em Ciências Sociais, 1986.
- EBERLE, Maria Elizabeth. **Produção vitivinícola em Caxias do Sul**. Caxias do Sul: Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul, 1985. (Monografia, Especialização em Geografia).
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

- FREITAS, Décio. **Escravos e senhores de escravos**: Porto Alegre. Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, UCS, 1977.
- FRIZZO, Leoni M. **A indústria de material de transporte em Caxias do Sul - RS**. Rio de Janeiro: Instituto de Geociência da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984. (Dissertação, Mestre em Ciências).
- FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Emigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edição Movimento, 1975.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **A economia gaúcha e os anos 80**. Porto Alegre: FEE, 1990.
- \_\_\_\_\_. **25 anos de economia gaúcha**. Porto Alegre: FEE, 1976.
- \_\_\_\_\_. **A produção gaúcha na economia nacional: uma análise da concorrência intercapitalista**. Porto Alegre: FEE, 1983.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 18. ed. São Paulo: Nacional, 1982.
- GENRO, Tarso Fernando. **Tradição jurídica e relações políticas: um estudo introdutório**. In: **R.S cultura & ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. (Série Documentada, 3).
- GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Júlio João Eberle: perfil de um empresário**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1993. (Cadernos de Pesquisa, vol. 2, número 1).
- GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio: o facismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Parlenda, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O cooperativismo vinícola gaúcho e organização inicial**. In: DE BONI, Luiz A. (org.). **A presença italiana no Brasil**. Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia/Fondazione Giovanni Agnelli, p. 269-312, 1987.
- GOBATTO, Celeste. **Il colono italiano ed il suo contributo nello sviluppo dell' industria riograndense**. Porto Alegre: Livraria Globo, p. 195-242, 1925. (1º cinquantenario della colonizzazione italiana nello stato 1875-1925.).
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 1993.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

- GUIMARÃES, Alberto Passos. **Quatro séculos de latifúndio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GUIMARÃES, Eduardo Augusto. **Acumulação e crescimento da firma: um estudo de organização industrial**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementais do materialismo histórico**. São Paulo: Global, 1983.
- HARNISCH, Wolfgang Hoffmann. **O Rio Grande do Sul: a terra e o homem**. Porto Alegre: Globo, 1941.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: HUCITEC, 1980.
- HIRATA, Helena (org.). **Sobre o “modelo” japonês**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- HOBBSBAWN, Eric J. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- HYMER, Stephen. **Empresas multinacionais: a internacionalização do capital**. Trad. Aloisio Teixeira. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- IANNI, Constantino. **Homens sem paz**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- INSTITUTO SUPERIOR BRASILEIRO ITALIANO DE ESTUDOS E PESQUISA. **Imigração italiana: estudos**. Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Universidade de Caxias do Sul, 1979.
- KATZ, Cláudio; BRAGA, Ruy; COGGIOLA, Osvaldo. **Novas tecnologias: crítica da atual reestruturação produtiva**. São Paulo: Xamã, 1995.
- KONDRATIEFF, Nicolai; GARY, George. **Las ondas largas de la economía**. Madrid: Revista de Occidente, 1946.
- KÜCHEMANN, Berlindes Astrid. **O minifúndio gaúcho: ajuda técnica ou alternativa?** Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Universidade de Caxias do Sul, 1980.

- LAGEMANN, Eugênio. **Imigração e industrialização**. In: LANDO, Aldair M. et al. **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 114-134, 1980.
- LAZZARI, Beatriz Maria. **Imigração e ideologia: reação do parlamento brasileiro à política de colonização e imigração (1850-1875)**. Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/ Universidade de Caxias do Sul, 1980.
- LAZZAROTTO, Valentim. **Pobres construtores de riqueza**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito á cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.
- \_\_\_\_\_. **La revolution Urbaine**. Paris: Gallimard, 1970.
- \_\_\_\_\_. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Espacio y política**. Barcelona: Edição Península, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Estrutura social: a reprodução das relações sociais**. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS J. S. (org.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Une pensée devenue monde**. Paris: Fayard, 1980.
- LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço**. Paris: Maspero, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Miragens e milagres: problemas da industrialização no terceiro mundo**. Trad. Catherine Marie Mathieu. São Paulo: Nobel, 1988.
- LIPIETZ, Alain; LEBORGNE, Daniele. **O pós-fordismo e seu espaço**. **Espaço & Debates**. São Paulo: NERU, ano VIII, 12-44, 1988.
- LODI, João Bosco. **Geração, acumulação, dispersão: como romper esse ciclo nas empresas familiares**. **Revista Empresarial**. Caxias do Sul: CIC, ano III, nº 10, p. 16 -17, 1995.
- LÓES, André Arantes. **Identificação das forças competitivas atuantes nas empresas líderes exportadoras do complexo metal-mecânico brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto de Economia Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990. (Dissertação, Mestrado).

- MAMIGONIAN, Armen. Tecnologia e desenvolvimento desigual no centro do sistema capitalista. **Revista Ciências Sociais**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, nº 2, p. 38-48, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Teorias sobre a industrialização**. São Paulo: Departamento de Geografia/FFLCH/USP, texto 004, s.d.
- \_\_\_\_\_. **A indústria em Brusque: Santa Catarina e suas consequências na vida Urbana**. **Boletim Carioca de Geografia**. Rio de Janeiro: AGB, 31 nº 3, p.44-82, 1960.
- MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Grafosul/Instituto Estadual do Livro, 1975.
- MANTEGA, Guido. **A economia política brasileira**. Petrópolis: Editora Polis/São Paulo: Vozes, 1984.
- MARCANTONIO, Roberto. A questão industrial: sem rumos para o crescimento: política econômica e desempenho industrial dos anos 80. In: ALMEIDA, Pedro F. C. (coord.). **A economia gaúcha e os anos 80**. Porto Alegre: FEE, p. 311-381, 1990.
- MARTINS, José de Souza. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Subúrbio: vida cotidiana e história no Subúrbio da cidade de São Paulo**. São Paulo: HUCITEC/São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- MARX, Karl. **Fundamentos de la critique de l'Economie Politique**. Paris: vol I, 1967. (Publicado pelo Instituto Marx - Engels - Lenin, de Moscou).
- \_\_\_\_\_. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- MARTINELLI, Marcelo. **Comunicação cartográfica e os atlas de planejamento**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamento de Geografia/USP, 1984. (Tese, Doutorado em Geografia).
- MELLO, João Manuel Cardoso. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- MORAES, Antonio C. R.; COSTA, Wanderley M. **A valorização do espaço: Geografia crítica**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1984.

- MORAES, Antonio Carlos. **A gênese da Geografia moderna**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1989.
- MUSEU MUNICIPAL E ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. **História da Imprensa em Caxias do Sul**. Caxias do Sul: Pioneiro, 1988.
- NAISBITT, JOHN. **Paradoxo global**. Trad. Ivo Korytovski. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- NASCIMENTO, Benedito H. **Formação da indústria automobilística brasileira**. São Paulo: Instituto de Geografia-USP, 1976. (Série Teses e Monografias, n° 24.).
- PIAGET, Jean. **Structuralism**. Nova York: 1970.
- PINSKY, Jaime (org.). **Modo de produção feudal**. São Paulo: Gobal, 1982.
- PEREIRA, Luiz Carlos; RÊGO, José Marcio. Um mestre da economia brasileira: Inácio Rangel. **Revista de Economia Política**. São Paulo: EDUSP, Vol. 13 n° 2, p. 98-119, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: a economia & o poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. (Série Documentada, 5).
- \_\_\_\_\_. **Empresariado industrial, trabalho e Estado**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, 1986. (Tese, Doutorado em História).
- \_\_\_\_\_. **História da indústria Sul-Rio-Grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.
- \_\_\_\_\_. **RS: agropecuária colonial & industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Série Documentada, 17).
- PERTESEN, Silvia R. F. As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919). In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (org.). **RS: Economia & Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 277-327, 1979.
- PETTENATI, Largou na Frente. **Revista Amanhã**. Porto Alegre: Plural Comunicação, n° 79, p. 55, nov. 1993.
- POSSAS, Mario Luiz. **Dinâmica e concorrência capitalista: uma interpretação a partir de Marx**. São Paulo: HUCITEC/Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Estruturas de mercado em oligopólio**. São Paulo: HUCITEC, 1990.

- \_\_\_\_\_. **Concorrência, inovação e complexos industriais: algumas questões conceituais.** Campinas: Editora da Unicamp, 1992. (Texto para discussão, nº 9).
- PRADO, Caio. **História econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1978.
- \_\_\_\_\_. Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista. **Seleção de Textos.** São Paulo: AGB, nº 6, fev. 1979.
- PREVITÉ-ORTON, C.W. **História da idade média.** Santos: Livraria Martins Fontes, 1976.
- RANGEL, Ignácio. A história da dualidade brasileira. **Revista de Economia Política.** São Paulo: EDUSP, vol 1, nº 4, out/dez. 1981.
- \_\_\_\_\_. **Ciclo tecnologia e crescimento.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Recursos ociosos e política econômica.** São Paulo: HUCITEC, 1980.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993. (Série Temas, vol. 29).
- REVISTA TERRA LIVRE. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, nº 5 e 9, ANO.
- ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1969.
- REICHEL, Heloísa Jochins. **A indústria têxtil no Rio Grande do Sul - 1910 a 1930.** Porto Alegre: IEL/Mercado Aberto, 1978.
- SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Colonos do vinho: Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital.** São Paulo: HUCITEC, 1978.
- SANTOS, Milton. **Economia espacial: críticas e alternativas.** São Paulo: HUCITEC, 1979.
- \_\_\_\_\_. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Espaço e sociedade.** Petrópolis: Vozes, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Por uma Geografia nova.** São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: HUCITEC, 1982.

- SANTOS, M. et al. **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1993.
- SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultura, 1988.
- SACHAR, Arie. A cidade mundial e sua articulação ao sistema econômico global. In: BECKER, B. K. **Abordagens políticas da espacialidade**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983.
- SCOTT, A. J.; STORPER, M. Indústria de alta tecnologia e desenvolvimento regional: uma crítica a reconstrução teórica. **Espaço & Debates**. São Paulo: NERU, n° 25, p. 30-44, 1988.
- SAUERESSIG, Rosvita. Multinacionais assustadas, mas nem tanto. **Revista Amanhã**. Porto Alegre: Plural Comunicações, ano VIII, n° 79, p. 26, nov. 1993.
- SEBRAE - PR. **Mercosul e a pequena empresa: oportunidades e ameaças**. Curitiba: Edição SEBRAE, 1993. (Série Comércio Internacional).
- SENAI. **50 Anos de Rio Grande do Sul - 1942-1992**. Porto Alegre: SENAI/FIERGS, 1992.
- SINGER, Paul. **A crise do "milagre"**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SILOCCHI, Carmen Cambruzzi. **Comunicação interna da empresa Robertshaw do Brasil S.A.: divisão controles**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1995. (Relatório de Estágio Supervisionado).
- SILVA, Sergio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. 5. ed. São Paulo: 1981.
- SINDICATOS DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE CAXIAS DO SUL e SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE MATERIAL PLÁSTICO DO NORDESTE GAÚCHO. **Guia de Fornecedores para indústria automotiva**. Caxias do Sul: São Miguel, 1995.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. "Espaciologia": uma objeção (crítica ao prestígio pseudo-críticos do espaço social. **O Espaço em questão**. São Paulo: AGB, p. 21-25, 1988. (Coleção Terra Livre, nº 5).

SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988. (Coleção Repensando a Geografia).

STÜNER, Luis Nelson et al. **Rezar e trabalhar**: a história da Vila de Galópolis. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990. (Monografia, História).

TAVARES, Maria da Conceição. **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro**. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TERUCHKIN, Sônia Unikowsky. RS: Mudanças no perfil exportador. In: ALMEIDA, Pedro F. C. (coord.). **A Economia Gaúcha e os anos 80**: uma trajetória regional no contexto da crise brasileira. Porto Alegre: FEE, 1990.

VELLOSO, João P. R.; MARTINS, Luciano (coord.). **A nova ordem mundial em questão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

## **DADOS ESTADÍSTICOS:**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatística Industrial do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1937.

\_\_\_\_\_. **Censo industrial**. Porto Alegre: Globo, 1960, 1965, 1970 1975, 1980, 1985.

INTENDÊNCIA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. **Registro de estatísticas**. Caxias do Sul: 1925. (Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul).

\_\_\_\_\_. **Registro de Exportação**. Caxias do Sul: 1912, 1918 e 1927. (Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul).

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO - SECEX/DTIC. **Cadastro das indústrias importadoras e exportadoras**. Caxias do Sul: SECEX/DTIC, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO E DOS ASSUNTOS INTERNACIONAIS. **Exportações e Importações gaúchas**. Porto Alegre: 1991, 1993, 1994, 1995.

SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO E DOS ASSUNTOS INTERNACIONAIS. **Exportações e importações gaúchas**. Porto Alegre: 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995.

### **LEIS:**

Caxias do Sul. Leis de incentivos fiscais aprovadas na década de 80 e 90. Arquivo da Câmara de Vereadores do Município de Caxias do Sul.

Caxias do Sul. Lei Orçamentária do Município de Caxias do Sul para o ano de 1897 e 1927. Arquivo Municipal de Caxias do Sul.

Caxias do Sul. ACTO N<sup>o</sup>77 / 1927. Intendência Municipal de Caxias do Sul. Arquivo Histórico Municipal.

Caxias do Sul. Código Administrativo de 1927. Intendência Municipal de Caxias do Sul. Arquivo Histórico Municipal.

### **DOCUMENTOS IMPRESOS:**

ÁLBUM DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Globo, 1975.

ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75<sup>o</sup> ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Globo, 1950.

CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE NELLO STATO 1875-1925. Porto Alegre: Globo, 1925.

DOCUMENTÁRIO HISTÓRICO DO MUNICIPIO DE CAXIAS DO SUL, 1875-1975. (org.). Duminense Paranhos Antunes. São Leopoldo: Arte gráfica, 1950.

## **DOCUMENTOS:**

**LIVROS DE LANÇAMENTOS DOS CONTRIBUINTES DE INDÚSTRIAS E PROFISSÕES.** Caxias do Sul. 1883, 1894, 1895, 1899, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1929, 1935, 1940, 1945. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

## **BOLETINS INFORMATIVOS:**

**INFORMATIVO FRAS-LE.** Caxias do Sul. 1986.

**INFORMAÇÕES & NEGÓCIOS.** Caxias do Sul. 1995. Câmara de Indústria, Comércio e Serviços.

**MEMORIA.** Caxias do Sul. 1992, 1993, 1994. Boletim do Museu e Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

**NOTÍCIAS ANFAVEA.** São Paulo. 1981.

**NOTÍCIAS AGRALE.** Caxias do Sul. 1986, 1987, 1989.

**OCORRÊNCIA.** Caxias do Sul. 1987, 1990, 1991. Museu e Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

**INFORMATIVO RANDON.** Caxias do Sul. 1979, 1983, 1994, 1995, 1996.

## **REVISTAS:**

**FRAS-LE.** Caxias do Sul: Divisão de Marketing - Fras-le, 1994. (Edição espacial - Comemorativa dos 40 anos).

**AMANHÃ.** Porto Alegre: Plural Comunicações, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997.

**EMPRESARIAL.** Caxias do Sul: CIC, 1994, 1995, 1996.

**EXAME.** São Paulo: Editora Abril, 1979, 1994, 1995, 1996.

EXECUTIVOS FINANCEIROS. Rio de Janeiro: Guilherme Berriel, ano VIII, jul. 1995. p. 12.

GAZETA MERCANTIL. São Paulo: Cia Litográfica Ypiranga, 1995/1996. (Edição Especial).

POLO INFORMÁTICA. nº 17, nov. 1987. (Encarte)

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 28, nº 36, set. 1995.

\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, ano 29, nº 49, dez. 1996.

### **JORNAIS:**

CORREIO RIOGRANDENSE. Caxias do Sul, 1996.

FOLHA DE HOJE. Caxias do Sul, 1993.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 1996.

FOLHA DE TRABALHO. Caxias do Sul, 1996.

GAZETA MERCANTIL. São Paulo, 1996.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 1982, 1983, 1984, 1985, 1994, 1995, 1996.

NORDESTE GAÚCHO. Caxias do Sul, 1983.

### **PUBLICAÇÕES DE EMPRESAS E ASSOCIAÇÕES:**

CADASTRO INDUSTRIAL DO RIO GRANDE DO SUL - FIERGS/IDERGS/SEBRAE. Porto Alegre: 1994-1995.

CADASTRO INDUSTRIAL FIERGRS/CIERGS. Porto Alegre: 1994/1995.

EBERLE 100 ANOS. Um século de História. Porto Alegre, 1996. (Edição comemorativa dos cem anos da Eberle S.A. - Indústria e Tecnologia).

SENAI. Álbum Comemorativo dos 50 anos. Porto Alegre: 1992.

## **RELATÓRIOS:**

CÂMARA DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS DE CAXIAS DO SUL. **Pesquisa sobre o pensamento dos empresários.** Caxias do Sul: 1978. (Relatório Final).

CÂMARA DE INDÚSTRIA COMÉRCIO E SERVIÇOS DE CAXIAS DO SUL. **II pesquisa sobre o pensamento político dos empresários.** Caxias do Sul: 1980. (Relatório Final).

CÂMARA DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS DE CAXIAS DO SUL. **Relatório das diretorias para o período de 1975 a 1990.** Caxias do Sul: 1976, 1978, 1980, 1982, 1984, 1986, 1990.

RELATÓRIO DOS INTENDENTES MUNICIPAIS DE CAXIAS. Caxias do Sul, 1910, 1912, 1915, 1916, 1918, 1924, 1926, 1928, 1929. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

## **ENTREVISTAS TRANSCRITAS:**

BERNARDI, Ernesto. A formação do Sindicalismo em Caxias do Sul. Banco de memória - Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 1982.

De ANTONI, Aldo A. A industrialização de Caxias do Sul. Banco de memória - Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 23 nov. 1995.

GIANELLA, Doviglio. A industrialização de Caxias do Sul. Banco de memória - Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 23, nov. 1995.

## **ENTREVISTAS REALIZADAS:**

BAMPI, Paulo Roberto. Agrale - Analista de Exportação. Caxias do Sul, set. 1995.

BAGUINSKI, Luiz Carlos. CIC - Consultor de Negócios Internacionais. Caxias do Sul, maio. 1996.

BARETTA, Alex Luiz. - Núcleo Técnico do Centro Tecnológico de Mecatrônica - SENAI de Caxias - Chefe. Caxias do Sul, maio. 1996.

BARONI, Angela. Reflorestadores Unidos S.A. - Gerente de Exportação. Caxias do Sul, maio. 1994/set. 1995/maio. 1996.

BONATO, Enio. Eberle - Gerente de Recursos Humanos, Caxias do Sul, maio. 1994 .

BRITO, Manuel Fabrício. Fundação Gaúcha do Trabalho - Gerente. Caxias do Sul, set. 1995/maio 1996.

CATHARINA, Gilmar Santa. CIC - Responsável Pela Setor de Economia e Estatísticas. Caxias do Sul, set. 1995/maio. 1996.

COMERLATO, Generino. Fras-le S.A. - Gerente de Exportação. Caxias do Sul, set. 1995.

CONTE, Odacir. Sindicato das Industrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul - Diretor Executivo. Caxias do Sul, set. 1995/maio. 1996.

COSA, Vera. Coza Utilidades Plásticas Ltda. - Diretora. Caxias do Sul, maio. 1996.

CRIPPA, Arquimedes. Robertshaw do Brasil S.A. - Diretor de Recursos Humanos. Caxias do Sul, maio. 1994/set. 1995/maio. 1996.

VILLA DANGOS, João A. B. Enxuta S.A. - Diretor Industrial. Caxias do Sul, maio. 1996.

DEBONI, Elói. Movéis Man - Gerente Administrativo. Caxias do Sul, 1994.

DEMORE, Raimundo. Ex-gerente de Recursos Humanos da Marcopolo. Caxias do Sul, 1995.

DUARTE, Marli M. Kiki Serigrafia Ltda. - Diretora. Caxias do Sul, maio. 1994/set. 1995.

DUSO, Júlio Paulo. Enxuta S.A. - Gerente de Marketing. Caxias do Sul, maio. 1994.

FISCHER, Mirton. Randon Ltda. - Diretor de Exportação. Caxias do Sul, maio. 1994/set. 1995/maio. 1996.

FISSET. Jussara. Freios Master. Caxias do Sul, maio. 1994.

FRIZZO, Luiz Antonio. Agrale - Inspetor Comercial de Tratores. Caxias do Sul, maio. 1994/set. 1995/maio. 1996.

GALAFASSI, Alfredo Antonio. Auto Galvânica S.A. - Diretor Financeiro. Caxias do Sul, maio. 1994.

GAZOLA, Dina Beatriz Q. Gazola S.A. - Diretor de Marketing. Caxias do Sul, set. 1995/ maio. 1996.

GIL, Waldir. Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas de Caxias do Sul. Caxias do Sul, maio. 1996.

GRANDI, Jorge. Cia Sul Americana de Madeiras e Compensados - Gerente de Exportação. Caxias do Sul, maio. 1994.

LORENZET, Martinho. Agrale - Inspetor Comercial de Motos. Caxias do Sul, maio. 1994.

MASA, Francisco. Plásticos Pisani S.A. - Gerente de Vendas. Caxias do Sul, maio. 1996.

MENDES, Diominio. Sindicato da Construção e Madeira - Presidente. Caxias do Sul, maio. 1996.

MIORANZA, Plinio. MP - Estruturas Metálicas - Diretor. Caxias do Sul, maio. 1994.

MOCHEN, Maria Tereza. Cia Sul Americana de Madeiras e Compensados S.A. - Contabilidade. Caxias do Sul, set. 1995.

MÜLLER, Ricardo. Indústria e Tecnologia - Gerente de Exportação. Caxias do Sul, maio. 1994.

PARAVISE, Aldo. Plásticos Pisani S.A. - Diretor Marketing. Caxias do Sul, maio. 1994.

RIBAS, Teodorico. Sindicato do Vestuário - Presidente. Caxias do sul, maio. 1994.

RODRIGUES, Jorge Antonio. Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Caxias do Sul - Presidente. Caxias do Sul, set. 1995/maio. 1996.

RODRIGUES, Maria Clarinda S. Trading MS. Caxias do Sul, maio. 1994.

ROTH, João Luiz. Fras-le S.A. - Chefe de Sistema de Auditoria. Caxias do Sul, ste, 1995.

SACARRO, Ivo Carlos. Sacarro Móveis Ltda. - Diretor. Caxias do Sul, maio. 1994.

ALMEIDA, Gilberto S. Eberle - Gerente de Marketing. Caxias do Sul, maio. 1996.

SILVA, Edson. Economista. Caxias do Sul, set. 1995/maio. 1996.

SUZIN, Alexandre. Enxuta S.A. - Assistente de Estatísticas. Caxias do Sul, set. 1995/maio. 1996.

STUMPF, Humberto. Documetal - Importação e Exportação. Caxias do Sul, maio. 1994.

TECHIO, Ireno. Industrial Madetorno Ltda. - Gerente Industrial. Caxias do Sul, maio. 1994/set. 1995.

VACARI, Rogério. Agrale - Diretor Financeiro. Caxias do Sul, set. 1995.

ZATTERA, Sadi P. Industrial Caxiense de Molduras Ltda. - Diretor. Caxias do Sul, set. 1995/maio. 1996.

ZIGNANI, Carlos. Marcopolo S.A. - Gerente de Exportação. Caxias do Sul, maio. 1994.

**ANEXOS**

## ANEXO 1

### Caxias do Sul: importações e exportações em US\$ mil

ANO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÕES	% SOBRE ESTADO
1979	16.145	57.000	
1980	20.673	78.800	3,7
1981	18.250	86.700	3,10
1982	s.d	50.200	-
1983	5.425	54.121	2,0
1984	13.600	60.250	2,10
1985	13.561	55.852	1,90
1986	32.060	66.900	2,94
1987	32.500	69.500	2,40
1988	26.200	86.590	2,45
1989	70.190	85.506	2,30
1990	-	52.835	-
1991	83.703	107.170	-
1992	45.060	198.222	2,40
1993	83.240	239.200	3,80
1994	89.850	248.000	4,80
1995	194.690	268.570	5,20

Fontes: Informativo da CIC maio 88, nº 144, p.10 de 1983 a 1989.

Departamento de economia e estatísticas da CIC - 1992 a 1995.

Cesec - Banco do Brasil - Agência de Caxias do Sul, 1991.

Empresas que exportaram mais de 500 US\$, MICT/SECEX - DTIC, RJ, 1990.

## ANEXO 2

### Incentivos municipais à entidades industriais em Caxias do Sul

Actos e Leis	CONTEÚDO
Acto 21/1912	Concede isenção de impostos municipais pelo espaço de oito anos as fábricas de tecido de lã
Acto 52/1915	Isenta por cinco anos, as fábricas de extração de ácidos pirolenhosos e outros cujos os produtos químicos foram extraídos de nossas florestas.
Acto 71/1927	Isenta de Imposto Estatístico e Expediente todos os moinhos que dentro de 10 anos se instalarem neste município e que tenham produção mínima diária de 300 sacos de farinha.
Acto. 77/1927	Isenta de Imposto Estatística e Expediente pelo prazo de 5 anos, as fábricas de refinação de banha.
Acto 88/1927	Isenta de todos os Impostos municipais pelo prazo de 5 anos, as fábricas de açúcar que produzem no mínimo 1.500 Kg. anuais.
Acto 96/1927	Isenta a firma Londers & Davids de pagamento dos impostos de indústrias e profissões, predial e Estatística e Expediente pelo prazo de 10 anos ( Curtume Maguary).
Acto 167/1934	Concede isenção de impostos municipais pelo prazo de 10 anos aos estabelecimentos industriais destinados à preparação de produtos de origem suína.
Lei 1781/1989	Cria grupo de estudos e planejamento Industriais de Caxias do Sul.
Lei 2003/1975	Concede auxílio, em dinheiro, à câmara de Indústria e Comércio, para a conclusão das obras da sede própria.
Lei 2308/1976	Autoriza o Poder Executivo a doar área de terra à Vinosul S/A.
Lei 2792/1982	Desafeta área de uso comum do povo, autoriza a doação de terras a Empresa Intral S/A. na forma e condições que estipula e da outras providências.

Fontes: Arquivo Histórico Municipal e Arquivo da Câmara de Vereadores do Município de Caxias do Sul, 1990.

Obs.: Não foram investigados os decretos leis.

### ANEXO 3

#### Exportações das firmas de Caxias do Sul em 1992

EXPORTAÇÕES MIL US\$	Nº DE FIRMAS	TOTAL DO FOB/ANO	%
até 99	109	2.311.320	1,20
100-199	22	5.504.293	2,88
200-299	6	1.460.012	0,75
300-399	5	1.776.537	0,92
400-499	1	480.191	0,25
mais de 500	32	179.276.302	94,00
Total	175	190.808.655	100,0

Fonte: Arquivo do cadastro das empresas exportadoras do Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo - DTIC/COEST, RJ.

### ANEXO 04

#### Os setores líderes em exportação - 1992

SETOR	Nº DE FIRMAS	TOTAL FOB/ANO	%
Material de transporte	4	115.372.068	60,50
Metalúrgica	2	11.068.616	05,80
Mecânica	1	3.423.951	1,80
Material elétrico e de comunicações	1	6.560.244	3,40
Materia Plástica	1	3.634.446	1,90
Madeira	4	9.112.042	4,80
Total da amostra	13	149.171.367	78,20
Total Caxias	175	190.808.655	100,0

Fonte: Arquivos do cadastro das empresas exportadoras do ministério da Indústria, do Comércio e do turismo - DTIC/COEST, RJ.

## ANEXO 05

### Firmas líderes de Caxias e diversificação de investimentos econômicos

HOLDING	FIRMAS INTEGRANTES	SETORES DE ATUAÇÃO
Marcopolo S.A.	Marcopolo Veículos e Componentes Ltda. Marcopolo Trading S.A.. Pólo Fomento Mercantil Ltda. Marcopolo Distribuidora de Peças Ltda. Marcopolo Agro - Florestal Ltda. Marcopolo Internacional Cooperativa.	Comércio exterior, distribuição de veículos e peças, autopeças, material de transporte, reflorestamento e agricultura.
Dramd. Part. Administração Ltda.	Randon Implementos. Randon Sistema Mútuo. Randon Argentina Randon Ibérica Randon Veículos Randon Participações Freios Master Carrier Transcold Jost de Brasil Irapuru Transportes Fras - le S.A Rasip - Randon - Agro - Silvo Pastoril Ltda.	Implementos para transporte rodoviário, veículos especiais, prestação de serviços, autopeças e fruticultura.
Participale Administração e Participações Ltda.	Agrale S.A. Lavrale Máquinas Agrícolas Ltda Frutale Agricultura Ltda Fazenda Três Rios Ltda	Máquinas e implementos agrícolas, material de transporte, autopeças, fruticultura e agricultura.
Grupo Triches	Enxuta S.A. Ponto S.A. Importadora de Ferragens Triches S.A. Triches, Ferro e Aço S.A. Lojas Triches S.A. (vendida em 1996)	Indústria de Elétronômicos, publicidade e propaganda, comércio.
Grupo Zivi	Eberle - Ind. e tecnologia Ltda (incorporada em 1986) Zivi S.A. - Cutelaria - Porto Alegre e Gravataí - RS Hercules S.A. - Fábrica de talheres - Porto Alegre - RS.	Metalúrgica e Mecânica.
Grupo Gazola	Gazola S.A. - Indústria metalúrgica Elmo - Indústria Metalúrgica Ltda (1975) - Vacaria - RS.	Metalúrgica.

## ANEXO 06

### Participação do valor da produção industrial de Caxias sobre o valor da produção do Rio Grande do Sul 1937 a 1985

ANO	1937	1940	1950	1960	1970	1975	1980	1985
CAXIAS DO SUL	4,0	3,7	4,3	4,5	6,2	7,5	6,6	6,1

Fonte: FIBGE: Estatística Industrial do Rio Grande do Sul, 1937.

Censo Industrial de 1940, 1950, 1960, 1970, 1975, 1980.

Censo Econômico da Região Sul, 1985.

## ANEXO 07

### Firmas caxienses líderes em exportação no período de 1989 a 1995

FIRMAS	ANO	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995
Marcopolo S.A.		10.632.163	11.668.734	20.587.520	95.931.113	99.532.327	79.600.733	60.758.792
Randon S.A.		7.981.542	8.914.784	2.969.731	9.709.873	22.804.985	26.803.207	23.490.520
Fras-le		5.274.664	7.012.975	6.264.876	11.619.187	15.475.241	14.387.856	18.427.317
Agrale S.A.		1.172.532	757.581	1.352.106	4.164.527	9.746.900	15.912.870	5.694.084
Robertshaw do Brasil		2.646.802	533.000	605.000	730.000	8.498.137	8.528.979	8.044.050
Eberle Ind. e Tec. Ltda.		4.758.178	6.430.164	7.337.937	10.168.094	15.978.485	10.782.861	14.835.479
Plásticos Pisani S.A.		807.619	1.300.585	3.839.270	3.634.446	5.386.029	2.080.826	886.092
Gazola S.A.		534.745	789.285	805.547	900.522	1.117.614	1.126.231	785.014
Enxuta S.A.		1.424.076	1.079.735	2.330.883	3.423.951	1.961.214	2.631.552	3.536.679
Maderzorzi S.A.		2.712.955	2.316.835	2.195.053	2.586.200	2.553.893	s/d.	3.435.716
Reflorestadores Unidos		1.558.169	2.140.787	4.276.448	2.514.525	5.312.653	6.098.929	7.317.579
Ind. Caxiense Molduras		1.254.105	1.681.348	1.620.943	2.087.416	2.762.500	2.560.892	2.724.552
Industrial Madetorno		910.671	1.149.437	998.384	1.924.081	2.728.610	2.276.101	2.333.980
Total das firmas líderes		41.668.221	45.665.350	55.183.698	142.161.076	193.868.588	172.791.037	152.269.854
Total de Caxias		85.506.000	52.835.000	107.170.000	198.222.000	239.200.000	248.000.000	268.570.000

Fonte: Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo SECEX/DTIC - RJ, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995.

Obs: Os dados são substimados porque referem-se as exportações diretas e relacionam se com as firmas que exportaram acima de 500 mil US\$. A Marcopolo exporta também através das revendas como a Mercedes-Benz. As exportações indiretas atingiram cerca de 10% do faturamento em 1993. (Dados aproximados fornecidos pela Marcopolo).

## ANEXO 08

**Firmas caxienses relacionadas entre as maiores e melhores do país pela Revista Exame - 1995**

SETOR	FIRMA	RANKING DO PAÍS	
		MAIORES	MELHORES
Automóveis e peças	Randon	17°	6°
	Marcoplo	18°	3°
Têxtil	Rettenati	13°	1°

Fonte: Revista Exame, 1996.

OBS.: Os indicadores utilizados na classificação das melhores, foram crescimento, rentabilidade, liderança no mercado, liquidez, endividamento, vendas por emprego.

## ANEXO 09

**Firmas caxienses relacionadas pela Revista Amanhã entre as principais em vendas no Estado do Rio Grande do Sul**

MACROSETOR	FIRMAS	POSICÃO NO RANGING ESTADUAL			
		1992	1993	1994	1995*
Material de transporte	Marcopolo	1°	1°	1	1°
	Randon	3°	2°	2°	1°
	A - Guerra	-	7°	-	4°
	Rodoviária	-	8°	-	-
	Agrale	4°	3°	3°	3°
Autopeças	Francisco Stedile	5°	3°	3°	3°
	Lupatech	-	10°	-	-
Metalúrgica	Eberle	4°	2°	-	-
	Enxuta	-	5°	3°	2°
	Intral (eletrodomésticos)				
Plásticos	Plástico Pisani	3°	2°	-	2°
Têxtil	Petteneti	1°	1°	1°	1°
	Lanificio Sehbe SA	5°	-	-	-
Madeira	Cia Sul Americana (Mazedorzi)	-	6°	-	3°
	Madereira Giacommet	9°	13°	6°	10°

Fonte: Revista Amanhã. Caxias do Sul, ano VIII, nº 79, 1993. Revista Amanhã. Caxias do Sul, ano IX, nº 90, nov. 1994. Revista Amanhã. Caxias do Sul, ano X, nº 110, ago. 1996.

## ANEXO 10

**Firmas caxienses relacionadas no ranking setorial no país pela Revista Gazeta Mercantil 1995/1996**

FIRMAS CAXIENSES	SEGMENTO	POSIÇÃO NO SEGMENTO
Sul Americana (Grupo Mazedorzi)	Laminados e compensados	8°
Mazedalti	Laminados e compensados	15°
Randon-Frutas	Frutas	
Pastificio Caxiense	Marsas	9°
Pettenati	Malhas	5°
Lanificio Seble	Lanificio	5°
Plásticos Pisani	Embalagens	9°
Gazola	Cutelaria	4°
Lupatech	Válvulas e conexões	3°
Agrale SA	Tratores	5°
Madal	Emmpilhadeiras	3°
Engemaq	Máquinas e ferramentas	7°
Danhoz Mecânica	Máquinas para madeira	2°
Panamante	Refrigeração	12°
Carrier Transicolch	Refrigeração	14°
Hichover	Diversos	14°
Intral	Componentes elétricos	2°
Eberle Tecnologia	Motores elétricos	2°
Robertshaw	Controles	1°
Enxuta	Eletrodomésticos	5°
Datasys	Informática	16°
Randon	Montadora	8°
Multivan	Montadora	9°
Francisco Stedile	Freios e componentes	4°
Freios Master	Freios e componentes	7°
Fanamor	Amortecedores	8°
Randon	Carrocerias para caminhões	1°
A - Guerra	Carrocerias para caminhões	3°
Rodoviária	Carrocerias para caminhões	4°
Marcopolo	Carrocerias para ônibus	1°

Fonte: Revista Gazeta Mercantil. 1995/1996. (Edição Especial).

OBS.: Só foram consideradas as firmas com instalações em Caxias do Sul.

## ANEXO 11

### Posição das firmas caxienses no ranking setorial de 1980 pela Revista Gazeta Mercantil

FIRMAS CAXIENSES	SETORES	POSIÇÃO NO SEGMENTO
Moinhos Germani	Moinhos	35°
Corsetti	Moinhos	40°
Partificio Caxiense	Masas	19°
Fras-le	Autopeças	16°
Mosele Piave	Vinhos	11°
Intral	Eletroeletrônica	11°
Madezatti	Laminadora	4°
Gethal	Laminadora	17°
Giacomet/Morandini	Laminadora	1°
Giacomet	Laminadora	27°
Madezorzi	Aglomerados	12°
Industriaal Madereira	Aglomerados	18°
Randon	Carrocerias de caminhões	1°
Rodoviária	Carrocerias de caminhões	2°
Marcopolo	Carrocerias de ônibus	1°
Invel	Carrocerias de ônibus	5°
Datasys	Processamento de dados	28°
Panamante	Refrigeração	18°
Agrale	Tratores	8°
Madal	Implementos agrícolas	20°
Robertshaw do Brasil	Aparelhos de precisão/material elétrico	14°
Pigozzi Cipolla	Componentes mecânicos e hidráulico	25°
Madal	Empilhadeiras	13°
Danhos	Máquinas	60°
Eberle	Cutelaria	3°
Gazola	Cutelaria	22°
Metalúrgica Belini	Cutelaria	27°
Plásticos PIsani	Plástico	40°
Kalil Sehbe	Confecção	23°
Petteneti	Confecção	68°
Lanificio São Pedro	Fiação e tecelagem	220°

Fonte: Revista Gazeta Mercantil, 1981 (Edição Especial).

## ANEXO 12

### Evolução da média mensal do pessoal ocupado no setor industrial de Caxias do Sul - 1951 a 1989

<b>GÊNERO/INDÚSTRIA</b>	<b>1951</b>	<b>1955</b>	<b>1961</b>	<b>1965</b>	<b>1970</b>	<b>1975</b>	<b>1980</b>	<b>1985</b>	<b>1989</b>
Produtos alimentares	359	470	402	829	899	1586	2440	2487	2714
Bebidas	717	826	926	1029	889	1035	824	930	800
Madeira	918	832	542	1485	1855	2679	3747	3226	2448
Mobiliário	149	308	186	371	457	965	1779	2416	4137
Têxtil	1239	1488	1075	1452	1716	2504	3940	1670	1301
Vestuário e Calçados	535	633	914	1306	1313	2965	3037	5635	6169
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>3917</b>	<b>4557</b>	<b>4045</b>	<b>6472</b>	<b>7129</b>	<b>11734</b>	<b>15767</b>	<b>16364</b>	<b>17591</b>
Metalúrgica	1440	1745	1763	2377	1035	3758	5125	5874	6702
Mecânica	96	139	163	402	1065	4450	5936	7489	8179
Material Elétrico e de Comunicação	-	8	61	342	538	1948	2710	3260	4622
Material de Transporte	38	77	447	1152	2635	6628	8524	7561	11910
Química e Farmecêutica	60	97	48	71	89	121	193	204	405
Produtos de Matéria Plástica	-	-	-	42	65	154	386	650	706
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>1634</b>	<b>2066</b>	<b>2482</b>	<b>4386</b>	<b>5427</b>	<b>17059</b>	<b>22874</b>	<b>25038</b>	<b>25638</b>
Diversas	1151	1218	991	1277	1596	1913	2649	3232	3232
<b>TOTAL</b>	<b>6721</b>	<b>7841</b>	<b>7518</b>	<b>12152</b>	<b>14152</b>	<b>30706</b>	<b>41290</b>	<b>44634</b>	<b>56500</b>

Fonte: Estatística Industrial do Rio Grande do Sul de 1951, 1955, 1961, 1965. Censo Industrial do Estado do RS de 1970, 1975, 1980. FIBGE. Censos Econômicos, 1985. FIBGE. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul, 1991.

OBS.: Não foram consideradas as atividades de apoio e de serviços de caráter industrial constantes nos censos de 1970, 1975 e 1980.

## ANEXO 13

### Origem das principais indústrias exportadoras de Caixas do Sul

EMPRESA	ANO DE FUNDAÇÃO	ORIGEM DO CAPITAL
Eberle S.A.	1896	1885 - Giuseppe Eberle iniciou a fábrica: artesanal, funiliaria alambiques, máquinas de sulfatar; 1995 - Abramo Eberle assumiu: produtos agrícolas, comércio de ferro, joalheria, sociedades com outros empresários locais
Gazola S.A.	1932	inicialmente produzia artigos de cutelaria; 1939 - fabricou artefatos bélicos para uso do exército brasileiro; 1946 - volta a produzir painéis, talheres e baixelas
Indústria Caxiense de Molduras Ltda.	1942	iniciou produzindo móveis e esquadrias de madeira; 1946 - passou a produzir molduras ovais e em varas
Marcopolo S.A.	1949	fábrica artesanal de ônibus, montados sobre chassis de caminhões
Randon S.A.	1952	1947 - pequena oficina mecânica de cersertos gerais; 1949 - associada a Rossi e Cia Ltda. produzem máquinas impresoras; 1952 - passa a produzir eixos e truques.
Enxuta S.A.	1952	1882 - fundição e oficina de Bortelo, triches, alambiques, carretas, transporte de mercadoria, máquinas massa; 1933 - comércio de ferro e aço; 1952 - comércio de ferro, lojas de triches, importadora e metalúrgica; 1980 - entra na linha de eletrodomésticos.
Madezorzi S.A.	1953	iniciou com uma serraria no interior do município de Bom Jesus - RS
Fras-le S.A.	1954	comércio de veículos, autopeças e lonas de freio da FINAFF (Itália)
Controles Robertshaw do Brasil S.A.	1961	filial da Multinacional Robertshaw Controls Company (Estados Unidos); 1986 - foi incorporada pelo grupo inglês SIEBE
Agrale S.A.	1965	empresa controlada pelo grupo Francisco Stedile. 1965 - Stedile assume o controle acionário da Agrisa Bung de Caxias (empresa alemã, produtora de microtratores e motores)
Reflorestadores Unidos S.A.	1967	controlada pelo grupo Madezorzi S.A.
Industrial Madetorno Ltda.	1972	fundada por um ex-operário, nos fundos do quintal, posteriormente foi adquirida por um dos vendedores que atuava nas exportações
Plásticos Pisani S.A.	1973	resultou da diversificação de investimentos do grupo Pisani S.A., que iniciou atuando no setor de madeira (década de 50)

Fonte: pesquisa direta, maio de 1994.

## ANEXO 14

### QUESTIONÁRIO:

Dados gerais da empresa:

- 1- Razão social da empresa \_\_\_\_\_
- 2- Ano de fundação \_\_\_\_\_
- 3- Principais produtos fabricados (em ordem crescente de importância econômica):
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

4- Empresa pertencentes ao grupo (especifique):

Razão Social	Vínculo	Localização (cidade/estado)
a)		
b)		
c)		
d)		

\* Utilize as iniciais: A - associada B - subsidiária C - coligada D - Outra

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5 - Como a Empresa tem acompanhado as mudanças tecnológicas nos últimos 10 anos:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6 - Relacione as principais alterações no processo de produção através da introdução de novas máquinas nos últimos 5 anos:

Tipo de Máquina	Origem (pais)	Função

7 - Que técnicas e princípios do modelo japonês de produção industrial a empresa adota:

- Just-in-time (número exato de unidades em cada estágio sucessivo de produção, no momento apropriado)
  - Kanban (cartões e painéis informando as condições dos estoques, máquinas e pessoal).
  - TQC (Total Quality Control)
  - CQC (Círculos de Controle de Qualidade)
  - Kaizen (aperfeiçoamento contínuo através de treinamentos, pagamento por mérito, etc.)
  - TRF (Troca Rápida de Ferramentas para simplificar e eliminar tempos ociosos)
  - Jidoka (máquinas projetadas para parar automaticamente quando ocorre um problema - automação)
  - Outra (especifique):
- 
- 

8 - A empresa paga royalties:

- sim      não

Em caso afirmativo, desde que ano: \_\_\_\_\_

Para que produtos e componentes: \_\_\_\_\_

Origem da tecnologia (país e empresa):

---

---

9 - As decisões sobre a produção são tomadas de acordo com:

- Pedidos, encomendas.
- A evolução das vendas nos períodos anteriores
- A programação e metas estabelecidas
- outras (especifique):

10 - A programação da produção é realizada:

- Trimestralmente
  - Mensalmente
  - Semanalmente
  - Outra forma (especifique qual):
- 
- 

11 - Qual é o prazo médio de entrega dos pedidos?

---

---

12 - Dados sobre o desenvolvimento econômico da empresa (em US\$):

Ano	Patrimonio Líquido	Investimentos na Empresa	Lucro Líquido	Endividamento Geral
1980				
1985				
1990				
1993				

13 - Dos investimentos totais da firma em 1993, qual o percentual aplicado em:

- \_\_\_\_\_ pesquisa e desenvolvimento de produtos (laboratórios);
- \_\_\_\_\_ a expansão das instalações da fábrica para aumentar a capacidade produtiva;
- \_\_\_\_\_ na compra de máquinas, automação na produção;
- \_\_\_\_\_ formação e treinamento de recursos humanos;
- \_\_\_\_\_ reorganização do processo produtivo;
- \_\_\_\_\_ promoção de vendas. abertura de mercados;
- \_\_\_\_\_ pesquisa de mercado. banco de dados;
- \_\_\_\_\_ assessorias e planejamento estratégico.
- \_\_\_\_\_ Outros (especifique quais):

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

14 - Que medidas tem sido adotadas para o aumento da produtividade?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

15 - Mercado dos produtos (valor das vendas em US\$):

Ano	Total	Nacional	Internacional
1970			
1975			
1980			
1985			
1990			
1993			

16 - Evolução na produção:

Ano	Nº de Unidades Fabricadas por Tipo de Produto
1	
9	
8	
0	
1	
9	
8	
5	
1	
9	
9	
0	
1	
9	
9	
3	

17 - Evolução das exportações:

Ano	Principais Produtos Exportados	Países
1970		
1975		
1980		
1985		
1990		
1993		

18 - Evolução do pessoal empregado:

Ano	Na Produção		Na Adiministração	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1970				
1975				
1980				
1985				
1990				
1993				

19 - Relacione as principais práticas assistenciais desenvolvidas pela empresa na saúde, educação, lazer e outras:

- Transporte gratuito ou subsidiado.
  - Assistência médica ou convênio com instituições privadas.
  - Assistência odológica.
  - Recreação e lazer (sede campestre, quadras de esporte, etc).
  - Refeições na empresa.
  - Ticket refeições.
  - Bolsa de estudos para funcionários.
  - Outra forma (especifique):
- 
- 

20 - O Incentivo ao trabalhador é dado através de:

- Garantia de emprego.
  - Participação em lucros aplicada direto nos salários.
  - Prêmio de produção através da produtividade.
  - Programa de avaliação de desempenho e remuneração diferenciada.
  - Cursos de profissionalização e treinamentos.
  - Melhoria no local de trabalho das condições de higiene, alimentação, ambiente de trabalho, etc.
  - Promoções na hierarquia da empresa.
  - Outra (especifique):
- 
- 

21 - Relacione os principais fornecedores de insumos e componentes da empresa em 1993:

Empresa	Tipo de Insumo ou Componente	Procedência

22 - Relacione o índice de nacionalização dos principais produtos.

---

---

---

23 - Quais são os 10 principais acionistas da empresa e respectiva participação de percentual:

Acionista	% de Participação
a)	
b)	
c)	
d)	

24 - ocorreram alterações significativas no controle acionário da empresa? (especificar o ano e o tipo das alterações):

---



---



---

25 - Relacione o nome dos 5 principais fabricantes concorrentes:

Nome da Empresa Concorrente	Localização (país ou estado e cidade)	Participação % do mercado
a)		
b)		
c)		
d)		
e)		

26 - Que estratégias a empresa tem adotado para enfrentar a concorrência:

- Desenvolvimento da qualidade dos produtos
- Diferenciação dos produtos fabricados (novas mercadorias para o mesmo mercado)
- Diversificação na linha de produtos fabricados (entrada em novos mercados).
- Investimentos em marketing.
- Preços competitivos.
- Outra ( especifique):

---



---

27 - Numere em ordem crescente de importância os principais clientes da empresa.

- grandes indústrias
- pequenas e médias indústrias
- atacadistas

( ) varejistas

( ) outros (especifique):

28 - Quais as instituições (públicas ou privadas) em programas de apoio técnico - financeiro as quais a empresa recorreu nos últimos cinco anos:

---

---

---

29 - Qual a finalidade do financiamento obtido:

( ) compra de equipamentos

( ) compra de matéria prima e insumos

( ) capital de giro

( ) expansão das instalações

( ) outras (especifique):

30 - Classifique quais são as principais forças competitivas responsáveis pelo sucesso de sua empresa, de acordo com a escala abaixo:

( 1 ) não importante

( 2 ) pouco importante

( 3 ) importante

( 4 ) muito importante

( 5 ) não aplica, não usa

( ) Fornecedores de matéria prima

( ) Fornecedores de componentes

( ) Fornecedores de equipamentos (bens de capital, máquinas)

( ) Prestadores de serviço (tercerização)

( ) Oferta de recursos humanos a nível superior

( ) Oferta de recursos humanos - operários

( ) Produto (qualidade, preço e adaptabilidade ao mercado alvo)

( ) Mercado (marketing e características do mercado)

( ) Governo - política econômica de incentivos ao setor

( ) O emprego de novas técnicas de organização do processo de produção  
(Kaban, just-in-time, e outros)

( ) Estratégias de verticalização produtiva

( ) Estratégias de diversificação produtiva

( ) Maior produtividade pelo emprego de máquinas modernas

( ) Modelo de administração

( ) Associação com outras empresas (joint-venture, acordos de transferência tecnológica, etc.)

( ) Outras (especifique):

---

---

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

